



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - CAMPUS DE CASCAVEL
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS –
NÍVEL DE MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM E SOCIEDADE**

TATIANA PEREIRA TONET

REVOLUÇÃO HAITIANA: DA HISTÓRIA ÀS PERSPECTIVAS FICCIONAIS – *EL REINO DE ESTE MUNDO* (1949), DE CARPENTIER, E *LA ISLA BAJO EL MAR* (2009), DE ALLENDE

**CASCAVEL – PR
2018**

TATIANA PEREIRA TONET

**REVOLUÇÃO HAITIANA: DA HISTÓRIA ÀS PERSPECTIVAS FICCIONAIS –
EL REINO DE ESTE MUNDO (1949), DE CARPENTIER, E
LA ISLA BAJO EL MAR (2009), DE ALLENDE**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste – para a obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras – nível de Mestrado e Doutorado – área de concentração Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados.

Orientador: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck

CASCADEL – PR
2018

TATIANA PEREIRA TONET

**REVOLUÇÃO HAITIANA: DA HISTÓRIA ÀS PERSPECTIVAS FICCIONAIS –
EL REINO DE ESTE MUNDO (1949), DE CARPENTIER, E
LA ISLA BAJO EL MAR (2009), DE ALLENDE**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Mestrado e Doutorado, área de Concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dra. Clarice Lotterman

Membro Efetivo (UNIOESTE)

Prof. Dr. Weslei Roberto Candido

Membro Efetivo UEM (convidado)

Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck

Orientador (UNIOESTE)

Cascavel, 26 de fevereiro de 2018

Dedico este trabalho à memória dos ex-escravos haitianos. Bravos e destemidos, surpreenderam o mundo, mas, acima de tudo, surpreenderam a si mesmos.

*“Baila, baila, Zarité, porque esclavo que baila es libre...
mientras baila’, me decía. Yo he bailado siempre.”*

Zarité Sedella, em *La isla bajo el mar* (ALLENDE, 2009)

TONET, TATIANA PEREIRA. *Revolução Haitiana: da história às perspectivas ficcionais – El reino de este mundo* (1949), de Carpentier, e *La isla bajo el mar* (2009), de Allende. 2018. 180 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel.
Orientador: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck.

RESUMO

Nesta dissertação, apresentamos uma análise comparada do processo discursivo elaborado a respeito da Revolução Haitiana (1791-1804) em releituras desse evento apresentadas pela literatura hispano-americana. Para compreendermos como a ficção recria o passado, recorreremos, também, ao discurso historiográfico, por meio de uma breve análise interpretativa de registros sobre os fatos elencados pela história a respeito do evento em questão, para, então, contrapor-los às versões ficcionais selecionadas. O *corpus* de análise é constituído pelas obras literárias *El reino de este mundo* (2012[1949]), do cubano Alejo Carpentier, e *La isla bajo el mar* (2009), da chilena Isabel Allende. A fim de alcançarmos os objetivos propostos para esta pesquisa, recorreremos, num primeiro momento, ao estudo de alguns dos relatos historiográficos, considerando, também, os contextos anteriores e posteriores ao conflito. Na sequência, revisitamos os conceitos literários sobre as cinco modalidades romanescas de escrita híbrida de história e ficção que configuram o atual cenário do gênero romance histórico, considerando-os em relação ao *corpus* ficcional por nós definido. A confluência entre ficção e história nas ressignificações do passado pela literatura observada nos romances híbridos de Carpentier e Allende permitiu-nos confrontar as visões dicotômicas sobre os eventos que marcaram a história da América Latina, seja entre os próprios romances, seja entre as áreas que recuperam o passado pelo discurso. Com base nas teorias de Aínsa (1991), Menton (1993) e Fleck (2008, 2010, 2011, 2014, 2017), entre outros, observamos que a obra de Alejo Carpentier é caracterizada como o primeiro novo romance histórico latino-americano, e a obra de Isabel Allende (2009), como um romance histórico contemporâneo de mediação. Ambas as ficções analisadas apresentam, a seu modo, releituras críticas de fatos e de personagens envolvidos nos eventos que levaram à independência do Haiti. As diferenças entre essas duas modalidades do gênero romance histórico, aplicadas à releitura da Revolução Haitiana (1791-1804), ficam evidenciadas ao longo deste texto. A análise proposta reitera a possibilidade de ampliar a visão crítica do leitor na atualidade por meio das ressignificações do passado apresentadas pela ficção contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Revolução Haitiana (1791-1804); Novo romance histórico latino-americano; Romance histórico contemporâneo de mediação; *El reino de este mundo* (2012[1949]); *La isla bajo el mar* (2009).

TONET, TATIANA PEREIRA. *Haitian Revolution: from history to fictional perspectives – The kingdom of this world* (1949), by Carpentier, and *Island beneath the sea*, by Allende. 2018. 180 f. Dissertation (Master in Literature) - Western Paraná State University – UNIOESTE, Cascavel.
Advisor: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck.

ABSTRACT

Along this dissertation we present a comparative analysis of the discursive process elaborated about the Haitian Revolution (1791-1804) in rereadings of this event presented by the Latin American literature. In order to understand how fiction recreates the past, we also turn to the historiographic discourse throughout a brief interpretative analysis of the records about the facts listed by history about the given event so we can contrast it with the fictional versions we selected. The literary *corpus* is composed by *El Reino de Este Mundo* (2012[1949]), by the Cuban Alejo Carpentier, and *La Isla Bajo el Mar* (2009), by the Chilean Isabel Allende. To reach our proposed objectives for this research, at a first moment, we resort to the studies of some of the historiographic remarks, considering as well, the previous and subsequent contexts of the conflict. In the following of this research, we revisited the literary concepts about the five modalities of hybrid writing of History and fiction that configure the actual scenery of the historical novel, considering them in relation to the fictional *corpus* defined by us. The analysis of the confluence between fiction and history, available in the redefinitions of the past by literature, observed in the hybrid novels of Carpentier and Allende, allowed us to confront the dichotomous visions about the events that highlighted Latin America's history either in the novels or among areas that retrieve the past by the discourse. Based upon the theories of Aínsa (1991), Menton (1993) and Fleck (2008, 2010, 2011, 2014, 2017), among others, we noticed that Alejo Carpentier's literary piece is characterized as the first new Latin-American historical novel and Isabel Allende's (2009) is a contemporary historical novel of mediation. Both analyzed fictions present, in their way, critical rereading of the facts and of the characters involved in the events that led to the Independence of Haiti. The differences between these two modalities of the historical novel genre, applied to the rereading of the Haitian Revolutions (1791-1804), are emphasized along the text. The proposed analysis reiterates the possibility of expanding the critical vision of the reader nowadays throughout the redefinitions of the past presented by the contemporary fiction.

KEYWORDS: The Haitian Revolution (1791-1804); New Latin-American Historical Novel; Contemporary Historical Novel of Mediation; *El Reino de Este Mundo* (2012[1949]); *La Isla Bajo el Mar* (2009).

TONET, TATIANA PEREIRA. *Revolución Haitiana: de la historia a las perspectivas ficcionales – El reino de este mundo* (1949), de Carpentier, y *La isla bajo el mar* (2009), de Allende. 2018. 180 f. Disertación (Maestría en Letras) - Universidad Estatal del Oeste de Paraná - UNIOESTE, Cascavel.
Orientador: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck.

RESUMEN

En esta disertación presentamos un análisis comparativo del proceso discursivo elaborado acerca de la Revolución Haitiana (1791-1804) en relecturas de ese evento presentadas por la literatura hispanoamericana. Para comprender cómo la ficción recrea el pasado recurrimos, también, al discurso historiográfico, a través de un breve análisis interpretativo de registros sobre los hechos enumerados por la historia en cuanto al evento en cuestión, para entonces, contraponerlos a las versiones ficcionales elegidas. El *corpus* literario de análisis está constituido por las obras *El reino de este mundo* (2012[1949]), del cubano Alejo Carpentier, y *La isla bajo el mar* (2009), de la chilena Isabel Allende. Buscando alcanzar las metas planteadas para esta investigación recurrimos, en un primer momento, al estudio de algunos de los relatos historiográficos, considerando, también, los contextos anteriores y posteriores al conflicto. Enseguida, analizamos los conceptos literarios sobre las cinco modalidades novelescas de escritura híbrida de historia y ficción que configuran al actual escenario del género novela histórica, considerándolos en relación con el *corpus* ficcional determinado en este estudio. El análisis de la confluencia entre ficción e historia presente en las resignificaciones del pasado por la literatura, observada en las novelas híbridas de Carpentier y Allende, nos permitió confrontar las visiones dicótomas sobre los eventos que marcaron la historia de Latinoamérica, sea entre las propias novelas o entre las áreas que rescatan el pasado por el discurso. Con base en las teorías de Aínsa (1991), Menton (1993) y Fleck (2008, 2010, 2011, 2014, 2017), además de otros, observamos que a la obra de Alejo Carpentier es caracterizada como la primera nueva novela histórica latinoamericana, y la obra de Isabel Allende (2009), como una novela histórica contemporánea de mediación. Ambas ficciones analizadas presentan, a su modo, relecturas críticas de los hechos y de los personajes involucrados en los eventos que llevaron a la independencia de Haití. Las diferencias entre esas dos clases del género novela histórica, aplicadas a la relectura de la Revolución Haitiana (1791-1804), quedan comprobadas a lo largo de este texto. El análisis planteado reanuda la posibilidad de ampliar la visión crítica del lector en la actualidad a través de las resignificaciones del pasado presentadas por la ficción contemporánea.

PALABRAS-CLAVE: Revolución Haitiana (1791-1804); Nueva Novela histórica latinoamericana; Novela histórica contemporánea de mediación; *El reino de este mundo* (2012[1949]); *La isla bajo el mar* (2009).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 PERSPECTIVAS HISTORIOGRÁFICAS DA REVOLUÇÃO ESCRAVOCRATA DE SAINT-DOMINGUE (1791-1804)	17
1.1 A ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL HAITIANA – BASE DE CONFLITOS E ENFRENTAMENTOS.....	21
1.2 PRINCÍPIOS CONFLITIVOS – OS RUMOS DA REVOLUÇÃO E DA INDEPENDÊNCIA.....	27
2 A TRAJETÓRIA DO ROMANCE HISTÓRICO: FASES E MODALIDADES DO GÊNERO HÍBRIDO DE HISTÓRIA E FICÇÃO.....	48
2.1 CÂNONES EUROPEUS: DO ROMANCE HISTÓRICO CLÁSSICO AO TRADICIONAL	50
2.2 FASE CRÍTICA DO ROMANCE HISTÓRICO: DA RUPTURA LATINO-AMERICANA À MEDIAÇÃO.....	54
3 A REVOLUÇÃO HAITIANA (1791-1804) PELAS VEREDAS DA FICÇÃO	69
3.1 <i>EL REINO DE ESTE MUNDO</i> (2012[1949]): RUPTURA COM A ACRITICIDADE DAS MODALIDADES ROMÂNTICAS EUROPEIAS.....	70
3.2 <i>LA ISLA BAJO EL MAR</i> (2009): UMA MEDIAÇÃO ENTRE O TRADICIONALISMO E O NOVO ROMANCE HISTÓRICO LATINO-AMERICANO....	105
4 A REVOLUÇÃO HAITIANA: ENTRE <i>EL REINO DE ESTE MUNDO</i> (2012[1949]) E <i>LA ISLA BAJO EL MAR</i> (2009)	147
CONSIDERAÇÕES FINAIS	162
REFERÊNCIAS.....	172
ANEXO I.....	177

INTRODUÇÃO

A Revolução Escravocrata de Saint-Domingue (1791-1804), mais conhecida como 'Revolução Haitiana', foi o maior e mais complexo conflito escravocrata do mundo. O conflito libertou os escravos, tanto os de origem africana quanto os *creoles*¹, nascidos em Saint-Domingue, e levou à emancipação territorial, política e econômica da ilha.

Com o lema "Lutar pela independência ou morrer", a Revolução Haitiana (1791-1804) conquistou o que não se esperava de um levante de origem escrava naquela época colonial: liberdade e poder de estado. Mezilas (2009, p. 34) comenta que "[...] *nunca hubo un movimiento tan exitoso como el de los haitianos*²". Para o autor, trata-se de uma revolução antissistêmica, porque desafiou a lógica colonial racista e escravista que o mundo ocidental impôs ao continente americano.

Conforme Geggus (2002), quando o primeiro estado negro moderno declarou sua independência, em primeiro de janeiro de 1804, adotou-se para o território um nome ameríndio, embora sua população fosse esmagadoramente africana e afro-americana e tenha sido governada pelos europeus por três séculos. A substituição do nome francês Saint-Domingue para Haiti continua sendo o único caso de mudança radical de nome registrado no contexto de conquista da independência em uma colônia caribenha. Nesse aspecto, a dinâmica da renomeação se assemelha às antigas colônias da Europa na África, e não às das Américas. A palavra 'Haïti', que, na língua Taino Arawak, significava "acidentada, montanhosa", era considerada o termo aborígene para a ilha que Colombo havia batizado de *La Española*³.

Considerando esse contexto da Revolução Haitiana (1791-1804), esta pesquisa é movida pelo interesse em verificar, nos romances históricos selecionados como *corpus*, a confluência da história e da ficção nas releituras romanescas sobre tal evento. Nesse intento, buscamos elucidar, nessas produções, diferentes possibilidades que a ficção dispõe para reler o passado, tais como corroborar as

¹Nas bibliografias consultadas, o termo também aparece como 'crioulo'. O termo é usado em referência àqueles que nascem nas Américas ou a animais e plantas do continente, e a língua é um idioma, cuja origem constitui-se da junção do francês com diversas línguas africanas.

² Nossa tradução livre: "[...] nunca houve um movimento tão bem-sucedido quanto o dos haitianos" (MEZILAS, 2009, p. 34).

³ Na literatura consultada, também é denominada 'Hispaniola', e assim era chamada no mundo anglófono.

versões hegemônicas⁴ da história, enaltecer personagens e fatos, desconstruir os relatos historiográficos por meio de inclusão de outras vozes e outras perspectivas, fornecer uma visão diferenciada do conflito por meio de técnicas escriturais próprias do fazer literário, entre outras.

O fato histórico enfocado não apenas constituiu objeto de interesse das escritas historiográficas, mas também inspirou literatos a revelar outras perspectivas, não oficiais desse passado. Do legado literário sobre o assunto, escolhemos como *corpus* para este estudo duas narrativas mistas de história e ficção que possibilitam uma análise comparativa sobre os relatos do que ocorreu em Saint-Domingue antes, durante e após a Revolução Haitiana (1791-1804). Trata-se dos romances: *El reino deste mundo*⁵ (2012[1949]), do cubano Alejo Carpentier, e *La isla bajo el mar* (2009)⁶, de Isabel Allende.

A obra cubana é considerada por Menton (1993) o primeiro modelo narrativo da modalidade do novo romance histórico latino-americano. Ela inaugura o que Fleck (2017) considera a segunda fase do gênero romance histórico, pelo fato de essa escrita híbrida deixar de ser acrítica – primeira fase do gênero, representada pelas modalidades clássica e tradicional – e instaurar releituras críticas e desconstrucionistas do passado.

Já a obra de Isabel Allende (2009) é um exemplar narrativo do que Fleck (2017) considera já como a terceira fase (mediadora) do gênero, composta pela modalidade que o autor designa como romance histórico contemporâneo de mediação.

El reino deste mundo (2012[1949])⁷ apresenta uma narrativa que abrange o período que antecede a Revolução Haitiana (1791-1804), a partir da metade do século XVIII até a queda de Henri Christophe⁸ e o início da gestão de Jean-Pierre Boyer⁹, primeiro terço do século XIX. *La isla bajo el mar* (2009) também aborda a

⁴ Refere-se a uma visão preponderante da história tradicional/oficial.

⁵ Tradução de Marcelo Tápia: “O reino de este mundo” (CARPENTIER, 2009, s/p).

⁶ Tradução de Ernani Ssó: “A ilha sob o mar” (ALLENDE, 2010, p. 1).

⁷ A primeira publicação do romance é datada de 1949; contudo, nesta dissertação, adotamos, para as referências e análises, a segunda edição, da Alianza Editorial S.A, Madrid, publicada no ano de 2012.

⁸ Ex-escravo negro e um dos líderes rebeldes da Revolução Escravocrata de Saint-Domingue. Após a proclamação da independência, assumiu o poder da parte norte da ilha, autoproclamando-se o rei do Haiti. O reinado de Henri Christophe é marcado por seu absolutismo e pela exploração da população para construir a Ciudadela La Ferrière.

⁹ O mulato Jean-Pierre Boyer era o líder da parte sul do Haiti. Quando Henri Christophe cometeu suicídio, Boyer invadiu, com seu exército, a parte norte da ilha, unificando os poderes da parte norte e sul. Tornou-se o presidente do Haiti e propôs uma administração marcada por um governo liberal.

época que antecede o conflito, mas isso ocorre a partir do final do século XV e estende-se até o término do conflito e as descrições dos refugiados de Saint-Domingue em Cuba e em Nova Orleans. Assim, esses romances, além de revelarem distintos aspectos do fato histórico e dos espaços temporais nas releituras propostas, exemplificam diferentes modalidades de escrita híbrida de história e ficção no gênero romance histórico, as quais, ao longo deste texto, serão devidamente caracterizadas.

Este estudo tem como objetivo principal propor uma análise comparativa do processo discursivo elaborado a respeito da Revolução Haitiana (1791-1804) nas obras *El reino de este mundo* (2012[1949]) e *La isla bajo el mar* (2009). Desse modo, evidenciamos a confluência entre ficção e história no gênero híbrido romance histórico e observamos a trajetória dessa forma de escritura vinculada à temática do conflito haitiano, considerando desde a escrita da obra que assentou as bases da modalidade do novo romance histórico latino-americano até a consolidação da mais recente modalidade, denominada por Fleck (2008, 2011, 2017) de romance histórico contemporâneo de mediação, na qual se inserem as produções mais atuais.

Diante desse propósito, analisamos, também, alguns relatos históricos acerca da Revolução Haitiana (1791-1804) para verificar as bases do discurso historiográfico sobre esse passado da América, a fim de constataremos a transferência ou a transformação desse discurso nas releituras da história pela ficção. Efetuamos, ainda, uma análise interpretativa e comparativa de elementos ficcionais e históricos sobre o conflito escravocrata de Saint-Domingue (1791-1804) inseridos na tessitura do *corpus* romanesco selecionado, elucidando o teor do discurso que se constitui no fazer literário.

Em outros termos, esta pesquisa ancora-se nos pressupostos da Literatura Comparada para proporcionar um campo reflexivo a partir da interpretação e da comparação, fundamentadas em semelhanças e distinções entre ficção e história, visando a verificar as renovações ocorridas nas modalidades de romance histórico que releram o passado, evidenciando a trajetória do gênero híbrido.

Uma gama variada de bancos de dados que congregam pesquisas acadêmicas – portal de periódicos e banco de teses e dissertações da CAPES; Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); *Scientific Eletronic Library On*

line (SciELO); bibliotecas eletrônicas de revistas¹⁰; bibliotecas virtuais de teses e dissertações da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), da Universidade Estadual do Ceará (UECE), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FURG), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), da Universidade de Costa Rica – permite concluirmos que a área ainda demanda de pesquisas científicas que respondam ao objetivo proposto nesta dissertação.

Para atingirmos nossos propósitos, organizamos este texto em quatro capítulos: o primeiro, intitulado “Perspectivas historiográficas da Revolução Escravocrata de Saint-Domingue (1791-1804)”, trata de alguns aspectos referentes à história oficial da antiga colônia francesa de Saint-Domingue. No subcapítulo “A estratificação social haitiana – base de conflitos e enfrentamentos”, descrevemos as divisões raciais e econômicas entre os habitantes da ilha de Saint-Domingue durante o período que antecede a Revolução e a influência dessas estratificações na origem da sublevação escravocrata. Em “Princípios conflitivos – os rumos da revolução e da independência”, retratamos as resistências locais que contribuíram para o levante de origem escrava, bem como a história do conflito, a vitória dos negros e mestiços e as primeiras lideranças haitianas.

Essa primeira parte do texto é teoricamente embasada pelas seguintes obras: *Avengers of the new world: the story of the haitian revolution* (DUBOIS, 2004), *Race and citizenship in French Saint-Domingue* (GARRIGUS, 2006), *Haitian Revolutionary studies* (GEGGUS, 2002), *A concise history of the Haitian Revolution* e *Facing racial revolution: eyewitness accounts of the Haitian Insurrection* (POPKIN, 2007; 2012). A estas somam-se os seguintes capítulos de livros: “Espelhos quebrados: mitologia, memória e história nacional” (BELLEGARDE-SMITH; MICHEL, 2011), “Fever and fret: the Haitian Revolution and African American responses” (JACKSON; BACON, 2010) e “La independencia de Haití y Santo Domingo” (PONS, 1991); e o artigo “La

¹⁰ Bibliotecas eletrônicas de revistas da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

revolución haitiana de 1804 y sus impactos políticos sobre América Latina” (MEZILAS, 2009).

No segundo capítulo, “A trajetória do romance histórico: fases e modalidades do gênero híbrido de história e ficção”, expomos brevemente aspectos teóricos sobre as três primeiras modalidades de romance histórico e aprofundamos a análise sobre o novo romance histórico latino-americano e o romance histórico contemporâneo de mediação.

O aprofundamento teórico das duas últimas modalidades romanescas decorre do fato de elas serem objeto de estudo do *corpus* literário proposto nesta dissertação. Nessa parte do trabalho, fundamentamo-nos nas seguintes obras: *La novela histórica* (LUKÁCS, 1977), *Poética do Pós-Modernismo: história, teoria e ficção* (HUTCHEON, 1991), *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – leituras da história pela ficção* (FLECK, 2017) e *La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992* (MENTON, 1993). Também contribuem para a abordagem proposta a tese de doutorado *O romance, leituras da história: a saga de Cristóvão Colombo em terras americanas* (FLECK, 2008); o capítulo de livro: “Retrospectiva sobre la evolución de la novela histórica” (MATA INDURAÍN, 1995); e, ainda, os artigos “La nueva novela histórica latino-americana” (AÍNSA, 1991), “O romance histórico: uma breve trajetória” (FLECK, 2014), “Gêneros híbridos da contemporaneidade: o romance histórico contemporâneo de mediação – leituras no âmbito da poética do descobrimento” (FLECK, 2011) e “Ficção, história e memória: a América em busca de sua identidade outrora subjugada” (FLECK, 2010). Para conceituar as características presentes no novo romance histórico latino-americano e no romance histórico contemporâneo de mediação, utilizamos as obras *Problemas da poética de Dostoiévski* (BAKHTIN, 2015), *Estética da criação verbal* (BAKHTIN, 2011), *O grotesco* (KAYSER, 2013), *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar* (MIGNOLO, 2003), entre outras.

O terceiro capítulo, “A Revolução Haitiana (1791-1804) pelas veredas da ficção”, está dividido em dois subcapítulos: “*El reino de este mundo* (2012[1949]): ruptura com a acriticidade das modalidades românticas europeias” e “*La isla bajo el mar* (2009): uma mediação entre o tradicionalismo e o novo romance histórico latino-americano”. No primeiro, apresentamos um resumo da obra *El reino de este mundo* (2012[1949]) e analisamos as características do novo romance histórico latino-

americano presentes na narrativa. Observamos que, das pesquisas referenciadas que abordam a obra cubana, nenhuma trata da temática proposta nesse subcapítulo. Consultamos a tese de doutorado *O Haiti como locus ficcional da identidade caribenha: olhares transnacionais em Carpentier, Césaire e Glissant* (OYAMA, 2009a); a dissertação *Transculturação, identidade e diferença cultural: análise em o recurso do método e o Reino deste mundo, de Alejo Carpentier* (PEREIRA, 2006); os artigos “Teseu, o labirinto e seu nome: conhecimento é resistência” (ALVES 2013), “Alejo Carpentier, del negrismo a lo real maravilloso” (SILVA, G., 2015), “Anseio impronunciável: Alejo Carpentier, ficção histórica e os escritos sapienciais” (FELIPPE, 2014), “Alejo Carpentier: um escritor em busca da América” (VIEIRA, 2014), “Lo real y lo maravilloso en *El reino de este mundo*” (MONEGAL, 1971), “Alejo Carpentier: nueva novela histórica e identidades en *El reino de este mundo*” (SANCHO, 2006), “La nueva novela histórica y los estudios de la subalternidad en América Latina y el Caribe a partir de *El reino de este mundo*” (SANCHO, 2004), “Metamorphosis as Revolt: Cervantes' Persiles y Sigismunda and Carpentier's *El reino de este mundo*” (ARMAS, 1981), “A Revolução Haitiana: representação e paradigma” (OYAMA, 2009b) e “El discurso literario y el discurso histórico en la novela histórica” (VANEGAS, 2013).

No segundo subcapítulo, apresentamos um resumo da obra de Allende (2009) e analisamos as características do romance histórico contemporâneo de mediação existentes nessa narrativa híbrida. Em nossas buscas, não foram encontradas pesquisas relacionadas ao objetivo proposto nesta dissertação acerca da obra *La isla bajo el mar* (2009). Constatamos somente os seguintes estudos: a tese de doutorado intitulada *Recordar para (re)contar: representaciones de la protagonista negra en tres novelas históricas hispanoamericanas* (SILVA, L. R., 2015); a obra *Deuses que dançam e conclamam à revolução: feminismo, afeto e resistência no Haiti colonial de Isabel Allende* (EICH, 2016); a dissertação *Deuses que dançam e conclamam a revolução: a construção da identidade de resistência em ‘A ilha sob o mar’, de Isabel Allende* (EICH, 2015); e os artigos: “La mulata y su contexto híbrido en *La isla bajo el mar* de Isabel Allende” (ABBOUDY, 2012), “Revolución hatiana y emigración a Cuba (1791-1804) en textos de escritoras de las Américas (ss. XIX, XX y XXI)” (CAMPUZANO, 2013) e “Mujeres textimoniales americanas de la conquista europea en *Semillas de los dioses Perú legendario* (2000) de Lucía Fox y *La isla bajo el mar* (2009) de Isabel Allende” (BENAVENTE, 2015).

No quarto capítulo, “A Revolução Haitiana: entre *El reino de este mundo* (2012[1949]) e *La isla bajo el mar* (2009)”, fazemos uma análise comparativa entre as duas obras que constituem o *corpus* desta pesquisa.

Com esta estrutura e pautados nos objetivos propostos, apresentamos, na sequência, alguns aspectos relevantes quanto à Revolução Haitiana (1791-1804) apontados em estudos históricos, para, em seguida, adentrarmos no universo da ficção que ressignifica, na contemporaneidade, esse fato do passado latino-americano.

1 PERSPECTIVAS HISTORIOGRÁFICAS DA REVOLUÇÃO ESCRAVOCRATA DE SAINT-DOMINGUE (1791-1804)

A contextualização historiográfica hegemônica¹¹ sobre o ambiente que antecede à Revolução Haitiana (1791-1804), o conflito e as primeiras lideranças haitianas são relevantes para, adiante, compreendermos como a ficção vale-se desse passado registrado pelo discurso histórico para recriá-lo sob diferentes perspectivas e visões. Assim, este capítulo objetiva expor a origem de Saint-Domingue, as questões sociais, econômicas e políticas que desencadearam o conflito, a trajetória da Revolução – desde o levante iniciado na província do norte à emancipação territorial e escravocrata da ilha – e as ações dos líderes Jean-Jacques Dessalines, Henri Christophe, Alexandre Pétion e Jean-Pierre Boyer.

A história haitiana é marcada pela violência cometida pelos colonizadores contra os povos autóctones e contra os negros africanos e afro-americanos. Os nativos da ilha, os povos Arawaks¹², foram exterminados não somente pelas doenças trazidas da Europa, mas também pelo árduo trabalho imposto pelos brancos e pelas altas taxas de suicídio. Em pouco tempo, não havia mais ameríndios que pudessem servir a esses colonizadores. A alternativa encontrada pelos brancos foi trazer um grande contingente de escravos à América para suprir a crescente demanda nas plantações. Após três séculos de opressão, os escravos rebelaram-se contra os brancos da colônia e contra a metrópole francesa, ganhando autonomia para definir o próprio futuro.

O início da história oficial haitiana nasce no período do “descobrimento” da América pelos europeus. Segundo os historiadores Dubois (2004) e Popkin (2012), Cristóvão Colombo chegou à ilha durante sua primeira viagem à América, em 1492. Esse foi o local de um dos primeiros contatos entre os europeus e os povos das Américas. Os povos autóctones chamavam a ilha de Ayiti, mas Colombo rebatizou-a de *La Española*.

Na costa noroeste da ilha, segundo Dubois (2004), Colombo deixou para trás

¹¹ Quando nos referimos à história hegemônica, queremos dizer que é a história constituída a partir de um único ponto de vista, de uma classe social e política que detém o poder e determina, assim, sob qual discurso os fatos devem ser registrados à posteridade. A história hegemônica, nesta pesquisa, refere-se à visão dos dominadores/colonizadores/exploradores europeus (visão eurocêntrica) na América que, preponderantemente, escreveram a nossa história; esse conceito aparece em oposição à visão do colonizado, cuja perspectiva sempre foi colocada à margem social.

¹² Na literatura consultada, foram encontradas mais duas nomenclaturas usadas para ‘Arawaks’: Arahucos e Arauacos.

um pequeno grupo de marinheiros sob a responsabilidade de um chefe indígena local; porém, quando retornou no ano seguinte, encontrou o assentamento abandonado. O líder indígena narrou que um grupo de caribenhos do outro lado da ilha os havia atacado. Esse primeiro assentamento europeu nas Américas falhou, mas *La Española* tornou-se o ponto zero do colonialismo europeu nas Américas.

Os povos autóctones de *La Española* – assim como os demais ameríndios da América – foram brutalmente submetidos à visão social, cultural e exploratória dos europeus. Subjugados por essa nova civilização, foram reduzidos à condição de escravos, seres inferiores, e em pouco tempo foram dizimados, como relata o historiador norte-americano:

The brutal massacre and bewildering decimation of indigenous people that took place there would be repeated again and again in the following centuries, though rarely with the same startling speed. Under the encomienda system, settlers were granted the right to the labor of indigenous people in order to mine for precious metals. It was not technically slavery – workers were not owned by the settler – but in practice it was little different¹³ (DUBOIS, 2004, p. 14).

Segundo o Dubois (2004), castigados por suas revoltas, atacados por doenças, contra as quais não tinham nenhuma imunidade, ou, ainda, acometidos pelos inúmeros suicídios para escapar da subordinação a condições brutais a que foram condicionados, esses povos declinaram rapidamente nas primeiras décadas de colonização espanhola. Desse modo, “*by 1514, of a population estimated to have been between 500,000 and 750,000 in 1492, only 29,000 were left*” (DUBOIS, 2004, p. 14)¹⁴. Em consequência disso, em meados do século XVI, a população indígena da ilha havia quase desaparecido.

De acordo com Popkin (2012), no final de 1500, os espanhóis encontraram oportunidades mais viáveis de colonização no México, no Peru e em outras partes das Américas. Na falta de ouro e outros recursos facilmente exploráveis, *La Española* foi praticamente abandonada pelos colonizadores.

Durante as primeiras décadas do século XVI, ingleses, franceses e

¹³ Nossa tradução livre: “O massacre brutal e a dizimação desconcertante dos povos indígenas que ocorreram na ilha se repetiram por diversas vezes nos séculos seguintes, embora raramente com essa mesma velocidade surpreendente. Sob o sistema de encargos, os colonos receberam o direito ao trabalho dos indígenas para a extração de metais preciosos. Não era tecnicamente escravidão – os trabalhadores não eram de propriedade dos colonos – mas, na prática, a ação apenas diferia um pouco” (DUBOIS, 2004, p. 14).

¹⁴ Nossa tradução livre: “Desde 1514, de uma população estimada entre 500.000 e 750.000, em 1492, apenas 29.000 restaram” (DUBOIS, 2004, p. 14).

holandeses, estimulados pela conquista de territórios no “Novo Mundo”, iniciada pelos espanhóis e portugueses, começaram a reivindicar algumas das ilhas do Caribe. Diante disso, a França estabeleceu seu primeiro assentamento colonial permanente na pequena ilha de Saint-Christophe, em 1626. Em 1635, os franceses plantaram sua bandeira em duas ilhas maiores no Caribe Oriental, Martinica e Guadalupe, juntamente com uma pequena colônia na costa da América do Sul, a atual Guiana Francesa, e seus postos avançados no Canadá. Essas ilhas tornaram-se a base do império ultramarino da França. No mesmo período, pequenos grupos de aventureiros marítimos, agindo por conta própria, atracaram na costa norte de *La Española*.

Conforme Popkin (2012), em 1697, no final do conflito europeu, conhecido como Guerra da Liga de Augsburgo, a Espanha cedeu, oficialmente, um terço ocidental de *La Española* a Luís XIV, e o restante do território tornou-se a colônia espanhola de Santo Domingo. Os franceses batizaram sua parte da ilha de Saint-Domingue, como podemos observar na Figura 1 anexa nesta dissertação.

Nesse momento, os europeus já tinham percebido a possibilidade de estabelecer plantações para o cultivo de açúcar nessa região caribenha. O *boom*¹⁵ do açúcar primeiro alcançou algumas das ilhas menores do Caribe Oriental, como a colônia britânica de Barbados e a ilha francesa de Martinica. Em razão disso, por volta de 1700, grande parte das terras dessas ilhas já havia sido ocupada.

Saint-Domingue, uma colônia maior, ofereceu novos horizontes para a produção de açúcar, recebendo um fluxo cada vez maior de imigrantes, que sonhavam com a riqueza. O historiador dominicano Frank Moya Pons (1991) relata que, no final do século XVIII, havia se tornado a colônia mais produtiva das Antilhas, tendo por base econômica o açúcar, apesar de também produzir café, algodão e anil. Segundo o historiador, “[...] *a lo largo del siglo XVIII, los plantadores franceses lograron superar la producción total de todas las colonias británicas de las Antillas [...] pudieron competir con los ingleses en el mercado europeo del azúcar*¹⁶” (PONS, 1991, p. 124). Conforme relata esse autor, o crescimento da produção de açúcar de Saint-Domingue ainda se tornou maior após a independência das colônias britânicas da América do Norte.

¹⁵ Nossa tradução livre: “expansão”.

¹⁶ Nossa tradução livre: “[...] Ao longo do século XVIII, os plantadores franceses foram capazes de superar a produção total de todas as colônias britânicas das Antilhas [...] puderam competir com os ingleses no mercado de açúcar europeu”. (PONS, 1991, p. 124).

O crescimento econômico de Saint-Domingue também é descrito pelo historiador Dubois (2004), que apresenta Saint-Domingue como uma poderosa fonte de vida para a crescente economia do Atlântico, gerando fortuna para indivíduos de ambos os lados do oceano.

*Its plains were covered with sugarcane cultivated on well-ordered and technologically sophisticated plantations, supported by efficient irrigation works. The mountains were full of burgeoning coffee plantations, and the towns bustled with arriving and departing ships, passengers, and goods of all kinds. Within a century it had grown from a marginal Caribbean frontier into the most valuable colony in the world*¹⁷ (DUBOIS, 2004, p. 13).

É possível perceber o rápido crescimento econômico de Saint-Domingue ao observar seus índices demográficos no decorrer dos anos. Segundo Popkin (2012), em 1687, havia apenas 4.411 brancos e 3.358 escravos negros em Saint-Domingue; em 1715, eram 6.668 brancos e 35.451 escravos; e, em 1730, a população escrava tinha aumentado para 79.545. Quarenta anos mais tarde, em 1779, havia 32.650 brancos e 249.098 escravos, um número que quase dobrou até o final da década de 1780.

Geggus (2002) cita que, no período entre as revoluções americana e francesa, Saint-Domingue produziu cerca de metade de todo o açúcar e café consumidos na Europa e nas Américas, bem como quantidades substanciais de provisões de algodão e índigo.

Popkin (2012) observa a relação entre a geografia e o desenvolvimento da produção agrícola. Segundo o autor, nas planícies costeiras de Saint-Domingue, há muito estabelecidas, o número de plantações de açúcar cresceu lentamente. Mas o interior montanhoso foi cenário de uma atividade pioneira movimentada, onde novas fazendas de café, localizadas nas montanhas, foram estabelecidas para atender a uma crescente demanda da Europa e da América do Norte.

Em 1789, a antiga colônia francesa tinha cerca de 8.000 plantações, produzindo culturas para exportação. De acordo com o historiador, *“They generated some two-fifths of France’s overseas trade, a proportion rarely equaled in any*

¹⁷ Nossa tradução livre: “Suas planícies foram cobertas com cana-de-açúcar cultivada em plantações bem ordenadas e tecnicamente sofisticadas, apoiadas por eficientes trabalhos de irrigação. As montanhas estavam cheias de plantações de café em expansão, e as cidades se agitaram com navios e passageiros que chegavam e partiam. Dentro de um século, ela cresceu e passou de uma fronteira marginal do Caribe para a posição de colônia mais valiosa do mundo” (DUBOIS, 2004, p. 13).

*colonial empire*¹⁸ (GEGGUS, 2002, p. 5). Segundo relata esse estudioso, a importância de Saint-Domingue para a França não se restringiu ao aspecto econômico. Também teve destacado papel para a receita aduaneira estratégica, uma vez que o comércio colonial forneceu marinheiros para a marinha nacional em tempo de guerra e proporcionou câmbio para comprar lojas navais vitais para o norte da Europa.

Para o autor, embora as estatísticas coloniais não sejam muito confiáveis, tem-se que a população de Saint-Domingue, às vésperas da Revolução, era constituída por cerca de 500 mil escravos, 40 mil brancos, incluindo tropas e marinheiros passageiros, e 30 mil pessoas livres de cor, os *affranchis*¹⁹. Esses dados relativos ao número de habitantes, divididos por raça, também são apresentados por Popkin (2007).

A estrutura social existente na ilha foi bastante significativa para o surgimento da revolta escravocrata, como veremos a seguir.

1.1 A ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL HAITIANA – BASE DE CONFLITOS E ENFRENTAMENTOS

A compreensão de como se dava a divisão por raças na sociedade da época e dos objetivos políticos de cada grupo é, segundo Geggus (2002), fundamental para a recontextualização histórica do conflito haitiano. Embora a população negra fosse maioria na ilha de Saint-Domingue, a sociedade era altamente estratificada, com estrutura econômica, política e social definida pela cor da pele de seus habitantes. Descrições historiográficas revelam quatro divisões sociais estabelecidas na antiga colônia francesa: os *grands blancs*, os *petits blancs*, os *affranchis* e os escravos.

A pequena comunidade branca de Saint-Domingue, de acordo com Geggus (2002), estava unida pela solidariedade racial, mas, também, era dividida em um grau incomum ao longo das linhas de classe. As tensões resultantes dessa estratificação colocavam os plantadores de açúcar, de café e os grandes comerciantes de Saint-Domingue, os *grands blancs*, uns contra os outros, e, ainda, os separavam dos *petits blancs*, ou brancos pobres. Estes, segundo o historiador,

¹⁸ Nossa tradução livre: “Eles geraram cerca de dois quintos do comércio internacional da França, uma proporção raramente igualada em qualquer império colonial” (GEGGUS, 2002, p. 5).

¹⁹ Nas bibliografias consultadas, os *affranchis* também são chamados de mulatos, mestiços ou homens livres de cor.

eram geralmente artesãos, funcionários de baixo nível, pequenos comerciantes, marinheiros e vendedores ambulantes. Além disso, Saint-Domingue atraiu um número incomum de jovens indigentes que procuravam emprego.

Os *grands blancs*, conforme Popkin (2012), eram homens brancos e ricos. Eles eram provenientes da França ou herdeiros de franceses e, conseqüentemente, usufruíam de poder econômico, político e social na ilha. Segundo o autor, “[...] *the most successful grands blancs achieved fortunes that few Frenchmen at home could dream of*”²⁰ (POPKIN, 2012, p. 20). Eles construíram grandes casas em suas plantações, e as encheram de mobiliário caro, importado da Europa.

Liberados do trabalho físico, os colonos eram conhecidos por sua hospitalidade e seus gastos prodigiosos. Os comerciantes das cidades da colônia enriqueceram-se ao abastecer esses clientes ricos, muitos dos quais passaram a maior parte do tempo na cidade ou viviam na França, e deixavam contratados para administrar suas propriedades. Geggus (2002) também descreve que os plantadores mais ricos de Saint-Domingue viviam na Europa, sustentados por suas receitas oriundas da colônia, comportamento típico daqueles que dominavam as colônias de açúcar nas Índias Ocidentais.

O grupo dos *affranchis*, em sua grande maioria, era formado por mestiços e alguns negros libertos, que recebiam diversas classificações, conforme a cor da pele; não tinham poderes políticos, mas muitos possuíam propriedades, dinheiro e escravos. O número de *affranchis* na ilha aumentou no decorrer dos anos em Saint-Domingue: “*Durante la década de 1780 la población de color se había más que doblado; alcanzó la cifra de 28.000 individuos*”²¹ (PONS, 1991, p. 125).

Os *affranchis*, segundo Geggus (2002), formavam um número demográfico incomum em Saint-Domingue, especialmente por sua riqueza. Exceto nas colônias ibéricas, pessoas livres de cor geralmente formavam um grupo pequeno. Raramente eles prosperavam para além da posição de artesãos bem-sucedidos. Em Saint-Domingue, no entanto, os *affranchis* superaram em número os brancos em duas das três províncias da colônia, e, ainda, incluíram-se no número de plantadores ricos que tinham sido educados na França. Entretanto, na antiga colônia francesa, qualquer pessoa com um antepassado negro, não importa quão remota fosse essa herança,

²⁰ Nossa tradução livre: “[...] os *grands blancs* mais bem-sucedidos conquistaram fortunas, com as quais poucos franceses poderiam sonhar na terra natal” (POPKIN, 2012, p. 20).

²¹ Nossa tradução livre: “Durante a década de 1780, a população de cor (mulatos livres) tinha mais que dobrado; alcançou a cifra de 28.000 indivíduos”. (PONS, 1991, p. 125).

estava sujeita à humilhante discriminação legal típica das colônias escravocratas do século XVIII.

Nesse contexto, os não brancos foram banidos dos cargos públicos e das profissões, e foram proibidos de vestir roupas de brancos, de transportar armas ou de sentar-se com brancos na igreja, no teatro ou em locais usados para fazer as refeições. Eles não só eram desiguais ante a lei, mas também sofriam assédio extralegal, especialmente de brancos pobres com quem competiam por empregos.

Como resultado, conforme Geggus (2002), os *affranchis* tornaram-se um grupo amplo, que integrava desde escravos africanos, recentemente libertados, até ricos proprietários e comerciantes, que eram quase indistinguíveis em aparência ou cultura de seus homólogos brancos. Eles não constituíam uma classe, mas uma categoria legal: aqueles que não eram escravos nem brancos.

Provavelmente, a maioria dos homens dessa classe era constituída por artesãos ou pequenos proprietários, e as mulheres eram, geralmente, pequenas comerciantes ou amantes dos homens brancos. Como a maioria tinha descendência racial mista, o termo ‘mulato’ estendia-se, às vezes, a toda a comunidade não branca livre. Muitos eram donos de escravos ou caçavam fugitivos com ajuda da milícia e da força policial rural.

Os negros escravos eram submetidos à base social da colônia, e a eles não eram concedidos nenhum direito político, nenhuma propriedade ou dinheiro, e sequer a própria liberdade. Eram vistos como objetos, considerados como uma raça inferior aos demais homens, e recebiam tratamento similar aos animais destinados ao trabalho. É possível observar o intenso racismo que permeava a ilha em diversos relatos descritos por Popkin (2012), e em especial sobre um fato ocorrido em 1790, quando um membro da Academia de Ciências de Cap-Français, Chevalier de Beauvois, publicou um panfleto com a seguinte afirmação: “[...] ‘*nature has created several species of men, as she has created several species of animals*’”²² (POPKIN, 2012, p. 32).

Beauvois ainda declarou considerar os negros um pouco melhores do que macacos, e afirmou a impossibilidade de eles serem parte de uma sociedade civilizada. Em relação às pessoas de raça mista, os *affranchis*, Beauvois disse que deveriam ser mantidas em uma posição subordinada, forçadas a trabalhar para o

²² Nossa tradução livre: “[...] a natureza criou várias espécies de homens, assim como criou várias espécies de animais” (POPKIN, 2012, p. 32).

benefício dos brancos e proibidas de possuir terra ou usufruir do trabalho de brancos. Segundo o autor, o folheto de Beauvois foi uma das primeiras expressões impressas sobre o racismo pseudocientífico que se generalizaria no mundo ocidental nos séculos XIX e XX.

A ilha de Saint-Domingue era uma colônia próspera, e os *grands blancs* usufruíam de poder e fortuna; todavia, dependiam da França para a aquisição e a distribuição de seus produtos no mercado europeu e, posteriormente, norte-americano. Essa dependência e a subserviência da colônia em relação à metrópole levaram a um ambiente de insatisfação entre os grandes agricultores. Em Paris, “[...] *varios de los plantadores descontentos se organizaron en el famoso club Massiac, que conspiró para obtener cierto grado de autonomía política para Saint-Domingue y la liberalización de su comercio*”²³ (PONS, 1991, p. 125).

Dubois (2004) cita, também, o clube Massiac, local onde os *grands blancs* e os grandes comerciantes envolvidos com negócios em Saint-Domingue reuniam-se para discutir política e comércio. Os *affranchis* que viviam na cidade francesa também organizaram a Sociétés des amis des Noirs: sociedade representativa que alcançou grande prestígio entre os grupos burgueses e liberais da França. É importante considerar que os “[...] *affranchis, o gente de color libre (en su mayoría mulatos, si bien también había algún negro)* – *aún era más desafecto al sistema colonial francés*”²⁴ (PONS, 1991, p. 125).

Para Geggus (2002), a sublevação escravocrata de Saint-Domingue consistiu em várias lutas separadas que se amalgamaram em uma única. Talvez a maneira mais fácil de compreender a história do conflito seja considerá-la como a busca de três objetivos políticos por três grupos sociais em uma colônia dividida em três províncias. Conforme esclarece o historiador,

White colonists, free people of African descent, and slaves constituted the three legal divisions of colonial society. Despite their internal class conflicts, most whites wanted from the revolution a greater degree of self-government, free people of color wanted equality with whites, and slaves wanted their freedom. White racism and slave-holding by free persons made these goals incompatible. Differences in social composition and history between Saint

²³ Nossa tradução livre: “[...] vários plantadores descontentes se organizaram no famoso clube Massiac, que conspirou para obter certo grau de autonomia política para Saint-Domingue e a libertação de seu comércio” (PONS, 1991, p. 125).

²⁴ Nossa tradução livre: “[...] *affranchis*, ou gente de cor livre (em sua maioria mulatos, se bem que também havia algum negro) ainda eram mais desafetos ao sistema colonial francês” (PONS, 1991, p. 125).

*Domingue's north, west, and south provinces added an element of regional variation to the revolution's development. Thus the civil war of 1799–1800 can be seen as a clash between former slaves and the colored middle class or as a struggle about greater autonomy from France or as primarily a regional conflict*²⁵ (GEGGUS, 2002, p. 1).

Os *grands blancs* e os *affranchis* não se uniam e, automaticamente, não somavam forças contra a França; e, para os *petits blancs*, era difícil tolerar que essas pessoas, descendentes de escravos, alcançassem uma posição relevante na economia e na sociedade de Saint-Domingue.

Desse modo, a conjuntura social e econômica de Saint-Domingue no período que antecedeu a Revolução Escravocrata (1791-1804) pode ser assim resumida: os *grands blancs* buscavam sua autonomia; os *affranchis*, sua igualdade com os brancos; os *petits blancs* ambicionavam a fortuna e a condição social dos *grands blancs* e odiavam os *affranchis*, por esses serem de origem escrava e, ainda assim, terem dinheiro; o grupo mais numeroso da ilha, os escravos, excluídos pelas demais classes, almejava a liberdade. Por fim, para complementar esse emaranhado de conflitos e de estratificações sociais, tem-se a soberania da metrópole, a França, que não considerava a possibilidade de abandonar sua colônia mais produtiva.

Entre as colônias europeias, Saint-Domingue “[...] *era la que tenía los problemas económicos y sociales más complejos*”²⁶ (PONS, 1991, p. 124). A acentuada divisão racial na ilha de Saint-Domingue deu origem à Revolução Haitiana (1791-1804), como descreve Pons (1991). Para o pesquisador, nos relatos históricos que antecedem a rebelião dos escravos, observa-se uma rede de conflitos, cada vez mais intensa, entre a colônia e a metrópole e entre os próprios moradores da ilha.

Para Geggus (2002), a Revolução Haitiana (1791-1804) esteve intimamente ligada à Revolução Francesa (1789-1799), conflitos que ocorreram no mesmo período: 1789 a 1804. Segundo Popkin (2007, 2012), no momento em que a

²⁵ Nossa tradução livre: “Colonos brancos, pessoas livres de ascendência africana e escravos constituíam as três divisões jurídicas da sociedade colonial. Apesar de seus conflitos internos de classe, a maioria dos brancos queria da Revolução um maior grau de autogoverno; pessoas livres de cor desejavam a igualdade com os brancos; e os escravos queriam a liberdade. O racismo branco e a escravidão por pessoas livres tornaram esses objetivos incompatíveis. As diferenças de composição social e histórica entre as províncias do norte, oeste e sul de Saint-Domingue adicionaram um elemento de variação regional ao desenvolvimento da Revolução. Assim, a guerra civil de 1799-1800 pode ser vista como um choque entre ex-escravos e a classe média de cor ou como uma luta por uma maior autonomia da França ou como, primariamente, um conflito regional” (GEGGUS, 2002, p. 1).

²⁶ Nossa tradução livre: “[...] *era la que tenía los problemas económicos y sociales más complejos*”. (PONS, 1991, p. 124).

Revolução Escravocrata de Saint-Domingue (1791-1804) começou, em agosto de 1791, a atenção do mundo concentrava-se na revolta revolucionária da própria França. Dois anos antes, após o assalto da Bastilha em Paris, no dia 14 de julho de 1789, os legisladores da Assembleia Nacional revolucionária da França emitiram sua famosa *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, proclamando que os homens nascem e permanecem livres e iguais em direitos.

O levante em Saint-Domingue, de acordo com o historiador, obrigou-os a considerar toda a estratificação social aí existente, ponderando se esses princípios revolucionários da metrópole se aplicavam ou não aos 800 mil escravos nas colônias ultramarinas da França. Entre a afirmação de que a liberdade era um direito humano universal e a convicção igualmente forte de que a França precisava de bens do exterior para manter seu próprio poder e sua prosperidade, os revolucionários franceses tiveram de lidar com o problema de conciliar seus princípios com o interesse nacional de seu país.

Para Popkin (2012) e Dubois (2004), a publicação da declaração fundamental dos princípios da Revolução Francesa (1789-1799) foi estritamente proibida em Saint-Domingue, e os abolicionistas fizeram da *Parisian Société des amis des noirs*, fundada em 1788, o alvo de uma violenta campanha de denúncia. Eles defendiam a abolição do tráfico de escravos seguido da eliminação gradual da escravidão nas Américas. A elite educada entre a população de mestiços viu esse fato como uma grande oportunidade, e seus representantes, na França, solicitaram à Assembléia Nacional que os declarasse cidadãos.

Segundo Popkin (2007, 2012), a Assembleia Nacional ignorou o apelo para abolir a escravidão, juntamente com outras formas de privilégio varridas pelos decretos de 4 de agosto de 1789. Em março de 1790, foram aprovadas duas leis ambíguas, que não deixaram claro se pessoas livres de cor tinham ou não direito de participar na política colonial. Em vista disso, em outubro de 1790, um militante mestiço, Vincent Ogé, voltou da França, onde esteve ativo nesses debates, para exigir que lhes fossem outorgados os mesmos direitos dos homens brancos de Saint-Domingue. Tendo sua demanda rejeitada pelos brancos, ele liderou uma revolta de curta duração entre as pessoas livres de cor na Província do Norte.

Na sequência, veremos como ocorreram os primeiros choques e embates entre as distintas camadas sociais da ilha, os quais levaram, finalmente, à Revolução.

1.2 PRINCÍPIOS CONFLITIVOS – OS RUMOS DA REVOLUÇÃO E DA INDEPENDÊNCIA

Além da influência da ideologia revolucionária francesa e da acentuada divisão racial na ilha de Saint-Domingue, também outras formas de resistências individuais e coletivas incitaram a sublevação escravocrata na ilha. Nesta seção, recuperamos a historiografia das incessantes fugas dos escravos, que são consideradas expressões de resistência contra o sistema colonial escravocrata; do lendário François Mackandal²⁷, que, mesmo após a morte, tornou-se um símbolo de resistência à opressão do homem branco; além do movimento armado dos mulatos Vincent Ogé e seu irmão, Jean-Baptiste Chavannes, contra a França, levante fracassado que foi pago com suas vidas, no desejo latente de transformarem Saint-Domingue em um território autônomo e terem os mesmos direitos civis dos homens brancos da ilha. São esses, pois, alguns dos conflitos que consideramos estopins da revolta maior que gerou a Revolução.

De acordo com Popkin (2012), as fugas das plantações, as *marronnage*²⁸, eram práticas comuns de resistência. Em alguns casos, eram a única forma de os escravos protestarem contra um superintendente cruel. Por meio dessas fugas, os escravos fugitivos podiam negociar seu retorno à plantação em troca de uma promessa de melhor tratamento. Alguns grupos de escravos fugitivos conseguiram entrar nas montanhas e estabeleceram bandas independentes. Um grupo em uma área remota, ao longo da fronteira com o lado espanhol de Santo Domingo, resistiu por quase um século, embora seus números fossem relativamente pequenos.

Também Dubois (2004) faz referência às *marronnage*, práticas tão antigas quanto a escravidão, que assumiram, em Saint-Domingue, diversas formas. Os africanos, recusando sua condição de propriedade, muitas vezes fugiam logo após a chegada à ilha. Eles estavam mais propensos ao resgate posterior por não terem conhecimento da geografia da ilha e das conexões que poderiam ajudá-los a se esconder dos homens brancos.

²⁷ Nas bibliografias consultadas, além do nome 'François Mackandal', também aparecem 'François Macandal', 'François Makandal' ou 'Franswa Makandal'.

²⁸ Esse termo se refere à fuga de escravos. Nas bibliografias consultadas, além de 'marronnage', também aparece 'marronage'.

As organizações das plantações também facilitavam as fugas. Alguns *marrons*²⁹ permaneceram à margem de suas plantações por anos, comendo cana dos campos ou comida trazida por amigos e parentes. Às vezes, eles também roubaram mantimentos de áreas de provisão, impelindo escravos a construir ou a cultivar cercas em seu entorno. Outros escravos fugiam para as cidades da colônia, onde podiam se misturar à população de escravos urbanos e de negros livres e, conforme Popkin (2012), passando-se por libertados, ganhavam a vida como jornaleiros. As cidades eram o destino preferido das mulheres, que eram minoria entre esses fugitivos.

Os proprietários das plantações, de acordo com Dubois (2004), fizeram o possível para evitar essas mobilidades ilegais. Aqueles que deixavam as plantações, mesmo para ir aos mercados aos domingos, eram obrigados a transportar um passe de seus mestres que autorizasse a locomoção. Qualquer pessoa branca poderia parar um escravo e verificar os documentos. Ainda assim, os fugitivos encontravam outras formas de despistar os brancos, como mostra este fragmento: *“Escaped slaves took advantage of ‘friends who know how to write’ to create false passports, and moved about ‘with impunity’, coming into town to sell and buy provisions before returning to the woods”*³⁰ (DUBOIS, 2004, p. 52). Em represália ao tempo em que os negros eram obrigados a mostrar a documentação a qualquer branco que lhes parasse na rua, os insurgentes passaram a regular o trânsito dos brancos na ilha, como mostra o fragmento a seguir: *“[...] once the insurrection started, whites ventured outside the towns at their peril or depended on permits from the insurgentes”*³¹ (POPKIN, 2007, p. 28).

Dubois (2004) cita uma dessas *marronnage* que ocorreu em uma plantação na planície Cul-de-Sac, em 1744, em que *“[...] sixty-six slaves left the plantation during the day but came back to sleep in their quarters at night, demanding the removal of the overseer”*³² (DUBOIS, 2004, p. 53). O autor também descreve que, durante o século XVIII, as comunidades de fugitivos de Saint-Domingue mantiveram

²⁹ *Marrons* é o termo empregado para se referir aos fugitivos. Nas bibliografias consultadas, além de aparecer ‘marron(s)’ também aparece ‘maroon(s)’.

³⁰ Nossa tradução livre: “Os escravos fugitivos aproveitavam os ‘amigos que sabiam escrever’ para criar passaportes falsos, e se moviam ‘impunemente’, chegando à cidade para vender e comprar provisões antes de retornar à floresta” (POPKIN, 2007, p. 28).

³¹ Nossa tradução livre: “Uma vez iniciada a insurreição, os brancos se aventuravam a seu risco fora das cidades ou na dependência de permissão dos insurgentes” (POPKIN, 2007, p. 28).

³² Nossa tradução livre: “[...] sessenta e seis escravos deixaram a plantação durante o dia, mas voltaram a dormir em seus quartos à noite, exigindo a remoção do supervisor” (DUBOIS, 2004, p. 53).

conflitos abertos e armados com os proprietários das plantações que os cercavam, reivindicando e defendendo a liberdade. Como resultado, alguns pesquisadores consideram que os *marrons* são os precursores dos escravos que se rebelaram em 1791; outros, no entanto, expressam ceticismo sobre a relação entre esses fugitivos e a Revolução de Saint-Domingue.

Essas comunidades de fugitivos na antiga colônia francesa, de acordo com o historiador, eram muito menores que as da Jamaica e as do Suriname, porque muitas das regiões montanhosas de Saint-Domingue, onde esses *marrons* poderiam procurar refúgio, foram invadidas por plantações de café. Presume-se que foi essa característica que impulsionou a Revolução dos escravos, um ataque direto e sistêmico contra o mundo das plantações, ao invés do refúgio fora delas.

Outra forma proeminente de resistências foram as ações de François Mackandal, que se tornou lenda entre os negros e brancos de Saint-Domingue. Desde sua morte, permaneceu na memória dos habitantes da ilha como símbolo de resistência contra o poder do homem branco. Após a Revolução Haitiana (1791-1804), sua imagem foi gravada em moedas de ouro e prata, assim como foram feitos monumentos em sua homenagem, como mostram as Figuras 2, 3 e 4 anexas nesta dissertação.

Dubois (2004) cita que, em janeiro de 1758, esse escravo fugitivo foi forçado a se ajoelhar em uma praça de *Le Cap*, usando um letreiro que dizia: '*Seducer, Profaner, Poisoner*'³³. Ele encontrava-se amarrado em uma estaca no centro da praça', com fogo aceso embaixo dele. À medida que as chamas atingiam seu corpo, ele lutou para libertar-se, e a estaca em que estava preso cedeu. Os escravos ali presentes gritaram 'Mackandal se salvou!', e o pânico espalhou-se. Os soldados rapidamente limparam a praça, e Mackandal foi amarrado a uma tábua e jogado de volta ao fogo.

Muitas vezes ele vangloriava-se de ter o poder de mudar de forma, e, antes de sua execução, declarou que se transformaria em uma mosca para escapar das chamas. Poucos o viram morrer; muitos acreditavam que ele havia escapado e abrigava-se, mais uma vez, nas colinas de Saint-Domingue, planejando uma nova rebelião.

Para Geggus (2002), François Mackandal foi um famoso fugitivo que

³³ Nossa tradução livre: "Sedutor, Profanador e Envenenador".

permaneceu anos escondido. Ele foi executado em 1758, por conta da suposta distribuição de venenos na ilha de Saint-Domingue, e é um exemplo raro que liga *marronnage* a práticas religiosas e mágicas. Ainda que o ex-escravo tenha sido um *marron* que evitou ser capturado por dez ou talvez dezoito anos, as evidências de que tenha liderado uma banda desses fugitivos na colônia são irrisórias.

O autor chama a atenção para o fato de apenas Pierre Pluchon, entre todos os historiadores que escreveram sobre esse fato, ter explorado os registros judiciais relativos à prisão de Mackandal. Em 1758, os brancos que levaram seu caso a sério viram nele, no máximo, um intelectual de uma rede de envenenadores na província do norte central, cujas vítimas eram muitas vezes mais negras do que brancas. A primeira vez que ele foi referido como um líder *marronnage*, aparentemente, remonta a vinte anos após sua morte, em um livro de memórias fantásticas.

*The only source that depicts these maroons as raiders is a novelette-like story published in a Paris newspaper in 1787. These texts form the basis of the interpretation found in Pierre Vaissière's 1909 history, of which extracts were cited by Jean Fouchard as if they were contemporary sources. Pluchon's conclusions echo those of Hilliard d'Auberteuil in 1776 and the colonial intendant in 1758: Makandal's clients were local, and they killed for personal, not political, motives; there was no colony-wide revolutionary conspiracy*³⁴ (GEGGUS, 2002, p. 75).

Para o autor, Mackandal era apenas um feiticeiro que vendia encantos mágicos e venenos nas províncias do norte da ilha, permanecendo fugitivo por muitos anos. Os relatos dos possíveis envenenamentos cometidos pelo ex-escravo não são claros, já que os colonos confundiam doenças epidêmicas com veneno, e veneno com feitiçaria. Além disso, os soldados locais recorriam à tortura para obter evidências dessas ações de envenenamento.

A análise de Popkin (2012) assemelha-se à de Geggus (2002) a respeito da história de Mackandal, ao descrever que os brancos viviam com medo de que os negros pudessem voltar-se contra eles, e, nas plantações, os proprietários atribuíam qualquer doença ou morte inexplicada entre seus escravos ou entre seus animais intoxicados ao envenenamento – para eles, a principal arma dos negros.

³⁴ Nossa tradução livre: “A única fonte que retrata esses fugitivos como incursores é uma história a modo de novela, publicada em um jornal de Paris em 1787. Esses textos são a base da interpretação encontrada na história de Pierre Vaissière, em 1909, cujos extratos foram citados por Jean Fouchard como se fossem fontes contemporâneas. As conclusões de Pluchon ecoam as de Hilliard d'Auberteuil em 1776 e o intendente colonial em 1758: os clientes de Makandal eram locais e morreram por motivos pessoais, não políticos; não havia uma conspiração revolucionária na colônia” (GEGGUS, 2002, p. 75).

No ano de 1757, de acordo com Popkin (2012), toda a colônia foi varrida pelo medo de uma conspiração, supostamente organizada por um escravo chamado Mackandal, para envenenar todos os brancos e assumir o poder da ilha. Segundo o historiador, as mortes atribuídas a Mackandal ocorreram todas entre os escravos, e não está claro se elas foram ocasionadas por envenenamento ou resultaram de doenças. Mesmo assim, Mackandal foi torturado e queimado vivo no ano de 1758.

Entretanto, o historiador também cita a lenda em torno desse ex-escravo, que narra sua transformação em mosquito no momento da morte para escapar de seus carrascos. Ainda hoje, de acordo com o historiador, o nome de Mackandal é lembrado no Haiti como um símbolo da resistência à opressão. Apesar do temor dos brancos desse período colonial, a resistência coletiva aberta ao sistema escravo era rara, já que Saint-Domingue não experimentou nenhuma revolta de escravos nas décadas anteriores ao ano de 1791.

Além das duas formas de resistência citadas, as *marronnage* e a lendária luta de François Mackandal, no ano de 1790, ocorreu, na província do norte, um movimento armado liderado pelos mulatos Vincent Ogé e seu irmão, Jean-Baptiste Chavannes. Vincent, segundo Popkin (2007, 2012), foi um dos homens de descendência africana mais prósperos em Saint-Domingue; possuía propriedades e estava acostumado a lidar com os brancos em pé de igualdade; porém, não tinha os mesmos direitos civis dos brancos. Após voltar da França, Ogé, ao perceber que os brancos da colônia continuavam a excluí-lo e a seus pares, rebelou-se. Seu chamado para a insurreição atraiu apenas algumas centenas de seguidores. Embora tenha deixado claro não ter a intenção de pedir a abolição da escravidão, Ogé advertiu os brancos sobre a possibilidade de fazê-lo, caso suas exigências não fossem atendidas.

*Although Oge's rebellion was not aimed at abolishing slavery, it demonstrated the potential explosiveness of the colony's situation and further divided the whites, driving some to argue for separating themselves completely from the metropole and its dangerous ideas*³⁵ (POPKIN, 2007, p. 7).

As forças militares francesas da colônia logo dispersaram o movimento, e os

³⁵ Nossa tradução livre: “Embora a rebelião de Ogé não tenha tido o objetivo de abolir a escravidão, demonstrou uma explosão potencial na colônia e dividiu ainda mais os brancos, levando alguns a comentarem de separá-los completamente da metrópole e de suas ideias perigosas” (POPKIN, 2007, p. 7).

sobreviventes fugiram para a colônia espanhola de Santo Domingo. Contudo, as autoridades espanholas os entregaram aos franceses. Em fevereiro de 1791, Ogé foi torturado até a morte, em Le Cap, e seus companheiros foram executados.

Pons (1991) descreve que a rebelião dos *affranchis* gerou uma explosão potencial na colônia e dividiu ainda mais seus habitantes. Popkin (2012) também corrobora a afirmação do historiador dominicano ao descrever que, embora a insurreição de Ogé tenha sido rapidamente derrubada, teve efeitos importantes em Saint-Domingue e na França: “*For the first time, the colony’s whites’ greatest fear – a violent insurrection against the system of racial hierarchy – had materialized*”³⁶ (POPKIN, 2012, p. 32).

Segundo o historiador, a ameaça de Ogé em oferecer liberdade aos negros, com o propósito de obter apoio suficiente para derrotar os brancos, elevou ainda mais o conflito racial já existente na ilha, e a resposta bruta dos brancos fez com que os *affranchis* percebessem a impossibilidade de obter pacificamente os direitos almejados.

Na província do sul, mais de seiscentos mestiços, incluindo André Rigaud³⁷, que se tornaria o líder principal do grupo, reuniram-se em uma plantação fora da capital de Cayes e venceram um ataque armado contra brancos locais. À medida que a agitação entre as pessoas livres de cor aumentava, alguns dos escravos da colônia também começaram a se organizar contra os brancos. Em janeiro de 1791, uma conspiração envolvendo várias centenas de negros foi descoberta no distrito de Port-Salut, na província sul. A impressão de que somente a força levaria a qualquer mudança na ordem racial da colônia foi reforçada pela violência com que alguns colonos brancos denunciaram os membros dos outros grupos raciais do local.

Segundo Popkin (2012), para reconstruir uma imagem mais precisa de como começou a insurreição de escravos de Saint-Domingue, iniciada em agosto de 1791, são necessárias evidências documentais. Na ausência de testemunho real de qualquer um daqueles que ajudaram a planejar o levante, muitas perguntas sobre sua origem permanecem sem resposta.

Na época, os colonos brancos estavam convencidos de que os escravos haviam sido incitados à rebelião pela propaganda abolicionista da França e pelos

³⁶ Nossa tradução livre: “Pela primeira vez, o maior medo dos brancos da colônia – uma insurreição violenta contra o sistema de hierarquia racial – materializou-se” (POPKIN, 2012, p. 32).

³⁷ André Rigaud foi um dos líderes rebeldes, que mais tarde se tornaria o rival político mais importante de Toussaint Louverture.

ecos dos debates da Revolução Francesa (1789-1799) sobre a liberdade. Na verdade, os reformadores franceses antiescravocratas sempre insistiram na abolição de forma gradativa, com indenização pelos proprietários de escravos, e não há provas de que qualquer propaganda impressa tenha chegado aos insurgentes. Por outro lado, os escravos notaram a crescente desunião entre os brancos e os homens livres de cor que a rebelião de Ogé tinha destacado. Com os seus inimigos divididos, os escravos viam a oportunidade de conquistar sua própria liberdade por meio da ação coletiva.

Para o historiador, um persistente rumor de que Luís XVI³⁸ teria concedido novos direitos aos *affranchis* e de que os colonos brancos recusavam-se a implementar seu decreto pode ter incentivado o levante escravo. A resistência muito visível dos brancos ao decreto da Assembleia Nacional de 15 de maio de 1791 tornou essa ideia possível.

Pons (1991) corrobora as ideias de Popkin (2012) ao descrever que Saint-Dominique vivenciava um clima em que os *affranchis*, enaltecidos pelas mortes de Ogé e Chavannes, “[...] *buscaban la igualdad con los blancos, y eventualmente su independencia. Lo que ninguno pensaba o decía era que los esclavos negros tenían derechos o los merecían*”³⁹ (PONS, 1991, p. 126). Naquele momento, a ilha encontrava-se em grande efervescência política e racial. Era corrente o discurso em defesa da ideologia de libertação, implantada pela Revolução Francesa (1789-1799). Nas grandes casas, nas plantações, nos povoados, nos mercados, os escravos “[...] *tomaban consciencia de su condición y de las posibilidades que se les abrían de escapar de ella, tal como lo había preconizado el legendario rebelde François Macandal en 1758*”⁴⁰ (PONS, 1991, p. 126). Assim, em pouco tempo, organizaram-se para romper, pela Revolução, a estrutura social tão estratificada da ilha.

Geggus (2002) analisa que mesmo os melhores historiadores tendem a dar um relato confuso dos eventos em torno da grande insurreição na Planície do Norte, ocorrida em agosto de 1791. Para o autor, vários fatores contribuíram para o levante escravocrata, entre eles as mudanças revolucionárias na França. Em Saint-

³⁸ Foi o rei francês de 1774 até ser deposto em 1792, devido à Revolução Francesa (1789-1799) e executado no ano seguinte.

³⁹ Nossa tradução livre: “[...] buscavam a igualdade com os brancos, e, eventualmente, sua independência. O que ninguém pensava ou dizia era que os escravos negros tinham direitos ou os mereciam” (PONS, 1991, p. 126).

⁴⁰ Nossa tradução livre: “[...] tomaram consciência de sua condição e das possibilidades que se abriam para escapar dela, tal como havia previsto o lendário rebelde François Macandal, em 1758”. (PONS, 1991, p. 126).

Domingue, em um ambiente de incerteza e rumor, os radicais falavam de secessão, e os conservadores, da contrarrevolução, e a guerra civil formava-se entre brancos e homens de cor livre, os *affranchis*.

No norte da ilha, de acordo com o historiador, os homens livres de cor foram desarmados após a rebelião de Ogé. Os falsos rumores que circulavam desde 1789 sobre o suposto decreto de emancipação de escravos na colônia e em várias outras partes do Caribe ressurgem em 1791, possivelmente misturados com as notícias do decreto de 15 de maio, que concedia direitos políticos à população de cor livre nascida de pais livres.

Segundo Popkin (2012), os escravos de Saint-Domingue, antes da Revolução, conseguiram desenvolver uma vida comunitária e encontrar maneiras de se opor às piores formas de opressão. Embora os escravos de diferentes plantações não fossem propensos a se misturar, os colonos, sabendo que algumas concessões podiam conter a revolta contra a situação, relevavam o fato de se reunirem para dançar em suas folgas semanais. Nas reuniões, os escravos costumavam realizar cerimônias religiosas que combinavam rituais africanos e elementos oriundos das práticas cristãs. Como resultado dessa fusão de elementos, surgiu, no século XVIII, uma religião distinta, o vodou, na qual os participantes entravam em estado de êxtase ao incorporar espíritos de várias entidades africanas. Os negros costumavam identificar esses espíritos africanos com determinados santos católicos. Para o autor, as cerimônias do vodou ajudaram a unificar a população escrava de Saint-Domingue, que era composta por diferentes grupos étnicos africanos.

Para Bellegarde-Smith e Michel (2011), o “[...] vodou haitiano parece ser o resultado de uma fusão deliberada de tradições daomeanas⁴¹, com raízes na bacia do Congo e em nações étnicas das redondezas tanto no oeste quanto no centro da África” (BELLEGARDE-SMITH; MICHEL, 2011, p. 26). Para os autores, as origens do vodou repousam no Daomé, que, ofereceu uma grande massa de mão de obra no período escravocrata de Saint-Domingue e, conseqüentemente, sua tradição teológica. Sancho (2004) também corrobora os dados dos autores, ao dizer que o vodou haitiano é um sincretismo entre algumas manifestações da liturgia católica e rituais africanos trazidos pelos negros de Dahomey.

⁴¹ Essas tradições são originárias do Daomé/Dahomey, estado africano que foi fundado no século XVII e durou até 1904, quando foi conquistado e incorporado ao domínio francês na África Ocidental. Atualmente, esse espaço territorial pertence à República do Benin.

Para o historiador costa-riquenho, o vodou serviu como um catalisador revolucionário para os povos oprimidos contra as autoridades franceses. Ainda para Bellegarde-Smith e Michel (2011), o impacto do cristianismo no vodou haitiano ocorreu devido a diferentes circunstâncias, sendo elas: a imposição colonial europeia, a catequização, e devido ao fato de que a igreja católica e outras denominações cristãs defendiam e sustentavam a escravidão. Portanto, essa crença religiosa é o resultado da tentativa dos escravos de perpetuarem sua cultura em um território dominado pelo homem europeu.

A incorporação de aspectos cristãos às doutrinas religiosas africanas que deram origem ao vodou haitiano é considerada, portanto, um processo 'desconstrucionista' da cultura trazida pelos negros africanos. Entretanto, ao mesmo tempo em que desconstrói, incorpora novos elementos. O resultado é uma junção de crenças e tradições e, segundo a teoria de Coutinho (2003), isso é o reflexo do multiculturalismo cultural latino-americano.

Dando sequência aos relatos historiográficos que antecedem à Revolução Haitiana (1791-1804), o historiador Geggus (2002) registra que, no domingo 14 de agosto 1791, ocorreu "[...] *a meeting of slave-drivers, coachmen, and other members of the 'slave elite' from about 100 plantations took place in Plaine du Nord parish*"⁴² (GEGGUS, 2002, p. 84). Os escravos reuniram-se na propriedade de Lenormand de Mezy, uma grande plantação de açúcar que ficava ao pé da Red Mountain. Depois de discutirem os desenvolvimentos políticos na França e na colônia, eles tomaram a decisão de se rebelarem. A reunião em si não era secreta. Os colonos escreveram mais tarde sobre o 'pretexto de uma refeição' ou 'um grande jantar' para que os escravos pudessem participar.

Os planos de rebelião, segundo o autor, tornaram-se conhecidos quando, na terça ou quarta-feira, ocorreu uma tentativa prematura de queimar a plantação de Chabaud, na paróquia de Limbé. Um dos incendiários foi apanhado e, sob interrogatório, revelou a trama e denunciou outros conspiradores, alguns dos quais foram presos. Até o fim de semana, dia 20 ou 21 de agosto, quando outras confissões foram obtidas, o alarme começou a se espalhar entre os brancos e talvez entre os conspiradores. Segundo Geggus (2002), a reunião do dia 14 de agosto ocorrida na propriedade de Lenormand de Mezy está bem documentada por fontes

⁴² Nossa tradução livre: "Um encontro de escravos, cocheiros e outros membros da 'elite escrava' de cerca de 100 plantações ocorreram na paróquia de Plaine du Nord" (GEGGUS, 2002, p. 84).

contemporâneas; porém, não se tem registro do segundo encontro, o que dá margem a diferentes interpretações históricas.

O autor menciona que o plano de rebelião foi afirmando entre os escravos no dia 14 de agosto, e, antes de executá-lo, os insurgentes comemoraram uma espécie de festival ou sacrilhão no meio de uma área arborizada e não cultivada na propriedade Choiseul, chamada 'Le Caïman' (o jacaré); portanto,

[...] *the famous ceremony thus did not take place on the Lenormand plantation on the Morne Rouge (which in any case was not the estate where Makandal had lived), but in the plain about ten kilometers to the east, at a place still called Caïman*⁴³ (GEGGUS, 2002, p. 85).

Segundo o autor, a plantação do marquês de Choiseul era uma grande propriedade açucareira, como a de Lenormand de Mezy, mas estava inteiramente na planície, na paróquia de Petite Anse, a meio caminho entre Cap-Français e as conhecidas plantações de Galliffet.

As descrições sobre a cerimônia *Bois Caïman* são corroboradas por Popkin (2012), inclusive no que tange ao local em que foi realizado o primeiro encontro, na propriedade de Lenormand de Mezy; porém, assim como Geggus (2002), o historiador não confirma a data exata do encontro na floresta, o local conhecido como *Bois Caïman*, bem como a celebração de um ato religioso. Para Popkin (2012), essa reunião aconteceu provavelmente na noite de 21 de agosto, e pode ter incluído uma cerimônia de vodou e talvez um discurso inspirador atribuído a Boukman⁴⁴.

Para o autor, acredita-se que Boukman tenha feito um juramento de sangue com seus colegas conspiradores imediatamente antes do levantamento dos escravos. Embora o evento em si não fosse mítico, como acreditam alguns historiadores, os relatos da cerimônia foram sucessivamente modificados ao longo dos anos, à semelhança do que ocorreu com a história de Mackandal. Assim, poucos detalhes podem ser considerados autênticos. Provavelmente, o objetivo principal do encontro denominado *Bois Caïman* era decidir como reagir à

⁴³ Nossa tradução livre: "[...] a famosa cerimônia, portanto, não ocorreu na plantação de Lenormand no Morne Rouge (que, em qualquer caso, não era a propriedade onde Makandal vivia), mas na planície, cerca de dez quilômetros a leste, em um lugar ainda chamado Caïman" (GEGGUS, 2002, p. 85).

⁴⁴ Nas bibliografias consultadas, o nome aparece como 'Bouckman', 'Boukman', 'Zamba Bouckman/Boukman' ou 'Bouckman/Boukman Dutty'. Boukman foi o líder mais visível durante os primeiros dias da insurreição. Antes disso, trabalhou como cocheiro. Morreu em novembro de 1792.

possibilidade de os brancos terem descoberto o plano dos escravos. Os conspiradores devem ter decidido agir o mais rápido possível, uma vez que os primeiros assaltos às plantações ocorreram na noite seguinte.

Além de mostrar a visão histórica a respeito da famosa cerimônia *Bois Caïman*, Geggus (2002) também expõe a lenda, constituída no decorrer dos anos, em torno desse encontro antecedente à sublevação escravocrata, a partir dos relatos de Dantès Bellegarde⁴⁵ (*apud* GEGGUS, 2002, p. 81). Entretanto, o autor ressalta que a história não pode confirmar esse ocorrido devido à ausência de testemunho real ou documental.

Segundo Dantès Bellegarde (*apud* GEGGUS, 2002, p. 81), durante a noite do dia 14 de agosto de 1791, em meio a uma floresta chamada *Bois Caïman* (*Alligator Wood*)⁴⁶, no Morne Rouge, localizado na Planície do Norte, os escravos realizaram uma grande reunião para elaborar uma revolta geral. O encontro foi presidido por um homem negro chamado Boukman, cujas palavras eram exaltadas pelos conspiradores. Antes de se separarem, eles mantiveram, em meio a uma tempestade violenta, uma cerimônia impressionante, para solenizar os compromissos que fizeram. Enquanto a tempestade ardia e um raio atravessava o céu, uma mulher negra alta apareceu, repentinamente, no centro da reunião. Armada com uma faca longa e pontiaguda, que ela acenou acima de sua cabeça, realizou uma dança cantando uma música africana, que os outros, de costas contra o chão, repetiram como um refrão. Um porco preto foi então arrastado na frente dela, e ela o abriu com a faca. O sangue do animal foi coletado em uma tigela de madeira e servido ainda espumando para cada delegado. Com um sinal da sacerdotisa, todos atiraram-se de joelhos e juraram obedecer cegamente às ordens de Boukman, que tinha sido proclamado o supremo chefe da rebelião. Ele anunciou, a partir de sua escolha, os principais tenentes: Jean-François Papillon, Georges Biassou e Jeannot Bullet. É a partir desse encontro, segundo o haitiano Dantès Bellegarde (*apud* GEGGUS, 2002, p. 81), que foi deflagrada a maior revolta de escravos já vista nas Américas e que levou à criação do Haiti.

Embora tivessem sido advertidos durante dois anos que as perigosas ideias

⁴⁵ Dantès Bellegarde é autor do livro *Histoire du peuple haïtien* (1492–1952), Port-au-Prince, 1953. Para o autor haitiano, foi o encontro *Bois Caïman* que desencadeou a maior revolta de escravos jamais vista nas Américas e, como consequência, a criação do Haiti. Para Geggus (2002), as descrições acerca da cerimônia são controversas em relação à história oficial e se baseiam na lenda e no mito.

⁴⁶ Nossa tradução livre: “Floresta do jacaré”.

da Revolução Francesa (1789-1799) levariam os escravos à revolta, os proprietários das plantações foram pegos de surpresa, segundo Popkin (2012), pois “*smugly certain of their superiority, they could not believe that the black slaves who normally seemed so docile could have organized themselves so effectively*”⁴⁷ (POPKIN, 2012, p. 38).

Segundo o historiador, os escravos rebeldes rapidamente moveram-se de plantação em plantação nas regiões densamente povoadas da Planície do Norte. As primeiras bandas de insurgentes reuniram um número cada vez maior de apoiantes. Dentro de alguns dias, quase toda a planície, a área de cultivo de açúcar mais rica da colônia havia sido devastada, assim como as centenas de plantações de café menores nas montanhas que a cercavam.

Embora os líderes da insurreição fossem escravos masculinos, o movimento também tinha apoio do resto da população negra, segundo Popkin (2012). Um homem branco feito prisioneiro pelos insurgentes informou que, enquanto ele e outros brancos passaram pelo campo, viram homens velhos e mulheres negras insultando seus antigos amos em sua língua *creole*. As mulheres escravas, muitas vezes vítimas da exploração sexual por seus supervisores brancos, às vezes aproveitaram a oportunidade para se vingar. Em uma plantação, um grupo delas, ao encontrar um homem branco que achavam ter sido morto pelos insurgentes, provocou-o, puxando as saias na frente de seu rosto. Quando elas perceberam que ele ainda estava vivo, espancaram-no até perder a consciência. Em alguns casos, no entanto, as mulheres negras protegiam as mulheres brancas. Uma mulher branca teve sua vida salva no início da insurreição por seus próprios escravos, que a esconderam em suas cabanas, e depois por outras ex-escravas, que intervieram com os líderes negros, além disso, cuidaram dela nas plantações que os rebeldes haviam ocupado.

De acordo com Popkin (2012), convencidos de que os próprios escravos não poderiam ter concebido um plano tão elaborado, muitos brancos culpavam os homens de cor livre, a quem acusaram de se vingar da execução de Vincent Ogé. A rápida expansão da insurreição durante seus primeiros meses levou os civis brancos a acusar os funcionários do Régiment du Cap, a guarnição militar da Província do

⁴⁷ Nossa tradução livre: “Certos de sua superioridade, presumivelmente, eles não podiam acreditar que os escravos negros que, normalmente, pareciam tão dócis poderiam ter se organizado com tanta eficácia” (POPKIN, 2012, p. 38).

Norte, de sabotar deliberadamente os esforços de repressão. O governador e comandante francês de Saint-Domingue, Philibert-François Rouxel de Blanchelande⁴⁸, foi assediado de todos os lados por brancos exigindo proteção para suas propriedades rurais, enquanto os brancos em Cap-Français protestaram dizendo que ele os deixaria vulneráveis se enviasse tropas para o campo. Uma segunda onda de ataques às plantações, em outubro de 1791, deu o controle aos negros da parte oriental da província, ao longo da fronteira com Santo Domingo.

Após a insurreição dos escravos, segundo Popkin (2007), os porta-vozes brancos e os seus partidários franceses iniciaram diversas propagandas públicas exacerbando a violência dos rebeldes, mostrados como inimigos bárbaros, sanguinários, contra os brancos civilizados. Anunciavam um colapso completo nos locais em que as plantações eram incendiadas. Os brancos eram abatidos sob as lâminas dos assassinos e tinham de fugir para as cidades, abandonando suas plantações. Para o historiador, esses relatos propagandísticos dos acontecimentos em Saint-Domingue têm relevância histórica, porque, ao chegarem na França do século XIX e no mundo ocidental, intensificaram o racismo contra o negro. Popkin (2007) comenta, ainda, que a metrópole e o ocidente não conseguiam compreender que os problemas raciais da ilha eram muito mais complexos do que os propagandistas políticos admitiam.

A história relata que, para resistir ao confronto, os rebeldes solicitaram ajuda às autoridades de Santo Domingo, o lado espanhol da ilha, que viram o conflito como uma oportunidade para recuperar os territórios perdidos há mais de um século. Os historiadores descrevem que, em contrapartida à associação estabelecida entre rebeldes e espanhóis, os *grands blancs* e os *affranchis*, com o apoio das tropas francesas, uniram-se para enfrentar um inimigo comum: os negros rebeldes.

Segundo Pons (1991), devido às incessantes crises de Saint-Domingue, os *grands blancs* e os *affranchis*, proprietários de terras, com o apoio das baionetas francesas, formaram uma frente comum para se proteger dos negros rebeldes; porém, essa “conveniente” aliança foi abalada quando chegou à ilha uma comissão

⁴⁸ Philibert-François Rouxel de Blanchelande foi governador real da colônia de Saint-Domingue, responsável em conter as primeiras invasões rebeldes. Acusado de ter excedido a sua autoridade e de gerir mal o esforço militar francês contra a insurreição, foi levado à França e condenado à morte. Foi executado em abril de 1793.

francesa, conduzida por Leger-Félicité Sonthonax⁴⁹, com um reforço de seis mil soldados e com um decreto assinado por Luís XVI concedendo aos homens livres de cor da ilha os mesmos direitos de qualquer francês: “*Los mulatos fueron ganados por el gobierno revolucionario frances al dictar éste, el 4 de marzo de 1792, el esperado decreto que reconocía la igualdad de los mulatos con los blancos*”⁵⁰ (PONS, 1991, p. 127).

A iniciativa francesa não agradou aos brancos, e a intolerância entre os *grand blancs* e *affranchis* ganhou maiores proporções, levando os *grands blancs* a pedir apoio às tropas inglesas. Conforme Pons (1991), o exército espanhol de Santo Domingo avançou sobre a fronteira, e, enquanto isso, as tropas inglesas, vindas da Jamaica, chegaram ao sul da ilha para somar forças com os brancos contra os rebeldes e para reforçar sua posição frente aos *affranchis*. Segundo o historiador, os franceses teriam sido derrotados se não fosse a decisão de Sonthonax ao decretar a abolição da escravidão na colônia, no dia 29 de abril de 1793. Com esse decreto, o militar francês chamou os escravos rebeldes, agora livres, para compor o seu exército e lutar contra os ingleses, os quais eram apoiados pelos *grand blancs*. “*Toussaint Louverture, un antiguo créole esclavo doméstico, aceptó la proclama y se pasó al lado francés con unos 4.000 hombres*”⁵¹ (PONS, 1991, p. 127). Os negros que não aceitaram o decreto de Sonthonax permaneceram no serviço militar dos espanhóis. Os mestiços também se dividiram, “[...] *algunos apoyaron al gobierno frances, aunque estuvieron desconformes con la abolición de la esclavitud. Otros apoyaron a los grands blancs aliados de los ingleses*”⁵² (PONS, 1991, p. 127).

Foi devido a essa desordem agitada por questões raciais e por interesses econômicos que se instalou a guerra civil na ilha de Saint-Domingue, segundo Pons (1991). O historiador ainda acrescenta que, não bastando a efervescência da guerra civil, o conflito, que começou com uma revolta de escravos, avultou-se, transformando-se em uma guerra internacional entre Espanha, Inglaterra e França.

⁴⁹ Leger-Félicité Sonthonax, comissionário civil francês, chegou à ilha de Saint-Domingue para restabelecer a organização da colônia frente às incessantes crises e deportou o governador/comandante Blanchelande à França.

⁵⁰ Nossa tradução livre: “Os mulatos foram ganhados pelo governo revolucionário francês ao emitir este, em 04 de março de 1792, o esperado decreto que reconhecia a igualdade dos mulatos com os brancos” (PONS, 1991, p. 127).

⁵¹ Nossa tradução livre: “Toussaint Louverture, um antigo *creole* doméstico, aceitou a proclama e passou para o lado francês com uns 4.000 homens” (PONS, 1991, p. 127).

⁵² Nossa tradução livre: “[...] alguns apoiaram o governo francês, embora eles estivessem insatisfeitos com a abolição da escravidão. Outros apoiaram os *grands blancs*, aliados dos ingleses” (PONS, 1991, p. 127).

Popkin (2012) diz que os negros rebeldes, sob a liderança de Toussaint L'Ouverture⁵³, contavam com um exército muito bem organizado e, ainda, com o apoio dos espanhóis do outro lado da ilha. Em contrapartida, o governo francês estava enfraquecido e precisava chegar a um acordo com Toussaint.

Pons (1991) e Popkin (2012) descrevem que o exército espanhol de Santo Domingo avançou sobre a fronteira, enquanto as tropas inglesas chegaram ao sul de Saint-Domingue. Os franceses teriam sido derrotados se não fosse a decisão de Sonthonax de decretar a abolição da escravidão na colônia. Com esse ato, esse comissário francês chamou os escravos rebeldes, então livres, para compor seu exército e lutar contra os ingleses, os quais eram apoiados pelos *grand blancs*. Devido à união com os franceses, Toussaint tornou-se um dos dirigentes das forças republicanas em Saint-Domingue; em 1796, tornou-se general; e, em 1797, general de divisão.

Com o apoio dos negros e dos mestiços revolucionários, o exército francês fortaleceu-se contra os adversários. Os inimigos de outrora uniram forças para enfrentar os ingleses que estavam sendo apoiados pelos *grands blancs* e os espanhóis que apoiavam anteriormente os negros. Desse modo, conforme Pons (1991), os espanhóis foram obrigados a retroceder em seu próprio território e perderam parte dele. Além disso, os ingleses deixaram a ilha em 1798, após perderem 25 mil vidas em cinco anos de guerra. Contudo, o recuo foi motivado por um contrato secreto firmado entre o general britânico Maitland e Toussaint, por meio do qual se negociou a retirada das tropas inglesas em troca de concessões comerciais. Como resultado, o governo francês aceitou a autoridade de Toussaint, mas os *affranchis* não aceitavam serem governados por um ex-escravo. Em 1799, eles se rebelaram e, novamente, instalou-se a guerra civil em Saint-Domingue. Não obstante, no mês de agosto do ano seguinte, os mestiços foram derrotados.

Toussaint L'Ouverture e seus rebeldes, com o apoio dos franceses, conquistaram o poder na ilha após sete anos de violência, e o líder escravo tornou-se governador vitalício. O antigo líder negro rebelde reorganizou a colônia e implementou ações para retomar sua prosperidade: manteve o sistema de plantação e devolveu as propriedades a seus legítimos donos; os ex-escravos voltaram aos seus trabalhos, mas então na condição de assalariados. Além disso, “*una cuarta*

⁵³ Nas bibliografias consultadas ‘Toussaint L'Ouverture’ também aparece como ‘Toussaint Louverture’.

*parte de la producción iría a parar a manos de los trabajadores, la mitad debía ser entregada al Tesoro Público, mientras que el cuarto restante quedaría en manos del propietario*⁵⁴ (PONS, 1991, p. 128).

Os proprietários não gostaram da ideia de dividir seus lucros com seus antigos escravos e lançaram uma campanha difamatória contra Toussaint nos Estados Unidos, na Europa, em Cuba e na França. Restabeleceu-se, com isso, o ambiente conflituoso entre as classes sociais e raciais em Saint-Domingue. Ao perceber que Napoleão Bonaparte⁵⁵ cedia aos interesses burgueses, tanto da metrópole quanto dos antigos proprietários de terras, e planejava enviar tropas francesas para despossuir o general negro do poder, Toussaint invadiu a parte oriental de Saint-Domingue com o objetivo de unificar as duas partes da ilha.

Como previsto, em 29 de janeiro de 1802, segundo Pons (1991), metade das tropas francesas chegaram a Samaná, umas das bahias da parte oriental da ilha, e a outra metade chegou a Cap-Français, na parte ocidental, no dia 3 de fevereiro. Os soldados franceses, sob a liderança do cunhado de Napoleão, o general Leclerc, casado com Paulina Bonaparte, iniciaram as operações de invasão e de domínio da ilha caribenha. Depois de meses de luta, Toussaint e as forças francesas acordaram um armistício. Contudo, o acordo foi quebrado pelos franceses, e o líder negro foi capturando e aprisionando, morrendo na França no ano seguinte.

Pons (1991) comenta que, devido à traição dos franceses, os *affranchis* resolveram unir-se aos negros, sob a liderança de Jean-Jacques Dessalines, ex-escravo e sucessor de Toussaint, e de Henri Christophe⁵⁶, homem livre antes da Revolução. Ambos lideraram um exército de negros e de mestiços contra os franceses, que se renderam em 1803. Para Popkin (2012), esse período representou o mais violento da Revolução Haitiana (1791-1804), já que *“the armies on both sides massacred civilians, enemy prisoners, and those they regarded as potential traitors*

⁵⁴ Nossa tradução livre: “Uma quarta parte da produção iria parar nas mãos dos trabalhadores, a metade devia ser entregue ao Tesouro Público, enquanto o quarto restante permaneceria nas mãos dos proprietários” (PONS, 1991, p. 128).

⁵⁵ Segundo o historiador Popkin (2007, 2012), no ano de 1799, Napoleão Bonaparte, um general de sucesso, assumiu o poder na França. Em sua mente, a liberdade que os revolucionários franceses tinham proclamado provou ser incompatível com a estabilidade política e a ordem social francesa. O novo líder francês tinha ainda menos simpatia pela tentativa de construir uma sociedade multirracial gratuita nas colônias do Caribe pertencentes à França. Sua tentativa de reimpôr o domínio branco em *Saint-Domingue*, em 1802 e 1803, provocou a fase mais violenta de toda a Revolução Haitiana.

⁵⁶ Nas bibliografias consultadas, o nome aparece grafado ora como ‘Henri Christophe’, ora como ‘Henry Christophe’.

*in their own ranks*⁵⁷ (POPKIN, 2012, p. 115). A crueldade da guerra atingiu, assim, toda a população haitiana da época.

Em abril de 1802, a febre amarela dizimou as tropas francesas, pouco acostumadas com o clima de Saint-Domingue e sem defesas contra a epidemia. Pons (1991) comenta que “[...] *los negros y mulatos de Saint-Domingue contaron con la ayuda de un poderoso aliado: la fiebre amarilla*”⁵⁸ (PONS, 1991, p. 129), e que, dos 58 mil soldados franceses enviados à ilha, entre 1802 e 1803, mais de 50.250 mil perderam suas vidas. Foi devido às inúmeras mortes ocasionadas pela febre amarela que os revolucionários, negros e mestiços, liderados por Dessalines e Christophe, conseguiram finalmente tomar o poder de Saint-Domingue.

Jackson e Bacon (2010) comentam que, em janeiro de 1804, os ex-escravos de Saint-Domingue, somados aos mestiços, proclamaram a independência do Haiti – “[...] *the name was a reference to its indigenous people (and was spelled Hayti by many nineteenth-century African Americans)*”⁵⁹ (JACKSON; BACON, 2010, p. 11) –, e Dessalines tornou-se o governador vitalício da ilha. Geggus (2002) afirma que a insurreição escrava de Saint-Domingue foi a maior registrada na história do “Novo Mundo” e no curso de treze anos de guerra desoladora, levando à criação do primeiro Estado independente da América Latina. “*To protect their vision of that renewed community, creoles defied the world and formed their own republic, Haiti*”⁶⁰ (GARRIGUS, 2006, p. 314).

Para Mezilas (2009), o levante escravo ocorrido em Saint-Domingue “[...] *fue la primera revolución servil en la historia moderna, la primera descolonización en el tercer mundo y su primera afirmación a nivel histórico*”⁶¹ (MEZILAS, 2009, p. 36). Além disso, foi “[...] *la primera victoria de un país no europeo sobre un país europeo; la primera promoción estelar de un jefe negro (Toussaint Louverture) a nivel*

⁵⁷ Nossa tradução livre: “Os exércitos de ambos os lados massacraram civis, prisioneiros inimigos e aqueles que consideravam traidores em potencial em suas próprias fileiras” (POPKIN, 2012, p. 115).

⁵⁸ Nossa tradução livre: “[...] os negros e mulatos de Saint-Domingue contaram com a ajuda de um poderoso aliado: a febre amarela” (PONS, 1991, p. 129).

⁵⁹ Nossa tradução livre: “O nome era uma referência a seus povos indígenas (e foi chamado por Hayti por muitos afro-americanos do século XIX)” (JACKSON; BACON, 2010, p. 11).

⁶⁰ Nossa tradução livre: “Para proteger a visão dessa sociedade reformada, os *creoles* desafiaram o mundo e formaram sua própria república, o Haiti” (GARRIGUS, 2006, p. 314).

⁶¹ Nossa tradução livre: “[...] foi a primeira revolução servil na história moderna, a primeira descolonização no terceiro mundo e sua primeira afirmação a nível histórico” (MEZILAS, 2009, p. 36).

histórico”⁶² (MEZILAS, 2009, p. 36).

A Revolução Haitiana (1791-1804) libertou tanto o lado ocidental da ilha, sob domínio francês, quanto o lado oriental, sob domínio espanhol. Ainda alforriou os escravos negros trazidos da África e aqueles nascidos na colônia francesa, os *creoles*. Em 1821, o lado leste da ilha caribenha, Santo Domingo, tornou-se a atual República Dominicana. Tanto o Haiti quanto a República Dominicana atualmente pertencem à região do Caribe.

Jean-Jacques Dessalines, segundo Pons (1991), manteve a política econômica organizada por Toussaint, que consistia em conservar intactas as antigas plantações com seus trabalhadores na terra. Durante a guerra, os brancos fugiram ou foram mortos. Geggus (2002) relata que, em abril de 1804, após completar o massacre do restante dos colonos brancos, Dessalines “[...] *proclaimed that no European would ever again be a proprietor in Haiti, and he declared enigmatically, ‘I have avenged America’*”⁶³ (GEGGUS, 2002, p. 207).

Pons (1991) descreve que Dessalines confiscou as terras dos homens brancos e lhes vedou o direito à propriedade no Haiti. Também anulou todas as vendas e doações de terra que haviam sido feitas nos anos anteriores. Geggus (2002) diz que, provavelmente, os ex-escravos vitoriosos do Haiti e a elite dos mestiços desejavam enfatizar, simbolicamente, a sua ruptura com a Europa. Ainda conforme Pons (1991), Dessalines proibiu os negros de abandonar as plantações, a não ser sob concessão do governo; como consequência, tornou-se impopular e foi assassinado, em 1806.

Com sua morte, a aristocracia haitiana, composta por negros e mestiços, foi dividida “[...] *en dos repúblicas despóticas: Henry Christophe, en el norte y Alexandre Pétion, en el sur*”⁶⁴ (MEZILAS, 2009, p. 36). Segundo Mezilas (2009), essa situação gerou um retrocesso na construção do Estado-nação haitiano. Ao sul, Pétion, com o apoio de outros generais, a maioria *affranchis* resistia ao poder, imposto por Henri Christophe. Desse modo, Christophe estabeleceu seu próprio governo e rejeitou a constituição de 1806, estabelecida por Dessalines; enquanto isso, seus oponentes

⁶² Nossa tradução livre: “[...] a primeira vitória de um país não europeu sobre um país europeu; a primeira promoção estelar de um chefe negro (Toussaint Louverture) a nível histórico” (MEZILAS, 2009, p. 36).

⁶³ Nossa tradução livre: “Proclamou que nenhum europeu jamais seria um proprietário no Haiti, e declarou, enigmaticamente: ‘Eu vinguei a América’” (GEGGUS, 2002, p. 207).

⁶⁴ Nossa tradução livre: “[...] em duas repúblicas despóticas: Henry Christophe, no norte, e Alexandre Pétion, no sul” (MEZILAS, 2009, p. 36).

elegeram Pétion como presidente da parte sul da ilha haitiana.

Dubois (2004) observa que houve pouca paz após a independência do Haiti. Dessalines teve um curto reinado, interrompido por sua morte, e a jovem nação novamente encontrou-se em uma guerra civil entre a parte norte e sul da ilha. Em 1811, Christophe reorganizou seu estado, ao converter a parte norte da ilha haitiana em um reino. Além disso, beneficiou seus conselheiros principais com doações de terras e títulos de nobreza.

Dubois (2004) descreve que, ao se autoproclamar o rei do norte, Christophe construiu, entre os anos de 1805 e 1820, uma impressionante fortaleza nas encostas das montanhas que fazem fronteira com a Planície do Norte, acima de seu palácio de Sans-Souci, a Ciudadela La Ferrière (conforme as Figuras 5 e 6, em anexo). Situada no topo de uma montanha e em uma região inóspita, além de simbolizar o poder monárquico, a Ciudadela foi construída para evitar possíveis ataques externos, principalmente dos franceses.

Henri Christophe, além de se autoproclamar rei do norte e construir a Ciudadela La Ferrière e o seu palácio em Sans-Souci, deu sequência à política econômica implantada por Toussaint ao manter as produções e exportações das plantações como era no período colonial, segundo Pons (1991).

Ao permitir que seus generais e oficiais mais importantes arrendassem ou administrassem as plantações, Christophe, obrigou-os a manter o mesmo nível de produção agrícola anterior à Revolução e fez com que entregassem “[...] *un cuarto del producto al Estado y [...] otro cuarto en pago de salarios a los trabajadores, conservando ellos el 50 por 100 restante*”⁶⁵ (PONS, 1992, p. 133).

Para Popkin (2012), à medida que a luta aberta se desenvolvia entre os dois governos rivais das partes sul e norte do Haiti, o Senado transferiu muitos de seus poderes a Pétion. Em 1816, uma nova constituição, elaborada no sul, deu ao general mestiço o título de presidente vitalício, estabelecendo um padrão seguido pela maioria dos governantes haitianos nos dois primeiros terços do século XIX.

Em 1818, segundo Pons (1992), Pétion foi sucedido por seu secretário e ministro, o general Jean-Pierre Boyer. Dois anos mais tarde, em outubro de 1820, o rei do norte, Henri Christophe, sofreu um derrame; enfraquecido, seus próprios homens, cansados de seu absolutismo e do enorme trabalho imposto à população

⁶⁵ Nossa tradução livre: “[...] um quarto do produto do Estado [...] outro quarto ao pagamento de salários aos trabalhadores, conservando para eles os 50 por cento restante” (PONS, 1992, p. 133).

para construir a Ciudadela, organizaram uma conspiração. Um pouco antes de a população incendiar o palácio de Sans-Souci, Christophe cometeu suicídio. Após sua morte, Boyer, com o apoio dos rebeldes da parte norte da ilha, invadiu Cap-Haïtien⁶⁶ e tornou-se presidente de toda a nação do Haiti.

A Revolução Haitiana (1791-1804), de acordo com Popkin (2012), foi o movimento mais importante para o futuro das Américas, e de todo o mundo, porque atingiu as instituições da escravidão e da hierarquia social.

*The constitution of the United States, drawn up in 1787, spoke of freedom, but left hundreds of thousands of blacks in servitude; even free black people were denied the full rights of citizens. In contrast, the Haitian constitution of 1805 proclaimed that "slavery is abolished forever" and that "all distinctions of color among members of the same family must necessarily stop"*⁶⁷ (POPKIN, 2012, p. 2).

A França, segundo o autor, não reconheceu a independência do Haiti até 1825, e demorou várias décadas antes que as características duradouras da sociedade pós-revolucionária haitiana se tornassem evidentes. Mesmo assim, o combate da Revolução Haitiana (1791-1804) contra a escravidão e a discriminação racial se tornou a mais radical das insurreições revolucionárias americanas contra o domínio europeu. *"No study of the revolutionary era that laid the basis for the modern world can afford to ignore this movement"*⁶⁸ (POPKIN, 2012, p. 2).

A exposição de aspectos historiográficos sobre a Revolução Haitiana (1791-1804) neste texto não ultrapassa o período da queda da monarquia de Henri Christophe, em 8 de outubro de 1820, e o domínio do poder da parte norte haitiana por Jean-Pierre Boyer (1818-1843), porque as releituras históricas que compõem o *corpus* desta dissertação contemplam esse período historiográfico.

A obra cubana inicia sua trama literária a partir do período em que François Mackandal ainda era um escravo, aproximadamente na década 1750, até a chegada dos primeiros mestiços na província do norte, após 1820. *La isla bajo el mar* (2009) contempla o período em que chegaram os primeiros espanhóis na ilha, no ano de

⁶⁶ Após a dominação do exército do sul chamada *Cap-Henri*, a cidade era antes conhecida por *Cap-Français*.

⁶⁷ Nossa tradução livre: "A constituição dos Estados Unidos, redigida em 1787, falou da liberdade, mas deixou centenas de milhares de negros em servidão; mesmo a negros livres foram negados os direitos plenos dos cidadãos. Em contraste, a constituição haitiana, de 1805, proclamou que "a escravidão é abolida para sempre" e que "todas as distinções de cor entre os membros da mesma família devem necessariamente parar" (POPKIN, 2012, p. 2).

⁶⁸ Nossa tradução livre: Nenhum estudo da era revolucionária que estabeleceu as bases para o mundo moderno pode dar-se ao luxo de ignorar esse movimento. (POPKIN, 2012, p. 2).

1492, até o término da Revolução Haitiana (1791-1804), e, ainda, relata o exílio dos refugiados de Saint-Domingue em Cuba e nos Estados Unidos. São essas releituras ficcionais que, a seguir, ocupam nosso interesse.

2 A TRAJETÓRIA DO ROMANCE HISTÓRICO: FASES E MODALIDADES DO GÊNERO HÍBRIDO DE HISTÓRIA E FICÇÃO

Neste estudo, de forma recorrente, fazemos a correlação entre o novo romance histórico latino-americano e o romance histórico contemporâneo de mediação, os quais, segundo Fleck (2017), contemplam a segunda e a terceira fases do gênero, respectivamente, cujas ressignificações do passado pela ficção ocorrem de forma crítica. Esse é o caso das duas obras que são objeto de estudo desta dissertação: *El reino de este mundo* (2012[1949]), pertencente à segunda fase – a crítica e desconstrucionista –, e *La isla bajo el mar* (2009), modelo de romance linear que se encaixa na terceira fase do gênero – a mediativa. Também estabelecemos constantes relações entre a história tradicional hegemônica, que registrou o passado latino-americano com base nas perspectivas eurocêntricas, e as ressignificações desse discurso pela ficção.

Desse modo, faz-se necessário compreendermos em quais alicerces literários e históricos essas produções literárias propostas para análise foram constituídas. Em vista disso, expomos as principais particularidades das cinco modalidades do romance histórico definidas por Fleck (2017) – romance histórico clássico, tradicional, novo romance histórico latino-americano, metaficção historiográfica e o romance histórico contemporâneo de mediação – para, na sequência, iniciarmos a análise dos dois romances híbridos que releem o passado haitiano.

Primeiramente, interessa-nos verificar algumas das diferenças e aproximações entre história e literatura. Segundo Mata Induráin (1995), essas duas áreas se desenvolveram de forma integrada durante muitos anos, como vemos, por exemplo, nas epopeias gregas, nos poemas homéricos, no *Cantar de Mío Cid*⁶⁹ e nas crônicas medievais.

Somente em meados do século XIX “[...] *habrá una progresiva reducción de la dimensión épica, mítica y dramática de la historia, pasando a predominar la explicación e interpretación sobre el mero relato de los hechos*”⁷⁰ (MATA INDURÁIN, 1995, p. 14). Hutcheon (1991) descreve que essa tentativa de colocar história e

⁶⁹ Essa obra representa primeiro trabalho poético extenso da literatura espanhola. Não tem autoria e data de publicação conhecidas, mas acredita-se que veio a público por volta de 1.200 d.C.

⁷⁰ Nossa tradução livre: “Somente desde meados do século XIX, à medida que a autonomia da história e da literatura foram levadas em consideração, haverá uma redução progressiva da dimensão épica, mítica e dramática da história, com a explicação e a interpretação prevalecentes sobre a mera história dos fatos” (MATA INDURÁIN, 1995, p. 14).

literatura em lugares separados e definidos surge na contemporaneidade, na era pós-moderna, porque até a segunda metade do século XIX, antes da ascensão da história científica, a literatura e a história eram consideradas parte da mesma árvore de aprendizagem, embora fossem apresentadas como disciplinas distintas.

A história, segundo Fleck (2017), está ancorada no pressuposto da veracidade, o que a diferencia da literatura, cuja base é verossímil. Entretanto, o autor entende que tanto a veracidade histórica quanto a verossimelhança literária revelam a subjetividade do narrador, isto é, há “[...] na atuação do historiador, um processo de (re)organização dos acontecimentos e uma configuração imaginativa das personagens presentes na narrativa” (FLECK, 2017, p. 29). Com base nessa interpretação, compreendemos que, embora a história tenha adquirido um caráter científico a partir da modernidade e da pós-modernidade, tendo sido pautada no real, no tangível, ela nunca deixou de estar sujeita à parcialidade de sua autoria.

Essa complexidade revela-se ainda mais densa quando se tomam para análise romances históricos altamente críticos e desconstrucionistas surgidos na América Latina a partir de 1949 em que se apresentam releituras críticas da história pela ficção. Essa data apontada pelo autor, refere-se à publicação da obra *El reino de este mundo* (2012[1949]). Essa narrativa híbrida⁷¹ marcou o início da segunda fase do gênero, com a modalidade crítica e desconstrucionista do romance histórico surgida na América Latina, segundo expõe Fleck (2017).

Como a história e o romance histórico se correlacionam pela subjetividade de sua autoria em relação à construção textual, muitas pesquisas, como a de Fleck (2017), pautam-se nas transformações ocorridas no âmbito da historiografia, principalmente a partir da década de 70 do século XX, com a ascensão do que se denominou de ‘nova história’. A partir desse momento, surgiram vários estudos, tanto na arena da literatura quanto no campo da história, com o propósito de desconstruir a visão de que a “história tradicional”, de caráter unívoco, seja, ainda nos dias de hoje, dotada de poder para instaurar a “verdade” sobre as vozes marginalizadas no percurso da história.

Para Fleck (2017), desde o século XIX, a história tradicional esteve pautada

⁷¹ Fusão entre elementos – dados, nomes, assertivas etc. – oriundos do discurso da história com outros discursos típicos da ficção na escrita de um texto. A expressão é usada por Fleck (2011) no artigo “Gêneros híbridos da contemporaneidade: o romance histórico contemporâneo de mediação – leituras no âmbito da poética do descobrimento”. Sem um autor específico que o tenha cunhado, esse termo tem sido usado há muito tempo na crítica literária que se dedica ao gênero romance histórico.

na pretensão de criar uma narrativa absolutamente objetiva, que, no decorrer dos anos, começou a mostrar-se cada vez menos possível e sustentável, pois, “[...] com os avanços dos estudos sobre a narratologia, por exemplo, evidencia-se, cada vez mais, o caráter de construção discursiva da escrita, seja ela no âmbito que for” (FLECK, 2017, p. 29).

Considerando essa linha de análise, compreendemos que a história oficial hegemônica pode deixar ausências, lacunas que, em muitos casos, podem ser preenchidas por meio da literatura, que não tem nenhuma obrigação com a “verdade”. O discurso ficcional pode complementar eventos que foram relativizados a partir de um olhar específico ou confrontá-los ao apresentar outras versões dos mesmos fatos. Essas releituras ficcionais do passado podem dar-se de diferentes maneiras em relação aos fatos narrados pela historiografia: desde aquelas que corroboram as versões hegemônicas até as que, abertamente, voltam-se para sua crítica e desconstrução, como veremos na sequência.

2.1 CÂNONES EUROPEUS: DO ROMANCE HISTÓRICO CLÁSSICO AO TRADICIONAL

O romance, de acordo com Coutinho (1986), surgiu na Europa no século XVIII, tornando-se um amplo movimento internacional; um estilo artístico individual e de época; um fato em oposição à tradição neoclássica setecentista, inspirada nos modelos medievais. Enquanto as epopeias eram focadas no coletivo, o romance se constitui no espaço privado. Esse individualismo é consequência das intensas mudanças sociais ocorridas na Europa do século XVIII e XIX. O novo gênero surge junto à classe burguesa que vê a literatura como uma projeção dos próprios conflitos emocionais. E, junto ao romantismo, surge outra modalidade literária nesse contexto da afirmação do gênero romanesco: o romance histórico. Essas descrições também são corroboradas por Mata Induráin (1995), conforme expressa o pesquisador:

Las épocas de crisis política, filosófica y religiosa suelen ser las épocas en las que la novela histórica experimenta un cultivo y una popularidad notables. Así es como después del auge de la novela histórica del Romanticismo en la segunda mitad del siglo XIX, observamos por los mismos motivos también en nuestro siglo, sobre todo en sus dos últimos

*tercios, un sorprendente resurgimiento del género*⁷² (MATA INDURÁIN, 1995, p. 9).

O romance histórico, segundo Lukács (1977), aparece em meio à efervescência social e política da Revolução Francesa (1789-1799): a ascensão e a queda de Napoleão, a revolução industrial na Inglaterra, a classe burguesa, as lutas revolucionárias ocorridas em toda a Europa entre os anos de 1789 a 1814 e as guerras dos estados absolutistas.

Esse gênero romanesco, de acordo com Mata Induráin (1995), é aquele em que a ação – fictícia, inventada – ocorre em um passado – real, histórico – mais ou menos longínquo e, ao menos, busca reconstruir a época em que situa sua ação. Segundo o autor, esse gênero romanesco é uma mescla de invenção e de realidade. Por um lado, exige-se a reconstrução de um passado histórico mais ou menos remoto, para o qual o autor deve trazer uma série de materiais não fictícios.

Em consequência desse ambiente de intensas mudanças sociais na Europa, mais amplamente entre o feudalismo e o capitalismo, emerge esse novo fenômeno literário, que é marcado com a obra *Waverley* (1814), de Walter Scott. Essa obra intencionalmente híbrida de história e ficção dá início à modalidade clássica do romance histórico.

Além de *Waverley* (1814), Walter Scott escreveu vários outros romances históricos clássicos que foram publicados na sequência: *Guy Mannering, or the Astrologer* (1815), *Rob Roy* (1817) e *Ivanhoé* (1819), entre tantos outros que consagraram esse autor escocês como o fundador do gênero.

Foram, pois, as obras de Scott – definido por Mata Induráin (1995) como o pai da novela histórica – que, inicialmente, marcaram essa tendência literária. Nos romances híbridos de Walter Scott, segundo Fleck (2017), há inserções, num tempo passado, de personagens puramente ficcionais que se adaptam tão perfeitamente às condições psicológicas e sociais das demais personagens, oriundas da história e reconfiguradas pela ficção, que se torna difícil perceber sua distinção.

Para Fleck (2017), essa modalidade clássica scottiana não apresentava nenhuma revisão crítica dos eventos históricos, e o processo de criação das obras

⁷² Nossa tradução livre: “Os tempos de crise política, filosófica e religiosa são geralmente as épocas em que o romance histórico apresenta um notável cultivo e popularidade. É assim que, após o surgimento do romance histórico do romantismo na segunda metade do século XIX, observamos pelas mesmas razões também em nosso século, especialmente nos últimos dois terços, um ressurgimento surpreendente do gênero” (MATA INDURÁIN, 1995, p. 9).

esteve muito mais ligado à tentativa de gerar empatia com o público leitor da época – que reconhecia, claramente, esse passado de sua nação e os conflitos ali apresentados – do que com a intenção de revisar a história.

Apoiado nas pesquisas de Márquez Rodríguez (1990), Fleck (2017) recompila as principais características dos romances históricos clássicos de Walter Scott e seus seguidores, cujas peculiaridades fundamentais são quatro:

1- Presença de um “pano de fundo” cuja ambientação é feita com base em um período histórico real, mais ou menos distante do tempo do romancista. Esse “pano de fundo” é constituído de um rigoroso caráter histórico. Nele apresentam-se figuras históricas bem conhecidas, cujos nomes autênticos são mantidos na diegese. [...] 2- Ao “pano de fundo”, sobrepõe-se uma trama ficcional na qual personagens artisticamente compostas vivenciam suas aventuras, que são o centro da narrativa. Essas personagens, puramente ficcionais, são as protagonistas. Elas, contudo, adequam-se às características de existência comum dadas por aquelas personagens da época real do “pano de fundo”. [...] 3- Por via de regra, e mantendo-se dentro dos padrões e princípios da escola romântica, a grande maioria das obras de Scott, e de seus sucessores, apresenta, nessa trama ficcional em primeiro plano, uma história problemática de amor – relatada por um narrador onisciente –, cujo desfecho pode ser tanto feliz quanto trágico [...] 4- A trama ficcional é o componente essencial da obra, e nela se concentra a atenção tanto do autor como do leitor. O contexto histórico “real” constitui-se somente no “contexto” das ações romanescas. Isso não significa que o “pano de fundo” não tenha qualquer valor, já que é nele se encontram configurados todos os elementos fundamentais que determinam o tempo e o espaço, o ambiente e a atmosfera da obra (FLECK, 2017, p. 44).

Para Fleck (2017), os romances históricos clássicos foram marcados pelas obras de Walter Scott e seus tantos seguidores. Tais obras apresentam algumas características divergentes da modalidade que a seguiu: o romance histórico tradicional. Para o autor, os parâmetros estabelecidos pelo romance histórico clássico começaram a ser rompidos ainda no romantismo, com o romance *Cinq Mars* (1826), de Alfred de Vigny, “[...] no qual, ao contrário do que ocorria nos romances scottinianos, os fatos históricos não mais constituem ‘pano de fundo’, mas são eles os elementos principais da diegese romanesca” (FLECK, 2017, p. 47). Essa tendência revisionista da história pela ficção está, conforme aponta o autor, presente já na primeira obra mista de história e ficção produzida em solo latino-americano, o romance anônimo *Xicoténcatl* (1826). Contudo, ela se afirmaria como tendência geral apenas no século seguinte no mesmo espaço latino-americano.

Fleck (2017) descreve seis características que diferenciam os romances históricos tradicionais dos romances históricos clássicos:

1- Desaparece a estrutura do “pano-de-fundo histórico” comum no romance clássico, e o evento histórico e seus protagonistas focalizados na narrativa ficcional constituem o eixo único do romance. 2- A ideologia que perpassa a escrita do romance histórico tradicional comunga com a da historiografia a intenção da construção de um discurso que exalta e/ou mitifica o herói do passado, pela aclamação de suas qualidades e pelo valor de suas ações, revelando-o como modelo de sujeito do passado para o cidadão/leitor do presente. 3- As ações narradas no romance histórico tradicional seguem a linearidade cronológica dos eventos históricos retomados na ficção para dar a impressão de que o tempo é um fluir constante e ininterrupto e que a história é incontestável por seu caráter cronológico. 4- A visão onisciente, comum no modelo clássico, pode ser substituída, nessa modalidade tradicional, por visões individualizadas, ancoradas em narrações em primeira pessoa, homo ou autodieéticas. Essa alteração rompe com a distância épica entre o fato narrado e sua recepção, pois possibilita ao leitor real dar-se conta de que o passado é o gerador das situações presentes. Desse modo, o foco narrativo possibilita a subjetivação do material histórico incluído na diegese. 5- Prevalece na narrativa do romance histórico tradicional a intenção de ensinar a versão histórica hegemônica do passado ao leitor. Isso acarreta, muitas vezes, um acentuado didatismo do romance e a sobreposição dos elementos históricos na tessitura da narrativa. Nesse contexto, o conteúdo histórico a ser ensinado ao leitor no romance ganha o aval de uma perspectiva muitas vezes bastante convincente, ancorada no foco narrativo escolhido como voz enunciativa do discurso. 6- As personagens romanescas passam a ser, na maioria dos casos, aquelas já consagradas como grandes heróis na historiografia, e as puramente ficcionais podem até desaparecer totalmente da diegese. Ao centralizar a atenção em personagens bem conhecidas e suas ações, o relato ficcional reelabora o passado registrado pela história com tons efusivos e consagra, desse modo, a versão perpetrada pelo discurso historiográfico (FLECK, 2017, p. 50).

As características dos romances históricos clássico e tradicional – que constituem a fase acrítica do gênero romance histórico, de acordo com os apontamentos de Fleck (2017) –, assim como os relatos historiográficos presentes no primeiro capítulo desta dissertação, contribuem para compreendermos as confluências e divergências entre as modalidades de romances históricos, em especial nas duas obras propostas para análise nesta pesquisa: o primeiro novo romance histórico latino-americano, *El reino de este mundo* (2012[1949]), de Alejo Carpentier, e o romance de mediação *La isla bajo el mar* (2009), de Isabel Allende.

A primeira obra destaca-se ao romper totalmente com as modalidades anteriores – instaurando a fase crítica do gênero –, enquanto a segunda mantém, em partes, algumas características dos romances clássicos e tradicionais e, ao mesmo tempo, apresenta, de forma mais tênue, muitas das características do novo romance histórico latino-americano, sendo, portanto, exemplar da modalidade definida por Fleck (2007) como romance histórico contemporâneo de mediação.

Considerando que o *corpus* de análise é composto por obras que se

caracterizam como novo romance histórico latino-americano e romance histórico contemporâneo de mediação, conforme já explicitado, passamos, na sequência, a abordar as diferenças entre as distintas modalidades do gênero, que, ao longo dos últimos séculos, foram se instituindo como tendências marcantes dentro das escritas híbridas de história e ficção.

2.2 FASE CRÍTICA DO ROMANCE HISTÓRICO: DA RUPTURA LATINO-AMERICANA À MEDIAÇÃO

É possível observar que a criticidade na literatura a respeito da história hegemônica – que nas modalidades dos romances históricos clássico e tradicional estava ausente – vem a instaurar-se como forte tendência com o surgimento, na América Latina, de um romance histórico que, pela primeira vez, reconta a história da colonização das Américas por um viés divergente das modalidades anteriores, que enalteciam os heróis europeus. Essa obra é chamada de *Xicoténcatl*, de autor anônimo, e foi publicada em 1826, na Filadélfia, Estados Unidos. Segundo González e Fleck (2016), trata-se do primeiro romance histórico hispano-americano. Nele já se apresentam as rupturas iniciais com o modelo scottiano. A obra traz como tema central os fatos históricos que levaram à conquista do México por Hernán Cortés e a sua luta com os nativos da região.

Segundo os autores, esse primeiro romance histórico latino-americano apresenta uma visão oposta àquela presente nos romances históricos clássico e tradicional. Estes apenas se valiam dos elementos históricos como pano de fundo para uma narrativa ficcional que não questionava as ações das personagens do passado histórico. Isso ocorre em *Xicoténcatl* porque nele não se exalta a conquista da América pelos europeus, assim como faz a historiografia tradicional. Em *Xicoténcatl* (1826), “[...] as personagens indígenas são enaltecidas e elevadas a heróis, enquanto que os heróis da história oficial, os conquistadores espanhóis, são degradados a vilões” (GONZÁLEZ; FLECK, 2016, p. 297). Desse modo, essa obra é pioneira na América Latina no aspecto crítico acerca da história de base eurocêntrica porque enaltece aqueles que foram marginalizados⁷³, tanto pela história

⁷³ Expressão usada, entre outros teóricos, por Fleck (2017), para fazer referência às personagens que ficaram à margem social, que foram excluídas dos registros históricos hegemônicos, como:

oficial quanto pelas literaturas clássicas e tradicionais; e, ainda, expõe os conquistadores europeus como invasores, algo incomum nas produções literárias desse período.

Para González e Fleck (2017), *Xicoténcatl* (1826) critica a conquista da América espanhola ao utilizar a história oficial exposta na crônica *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España* (1632), escrita por Antonio de Solís. Fleck (2014) considera que essa obra é o embrião do novo romance histórico latino-americano, que surgiu um século mais tarde, com a obra *El reino de este mundo* (2012[1949]), publicado em 1949, do escritor cubano Alejo Carpentier.

El reino de este mundo (2012[1949]), conforme mencionado, foi publicado em 1949; entretanto, essa forte tendência crítica da produção mista da América-Latina só se consolidou três décadas mais tarde, como podemos observar nos estudos de Aínsa (1991). O crítico uruguaio menciona que foi a partir dos anos 70 do século XX que surgiram diversas obras que podem ser classificadas como novo romance histórico latino-americano. Para o autor, parece que os escritores latino-americanos, nessa época, necessitavam aprofundar-se em sua própria história, no imaginário individual e coletivo do passado histórico e da ficção.

Para o crítico literário, essas obras se encontram em uma mescla de história e ficção e fundem-se nesse resgate do imaginário individual e coletivo. O autor também descreve que esse tipo de romance relê a história, valendo-se de modalidades anacrônicas da escrita, do pastiche, da paródia e do grotesco, com a finalidade de desconstruir a história oficial.

O autor destaca, ainda, a paródia como a principal técnica de escrita dessa modalidade do gênero e cita o recorrente interesse crítico pela história colonial e pela independência a partir do século XIX até a modernidade.

Antes de darmos sequência às características do novo romance histórico latino-americano, conceituamos a paródia e o grotesco, porque iremos, posteriormente, no capítulo 3, analisar como alguns desses recursos discursivos ocorrem na obra *El reino de este mundo* (2012[1949]) e, assim, instauram a fase crítica e desconstrucionista do gênero, de acordo com a visão de Fleck (2017).

Hutcheon (1991) se refere à paródia como um elemento pós-moderno presente na arquitetura, na literatura, na pintura, no cinema ou na música, o qual

também se funde aos discursos da História, da Sociologia, da Teologia, da Ciência Política, da Economia, da Filosofia etc. Enfim, a paródia pós-moderna “utiliza sua memória histórica e sua introversão estética para indicar que esse tipo de discurso auto-reflexivo está sempre inextricavelmente preso ao discurso social” (HUTCHEON, 1991, p. 58).

Para Hutcheon (1991), talvez, a paródia tenha se tornado uma modalidade privilegiada da autorreflexividade formal do pós-modernismo. Isso se dá porque

[...] sua incorporação paradoxal do passado em suas próprias estruturas muitas vezes aponta para esses contextos ideológicos de maneira um pouco mais óbvia, mais didática do que as outras formas. A paródia parece oferecer, em relação ao presente e ao passado, uma perspectiva que permite ao artista falar para um discurso a partir de dentro desse discurso, mas sem ser totalmente recuperado por ele. Por esse motivo, a paródia parece ter se tornado a categoria daquilo que chamei de “ex-cêntrico”, daqueles que são marginalizados por uma ideologia dominante (HUTCHEON, 1991, p. 58).

Ainda segundo a autora, nota-se, nas produções pós-modernas, que a paródia se tornou um dos recursos favoritos dos escritores, inclusive, porque,

[...] sem dúvida, a paródia passou a ser uma estratégia muito popular e eficiente dos outros ex-cêntricos – dos artistas negros ou de outras minorias étnicas, dos artistas gays e feministas – que tenham um acerto de contas e uma reação, de maneira crítica e criativa, em relação à cultura ainda predominantemente branca, heterossexual e masculina na qual se encontram (HUTCHEON, 1991, p. 58).

Desse modo, com base nas reflexões de Hutcheon (1991), podemos afirmar que a paródia pós-moderna é um dos recursos estruturalistas das obras *El reino de este mundo* (2012[1949]) e de *La isla bajo el mar* (2009). Nesses romances híbridos, a paródia é constituída a partir do discurso dos minoritários – do “ex-cêntrico”, como se refere a autora àqueles relegados ao apagamento na escrita oficial – em oposição ao discurso do dominador – cuja perspectiva se perpetrou ao longo dos séculos pela escrita. Uma dessas evidências é o fato de seus protagonistas estarem à margem social do período historiográfico retratado nas duas narrativas. Assim, o discurso paródico presente nessas obras literárias se constitui a partir das visões e das vozes desses personagens principais que são construídos como representações metonímicas de integrantes de grupos sociais desse período historiográfico haitiano – século XVIII e início século XIX – que eram explorados pelas minorias dominantes

de origem europeia.

Em vista disso, compreendemos que a construção paródica presente nesses textos literários tem como propósito ironizar o discurso eurocêntrico – quando não debochar dele – refletido pela história oficial, para criar no público leitor um pensamento crítico sobre as ‘verdades absolutas’ implantadas ao longo dos séculos pelos colonizadores. Ou seja, o propósito da paródia é a transformação do “discurso social”, como reflete Hutcheon (1991).

Para Hutcheon (1991), a paródia pós-moderna questiona aquelas teorias e práticas que eliminavam de sua análise a localização da produção discursiva, como a recepção, os contextos históricos, sociais, políticos e estéticos que interferem na produção discursiva. Assim, literaturas críticas e desconstrucionistas, como as obras em análise nesta dissertação, em especial a obra *El reino de este mundo* (2012[1949]) – devido ao nível de criticidade social – retratam o discurso do minoritário, ao trazer para o espaço protagonico sujeitos à margem do sistema. Isso, consequentemente, insere tais obras no conjunto crítico de produções paródicas pós-modernas. Tais constatações serão mais perceptíveis nas análises das respectivas obras literárias constantes nos subcapítulos 3.1 e 3.2.

Já com relação ao grotesco, também em parte presente no romance de Carpentier, consideramos esse conceito, de acordo com Kayser (2013), como uma forma de arte na qual prevalece o heterogêneo, com mesclas entre a confusão, o fantástico e, ainda, o estranhamento frente ao mundo. Conforme expõe o crítico, o grotesco é

[...] o contraste pronunciado entre forma e matéria (assunto), a mistura centrífuga do heterogêneo, a força explosiva do paradoxal, que são ridículos e horripilantes ao mesmo tempo. Como na estética do século XVIII, os conceitos de caricatura, mas também os do trágico e do cômico, penetram agora nos enunciados: ‘A caricatura é uma vinculação passiva do ingênuo e do grotesco’. [...] Se déssemos outra forma à equação, resultaria que o grotesco é a caricatura sem ingenuidade (KAYSER, 2013, p. 56-57).

Além disso, o autor, para definir o grotesco no gênero romance, usa a expressão ‘tragicomédia’, um misto de tragédia e comédia. Desse modo, a partir dessa compreensão do grotesco no romance, evidenciamos diversas passagens em *El reino de este mundo* (2012[1949]) que expressam esse grotesco literário, como é exemplo a descrição das cabeças de cera e das cabeças decapitadas dos bezerros

no primeiro capítulo da obra, “Las cabezas de cera”⁷⁴. A princípio, esse fragmento literário parece não fazer sentido na sequência narrativa, algo que parece ser estranho, cômico e, ao mesmo tempo, bizarro. Porém, se recorrermos à história oficial acerca das decapitações que ocorreram durante a Revolução Francesa (1791-1804) e Haitiana (1791-1804), esse fragmento narrativo passa a ter coerência, conforme analisamos no subcapítulo 3.1.

No que tange às características do novo romance histórico, Aínsa (1991) descreve que essa modalidade romanesca deixa de ser uma “[...] *crónica fiel de la historia (modelo realista) o elaborada formulación estética (modelo modernista)*” (AÍNSA, 1991, p. 82-83)⁷⁵, já que a escrita híbrida de história e ficção “*ha cedido a una polifonia de estilos y modalidades expresivas*” (AÍNSA, 1991, p. 83)⁷⁶.

Fleck (2017) considera que essa polifonia de estilos e modalidades expressivas (AÍNSA, 1991) das produções críticas e desconstrucionistas latino-americanas, de fato, instituem uma nova fase na trajetória do gênero romance histórico, representando um “[...] momento de enfrentamento entre o discurso exaltador da história e o desmistificador da ficção [...]” (FLECK, 2017, p. 22). Para o autor, essas expressões literárias encontraram um solo fértil em nosso continente devido à criticidade e à criatividade dos literatos latino-americanos que a transformaram em um meio de rever a escrita hegemônica sobre o passado de nosso continente ao inserirem novas características em sua estrutura textual.

Isso fica evidente ao observarmos que a história é recontada, nessas obras de caráter crítico e desconstrucionista, com um estilo próprio, em que a paródia, em relação à história oficial, é constante. Para caracterizar como expressão identitária híbrida e mestiça, a narrativa se mostra repleta de estilos linguísticos experimentalistas que fazem com que a narrativa assuma uma identidade própria e única.

O novo romance histórico latino-americano, de acordo com Aínsa (1991), apresenta dez características que diferenciam essa modalidade daquelas que constituem, segundo Fleck (2017), a primeira fase acrítica da produção romanesca híbrida de história e ficção, constituídas pelas modalidades clássica scottiana e

⁷⁴ Tradução de Marcelo Tápia: “As cabeças de cera”.

⁷⁵ Nossa tradução livre: “[...] *crônica fiel da história (modelo realista) ou elaborada formulação estética (modelo modernista)*” (AÍNSA, 1991, p. 82-83).

⁷⁶ Nossa tradução livre: “*tem cedido lugar a uma polifonia de estilos e modalidades expressivas*” (AÍNSA, 1991, p. 83).

tradicional. De acordo com os estudos de Aínsa (1991), essas produções costumam apresentar as seguintes peculiaridades:

1) *La nueva novela histórica se caracteriza por efectuar una relectura de la historia. Esta relectura puede estar fundada en un historicismo crítico [...]. En otros casos se trata, simplemente de la necesidad de 'ir a la semilla de la nacionalidad, al nacimiento de la convivencia'.* [...] 2) *La relectura histórica propuesta en el discurso ficcional impugna la legitimación instaurada por las versiones oficiales de la historia [...].* 3) *La multiplicidad de perspectivas asegura la imposibilidad de lograr el acceso a una sola verdad del hecho histórico. La ficción confronta diferentes interpretaciones que pueden ser contradictorias.* [...] 4) [...] *El género de la novela, por su misma naturaleza "abierta, libre, integradora", permite un acercamiento al pasado en verdadera actitud dialogante,* [...] 5) [...] *la nueva novela histórica toma distancia en forma deliberada y consciente con relación a la historiografía "oficial", cuyos mitos fundacionales se han degradado.* [...] 6) *Esta nueva novela se caracteriza por la superposición de tiempos históricos diferentes.* [...] 7) *La historicidad del discurso ficcional puede ser textual y sus referentes documentarse con minucia o por el contrario, la textualidad revestirse de las modalidades expresivas del historicismo a partir de una "pura invención" mimética de crónicas y relaciones.* [...] 8) *Las modalidades expresivas de estas obras son muy diversas. En algunas, las falsas crónicas disfrazan de historicismo su textualidad, donde es necesario una cierta relación de "lo visionario con la trama" [...] y se debe fundamentar lo simbólico en lo real cotidiano.* [...] 9) *La relectura distanciada "pesadillesca" o acrónica de la historia que caracteriza esta nueva narrativa, se refleja en una escritura paródica.* [...] 10) *El manejo de arcaísmos deliberados, pastiches y parodias combinados con un sentido del humor agudizado, suponen una mayor preocupación por el lenguaje. El lenguaje se ha vuelto la herramienta fundamental de la nueva novela histórica y acompaña la preocupada y desacralizadora relectura del pasado*⁷⁷ (AÍNSA, 1991, p. 83-85).

Quase todas essas características assinaladas por Aínsa (1991) estão

⁷⁷ Nossa tradução livre: "1) O novo romance histórico se caracteriza por fazer uma releitura da história. Essa releitura pode estar fundamentada em um historicismo crítico [...]. Em outros casos, trata-se, simplesmente, da necessidade de ir 'à semente da nacionalidade, ao nascimento do convívio' [...]; 2) A releitura histórica proposta no discurso ficcional desafia a legitimação instaurada pelas versões oficiais da história [...]; 3) A multiplicidade de perspectivas garante a impossibilidade de acesso a uma só verdade do fato histórico. A ficção confronta diferentes interpretações que podem ser contraditórias. [...]; 4) O gênero do romance, por sua própria natureza 'aberta, livre, integradora', permite uma aproximação ao passado em uma atitude de verdadeiro diálogo, [...]; 5) [...] o novo romance histórico se distancia de forma deliberada e consciente da historiografia 'oficial', cujos mitos fundadores degradaram-se. [...]; 6) Esse novo romance se caracteriza pela sobreposição de tempos históricos diferentes. [...]; 7) A historicidade do discurso ficcional pode ser textual, e seus referentes são documentados com minúcia, ou, ao contrário, a textualidade reveste-se das modalidades expressivas do historicismo a partir de uma 'pura invenção' mimética de crônicas e relações. [...]; 8) As modalidades expressivas dessas obras são muito diversas. Em algumas, as falsas crônicas disfarçam a textualidade de historicismo, onde é necessária certa relação do 'visionário com o enredo' [...] e se deve fundamentar o simbólico no real cotidiano. [...]; 9) A releitura distanciada anacrônica da história que caracteriza essa nova narrativa reflete-se em uma escrita paródica. [...]; 10) A manipulação de deliberados arcaísmos, pastiches e paródias, combinados com um senso de humor agudo, representam uma maior preocupação com a linguagem. A linguagem tornou-se a principal ferramenta do novo romance histórico e acompanha a preocupada e dessacralizadora releitura do passado" (AÍNSA, 1991, p. 83-85).

presentes já na primeira obra dessa modalidade: *El reino de este mundo* (2012[1949]). Primeiramente, a obra de Carpentier (2012[1949]) faz uma releitura da história tradicional ao apresentar o ambiente político-social que antecede a Revolução Haitiana (1791-1804), alguns relatos de sua trajetória e as primeiras lideranças haitianas, em especial a monarquia de Henri Christophe.

Essa narrativa cubana, além de recontar a trajetória desse período histórico haitiano, também incorpora a trajetória de pessoas que viveram em Saint-Domingue entre o século XVIII e XIX. A estrutura textual da obra é composta pela crítica social e pela multiplicidade de perspectivas, contexto em que se desconsidera a possibilidade de uma única “verdade”. O texto é constituído a partir do mito, da lenda, da memória coletiva e da oralidade haitiana. *El reino de este mundo* (2012[1949]) se caracteriza pelo anacronismo, isto é, a crítica social, fundamentada na história oficial e na construção ficcional, sobrepassa o espaço e o tempo desse período histórico haitiano, tornando-se um exemplo de criticismo da essência humana ao relatar a exploração do homem pelo homem e sua necessidade intrínseca de poder.

O estudioso canadense Seymour Menton (1993), assim como o uruguaio Fernando Aínsa (1991), também constatou o surgimento de uma nova tendência literária a partir da segunda metade do século XX na América Latina. O autor desenvolveu um estudo em que analisou a presença de características próprias e similares, entre si, em diversas obras literárias latino-americanas, publicadas entre os anos de 1979 e 1992., inclusive a obra *El reino de este mundo* (2012[1949]).

Como podemos observar, a obra cubana somente foi analisada e classificada como um novo romance histórico latino-americano três décadas mais tarde de sua publicação, por Aínsa (1991) e Menton (1993). Nesses estudos fundamentais sobre o gênero, ela é considerada a primeira obra pertencente a essa modalidade romanesca crítica e desconstrucionista, pois foi capaz de instaurar uma tendência generalizada dentro das escritas híbridas de história e ficção. Essa característica não estava presente em obras isoladas, como, por exemplo, *Xicoténcatl* (1826), *Cinq Mars* (1826), entre outras produções críticas escritas dentro da hegemonia da fase primeira do gênero: a acrítica, constituída pelas modalidades do romance histórico clássico e tradicional.

Menton (1993), como já havia feito Aínsa (1991), concluiu que os traços observados nesses romances constituíam um novo gênero literário: “*La nueva*

novela histórica de la América Latina” (MENTON, 1993, p. 82). De acordo com o autor, todo romance é histórico, com maior ou menor grau, e capta o ambiente social de suas personagens. Além disso, é importante observar que a análise do romance histórico latino-americano se volta para aqueles romances cuja ação ocorre total ou predominantemente no passado, um passado não experimentado diretamente pelo autor. Segundo Menton (1993), são excluídos dessa categorização os romances que abordam várias gerações, como *Cien años de soledad* (1974), de Gabriel García Márquez, porque a geração mais jovem coincide com a do autor.

Para Menton (1993, p. 43), há seis características básicas que definem o novo romance histórico latino-americano, conforme relacionamos abaixo:

1) *La subordinación, en distintos grados, de la reproducción mimética de cierto periodo histórico a la presentación de algunas ideas filosóficas [...] y aplicables a todos los períodos del pasado, del presente y del futuro. [...] las ideas que se destacan son la imposibilidad de conocer la verdad histórica o la realidad; el carácter cíclico de la historia y, paradójicamente, el carácter imprevisible de ésta, o sea que los sucesos más inesperados y más asombrosos pueden ocurrir.* 2) *La distorsión consciente de la historia mediante omisiones, exageraciones y anacronismos [...]* 3) *La ficcionalización de personajes históricos a diferencia de la fórmula de Walter Scott – aprobada por Lukács – de protagonistas ficticios [...] los historiadores del siglo XIX concebían la historia como resultado de las acciones de los grandes emperadores, reyes u otros líderes, los novelistas decimonónicos escogían como protagonistas a los ciudadanos comunes, los que no tenían historia. [...]* 4) *La metaficción o los comentarios del narrador sobre el proceso de creación [...]* 5) *La intertextualidad. [...]* 6) *Los conceptos bajtinianos de lo dialogico, lo carnavalesco, la parodia y la heteroglosia [...]*⁷⁸ (MENTON, 1993, p. 43-44).

Constatamos que as características elencadas pelo autor apresentam similaridades com aquelas citadas por Aínsa (1991); contudo, o crítico uruguaio é mais específico em relação às peculiaridades presentes nessa nova modalidade romanesca. Dessa forma, os traços literários elencados por Aínsa (1991), assim como os citados por Menton (1993), estão presentes na construção literária de

⁷⁸ Nossa tradução livre: “1) A subordinação, em diferentes graus, da reprodução mimética de certo período histórico à apresentação de algumas ideias filosóficas [...] e aplicáveis a todos os períodos do passado, do presente e do futuro [...] as ideias que se destacam são a impossibilidade de conhecer a verdade histórica ou a realidade; o caráter cíclico da história e, paradoxalmente, o caráter imprevisível desta, ou seja, os eventos mais inesperados e assombrosos podem acontecer; 2) A distorção consciente da história mediante omissões, exagerações e anacronismos; 3) A ficcionalização de personagens históricos à diferença da fórmula de Walter Scott – conforme Lukács – de protagonistas fictícios. [...] os historiadores do século XIX concebiam a história como resultado das ações dos grandes imperadores, reis ou outros líderes, os novelistas decimonônicos escolhiam como protagonistas cidadãos comuns, os que não tinham história.; 4) A metaficção ou os comentários do narrador sobre o processo de criação; 5) A intertextualidade; 6) Os conceitos bakhtinianos de dialogismo, carnavalização, paródia e heteroglossia” (MENTON, 1993, p. 43-44).

Carpentier (2012[1949]). Em consequência disso, o novo romance histórico latino-americano configura-se, segundo a teoria de Fleck (2017), como uma modalidade diferenciada das anteriores e estabelece uma ruptura com a primeira fase de produção desse gênero, definida pelo estudioso como ‘fase acrítica’.

Novamente, para darmos sequência à exposição sobre as características presentes no novo romance histórico latino-americano, com base na teoria de Bakhtin (2015), ampliamos a abordagem de conceitos relacionados a alguns termos citados por Menton (1993) a respeito dessa modalidade romanesca: a intertextualidade, o dialogismo, a carnavalização, a paródia e a heteroglossia.

O dialogismo é a manifestação dos diferentes discursos em um plano enunciativo, ou seja, ocorre quando as personagens interagem, expressam-se por meio de um diálogo, manifestando, desse modo, suas posturas ideológicas frente a determinado fato. De acordo com Bakhtin (2015), a dialogia é qualquer comunicação verbal entre as personagens, formando um universo dialógico e plural, no qual a representação das personagens é, acima de tudo, a representação de consciências plurais que dialogam entre si e que interagem.

Já a polifonia é a expressão das diversas vozes em um romance, ou seja, todas as personagens ganham expressões por meio do dialogismo ou mediante seu narrador. Nesse aspecto, suas ideologias podem ser harmônicas ou não.

Para Bakhtin (2015), o dialogismo e a polifonia estão vinculadas à natureza ampla e multifacetada do universo romanesco, devido ao grande número de personagens que tal produção requer com suas multiplicidades de vozes. Estas representam a vida social, cultural e ideológica de cada uma das personagens.

Esse vasto universo social, segundo cita Bezerra – no prefácio de Bakhtin (2015) –, está sempre em formação, e é esse dialogismo que abre espaço para as múltiplas vozes, formando um diálogo sem fim, no qual as manifestações do passado se cruzam com as vozes do presente e fazem seus ecos se propagarem no sentido do futuro.

Assim como Bakhtin (2015), Samoyault (2008) também conceitua a polifonia e o dialogismo no universo textual; todavia, a autora é menos ampla em sua análise. Para Samoyault (2008), a polifonia ocorre quando todas as vozes ressoam de um modo semelhante, ou seja, é a multiplicidade de vozes dentro do romance. Já o dialogismo, segundo a autora, se instala quando “[...] os enunciados das personagens dialogam com os do autor e ouvimos constantemente esse diálogo nas

palavras, lugares dinâmicos onde se efetuam as trocas” (SAMOYAUULT, 2008, p. 18). A autora acrescenta que o dialogismo ocorre quando o autor se põe em uma posição exterior, a partir da qual tem uma visão da personagem num todo e consegue englobar o conjunto dos pontos de vista.

Com base na teoria de Bakhtin (2015) e de Samoyault (2008), percebemos que a dialogia está presente em *El reino de este mundo* (2012[1949]) e em *La isla bajo el mar* (2009). Suas personagens protagonistas também vão sendo constituídas e apresentam suas próprias identidades ao se expressarem de forma autônoma no romance; ao mesmo tempo, interagem com as demais personagens, formando um mundo plural e contínuo, no qual cada indivíduo se apresenta inacabado. Analisando a obra sob a perspectiva bakhtiniana, podemos dizer que essa dinâmica só é possível porque o autor cria um universo que se distancia de seus personagens e lhes concede tal liberdade.

Já a polifonia pode ser exemplificada em *La isla bajo el mar* (2009) com as inserções, em primeira pessoa, da protagonista Zarité, as quais serão amplamente analisadas no subcapítulo 3.2. Essas expressões em primeira pessoa se diferem dos diversos diálogos presentes na obra.

Segundo Kristeva (1974), a intertextualidade é a transposição de um ou de vários sistemas de signos em um outro, ou seja, é uma prática do sistema e da multiplicidade dos textos. É a partir dessa intertextualidade que nós temos, com base nos textos primeiros, os hipotextos, um hipertexto, que incorpora em seu tecido narrativo muitos dos enunciados já estabelecidos sobre a temática. Essa característica está presente nas duas obras propostas para análise nesta dissertação, como, por exemplo, os hipertextos sobre François Mackandal e a cerimônia *Bois Caïman*, cuja origem vem de outros textos anteriores aos romances – os hipotextos –, muitos deles historiográficos.

Em relação ao conceito bakhtiniano de carnavalização, vemos que

[...] o carnaval é um espetáculo sem ribalta e sem divisão entre os atores e espectadores. No carnaval todos são participantes ativos, todos participam da ação carnalesca. Não se contempla e, em termos rigorosos, nem se representa o carnaval mas vive-se nele, e vive-se conforme as suas leis enquanto estas vigoram, ou seja, vive-se uma vida carnavalesca. Essa é uma vida desviada da sua ordem habitual, em certo sentido uma “vida às avessas”, um “mundo invertido”. As leis, proibições e restrições, que determinavam o sistema e a ordem da vida comum, isto é, extracarnavalesca, revogam-se durante o carnaval: revogam-se antes de tudo o sistema hierárquico e todas as formas conexas de medo, reverência,

devoção, etiqueta etc., ou seja, tudo o que é determinado pela desigualdade social hierárquica e por qualquer outra espécie de desigualdade (inclusive etária) entre homens. [...] Os homens, separados na vida por intransponíveis barreiras hierárquicas, entram em livre contato familiar na praça pública carnavalesca (BAKHTIN, 2015, p. 140)

Um exemplo de carnavalização em *El reino de este mundo* (2012[1949]) ocorre pela forma como Carpentier (2012[1949]) descreve e satiriza a inversão de papéis representados pela personagem Ti Noel ao criar um pequeno reinado solitário nas antigas ruínas da fazenda onde vivia quando era escravo, como podemos observar nos fragmentos literários analisados no subcapítulo 3.1.

Com relação ao emprego do recurso da heteroglossia, referimos-nos, seguindo as reflexões de Bakhtin (2015), à interação, no romance, de múltiplas perspectivas individuais e sociais, as quais representam uma estratificação e a aleatoriedade da linguagem que leva o romancista a registrar, num mesmo espaço narrativo, diferentes níveis de uso da língua ou mesmo da mescla de idiomas. Encontramos um exemplo de heteroglossia em *El reino de este mundo* (2012[1949]) no capítulo “La hija de Minos y de Pasífae”⁷⁹, a qual é expressada por meio da divergência cultural, nesse caso, manifestada pela compreensão ou distorção linguística do sentido da canção realizada por Madame Floridor. Essa mulher europeia, no auge de sua loucura, faz uma apresentação de Ópera em língua francesa aos escravos da fazenda de seu amante, Lenormand de Mezy. Os escravos foram obrigados a presenciar uma apresentação em língua francesa, enquanto a língua que dominavam era o *creole*. Além disso, não sabiam o que era um recital de ópera. Essa passagem também será analisada de forma mais aprofundada no subcapítulo 3.1. O efeito mais importante do emprego da heteroglossia é revelar a presença de diferentes camadas sociais envolvidas no evento relatado. Essas distintas camadas sociais divergem entre si pelo uso da linguagem e são representadas no romance por meio de expressões que vão do dialeto culto padrão, perpassam pelo coloquial e chegam ao chulo.

O novo romance histórico latino-americano, de acordo com a teoria de Fleck (2017), apresenta uma linguagem própria, embasada no experimentalismo linguístico e no formal, características que merecem destaque no período do *boom* e pós-*boom* literário hispano-americano, vistos como inatos à literatura da América

⁷⁹ Tradução de Marcelo Tápia: “A filha de Minos e de Pasífae” (CARPENTIER, 2009, p. 49). Na mitologia grega, Minos é um rei semideus da ilha de Creta, filho de Zeus e da princesa fenícia Europa, e Pasífae é uma das filhas de Hélio, deus do sol, e de Perseis.

Latina. Isso fica perceptível nos textos por meio de recorrentes neologismos, deformações, sintaxes às avessas e muitas outras “experimentações”. Tais escolhas linguísticas, somadas à retomada dos traços de oralidade, oriundos das civilizações antigas pré-colombianas, são consideradas expressões identitárias latino-americanas. As construções, em muitos casos, privilegiam uma linguagem barroca.

Notamos que esse barroquismo, inerente ao novo romance histórico latino-americano, não é tão acentuado no primeiro novo romance histórico de Alejo Carpentier, *El reino de este mundo* (2012[1949]), mas predomina nas produções subsequentes do romancista cubano e se destaca, em especial, em sua última obra, *El arpa y la sombra* (1979). Já em *La isla bajo el mar* (2009), essa característica desaparece, pois, segundo os estudos de Fleck (2017), a modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação preza pelo emprego de uma linguagem muito próxima àquela usada pelo leitor atual.

A história oficial se baseia na documentação formal – o concreto, o palpável – enquanto as construções literárias de Carpentier (2012[1949]) e Allende (2009), por um lado, baseiam-se, parcialmente, na história oficial, mas, por outro, ancoram-se no mito, na lenda, na memória coletiva e na oralidade haitiana.

Para Fleck (2017, p. 63), essa forma de experimentalismo “[...] faz da linguagem a ‘massa’ passível de mudanças, transformações, rupturas, ajustes, criações e recriações que dá materialização à escrita das obras que, de fato, buscam valorizar a oralidade” (FLECK, 2017, p. 63).

Desse modo, é possível perceber que a literatura latino-americana, a partir da segunda metade do século XX, começou a constituir uma identidade própria, diferenciando-se, em muitos aspectos, dos modelos de romances históricos clássico e tradicional, oriundos dos modelos canônicos europeus. Essa diferenciação marca o que Fleck (2017) denomina de segunda fase na trajetória do gênero, a ‘fase crítica e desconstrucionista’, a qual, segundo o teórico, é expressa pelas modalidades do novo romance histórico latino-americano e da metaficção historiográfica.

Ao pesquisarmos sobre a sequência da trajetória do romance histórico, verificamos que,

[...] a partir da década de 80 do século XX, percebe-se a presença, em todo o contexto americano, de romances históricos que tendem a uma “mediação” entre as características mais tradicionais do romance histórico, oriundas dos modelos canônicos europeus, e os recursos mais experimentalistas que configuram os novos romances históricos latino-

americanos e as metaficções historiográficas (FLECK, 2011, p. 81-82).

Essa tendência constitui uma nova modalidade do gênero, denominada por Fleck (2017, p. 99) de “romance histórico contemporâneo de mediação”. A grande recorrência de produções dessa modalidade leva o estudioso a estabelecer, considerando as características específicas dessas produções, a terceira fase da trajetória do gênero, “[...] fruto do enfrentamento ocorrido entre os ditames do *boom* e as reações a eles presentes no pós-*boom*” (FLECK, 2017, p. 103). O autor entende que esse terceiro momento representa uma ‘fase mediadora’, a mais atual das produções híbridas.

Essa ampla produção de romance histórico contemporâneo de mediação, segundo o autor,

[...] é caracterizada, essencialmente, pelo signo da mediação: algumas características fundamentais das escritas tradicionais, conjugadas com outras típicas das produções altamente desconstrucionistas, originam uma releitura crítica do passado em narrativas mais lineares e verossímeis nas quais se abandona o experimentalismo linguístico e formal e as múltiplas perspectivas, típicas das modalidades críticas e desconstrucionistas, em prol de visões antes excluídas dos relatos historiográficos (FLECK, 2017, p. 12).

Ainda nessa modalidade romanesca, “[...] não se abandonam [...] as características essenciais do novo romance histórico hispano-americano, como, por exemplo, o emprego da paródia, da polifonia e da intertextualidade [...]” (FLECK, 2011, p. 82). Entretanto, permanece a problematização da história tradicional hegemônica, bem como há uma atenuação no desconstrucionismo paródico e carnavalizado, pois

[...] as obras mais recentes abandonam as superestruturas multiperspectivistas, as sobreposições temporais anacrônicas, os desconstrucionismo altamente paródicos e carnavalizados das releituras ficcionais anteriores. Elas adotam uma linearidade narrativa singela, com algumas analepses ou prolepses e um discurso crítico sobre o passado que privilegia uma linguagem próxima daquela cotidiana do leitor atual. Nelas, a construção da verossimilhança, em boa parte abandonada pelas escritas precedentes, volta a ser essencial. Contudo, não se configuram como escritas tradicionais do gênero, pois o passado é visto com criticidade, e as perspectivas dos marginalizados e excluídos são apresentadas, nessas narrativas, com tendência conciliadora (FLECK, 2017, p. 104).

Ademais, o autor ressalta a importância do discurso polifônico para essa modalidade mediativa de romance histórico, por meio do qual se dá voz aos

silenciados; da intertextualidade com o propósito de estabelecer os alcances pluridimensionais do evento histórico; da dialogia, que faz o contraponto entre as diferentes ideologias; da linguagem amena e da construção da verossimilhança como elementos essenciais para a realização da releitura crítica do passado.

O crítico também descreve que, nessa modalidade literária, há personagens históricas periféricas, marginalizadas ou excluídas ou, ainda, metonímicas⁸⁰ com o propósito de representar perspectivas silenciadas e negligenciadas pela historiografia. “São releituras críticas do passado, com personagens protagonicas ex-cêntricas, como ocorre várias vezes na metaficção historiográfica, contudo, sem o sumário intento da desconstrução radical que orienta a produção crítica precedente” (FLECK, 2017, p. 105).

Desse modo, elencaremos abaixo as seis características do romance histórico contemporâneo de mediação apontadas por Fleck (2017):

- 1) Uma releitura crítica verossímil do passado – A recriação ficcional de um evento empreendida pelo romance histórico contemporâneo de mediação constitui-se em uma releitura crítica do passado, diferentemente das narrativas tradicionais [...]. A nova tendência mantém, contudo, o intento da construção da verossimilhança, em grande medida abandonada pelas narrativas do novo romance histórico hispano-americano [...];
- 2) Uma narrativa linear do evento histórico recriado – A leitura ficcional do passado empreendida pelo romance histórico contemporâneo de mediação busca seguir a linearidade cronológica dos eventos na diegese, fixando-se neles para assegurar o avanço da narrativa, promovendo retrospectivas ou avanços nesta pelo emprego de analepses e prolepses;
- 3) Foco narrativo geralmente centralizado e ex-cêntrico – O foco narrativo dos romances históricos contemporâneos de mediação comparte dos propósitos da nova história de evidenciar perspectivas [...] pois privilegia visões a partir das margens, sem centrar-se nas grandes personagens da história como o fazem muitos novos romances históricos [...];
- 4) Emprego de uma linguagem amena, fluída e coloquial – [...] prima pelo emprego de uma linguagem simples e de uso cotidiano, em oposição ao barroquismo e ao experimentalismo linguístico dos novos romances históricos [...];
- 5) Emprego de estratégias escriturais bakhtinianas – [...] aproveita-se, também, de recursos escriturais bakhtinianos como a dialogia, a polifonia, as intertextualidades, além, é claro, da paródia [...];
- 6) Presença de recursos metaficcionais – A utilização de recursos metanarrativos, ou comentários do narrador sobre o processo de

⁸⁰ A expressão ‘personagem(ns) metonímica(s)’ é utilizada por Felck (2017) ao estudar o romance histórico contemporâneo de mediação que trazem como protagonistas “personagens puramente ficcionais”, não atrelados a uma personagem histórica específica. Contudo, segundo o autor, a construção dessas personagens se dá ancorada em características essenciais de sujeitos oriundos de grupos sociais marginalizados desde o passado remoto, sendo elas uma construção discursiva ficcional que é um amálgama de características facilmente perceptíveis em personagens secundárias ou excluídas dos relatos históricos. Desse modo, tais personagens, ao serem “um”, representam uma coletividade, cuja essência é contemplada na arquitetura artística da configuração da personagem.

produção da obra, dá-se nessa modalidade sem que estes se constituam no sentido global do texto (FLECK, 2017, p. 109-118).

Com exceção da presença de recursos metaficcionais, as demais características citadas por Fleck (2017) estão presentes em *La isla bajo el mar* (2009), como podemos observar no subcapítulo 3.2.

Fleck (2017) descreve, também, que, no romance histórico contemporâneo de mediação, o texto narrativo é construído com uma linguagem menos erudita e com uma estrutura mais modesta se os compararmos com as modalidades críticas antecedentes. Desse modo, as leituras desses romances contemporâneos de mediação atingem um público leitor bastante amplo, pois “[...] podem ser compreendidos por jovens leitores ainda em formação, ou mesmo por aqueles leitores adultos, que, ao longo de seu processo de escolarização, não tiveram a oportunidade de se tornar leitores críticos [...]” (FLECK, 2017, p. 106). Além disso, segundo o autor, a linearidade cronológica com a história oficial faz com que a obra se torne mais fluída ao público leitor, porque segue a sequência lógica das ações já relatadas pela historiografia.

Vistas as principais características do novo romance histórico latino-americano que dão início à segunda fase da trajetória do gênero, e aquelas que se fazem presentes nas escritas mais atuais das produções híbridas de história e ficção, integrantes da terceira fase do romance histórico, ‘a mediadora’, amalgamadas na modalidade do “romance histórico contemporâneo de mediação”, passamos, na sequência, à abordagem das obras que compõem o *corpus*. Nelas buscamos perceber o processo de releitura crítica dos eventos relacionados à Revolução Haitiana (1791-1804), que foram elencados e parcialmente discutidos no primeiro capítulo deste texto.

3 A REVOLUÇÃO HAITIANA (1791-1804) PELAS VEREDAS DA FICÇÃO

A Revolução Haitiana (1791-1804) é a base historiográfica das obras *El reino de este mundo* (2012[1949]) e *La isla bajo el mar* (2009). Embora as duas obras recontem a história do conflito escravocrata de Saint-Domingue (1791-1804) e sejam consideradas críticas em relação à história oficial, elas são divergentes quanto à classificação das modalidades de romance histórico em que se inserem. A obra de Carpentier (2012[1949]) é considerada o primeiro romance histórico latino-americano, produzido em 1949, princípio do período que marca a história da literatura latino-americana com o *boom*. A obra de Allende (2009) é considerada um romance histórico contemporâneo de mediação, inserido no contexto do pós-*boom*, com marcas das reações ao *boom*.

El reino de este mundo (2012[1949]) é um marco literário na América Latina porque representa uma ruptura acentuada em relação aos modelos canônicos europeus, tão intensos e presentes em nossa cultura até meados do século XIX. Sua narrativa não somente rompeu com os padrões literários e históricos europeus das modalidades clássica e tradicional de romance histórico, mas também proporcionou uma análise filosófica sobre as relações de poder estabelecidas pelo homem, independente do espaço e do tempo. A crítica de Carpentier (2012[1949]) sobrepassa o período histórico que antecede a Revolução Haitiana (1791-1804) e vai até a queda de Henri Christophe e a ascensão dos mulatos liderados por Boyer, ocorridos entre a metade de século XVIII e início do século XIX.

El reino de este mundo (2012[1949]), além de simbolizar essa ruptura com os modelos clássicos e tradicionais da literatura e de proporcionar uma crítica sobre as relações de poder estabelecidas pelo homem, também apresenta um protagonista divergente das literaturas anteriores: uma personagem que está na base social desse período escravocrata de Saint-Domingue, um homem negro e escravo, chamado Ti Noel. É por meio desse protagonista, personagem metonímia de toda uma população subjugada, que observamos esse mundo escravocrata tão relativizado ou esquecido pela história tradicional hegemônica, que quase sempre relatou as ações passadas a partir do ponto de vista do dominador, do homem branco europeu que se apossou do espaço latino-americano. Essa crítica elaborada por Carpentier (2012[1949]) envolve inclusive seu protagonista. Como veremos posteriormente, Ti Noel também apresenta rompantes de poder ao criar um mundo

imaginário onde ele se faz de dono de seu próprio reino, metáfora da contaminante ansiedade humana pelo exercício do poder.

A obra de Isabel Allende (2009) também reescreve a história sobre a Revolução Escravocrata de Saint-Domingue (1791-1804) e tem como protagonista uma escrava. Diferente da obra cubana, o protagonismo é encenado por uma mulher, que aparece na obra como uma metonímia de todo esse contingente de mulheres que sofreram a exploração e os abusos de poder da época. Além disso, as ações dessa protagonista não são relatadas somente a partir de um narrador extradiegético, pois há lugar para dezesseis capítulos autobiográficos intitulados “*Zarité*”, que se revezam entre os demais capítulos para dar visão e voz às personagens excluídas dos registros oficiais.

No que se refere às características literárias, *La isla bajo el mar* (2009), diferencia-se da obra cubana ao apresentar uma mediação entre o romance histórico tradicional acrítico e a criticidade presente no novo romance histórico latino-americano, segundo a teoria de Fleck (2017). Observamos que a obra de Allende (2009), ao mesmo tempo em que mantém mais atenuada, em sua construção textual, as características do novo romance histórico latino-americano – como a paródia, a polifonia, a dialogia, a intertextualidade, a hipérbole e o anacronismo –, apresenta uma característica presente no romance histórico tradicional: a linearidade narrativa, com início, meio e fim.

Nos subcapítulos a seguir, desenvolvemos um estudo das duas obras literárias considerando as confluências e as divergências entre ficção e história. Também propomos uma análise das características que as definem como um novo romance histórico latino-americano (AÍNSA, 1991; MENTON, 1993) e como um romance histórico contemporâneo de mediação (FLECK, 2017).

3.1 *EL REINO DE ESTE MUNDO* (2012[1949]): RUPTURA COM A ACRITICIDADE DAS MODALIDADES ROMÂNTICAS EUROPEIAS

O romance de Alejo Carpentier, *El reino de este mundo* (2012[1949]), é considerado por Menton (1993), como já mencionamos, o primeiro novo romance histórico latino-americano. Fleck (2017) considera que a obra de Alejo Carpentier (2012[1949]) consolidou a modalidade do novo romance histórico latino-americano como “[...] a produção crítica, contestatória e desconstrucionista do discurso

hegemônico da história” (FLECK, 2017, p. 99). Desse modo, na América Hispânica, essa primeira narrativa híbrida deu origem à constituição de uma modalidade diferenciada do romance histórico tradicional, cuja produção era comum na metade do século XX, com ocorrências ainda em nossa atualidade.

Encontramos a análise apresentada por Fleck (2017) também em Sancho (2004). O autor avalia que Carpentier, com a obra *El reino de este mundo* (2012[1949]), criou uma forma particular de reinterpretar o passado haitiano por meio da literatura. Nesse sentido, aponta: “[...] recordemos que el texto fue considerado como precursor en el subgénero a partir de lo planteado por Seymour Menton (1993)”⁸¹ (SANCHO, 2004, p. 46). O ‘subgênero’ citado faz referência ao fato de a obra ser considerada o primeiro novo romance histórico latino-americano, assim classificado por apresentar características distintas das modalidades anteriores.

Para Menton (1993), por mais que se trate de um romance que descreva a independência do Haiti, desde a metade do século XVIII até o primeiro terço do século XIX – e cujas personagens históricas estão ligadas pela figura mítica, ou talvez histórica, de seu protagonista, Ti Noel⁸² –, nele vemos que “[...] la historia de Haití está subordinada a la cuestión filosófica de la lucha por la libertad y la justicia social en todas las sociedades pese a los muchos obstáculos y pese a la improbabilidad de conseguirlas⁸³” (MENTON, 1993, p. 38).

Alejo Carpentier, segundo Sancho (2004), criou, com base na historiografia, uma obra literária que expõe um ângulo diferente e com uma perspectiva local, nesse caso, a afro-caribenha. O fato de o escritor “[...] acercarse desde la óptica del colonizado a su propio pasado, guarda de por sí una serie de aspectos complejos pero necesarios para reencontrar una vía de liberación⁸⁴” (SANCHO, 2004, p. 46).

Segundo o autor, a narrativa cubana rompeu com a hegemonia da palavra escrita implantada pelos europeus em seus respectivos domínios territoriais no “Novo Mundo”, invalidando os paradigmas, tanto históricos quanto os narrativos,

⁸¹ Nossa tradução livre: “[...] lembremo-nos de que o texto foi considerado como um precursor no gênero a partir do que foi levantado por Seymour Menton (1993)” (SANCHO, 2004, p. 46).

⁸² Carmen Vásquez (*apud* MENTON, 1993), em um artigo publicado em 1991, *Cuadernos Americanos*, menciona que há provas da existência de vários escravos negros nomeados Noel no Haiti do século XVIII.

⁸³ Nossa tradução livre: “[...] a história do Haiti está subordinada à questão filosófica da luta pela liberdade e pela justiça social em todas as sociedades, apesar dos muitos obstáculos e da improbabilidade de obter êxito” (MENTON, 1993, p. 38).

⁸⁴ Nossa tradução livre: “[...] aproximando-se da perspectiva do colonizado para seu próprio passado, mantém uma série de aspectos complexos, mas necessários, para encontrar uma forma de libertação” (SANCHO, 2004, p. 46).

que, durante décadas, condicionaram nosso espaço acadêmico.

Felippe (2014), por sua vez, descreve que a obra de Carpentier (2012[1949]) representa uma ruptura no espaço literário latino-americano ao criar uma tendência que apresenta marcos importantes,

[...] não somente na história literária, mas também na tendência atual da historiografia de adquirir uma aguda consciência de si própria para se apresentar enquanto tal, para denunciar suas próprias convenções, para indagar acerca de seu próprio regime discursivo. [...] este ensaio apresenta um autor a criar seu próprio protocolo de leitura e a sugerir delineamentos da relação com o passado a partir da ênfase em uma sabedoria prática (FELIPPE, 2014, p. 34).

Portanto, esse desprendimento da história hegemônica de base eurocêntrica originou uma obra diferenciada na América Latina, que não está centrada no patriarcalismo reinante do século XIX e em sua estrutura de poder, com foco na elite social, mas que baseia-se na subalternidade; isto é, sua construção narrativa expõe uma visão e uma voz a partir da base social do sistema escravocrata desse período colonial. Essa obra abre espaço para a visão do colonizado, aquele que foi ignorado, silenciado ou esquecido pela história hegemônica.

Essas visões e vozes antagônicas presentes na escrita literária latino-americana – em especial a do colonizador e o do colonizado – são analisadas por Walter D. Mignolo (2003). O crítico expressa que a identidade “latino-americana” é o resultado de um duplo discurso:

[...] o discurso da alocação do estado imperial de identidade filtrado até a sociedade civil, e o discurso de recolocação produzido a partir dos setores da sociedade civil (isto é, intelectuais, movimentos sociais) que discordavam do primeiro (MIGNOLO, 2003, p. 189).

Esse pensamento de Mignolo (2003) nos permite afirmar que *El reino de este mundo* (2012[1949]) é fruto desse segundo discurso, oriundo dos intelectuais e movimentos sociais. Essa obra híbrida almeja mostrar o outro lado da história oficial, o discurso do estado imperial, por meio da visão e das vozes das bases sociais subjugadas, que representam a oposição ao discurso e à representação dos colonizadores. Desse modo, acreditamos que o objetivo principal da obra cubana seja a construção de um discurso que represente a antítese a qualquer ideologia europeia, com o propósito de contribuir com a formação, a partir da experiência haitiana, de uma identidade latino-americana.

Ademais, Alejo Carpentier (2012[1949]), assim como outros romancistas históricos latino-americanos, com suas obras críticas e desconstrucionistas,

[...] buscam desterritorializar o espaço imaginário que foi territorializado pela escrita eurocêntrica, assim como foi o espaço geográfico, e, pelas releituras críticas da história, empreendem a reterritorialização desse espaço com perspectivas do passado no qual o protagonismo não se restrinja aos “heróis sacralizados” pelo discurso histórico hegemônico, territorialista e excludente, mas evidencia também a experiência das margens, das vozes silenciadas, das comunidades e dos sujeitos propositalmente negligenciados nos relatos oficiais (FLECK, 2017, p. 57).

Em vista disso, para criar uma obra em oposição ao discurso do colonizador, Alejo Carpentier (2012[1949]) utiliza, como fontes historiográficas, aqueles relatos oriundos da Revolução Haitiana (1791-1804). Esta é considerada um marco histórico mundial, pois foi responsável, segundo Mezilas (2009), por ter promovido um rompimento com a lógica colonial de poder na América Latina e, ainda, por ter inaugurado “[...] *una nueva ontología de la historia con el papel esencial de las masas populares en el proceso del cambio social* [...]”⁸⁵ (MEZILAS, 2009, p. 34). Essa Revolução mostrou ao mundo uma grande força popular movida pela luta social. Entretanto, por mais que a Revolução Haitiana (1791-1804) tenha marcado a história da humanidade, ainda assim, após o término do conflito, não houve de fato um rompimento com a exploração do ser humano por outro ser humano, embora o papel de explorador tenha passado do homem branco para os ex-escravos, antes dominados.

Com base nesses relatos da historiografia, e nas informações citadas no primeiro capítulo desta dissertação, observamos que Carpentier (2012[1949]) recorreu à história tradicional hegemônica para compor um romance híbrido, em que desenvolveu uma visão crítica e social profunda, que já não mais avaliza os preceitos da história tradicional. Com isso,

*Alejo Carpentier pretendió distanciarse desde la escritura misma del Prólogo y la novela de acuerdo con las versiones de la historiografía tradicional sobre un segmento del pasado haitiano – en este caso – visualizado desde un ángulo diferente y con perspectiva local, en particular afrocaribeña*⁸⁶ (SANCHO, 2004, p. 46).

⁸⁵ Nossa tradução livre: “[...] uma nova ontologia da história com o papel essencial das massas populares no processo de mudança social [...]” (MEZILAS, 2009, p. 34).

⁸⁶ Nossa tradução livre: “Alejo Carpentier fingiu se distanciar da própria redação do prólogo e do romance de acordo com as versões historiográficas tradicionais de um segmento do passado haitiano - neste caso - visualizado de um ângulo diferente e com uma perspectiva local, em particular o Caribe afro-caribenho” (SANCHO, 2004, p. 46).

Assim, compreendemos que o escritor cubano criou uma modalidade literária que se desprendeu dos modelos originais que constituíram o romance histórico do século XIX, que beneficiavam uma visão eurocêntrica, cuja base era formada por uma relação de centro e periferia: a Europa e a América Latina. “*La ruptura de los cánones literarios quebró una óptica que mostraba al Otro – o lo ocultaba – desde la retórica misma*”⁸⁷ (SANCHO, 2004, p. 45). Esse ‘outro’ simboliza aqueles que se encontravam à margem; no caso de *El reino de este mundo* (2012[1949]), os escravos, os mulatos, os pequenos comerciantes, as mulheres, enfim, todos aqueles que não pertenciam à classe dos “grandes brancos”.

Esse rompimento latino-americano com os cânones europeus dá-se pela construção de uma escrita híbrida permeada por uma ideologia crítica, atravessada por ironia, polifonia, dialogia, heteroglossia, carnavalização, intertextualidade e outros recursos escriturais críticos e desconstrucionistas. Conforme comenta María Cristina, “[...] *esta reescritura incorpora, más allá de los hechos históricos mismos, una explícita desconfianza hacia el discurso historiográfico en su producción de las versiones oficiales de la historia*”⁸⁸ (MARÍA CRISTINA, 1996, p. 16 *apud* SANCHO, 2004, p. 47).

A intenção dessa estrutura textual discursiva é movida pela necessidade de “[...] promover o enfrentamento, sempre conflitivo, do discurso do colonizador com as versões múltiplas do colonizado sobre um passado que foi perpetrado por uma única forma: a escrita europeia” (FLECK, 2017, p. 59).

Com relação à estrutura da obra, constatamos que a maior parte da narrativa ficcional é conduzida por um narrador heterodiegético. Por essa perspectiva, a diegese é exposta com vista às experiências vividas pelo protagonista, Ti Noel: homem negro e um dos escravos domésticos da personagem de extração histórica Monsieur Lenormand de Mezy, proprietário de uma das maiores plantações de cana-de-açúcar na província do norte do Haiti. É por meio desse protagonista que o leitor acompanha a ambientação dos espaços e ações históricas reveladas, gradativamente, no romance.

⁸⁷ Nossa tradução livre: “A ruptura dos cânones literários levou a uma óptica que mostrou o Outro - ou o escondeu - da própria retórica” (SANCHO, 2004, p. 45).

⁸⁸ Nossa tradução livre: “[...] essa reescrita incorpora, além dos próprios fatos históricos, uma desconfiança explícita no discurso historiográfico na produção das versões oficiais da história” (MARÍA CRISTINA, 1996, p. 16 *apud* SANCHO, 2004, p.47).

A referida obra está dividida em quatro partes, a primeira é composta por oito capítulos e descreve a vida do protagonista Ti Noel, a fazenda onde vivia; o seu amo, Monsieur Lenormand de Mezy; a primeira e a segunda esposa de Mezy; a trajetória da lendária personagem Mackandal até o momento de sua morte.

A segunda parte da narrativa apresenta sete capítulos e expõe a breve temporada de Mezy na França, junto à sua nova companheira, Mademoiselle Floridor – uma intérprete de teatro, que aparece na narrativa como uma mulher excêntrica; após seu retorno da Europa, “a cômica”, como é referenciada na obra, apresenta comportamentos perturbados e insanos –; a cerimônia *Bois Caïman*; o ataque rebelde à fazenda de Mezy; a defesa da militância francesa na ilha contra os insurgentes; o exílio de Mezy em Cuba – levando consigo Ti Noel e mais alguns escravos que foram recuperados pelos militares após os primeiros ataques às plantações –; a falência de Mezy e a venda de Ti Noel; as personagens de extração historiográfica: o general Leclerc e sua esposa, Paulina Bonaparte.

A terceira parte da narrativa está dividida em sete capítulos e narra o retorno de Ti Noel ao Haiti, já estabelecido como um país independente; seu regresso à antiga fazenda de Mezy; o reinado de Henri Christophe, outra personagem de extração histórica e, segundo Alves (2013), uma das personagens centrais da trama; a prisão do protagonista e sua condução ao trabalho escravo, então sob a gestão de uma monarquia negra; e a queda de Henri Christophe.

A quarta parte apresenta quatro capítulos que descrevem os assaltos ao palácio de Sans-Souci; novamente, o retorno de Ti Noel à antiga fazenda de Mezy; o pequeno reinado solitário do protagonista; o processo de domínio da Província do Norte pelos mestiços; e as transformações metamórficas de Ti Noel.

El reino de este mundo (2012[1949]) apresenta diversas características citadas por Aínsa (1991) e Menton (1993) sobre a modalidade crítica do novo romance histórico latino-americano. Primeiramente, é possível observar nessa modalidade romanesca a descrição de um renovado interesse pela história colonial. E a crítica refere-se à exploração do homem no espaço e no ambiente que tomou lugar na narrativa antes, durante e após a Revolução Escravocrata da antiga colônia francesa de Saint-Domingue (1791-1804).

Outra característica perceptível, mencionada por Menton (1993), refere-se à possibilidade de a narrativa suprir as amplas deficiências de uma historiografia tradicional, conservadora e preconceituosa, que minimiza a extensão dos problemas

ao tomá-los como eventos locais e de pouca importância histórica. Desse modo, a obra cubana, além de mostrar outra visão acerca dos acontecimentos históricos, também expõe que os conflitos sociais, econômicos e políticos descritos nessa narrativa híbrida são universais, isto é, eles ultrapassam o tempo e os espaços físico e histórico descritos no romance.

Além disso, o novo romance histórico latino-americano apresenta uma “*subordinación, en distintos grados, de la reproducción mimética de cierto periodo histórico a la presentación de algunas ideas filosóficas [...] y aplicables a todos los periodos del pasado, del presente y del futuro*”⁸⁹ (MENTON, 1993, p. 42). Observamos que essa reprodução mimética ocorre em *El reino de este mundo* (2012[1949]), pois constatamos que a personagem Ti Noel, assim como o homem atual, busca, incessantemente, um local utópico, um lugar onde possa, realmente, ser livre. Com base nessa análise, percebemos que tanto a trama literária da obra em análise quanto a configuração ficcional de seu protagonista, Ti Noel, são cíclicos e anacrônicos, porque, independentemente da cultura, do tempo e do espaço, os aspectos ideológicos envolvidos no enredo continuam existindo e assolando a humanidade.

A recorrência literária mencionada também se aplica ao fato de a narrativa começar e terminar com o protagonista na mesma situação inicial: explorado pelo sistema social e político opressor que se perpetuava na ilha. Desse modo, a crítica social proposta por Carpentier em *El reino de este mundo* (2012[1949]) é intrínseca à existência humana e expressa, “[...] *el carácter cíclico de la historia y, paradójicamente, el carácter imprevisible de ésta, o sea que los sucesos más inesperados y más asombrosos pueden ocurrir*”⁹⁰ (MENTON, 1993, p. 42).

A obra de Carpentier (2012[1949]) dá voz a segmentos sociais que a história oficial negou ou silenciou. Conforme defendem Aínsa (1991) e Menton (1993), a multiplicidade de perspectivas, normalmente presentes nessa modalidade crítica de romance histórico, assegura o acesso a outras verdades de um fato histórico que não foram contempladas pela historiografia.

Para Sancho (2006), o discurso que permeia a historiografia oficial responde

⁸⁹ Nossa tradução livre: “subordinação, em graus variados, desde a reprodução mimética de um certo período histórico até a apresentação de algumas idéias filosóficas [...] e aplicáveis a todos os períodos do passado, presente e futuro” (MENTON, 1993, p. 42).

⁹⁰ Nossa tradução livre: “[...] a natureza cíclica da história e, paradoxalmente, a imprevisibilidade da história, ou seja, que os eventos mais inesperados e mais surpreendentes podem ocorrer” (MENTON, 1993, p. 42).

aos interesses criados pelos grupos de poder político e econômico; portanto, ele não é neutro, uma vez que é utilizado como arma ideológica em diferentes momentos e espaços geográficos. “*Así el discurso novelístico nos facilita explicar ese imaginario colectivo del cual se apropian los sectores dominantes para manipularlo en provecho propio*”⁹¹ (SANCHO, 2006, p. 3). Assim, a partir dessa reflexão, vemos que a obra de Carpentier (2012[1949]) supriu as amplas lacunas nas escritas tendenciosas dessas classes sociais, cujas visões foram perpetradas na historiografia tradicional.

Desse modo, a ficção confronta diferentes interpretações, que podem ser contraditórias em relação à história tradicional conservadora. Esse traço, presente no novo romance histórico latino-americano, é perceptível na obra em análise. Primeiramente, configura-se na personagem Ti Noel. É por meio do olhar desse escravo, um homem oprimido, que se desenvolve a perspectiva da narrativa. Esse protagonista é a representação dos escravos explorados e silenciados pelo sistema opressor desse período escravocrata de Saint-Domingue. A personagem é a figura que preenche as lacunas deixadas pela história tradicional, que foi constituída a partir do olhar do dominador, o homem branco. Então, observamos que a releitura histórico-crítica feita pelo escritor cubano contradiz a legitimação instaurada pelas visões oficiais da história.

No primeiro capítulo de *El reino de este mundo* (2012[1949]), “Las cabezas de cera”⁹², Ti Noel aparece acompanhando seu amo, Lenormand de Mezy, na compra de vinte garanhões. Mesmo sabendo que o escravo tinha habilidades relacionadas à prática de compra de cavalos para cruzamento, Mezy dispensa a ele o mesmo tratamento aplicado aos animais. Um pouco antes da compra dos cavalos, mandou fazer para Ti Noel um freio com correias, conforme descrito neste fragmento: “[...] *conocedor de la pericia del esclavo en materia de caballos, sin reconsiderar el fallo, había pagado en sonantes luises. Después de hacerle una cabezada con sogas* [...]”⁹³ (CARPENTIER, 2012[1949], p. 23).

A comparação do escravo aos cavalos recém-comprados não é usada ao acaso pelo autor. Sabe-se que os cavalos são animais comprados e utilizados para

⁹¹ Nossa tradução livre: “Assim, o discurso romântico nos facilita explicar esse imaginário coletivo, do qual os setores dominantes se apropriam para manipulá-lo em seu próprio benefício” (SANCHO, 2006, p. 3).

⁹² Tradução de Marcelo Tápia: “As cabeças de cera” (CARPENTIER, 2009, p. 15).

⁹³ Tradução de Marcelo Tápia: “[...] conhecedor da perícia do escravo em matéria de cavalos, sem reconsiderar a decisão, havia pago em sonantes luíses. Depois de fazer para ele um freio com correias [...]” (CARPENTIER, 2009, p. 15).

trabalhos pesados nas plantações e que o freio com correia é um instrumento utilizado pelo homem para conduzir esse animal na direção desejada, simbolizando domínio e opressão. Conforme prática comum dos homens brancos do período colonial escravocrata em relação ao homem negro, Ti Noel é tratado como um animal comprado e destinado ao duro trabalho nas plantações, ou seja, está condicionado ao poder e à supremacia do homem branco.

Logo no primeiro capítulo, percebem-se duas características do novo romance histórico latino-americano apontadas por Aínsa (1991): a releitura crítica da história oficial e a reescrita irônica, paródica e irreverente da história conhecida, aproximando-se da hipérbole e do grotesco. Tais características são perceptíveis a partir do preconceito dos homens brancos escravocratas em relação a “seus negros”.

Ti Noel era tratado como os animais e igualado ao nível destes; contudo, ao mesmo tempo, seu amo valorizava sua inteligência no contexto de compra de cavalos. Além dessa criticidade demonstrada por meio de uma construção textual paródica com base na história conhecida, observa-se também que o fato de esse escravo usar freio com correia cria no leitor contemporâneo uma visão grotesca do homem dominando outro homem.

A paródia está presente em toda construção textual de Carpentier (2012[1949]), e, por mais que a história tradicional exponha as mazelas cometidas contra os escravos desse período colonial, o autor demonstra uma criatividade ao reescrever parodicamente esse passado imprimindo-lhe, entre outras, uma forma cômica. Fleck (2014) descreve como característica dessa modalidade de romance histórico a “utilização deliberada de arcaísmos, pastiches ou paródias, associadas a um agudo sentido de humor” (FLECK, 2014, p. 81), elementos perceptíveis ao longo da narrativa de Carpentier (2012[1949]).

Ainda no primeiro capítulo, é possível perceber essa criticidade na construção textual ao observarmos Ti Noel contemplando, em frente ao salão de barbeiro, “[...] *a su gusto las cuatro cabezas de cera que adornaban el estante de la entrada. Los rizos de las pelucas enmarcaban semblantes inmóviles*”⁹⁴ (CARPENTIER, 2012[1949], p. 24). Para a personagem, aquelas cabeças pareciam tão reais,

⁹⁴ Tradução de Marcelo Tápia: “[...] a seu gosto as quatro cabeças de cera que adornavam a prateleira da entrada. O cacheado das perucas emoldurava semblantes imóveis” (CARPENTIER, 2009, p. 15).

embora, ao mesmo tempo, tão mortas, devido à fixidez dos olhos. Ao lado do barbeiro, havia o açougue, e, por uma

[...] *graciosa casualidad, la tripería contigua exhibía cabezas de terneros* [...]. *Sólo un tabique de madera separaba ambos mostradores* [...]. *Ti Noel se divertía pensando que, al lado de las cabezas descoloridas de los terneros, se servían cabezas de blancos señores en el mantel de la misma mesa.*⁹⁵ (CARPENTIER, 2012 [1949], p. 24-25).

As cabeças de cera expressam uma intensa crítica à burguesia francesa. No período referido na narrativa, na França e na Europa de um modo geral, homens brancos, ricos e cultos, geralmente detentores de títulos de nobreza, usavam perucas. Esses adornos eram vendidos em lojas, que os expunham nas vitrines sobre cabeças de cera. Segundo o historiador Kwass (2006), o uso crescente da peruca em toda a Europa levou a uma acirrada concorrência nesse segmento entre as lojas que fabricavam e vendiam o acessório, que o propagandeavam em jornais impressos. Desse modo, por mais que Saint-Domingue fosse uma colônia francesa nos trópicos da América Central, o calor não impedia o uso desse símbolo de *status* social.

Na Europa, conforme o historiador, as abordagens sociais e culturais de consumo encaixam-se na história da peruca, uma das mais bem-sucedidas mercadorias do século XVIII. A inserção social desse estranho bem de consumo revela muito sobre a cronologia, a profundidade social e a abrangência geográfica das novas práticas de consumo da 'Era da Iluminação'. Em vez de validar concepções simplistas de revolução do consumidor, a difusão da peruca demonstra uma expansão dramática numa zona intermediária de consumo situada entre o luxo aristocrático e a necessidade popular.

Para Kwass (2006), a linguagem referente ao gosto dos líderes do século XVIII sugere uma tentativa de ir além de uma cultura de consumo cortês, em que o objetivo principal dos bens era marcar a posição social. É comum observar as perucas dos séculos XVII e XVIII como um ornamento aristocrático do antigo regime da Europa, um marcador exclusivo do elevado nascimento e do *status* atribuído a poucos privilegiados. Segundo o autor,

⁹⁵ Tradução de Marcelo Tápia: "[...] Por uma graciosa casualidade, o açougue contíguo exibia cabeças de bezerros [...]. Só um tabique de madeira separava ambos os balcões, e Ti Noel se divertia pensando que, ao lado das cabeças descoloridas dos bezerros, se serviam cabeças de brancos senhores na toalha da mesma mesa" (CARPENTIER, 2009, p. 16).

*[...] indeed, the wig enjoyed the most noble of pedigrees, its origins stretching back to the seventeenth-century French courts of Louis XIII and Louis XIV, where fashion had become part of an aristocratic world of power and display*⁹⁶ (KWASS, 2006, p. 634).

E, ainda, segundo o autor, no final do reinado de Louis XIV, as perucas ultrapassaram o limite geográfico da França, coroando reis em de toda a Europa, tornando-se item essencial do traje nobre europeu.

Esse capítulo do romance, além de reler criticamente a história oficial a respeito das perucas usadas pelos franceses, expõe uma sátira mordaz ao prenunciar o que realmente aconteceria, conforme constatação historiográfica, com a monarquia francesa e com os homens brancos de Saint-Domingue. Essa análise fica evidente quando Ti Noel vê em abundância outras cabeças naquela mesma manhã. Ao lado do açougue, o livreiro havia pendurado em um arame as últimas imagens recebidas de Paris. Em pelo menos quatro delas, ostentava-se o rosto do rei da França, Luís XVI, com moldura de sóis, espadas e lauréis.

Nesse período histórico que compreende a narrativa de Carpentier (2009), a monarquia da França ainda não havia sido deposta pelos rebeldes da Revolução Francesa (1789-1799), fato histórico que ocorreria mais tarde, com a decapitação de Luís XVI, em 21 de janeiro de 1793.

Ti Noel diverte-se ao ver as cabeças de cera ao lado das cabeças dos bezerros, e é por meio dessa personagem que o escritor satiriza a história tradicional, ao relatar, de forma cômica e repleta de simbolismo, os acontecimentos desse futuro próximo e histórico. As cabeças que outrora ostentavam belas perucas, em breve se tornariam iguais às dos bezerros. Além da construção literária paródica em torno das cabeças de cera, essa similaridade entre as cabeças cortadas dos animais e dos humanos expressa a ideia do grotesco, porque dificilmente são encontradas perucas expostas em cabeças de cera ao lado de cabeças decapitadas de animais, a não ser em manifestações literárias, como a de Carpentier (2012[1949]), que almejam expressar interpretações no público leitor com base nos signos linguísticos de sua produção textual.

Essa equiparação entre as cabeças humanas e a dos animais fica ainda mais

⁹⁶ Nossa tradução livre: “Na verdade, a peruca gozava do mais nobre dos pedigrees, suas origens remontam às cortes francesas do século XVII de Louis XIII e Louis XIV, onde a moda fazia parte de um mundo aristocrático de poder e exibição” (KWASS, 2006, p. 634).

evidente quando Ti Noel vê sair da barbearia Lenormand de Mezy, com as bochechas excessivamente empoadas: “*Su cara se parecía sorprendentemente, ahora, a las cuatro caras de cera empanada que se alineaban en el estante, sonriendo de modo estúpido*”⁹⁷ (CARPENTIER, 2012[1949], p. 28). Esta comparação é ampliada com a descrição do momento em que Mezy compra uma das cabeças de carneiro e a entrega para que seu escravo a carregue: “[...] *Ti Noel palpaba aquel cráneo blanco y frío, pensando que debía de ofrecer, al tacto, un contorno parecido al de la calva que el amo ocultaba debajo de su peluca*”⁹⁸ (CARPENTIER, 2012[1949], p. 28).

Apesar dessa polifonia, tais romances têm uma série de características comuns que tornam essas obras, diferentes daquelas que as antecederam, uma vez que o novo romance histórico “[...] *se ha embarcado, así, en la aventura de releer la historia [...] ejercitándose en modalidades anacrónicas de la escritura, en el pastiche, la parodia y el grotesco, con la finalidad de desconstruir la historia oficial*”⁹⁹ (AÍNSA, 1991, p. 82). Ainda segundo o autor, tais características pressupõem uma maior preocupação com a linguagem.

Em vista disso, toda a construção textual de Carpentier (2012[1949]) sobre as cabeças de cera e os bezerros mortos é simbólica e gera muitas interpretações. Além da alusão à histórica decapitação de cabeças da monarquia – ocorrida após a vitória dos rebeldes da Revolução Francesa (1789-1799), e, em paralelo, à Revolução Haitiana (1791-1804), que resultou na morte de muitos brancos em Saint-Domingue – também, numa interpretação mais estrita, observa-se o desejo latente de Ti Noel de ver a cabeça de seu amo em situação análoga à cabeça do bezerro: degolada; por isso carregava-a com tanto zelo e comparava-a com a cabeça lisa de Mezy por debaixo da peruca. Tal cena do romance nos faz lembrar que

[...] uma das formas do cômico é com certeza a caricatura. A ideia de caricatura é, afinal, moderna, embora alguns assinalem seu início em certos retratos grotescos de Leonardo. [...] a caricatura moderna [...] nasce como

⁹⁷ Tradução de Marcelo Tápia: “Seu rosto se parecia agora, surpreendentemente, com as quatro caras de cera baça que se alinhavam na prateleira, sorrindo de modo estúpido” (CARPENTIER, 2009, p. 18)

⁹⁸ Tradução de Marcelo Tápia: “[...] Ti Noel apalpava aquele crânio branco e frio, pensando que devia oferecer ao tato um contorno parecido com o da calva que o amo ocultava debaixo de sua peruca” (CARPENTIER, 2009, p. 18).

⁹⁹ Nossa tradução livre: “[...] embarcou, assim, na aventura de reler a história [...] exercendo modalidades anacrônicas de escrita, pastiche, paródia e grotesco, com o objetivo de desconstruir a história oficial” (AÍNSA, 1991, p. 82).

instrumento polêmico voltado contra uma pessoa real ou, no máximo, contra uma categoria social reconhecível, e consiste em exagerar um aspecto do corpo [...] (ECO, 2007, p. 152).

Da caricaturização ficcional à realidade, sabemos que, durante a Revolução Haitiana (1791-1804), os brancos que não fugiram de Saint-Domingue; foram mortos, e muitos, decapitados, conforme relatos históricos citados neste trabalho. Dubois (2004) cita que, devido ao levante massivo de escravos, iniciado na parte norte da ilha, o comandante Blanchelande teria enviado tropas brancas e um regimento de mestiços contra os insurgentes localizados nos quilombos de Saint-Domingue. Do alto das montanhas, os rebeldes atacavam as tropas francesas com pedras. Como resultado, foram mortos duzentos soldados brancos, e outros foram capturados. Ao término do confronto, *“Blanchelande watched in horror as the head of one of his officers – recognizable from a distance because of his white hair – was lifted on a pike above the insurgente camp”*¹⁰⁰ (DUBOIS, 2004, p. 139). É perceptível que a expedição foi uma vergonha e um fracasso para os franceses que não dominavam aquele espaço, que há muitos anos era o refúgio dos escravos fugitivos que se adaptaram à realidade daquelas montanhas inóspitas de Saint-Domingue.

Devido às tentativas ineficazes de conter o levante de escravos, Blanchelande foi deposto do cargo e levado à França, onde perdeu a cabeça na guilhotina. Entretanto, a história também descreve alguns êxitos dos militares franceses contra os insurgentes, que se vingaram brutalmente quando puderam. No fim do ano de 1792, cem rebeldes foram mortos em um campo de cana-de-açúcar. Diversas cabeças e orelhas desses rebeldes foram cortadas e levadas ao acampamento dos militares franceses. Apesar desse histórico de decapitação de negros, acreditamos que a imagem das cabeças dos bezerros mortos e das cabeças brancas de cera que figuravam como mostruário das perucas adquiridas pelos abastados de Saint-Domingue não faz referência aos negros, mas restringe-se às decapitações dos franceses da aristocracia branca, tanto da metrópole quanto da colônia.

Nos capítulos “La Poda”¹⁰¹, “Lo que hallaba la mano”¹⁰², “El recuento”¹⁰³, “De

¹⁰⁰ Nossa tradução livre: “Blanchelande assistiu, com horror, como a cabeça de um de seus oficiais – reconhecível a uma distância devido ao seu cabelo branco – foi levantada numa lança acima do acampamento dos insurgentes” (DUBOIS, 2004, p. 139).

¹⁰¹ Tradução de Marcelo Tápia: “A poda” (CARPENTIER, 2009, p. 2).

¹⁰² Tradução de Marcelo Tápia: “O que a mão encontrava” (CARPENTIER, 2009, p. 23).

¹⁰³ Tradução de Marcelo Tápia: “A recontagem” (CARPENTIER, 2009, p. 26).

profundis”¹⁰⁴, “Las metamorfosis”¹⁰⁵ e “El traje de hombre”¹⁰⁶, além de Ti Noel, François Mackandal aparece em destaque. Nesses capítulos, além da presença das características do novo romance histórico latino-americano observadas no capítulo “Las cabezas de cera”, citadas anteriormente, avivam-se outros traços dessa modalidade romanesca: a distorção consciente da história mediante omissões, exageros e anacronismos; a intertextualidade e os conceitos bakhtinianos de dialogismo, carnavalização, paródia e heteroglossia, conforme características apresentadas por Menton (1993).

O crítico literário canadense cita a ficcionalização de grandes personagens históricas como uma das características do novo romance histórico latino-americano. Na narrativa, Ti Noel era amigo do lendário Mackandal, ambos escravos da mesma fazenda; Mackandal torna-se uma divindade entre os escravos, simbolizando onipresença, resistência e força em resposta à opressão do homem branco. Carpentier (2012[1949]) expõe o período em que ele trabalhava na extração do caldo da cana-de-açúcar e configura, com detalhes, essa personagem, como quando apresenta a cena em que Mackandal perde seu braço esquerdo, tragédia que o levou a trabalhar no pastoril do gado da fazenda:

*El caballo, vencido de manos, cayó sobre las rodillas. Se oyó un aullido **tan desgarrado y largo que voló sobre las haciendas vecinas, alborotando los palomares**. Agarrada por los cilindros, que habían girado de pronto con inesperada rapidez, la mano izquierda de Mackandal se había ido con las cañas, arrastrando el brazo hasta el hombro*¹⁰⁷ (CARPENTIER, 2012[1949], p. 32-33, grifo nosso).

Aínsa (1991), assim como Menton (1993), observaram o uso de exageros na construção textual da modalidade literária em análise. No fragmento acima, a hipérbole fica evidenciada na descrição da cena em que Mackandal grita ao perder o braço esquerdo. Para criar a dimensão da dor sentida por essa personagem, o texto demonstra que seu berro foi ouvido a longa distância, nas fazendas vizinhas. Nesse momento, Ti Noel pegou uma faca e cortou as correias que sujeitavam o cavalo ao mastro do trapiche.

¹⁰⁴ Tradução de Marcelo Tápia: “De profundis” (CARPENTIER, 2009, p. 26).

¹⁰⁵ Tradução de Marcelo Tápia: “As metamorfoses” (CARPENTIER, 2009, p. 34).

¹⁰⁶ Tradução de Marcelo Tápia: “O traje de homem” (CARPENTIER, 2009, p. 39).

¹⁰⁷ Tradução de Marcelo Tápia: “O cavalo, exausto, caiu sobre os joelhos. Ouviu-se um uivo tão pungente e longo que ecoou sobre as fazendas vizinhas, alvoroçando os pombais. Agarrada pelos cilindros, que giraram de repente com inesperada rapidez, a mão esquerda de Mackandal havia entrado com as canas, arrastando o braço até o ombro” (CARPENTIER, 2009, p. 22).

*Ahora, Mackandal tiraba de su brazo triturado, haciendo girar los cilindros en sentido contrario [...] El amo ordenó que se trajera la piedra de amolar, para dar filo al machete que se utilizaría en la amputación*¹⁰⁸ (CARPENTIER, 2012[1949], p. 11).

A releitura histórica em torno da perda do braço de Mackandal aproxima-se da hipérbole e do grotesco, aspecto recorrente nessa modalidade romanesca, segundo Aínsa (1991) e Fleck (2014).

Como o escravo tornou-se inútil para trabalhos maiores, teve seu ofício redirecionado para o de guardar o gado. Cuidava das vacas, levava-as para pastar e depois as recolhia nos estábulos. Alves (2013) comenta que a atividade pastoril era vista como inofensiva e livre de qualquer risco à integridade da casa-grande, sendo, pois, apropriada a um escravo inofensivo. Com o tempo, a personagem observou que os animais desdenhavam certas plantas. Foi assim que, com o passar dos tempos, descobriu, com surpresa, a utilidade de diversas plantas e de cogumelos.

O narrador relata que, algumas vezes, Mackandal e Ti Noel foram à casa de uma bruxa localizada nos limites do vale, ao sopé dos montes. O mandinga levava as plantas e os cogumelos para a velha senhora. Um dia fizeram um teste com um cão no cio: esfregaram em seu focinho uma pedra que o sumo de um cogumelo havia tingido de amarelo claro. O cachorro contraiu os músculos, e seu corpo sacudiu em convulsões, caindo sobre o lombo com as patas rígidas e as presas de fora. Mackandal, então, disse que havia chegado o momento de fugir da fazenda, o que fez no dia seguinte.

De acordo com a sequência da narrativa, somente após alguns meses a velha bruxa encontrou Ti Noel e lhe passou um recado de Mackandal. O escravo foi ao encontro do fugitivo, que estava escondido em uma caverna. Mackandal havia percorrido as fazendas da planície e estabelecera contato com diversos escravos. O chamado do mandinga também teve um propósito, e naquele mesmo domingo as duas melhores vacas leiteiras da fazenda de Mezy foram envenenadas.

A partir daí, os envenenamentos espalharam-se pela Planície do Norte, e diversos animais e várias pessoas passaram a morrer envenenados. Para Alves (2013), o conhecimento adquirido por Mackandal sobre as plantas haitianas torna-se

¹⁰⁸ Tradução de Marcelo Tápia: “Agora, Mackandal retirava seu braço triturado, fazendo girar os cilindros em sentido contrário. [...] O amo ordenou que se trouxesse a pedra de amolar, para afiar o machete que se utilizaria na amputação” (CARPENTIER, 2009, p. 22).

um símbolo de resistência:

[...] interpreta-se o conhecimento que Mackandal adquirira do espaço haitiano como uma prática desviante na base da resistência dos sujeitos escravizados, permitindo-lhe a apropriação e a significação da natureza local necessárias à destilação e produção do veneno (ALVES, 2013, p. 171).

Ademais, para a autora, os envenenamentos de Mackandal representam uma dimensão política, pois configuram a insubmissão, não de um indivíduo, mas da coletividade de sujeitos escravizados a partir do ato de fazer ciência, que surge por meio do esforço de aprendizagem e apropriação de conhecimento sobre a vegetação haitiana.

Na sequência da narrativa, em decorrência dos inúmeros envenenamentos, os colonos açoitaram e torturaram seus escravos em busca de uma explicação. Após a morte da primeira esposa de Lenormand de Mezy, foi proclamado o estado de sítio na planície. Seguindo o relato, o leitor é informado de que, em um único dia, oito membros da família Du Periguy foram envenenados. Após torturarem diversos negros, um deles resolveu contar o que estava acontecendo. Naquela mesma tarde, todos os homens disponíveis foram mobilizados para caçar Mackandal. Passaram-se vários meses, e ainda não haviam encontrado “o maneta”.

Enquanto isso, o ex-escravo, por meio de suas transformações metamórficas, visitava as senzalas ao redor da ilha. A descrição que Carpentier (2012[1949]) faz das transformações da personagem merecem destaque, conforme podemos observar no fragmento a seguir:

Todos sabían que la iguana verde, la mariposa nocturna, el perro desconocido, el alcatraz inverosímil, no eran sino simples disfraces. Dotado del poder de transformarse en animal de pezuña, en ave, pez o insecto, Mackandal visitaba continuamente las haciendas de la Llanura para vigilar a sus fieles y saber si todavía confiaban en su regreso. De metamorfosis en metamorfosis, el manco estaba en todas partes, habiendo recobrado su integridad corpórea al vestir trajes de animales. Con alas un día, con agallas al otro, galopando o reptando, se había adueñado del curso de los ríos subterráneos, de las cavernas de la costa, de las copas de los árboles, y reinaba ya sobre la isla entera. Ahora, sus poderes eran ilimitados¹⁰⁹

¹⁰⁹ Tradução de Marcelo Tápia: “Todos sabiam que a iguana verde, a mariposa noturna, o cão desconhecido, o alcatraz inverossímil não eram senão simples disfarces. Dotado do poder de transformar-se em animal de cascos, em ave, peixe ou inseto, Mackandal visitava continuamente as fazendas da planície para vigiar seus fiéis e saber se ainda confiavam em sua volta. De metamorfose em metamorfose, o maneta estava em toda parte, tendo recuperado sua integridade corpórea ao vestir trajes de animais. Com asas em um dia, com guelra no outro, galopando ou rastejando,

(CARPENTIER, 2012[1949], p. 49).

Segundo se depreende da narrativa, para os negros, um dia Mackandal daria o sinal do grande levante. É assim que a narrativa revela que, após quatro anos, finalmente ele deixou de fazer suas metamorfoses e voltou à condição humana. Essas transformações expressam outra característica presente no romance histórico dessa modalidade, segundo Fleck (2014): o fantástico revestido de realismo.

A imagem de Mackandal é envolvida por um imaginário de crenças e aparições sobrenaturais. Tornou-se uma lenda, um símbolo de perseverança, otimismo e fé entre os escravos, mesmo após sua morte. Nesse sentido, é importante destacar que “*el novelista cubano, Alejo Carpentier, hizo de Mackandal, el héroe central de su novela, ‘El reino de este mundo’, donde muestra como galvanizó a los demás a resistir al orden colonial*”¹¹⁰ (MEZILAS, 2009, p. 35).

Para Mezilas (2009), Mackandal ganha uma posição de destaque na obra, ao lado do protagonista Ti Noel, especialmente por suas configurações, que envolvem, justamente, os traços do realismo mágico.

É inquestionável que a personagem Mackandal foi baseada na historiografia tradicional e conhecida. Consta-se esse fato pela retomada histórica citada no primeiro capítulo desta dissertação, à qual acrescentam-se as descrições do historiador Dubois (2004), que afirma que a vida de Mackandal e as lendas que surgiram em torno desse ex-escravo se convergem entre as tradições africanas e o mundo da escravidão nas plantações.

Para o autor, “*Makandal was a slave on a plantation in the parish of Limbé in the Northern Province, where he lost one of his arms while working in a sugar mill*”¹¹¹ (DUBOIS, 2004, p. 51). Segundo Dubois (2004), após a perda de seu braço, Mackandal foi relegado ao trabalho pastoril, o de proteger os animais da plantação; após esse fato, fugiu para as colinas. O autor refuta a possibilidade aventada por historiadores de que teria reunido uma grande banda de escravos fugitivos que atacaram plantações, e afirma que, na verdade, o terror que Mackandal semeou

apoderara-se do curso dos rios subterrâneos, das cavernas da costa, das copas das árvores, e reinava já sobre a ilha inteira. Agora, seus poderes eram ilimitados” (CARPENTIER, 2009, p. 36).

¹¹⁰ Nossa tradução livre: “O novelista cubano, Alejo Carpentier, fez de Mackandal o herói central de sua novela, ‘El reino de este mundo’, mostrando como encorajou os demais a resistir à ordem colonial” (MEZILAS, 2009, p. 35).

¹¹¹ Nossa tradução livre: “Makandal era um escravo em uma plantação na localidade de Limbé na província do Norte, onde perdeu um dos braços enquanto trabalhava em um açucareiro” (DUBOIS, 2004, p. 51).

foram os envenenamentos. Ele sabia como fazê-lo a partir de plantas colhidas, e coordenava seu uso contra o gado, contra os escravos que eram considerados inimigos e contra os mestres.

Para realizar esses ataques, conforme Dubois (2004), Mackandal desenvolveu uma extensa rede entre os escravos da Província do Norte, incluindo aqueles que trabalhavam como comerciantes que viajavam de plantação para plantação. Mackandal não foi o primeiro ou o melhor rebelde, mas suas ações e a publicidade em torno delas se tornaram lendárias e contribuíram para desencadear um ciclo de violência que continuou em Saint-Domingue por décadas.

No capítulo “El traje de hombre”¹¹², Ti Noel participou de uma festa organizada na fazenda Dufrené. Comemoravam o nascimento do primeiro filho varão na casa do amo. Os escravos festejavam ao redor do fogo, e Mackandal apareceu em forma de homem atrás do tambor. Com a aparição, os escravos ficaram mais eufóricos, a ponto de a casa grande perceber o que estava acontecendo e organizar-se para capturá-lo.

Na sequência da narrativa, todos os escravos da Planície do Norte reuniram-se na Cidade do Cabo, conduzidos por seus amos e capatazes, para assistirem, na praça central, à punição que os brancos planejaram para Mackandal. Foram organizados diversos maços de lenha ao pé de uma estaca, na qual foi amarrado aquele que desafiou o poder dos brancos com seus diversos envenenamentos.

*Con la cintura ceñida por un calzón rayado, cubierto de cuerdas y de nudos, lustroso de lastimaduras frescas, Mackandal avanzaba hacia el centro de la plaza. Los amos interrogaron las caras de sus esclavos con la mirada. Pero los negros mostraban una despechante indiferencia. ¿Qué sabían los blancos de cosas de negros? En sus ciclos de metamorfosis, Mackandal se había adentrado muchas veces en el mundo arcano de los insectos, desquitándose de la falta de un brazo humano con la posesión de varias patas, de cuatro élitros o de largas antenas*¹¹³ (CARPENTIER, 2012[1949], p. 56).

Percebemos, nesse momento, que a narrativa traz, primeiramente, um desejo latente dos negros – baseado na crença de que Mackandal era um ser divino,

¹¹² Tradução de Marcelo Tápia: “O traje de homem” (CARPENTIER, 2009, p. 39).

¹¹³ Tradução de Marcelo Tápia: “Com a cintura cingida por um calção listado, coberto de cordas e de nós, lustroso de ferimentos recentes, Mackandal avançava para o centro da praça. Os amos sondaram as faces de seus escravos com o olhar. Mas os negros demonstravam uma revoltante indiferença. O que sabiam os brancos de coisas de negros? Em seus ciclos de metamorfoses, Mackandal entrara muitas vezes no mundo oculto dos insetos, desforrando-se da falta de um braço humano com a posse de várias patas, de quatro élitros ou de longas antenas” (CARPENTIER, 2009, p. 43-44).

ungido pelos ‘grandes *Loas*’¹¹⁴ – de que, na hora em que a fogueira fosse acesa, ele se transformaria em um mosquito zombador e pousaria no tricórnio do chefe das tropas para gozar do desconcerto dos brancos.

Após, é narrado o momento em que o ex-escravo é amarrado ao poste de torturas e o fogo é aceso. Quando o fogo começa a chamuscar suas pernas, ele uiva e debate-se no poste até suas amarras caírem e seu corpo espigar-se no ar, transformando-se em um mosquito, perdendo-se no céu. Em vista disso, a multidão de escravos fica agitada, e os guardas lançam coronhadas contra os negros. Com a confusão do momento, conforme a versão dos brancos, poucas pessoas viram que Mackandal foi jogado à fogueira por dez soldados, afogando aí seu último grito. Para os negros, Mackandal havia sobrevivido à fogueira para cumprir sua promessa, permanecendo no reino desse mundo. Essa cena também revela, de forma simbólica e metafórica, o sentido proposto pelo título da obra.

As duas versões da morte de Mackandal, além de demonstrarem uma construção narrativa polifônica, expondo visões e vozes diferenciadas acerca do mesmo acontecimento, também evidenciam aqueles que foram esquecidos, negados ou relativizados pela história tradicional, traços presentes nessa modalidade romanesca, segundo Aínsa (1991).

A história tradicional confirma a existência de Mackandal e o caracteriza como símbolo da Revolução Haitiana (1791-1804). Com base na contextualização historiográfica apresentada nesta dissertação, no subtítulo 1.2, François Mackandal continuou existindo no imaginário dos escravos, mesmo após trinta anos de sua morte, como símbolo de insurreição, resistência à escravidão e incitação à revolução; porém, a manifestação de seu espírito, as metamorfoses zoomórficas, suas projeções por meio das ações naturais, como chuva e tempestade, são criações literárias de Carpentier (2012[1949]), com base no mito, na lenda e na oralidade da população haitiana.

Essa estrutura linguística que dá voz à cultura popular haitiana é um dos atos que caracterizam *El reino de este mundo* (2012[1949]) como um marco literário na América hispânica ao romper com o tradicionalismo literário europeu porque dá respaldo às civilizações que foram subjugadas, desprezadas ou excluídas pelas escritas hegemônicas. Em vista disso, a produção textual em torno da personagem

¹¹⁴ Grandes Deuses Africanos.

Mackandal demonstra diversas características inerentes ao novo romance histórico latino-americano. Observamos o hipertexto em relação à história oficial no que diz respeito à criação dessa personagem de extração historiográfica.

Citamos, ainda, a sátira em torno da transformação da personagem em diversos animais até chegar à forma de mosquito, deixando os brancos desconcertados, de acordo com o relato ficcional dos escravos, o que reveste a ficção de ironia e irreverência a respeito do poder do homem branco.

Aínsa (1991) analisa que, nessa modalidade romanesca, a releitura histórica proposta no discurso ficcional impugna a legitimação instaurada por versões oficiais da história. Segundo o autor, “*esta función no deja de ser paradójica en la medida en que la literatura es capaz de plantear con franqueza y sentido crítico lo que no puede o quiere hacer la historia*”¹¹⁵ (AÍNSA, 1991, p. 83).

Portanto, a construção paródica em torno da personagem Mackandal evidencia uma crítica social sobre a tentativa ineficaz dos brancos escravocratas de manter um duro controle sobre os homens negros e, conseqüentemente, sobre sua cultura e suas crenças espirituais, fato descrito pela história oficial e transformado ao longo dos anos pela inversão de poderes na ilha. Podemos dizer, com base na análise de Aínsa (1991) sobre a modalidade crítica do romance histórico, que a reescrita irônica em torno dessa personagem demonstra uma tentativa de suprir as amplas deficiências da historiografia tradicional conservadora e tendenciosa.

A partir do conceito de Hutcheon (1991), constatamos que o elemento irônico intrínseco à paródia pós-moderna não tem como objetivo principal apenas a criação da comicidade ao público leitor, mas sim, por meio dele, expor, a seriedade do objetivo e do tema.

O capítulo “La hija de Minos y de Pasífae” descreve que, logo após a morte da segunda esposa de Mezy, Ti Noel teve a oportunidade de ir à cidade do Cabo. Percebeu que, nos últimos anos, a cidade – as casas, o comércio – havia crescido, e que até o jornal *Gazette de Saint-Domingue* passou a circular impresso em papel fino, com páginas emolduradas por vinhetas e filetes. É a primeira vez que a narrativa se refere à personagem Henri Christophe, o mestre-cuca que acabara de comprar o albergue de *La Corona* de sua antiga patroa, Mademoiselle Monjeon.

¹¹⁵ Nossa tradução livre: “Essa função não deixa de ser paradoxal, na medida em que a literatura é capaz de levantar, com franqueza e sentido crítico, o que não pode ou não quer fazer a história” (AÍNSA, 1991, p. 83).

Conforme expõe o narrador, “*los guisos del negro eran alabados por el justo punto del aderezo [...]. Y cuando ponía la mano en la artesa, lograba masas reales cuyo perfume volaba hasta más allá de la calle de los Tres Rostros*¹¹⁶” (CARPENTIER, 2012[1949], p. 62).

Na sequência, a narrativa faz uma crítica a Monsieur Lenormand de Mezy, ao citar o fato de ele não guardar a menor consideração à memória de sua finada, porque, logo na sequência de sua morte, começou a frequentar o teatro do Cabo, onde conheceu Mademoiselle Floridor, uma má interprete de confidentes, sempre relegada a papéis inferiores, mas hábil como poucas em artes sensuais. Com essa senhora, Mezy ficou um tempo em Paris, e depois voltou a sua fazenda. “A cômica”, como era chamada por Ti Noel, insistia que todos da fazenda a chamassem por seu nome de teatro. O fato de a personagem Floridor ser apelidada de “a cômica” por Ti Noel revela um agudo sentido de humor na criação de uma personagem que expressa seu fracasso artístico por meio de exageros comportamentais – hipérboles – no tratamento consigo mesma e com os escravos da fazenda.

Após esse episódio, ocorre um lapso temporal na narrativa, que equivale ao intervalo de vinte anos. Após essa elipse temporal, a narrativa, focalizando o espaço da fazenda de Mezy, mostra a personagem Ti Noel já com doze filhos que teve com uma das cozinheiras. A fazenda estava mais florescente do que nunca. Porém, a descrição da aparente tranquilidade é rompida por relatos de abuso sexual cometido por Mezy, vitimando as negras adolescentes e de maus-tratos de Mademoiselle Floridor em relação às escravas que a penteavam e a banhavam. O narrador relata, então, que

[...] con la edad, Monsieur Lenormand de Mezy se había vuelto **maniático y borracho. Una erotomía perpetua lo tenía acechando, a todas horas, a las esclavas adolescentes cuyo pigmento lo excitaba por el olfato. Era cada vez más aficionado a imponer castigos corporales a los hombres, sobre todo cuando los sorprendía fornicando fuera de matrimonio**¹¹⁷ (CARPENTIER, 2012[1949], p. 64, grifo nosso).

¹¹⁶ Tradução de Marcelo Tápia: “Os guisados do negro eram elogiados pelo tempero no ponto certo [...]. E quando punha a mão na amassadeira, obtinha massas magníficas cujo perfume voava para além da rua dos Tres Rostros” (CARPENTIER, 2009, p. 49).

¹¹⁷ Tradução de Marcelo Tápia: “[...] com a idade, Monsieur Lenormand de Mezy tornou-se maníaco e bêbado. Uma erotomania perpétua o mantinha espreitando, a toda hora, as escravas adolescentes cujo pigmento o excitava pelo olfato. Era cada vez mais aficionado a impor castigos corporais aos homens, sobretudo quando os surpreendia fornicando fora do matrimônio” (CARPENTIER, 2009, p. 51).

Temos, nesse fragmento narrativo a hipérbole, que se aproxima já do grotesco ao retratar a “*erotomía perpetua*” da personagem. Observa-se o exagero em torno da sexualidade da personagem Mezy na relação às escravas. A referida descrição denota a ideia de burlesco, de algo que foge dos padrões sociais recorrentes e aceitáveis em seu meio social.

Outro aspecto particular dessa modalidade romanesca é a heteroglossia, que se manifesta pela diversidade social de tipos de linguagem que está presente no capítulo “La hija de minos y de Pasifae”¹¹⁸. Os escravos da ilha de Saint-Domingue criaram uma língua híbrida a partir da junção entre as línguas africanas e a língua francesa – o *creole* – que até hoje é falada no país e é uma das duas línguas oficiais do Haiti. Para trazer essa expressão cultural, Carpentier (2012[1949]), manifesta, especialmente nesse capítulo, o abismo cultural e linguístico entre a interpretação da língua francesa e a língua *creole*.

A narrativa expõe que, em certas noites, Madame Floridor bebia e mandava acordar todos os escravos para assistir a sua apresentação, quando representava papéis que nunca havia conseguido interpretar ao longo de sua carreira. Em uma das apresentações noturnas, os escravos compreenderam algumas palavras do francês que eram iguais à língua *creole*. Para eles, essas palavras referiam-se às faltas cujo castigo ia de uma simples surra à decapitação. Nesse momento, a narrativa torna-se altamente cômica, porque a personagem canta uma música com um significado em sua representação, e os escravos compreendem outro: “*Mes crimes désormais ont comblé la mesure: Je respire à la fois l'inceste et l'impotence; Mes homicides mains, prompts à me venger, Dans le sang innocent brûlent de se plonger*”¹¹⁹ (CARPENTIER, 2012[1949], p. 64).

Na compreensão dos escravos, eles acreditaram que Mademoiselle Floridor estava fazendo uma confissão de crimes cometidos em Paris, a ponto de crerem que aquela senhora teria vindo à colônia para escapar da polícia francesa, como tantas outras prostitutas do Cabo que tinham contas para acertar na metrópole. Pensavam que “*nada de lo que confesaba aquella mujer, vestida de una bata blanca que se*

¹¹⁸ Tradução de Marcelo Tápia: “A filha de Minos e de Pasífae” (CARPENTIER, 2009, p. 49)

¹¹⁹ Nossa tradução livre: “Meus crimes a partir de então ultrapassaram a medida: respiro ao mesmo tempo o incesto e a impostura; Minhas mãos homicidas, prontas para me vingar, No sangue inocente fervem [tremulam] para se banhar [mergulhar]” (CARPENTIER, 2012[1949], p. 64).

*transparentaba a la luz de los hachones, debía de ser muy edificante*¹²⁰ (CARPENTIER, 2012[1949], p. 65).

Por meio desse exemplo narrativo também podemos observar a polifonia textual que, segundo a teoria de Bakhtin (2015), é a representação de diversas vozes no mesmo texto. Os negros compreendiam a língua *creole*, enquanto a personagem Floridor entendia a língua francesa; além disso, os escravos não sabiam o que era uma interpretação artística de teatro. Os significados das palavras citadas pela “cômica” eram reinterpretados pelos escravos, como mostra o fragmento a seguir: “*La palabra "crimen" era parecida en la jerga insular; todo el mundo sabía cómo llamaban en francés a los jueces [...]*”¹²¹ (CARPENTIER, 2012[1949], p. 65). Tais processos, segundo Fleck (2017), “[...] provocam a “desterritorialização”¹²² da língua pelos colonizados, como um dos elementos de dominação impostos pelos centros do poder ao longo da história da América Latina” (FLECK, 2017, p. 63).

Junto a essas manifestações que rompem com o passado acrítico, Carpentier (2012[1949]) ainda desenvolve uma narrativa altamente cômica, que gera riso e comicidade. Nesse sentido, essa passagem, na qual a “cômica”, bêbada e frustrada, faz uma interpretação para os escravos igual àquelas dos teatros europeus, é uma das mais hilárias da obra de Carpentier (2012[1949]).

Ainda sobre o ambiente que antecede à Revolução Haitiana (1791-1804), no capítulo “El Pacto Mayor”¹²³ é descrita a lendária cerimônia *Bois Caïman*, que ocorreu no mês de agosto, em uma noite chuvosa, em meio a uma floresta na Planície do Norte. A narrativa descreve trovões que pareciam rebentar em avalanches sobre os perfis penhascosos do Morne Rouge, rolando longamente ao fundo dos barrancos, quando os representantes dos escravos da Planície do Norte chegaram às matas de *Bois Caïman*, inclusive Ti Noel.

Durante a cerimônia, Ti Noel acreditou compreender que algo ocorrera na França e que senhores muito influentes haviam declarado a liberdade aos negros, a quem os ricos proprietários do Cabo negaram-se a obedecer. Boukman declarou

¹²⁰ Tradução de Marcelo Tápia: “Nada do que confessava aquela mulher, vestida com uma bata branca que se tornava transparente à luz das tochas, devia ser muito edificante” (CARPENTIER, 2009, p. 51).

¹²¹ Tradução de Marcelo Tápia: “A palavra ‘crime’ era parecida no jargão insular; todo mundo sabia como chamavam em francês os juízes [...]” (2009, p. 51).

¹²² Esse processo nada mais é do que “a ausência de fronteiras, de demarcações espaciais, temporais e sociais [...]” (FLORENTINO, 2016, p. 121 *apud* FLECK, 2017, p. 63).

¹²³ Tradução de Marcelo Tápia: “O pacto maior” (2009, p. 53).

que um pacto fora selado entre os iniciados daqui e os grandes *Loas* da África para que a guerra se iniciasse sob os signos propícios.

Durante a cerimônia, Boukman sacrificou um porco negro, e seu sangue foi passado na boca dos escravos, que caíram de bruços sobre o solo molhado, jurando que, a partir desse momento, obedeceriam a Boukman. O jamaicano, conforme relata o narrador, abraçou, então, Jean François, Biassou e Jeannot. O estado-maior da sublevação estava formado. Era muito provável que se obtivesse alguma ajuda dos colonos espanhóis do outro lado, inimigos irreconciliáveis dos franceses.

Boukman, Jean-François e George Biassou – personagens de extração histórica inseridos na narrativa de Carpentier (2012[1949]) –, segundo Popkin (2007, 2012), foram os primeiros líderes revolucionários do movimento que, mais tarde, originou a Revolução Haitiana (1791-1804). Além de descrever a trajetória desses rebeldes, o historiador também destaca a inteligência desses homens na condução da sublevação escravocrata. A inteligência e o pensamento estratégico desses líderes podem ser exemplificados com uma descrição feita pelo historiador: em um dos ataques às fazendas, liderado por Jeannot, havia uma tropa de cerca de seis mil homens, alguns nus, alguns de farrapos e alguns grotescamente enfeitados no rico vestuário tirado das casas atacadas. “*They were armed with guns, knives, sticks and all the sharp utensils of kitchen and of farm*¹²⁴” (POPKIN, 2007, p. 77). Os rebeldes também contavam, como artilharia, quinhentos canhões saqueados das aldeias.

Ao confrontarmos a narrativa e a história – cujos fatos relevantes da Revolução Haitiana (1791-1804) são recuperados no primeiro capítulo desta dissertação – sobre a cerimônia *Bois Caïman*, percebemos que a narrativa de Carpentier (2012[1949]) apresenta diversas características prototípicas do novo romance histórico latino-americano, segundo a teoria de Aínsa (1991) e Menton (1993). Entre elas podemos destacar: a dialogia; a polifonia; a intertextualidade em relação à história oficial; a multiplicidade de perspectivas do fato histórico – vedando a possibilidade de registro de uma só verdade, o que leva ao confronto de diferentes interpretações que podem ser contraditórias. Ao mesmo tempo em que essa narrativa se “[...] ‘acerca’ al acontecimiento real [...] toma distancia en forma deliberada y consciente con relación a la historiografía ‘oficial’, cuyos mitos

¹²⁴ Nossa tradução livre: “Eles estavam armados com armas, facas, varas e todos os utensílios afiados da cozinha e da fazenda” (POPKIN, 2007, p. 77).

*fundacionales se han degradado*¹²⁵” (AÍNSA, 1991, p. 83).

Além disso, ao considerarmos também a lenda sobre a cerimônia, revelada por Geggus (2002), concluímos que Carpentier (2012[1949]) criou um hipertexto paródico em relação à cerimônia *Bois Caïman* a partir da história oficial, do mito, da lenda, da memória coletiva e da oralidade haitiana.

Observamos, também, que a narrativa descreve atos relacionados ao vodou durante a lendária cerimônia, manifestados pelas incorporações espirituais, que não ficam evidentes, mas implícitas no texto, mas que nos fazem compreender que forças sobrenaturais se manifestavam durante a *Bois Caïman*, como mostra esta passagem: “*Una voz, cuyo poder de pasar sin transición del registro grave al agudo daba un raro énfasis a las palabras. Había mucho de invocación y de ensalmo en aquel discurso lleno de inflexiones coléricas y de gritos*¹²⁶” (CARPENTIER, 2012[1949], p. 67). A mesma interpretação pode ser feita das invocações dos grandes *Loas* da África, como se vê no fragmento transcrito abaixo:

*Ogún de los hierros, Ogún el guerrero, Ogún de las fraguas, Ogún mariscal, Ogún de las lanzas, Ogún–Changó, Ogún–Kankanikán, Ogún–Batala, Ogún–Panamá, Ogún–Bakulé, eran invocados ahora por la sacerdotisa del Radá [...]*¹²⁷ (CARPENTIER, 2012[1949], p. 68).

Além dessas invocações, temos ainda no texto literário o sacrifício de animais, manifestado pela morte do porco negro: “*El machete se hundió súbitamente en el vientre de un cerdo negro [...] los delegados desfilaron de uno en uno para untarse los labios con la sangre espumosa del cerdo [...]*¹²⁸” (CARPENTIER, 2012[1949], p. 68)

Ademais, constatamos também que ocorre o anacronismo, outro traço dessa modalidade romanesca, na narrativa sobre a *Bois Caïman*. Segundo consta no romance, a lendária cerimônia ocorreu no Morne Rouge, localizado na plantação de

¹²⁵ Nossa tradução livre: “[...] ‘acerca’ do acontecimento real [...] toma distância de forma deliberada e consciente com relação à historiografia ‘oficial’, cujos mitos fundacionais se degradaram” (AÍNSA, 1991, p. 83).

¹²⁶ Tradução de Marcelo Tápia: “Uma voz, cujo poder de passar sem transição do registro grave ao agudo, dava uma estranha ênfase às palavras. Havia muito de invocação e de ensalmo naquele discurso cheio de inflexões coléricas e de gritos” (CARPENTIER, 2009, p. 53).

¹²⁷ Tradução de Marcelo Tápia: “Ogum dos ferros; Ogum, o Guerreiro; Ogum das forjas; Ogum marechal; Ogum das lanças; Ogum-Xangô; Ogum-Kankanikán; Ogum-Batala; Ogum-Panamá; Ogum-Bakulé eram invocados agora pela sacerdotisa do Radá [...]” (CARPENTIER, 2009, p. 54).

¹²⁸ Tradução de Marcelo Tápia: “O machete afundou-se subitamente no ventre de um porco negro [...] os delegados desfilaram de um em um para untar os lábios com o sangue espumoso do porco [...]” (CARPENTIER, 2009, p. 54-55).

Lenormand de Mezy. Em contraponto, o historiador Geggus (2002) cita que o encontro de escravos teria se dado em um lugar ainda chamado 'Caïman', localizado na plantação do marquês de Choiseul. E a primeira reunião dos escravos, realizada na noite do dia 14 de agosto de 1791, teria acontecido no Morne Rouge. Dessa forma, Carpentier (2012[1949]) mescla as duas reuniões, transformando-as em um único encontro.

Na narrativa de Carpentier (2012[1949]), é a partir da *Bois Caïman* que os escravos rebeldes começaram a invadir as plantações, libertando os escravos e matando todos os brancos que encontrassem pelo caminho.

De acordo com o relato do narrador, não demorou muito e a fazenda de Mezy foi atacada. Mademoiselle Floridor foi estuprada por Ti Noel e seus filhos mais velhos. Em consequência da violência, "a cômica" faleceu. Ti Noel e os outros escravos juntaram-se aos rebeldes, e Mezy somente sobreviveu porque conseguiu esconder-se atrás de um arbusto. Após ver a destruição de sua fazenda, dirigiu-se à cidade mais próxima para pedir ajuda. Tais fatos, renarrativizados na ficção carpentiana, como os ataques às plantações, os estupros das mulheres brancas pelos escravos e as mortes dos brancos, foram registrados pela historiografia. Entretanto, a covardia da personagem Mezy e o estupro da amante dele são construções literárias que expressam a inversão de papéis e poderes, agora sob controle dos homens negros.

Na sequência, o narrador descreve que, após alguns dias do ataque à fazenda, a fuzilaria do exército francês estava matando diversos rebeldes capturados. Ti Noel e mais um escravo da fazenda de Mezy haviam sido apanhados. Mezy chegou um pouco antes do fuzilamento dos dois escravos, a tempo de evitar suas mortes, não porque gostava dos escravos, mas porque estes representavam o último patrimônio que lhe restara.

Em Cuba, Ti Noel viveu muitos anos como escravo desse amo *creole*. Ficou velho e, com as economias que juntou graças às moedas dadas por seu amo, resolveu fugir e voltar a Saint-Domingue, então chamada de Haiti. Acreditava que seria um homem livre, porque a escravidão havia sido abolida para sempre na ilha.

Um dos aspectos da modalidade romanesca em análise, segundo Menton (1993) e Aínsa (1991), é o caráter cíclico da história. Essa é evidenciada pela trajetória de Ti Noel que volta a sua terra de origem, numa busca constante de uma pseudoliberalidade.

No Haiti, Ti Noel começou uma longa caminhada em sentido à antiga fazenda de Mezy. Caminhava sozinho, mas não estava realmente sozinho, porque há muito tempo tinha adquirido o hábito de conversar “[...] *con las sillas, las ollas, o bien con una vaca, una guitarra, o con su propia sombra*”¹²⁹ (CARPENTIER, 2012[1949], p. 32). Essa caminhada simboliza a solidão de Ti Noel, a tentativa de buscar nessa terra a liberdade tão almejada, um lugar onde pudesse viver em paz; porém, aos poucos, a caminhada vai revelando à personagem sinais de que algo estava errado. Os homens que passavam por Ti Noel demonstravam grande tristeza: “[...] *Los pocos hombres que Ti Noel se encontraba no respondían al saludo, siguiendo con los ojos pegados al suelo, como el hocico de sus perros*”¹³⁰ (CARPENTIER, 2012[1949], p. 32).

Ao chegar à antiga fazenda em que havia vivido, percebeu que tudo estava em ruínas: “*La hacienda toda estaba hecha un erial atravesado por un camino*”¹³¹ (CARPENTIER, 2012[1949], p. 106). O narrador, então, descreve a seguinte cena: sentado em uma das pedras da ruína da antiga fazenda, conversando com as formigas, Ti Noel viu passar diversos militares negros vestidos com uniformes pomposos. Ao observá-los, a personagem, estupefata e curiosa, resolveu seguir a trilha de seus cavalos. Aos poucos, foi abrindo-se um mundo totalmente diferente do que havia conhecido antes de ir a Cuba: eram as megaconstruções de Henry Christophe, o palácio rosado, Sans-Souci e a Ciudadela La Ferrière; enfim, um mundo de negros.

Segundo os relatos historiográficos, o reinado de Henry Christophe é a primeira e única monarquia negra ocorrida na América, que é comparada às demais monarquias europeias de seu tempo.

Para Menton (1993), entre as diversas personagens de extração histórica, presentes em *El reino de este mundo* (2012[1949]), Henri Christophe é a principal. Essa característica do novo romance histórico latino-americano de reler grandes personagens da história tradicional se intensificaria em produções futuras do gênero, como, por exemplo, no romance *Yo el supremo* (1974), de Augusto Roa Bastos, que

¹²⁹ Tradução de Marcelo Tápia: “[...] com as cadeiras, as panelas, ou com uma vaca, um violão, ou com sua própria sombra” (CARPENTIER, 2009, p. 84).

¹³⁰ Tradução de Marcelo Tápia: “Os poucos homens com quem Ti Noel se encontrava não respondiam à sua saudação, prosseguindo com os olhos presos ao chão, como o focinho de seus cães” (CARPENTIER, 2009, p. 84).

¹³¹ Tradução de Marcelo Tápia: “A fazenda toda parecia um terreno agreste atravessado por um caminho” (CARPENTIER, 2009, p. 84).

tem como personagem central o ditador paraguaio Doutor Francia, ou, então, *El arpa y la sombra* (1979), do próprio Carpentier, que traz o Papa Pio IX no primeiro eixo narrativo e, nos outros dois, a figura máxima do “descobrimento” da América, Cristóvão Colombo.

Uma das características do novo romance histórico latino-americano recorrente na obra em análise é o distanciamento deliberado em relação à historiografia oficial por meio da reescrita irônica e paródica, quando não irreverente, da história conhecida, fazendo coexistir uma criação ficcional que se ancora nos registros do acontecimento real.

Um dos exemplos mais relevantes dessa recorrência está na parte em que a personagem Ti Noel descobre a monarquia negra de Henri Christophe. Segundo o narrador, quando o protagonista chegou ao palácio rosado, Sans-Souci, ficou deslumbrado com a exuberância e a riqueza dessa realeza formada por negros.

A personagem nunca tinha visto tais coisas, como soldados negros controlando outros negros no trabalho escravo nos campos antes de chegar ao palácio Sans-Souci, e, dentro dele, sacerdotes, uma banda de música, bem como homens e mulheres negros usando trajes da última moda europeia, como podemos observar nos fragmentos abaixo:

[...] *Mucha gente trabajaba con esos campos, bajo l alácio a ia de soldados armados de látigos que, de cuandcomen cuando, lanzacomn un guijacomo a un pe“ezoso.”“Presos”, pensó Ti Noel, al ver que los guardianes eran negros, pero que los trabajadores también eran negros [...]. A un lado había largos cobertizos tejados, que debían de alácio a sndencias, los cuarteles y las caballericom Alco alácio o, un edificio redondo, comronad alácio aacomúpula asentada en blancas column alácil que salían va alácio a otes de sobrepelliz. A medida que se iba acercando, Tí Noel descubría terrazas, estatuas, arcadas, jardines, pérgolas, arro alácio a ciales y laberintos de boj. Al pie de pilastras macicoms, que sostenían un gran sol de mader alácio, mon alácila guardía dos leones de bronce. Por la explanada de comnor iban y venían, en gran tráfigo, militares vestidos de blanco, jóvenes capitanes de bicornio, todos constelados de reflejos, sonándose el scome sobr alácioslos. Una ventana abiertc alácio aía el trabcomo de una orquesta de baile en pl alácioayo. A las ventanas del palacio asomábacom damas coronadas de plumas, con el abundante pecho alzado por el talle demasiado alto de los vestidos a la moda*¹³² (CARPENTIER, 2012[1949], p. 107-108).

¹³² Tradução de Marcelo Tápia: “Muita gente trabalhava nesses campos, sob a vigilância de soldados armados de chicotes que, de quando em quando, lançavam uma pedra em algum preguiçoso. “Presos”, pensou Ti Noel, ao ver que os guardas eram negros, mas que os trabalhadores também eram negros [...]. Em um lado, havia longos abrigos cobertos, que deviam ser as dependências, os quartéis e as cavalariações. No outro lado, um edifício redondo, coroado por uma cúpula assentada em brancas colunas, de que saíam vários sacerdotes de sobrepeliz. À medida que se aproximava, Ti Noel descobria terraços, estátuas, arcadas, jardins, pérgulas, riachos artificiais e labirintos de buxo.

Em meio a esse deslumbramento, Ti Noel

[...] recibió un tremendo palo en el lomo. Antes de que le fuese dado protestar, un guardia lo estaba conduciendo, a puntapiés en el trasero, hacia uno de los cuarteles. Al verse encerrado en una celda, Ti Noel comenzó a gritar que conocía personalmente a Henri Christophe [...]. Pero nadie le hizo caso. Por la tarde se le llevó, con otros presos, hasta el pie del Gorro del Obispo, donde había grandes montones de materiales de construcción. Le entregaron un ladrillo. — ¡Súbelo!... ¡Y vuelve por otro! — Estoy muy viejo. Ti Noel recibió un garrotazo en el cráneo¹³³ (CARPENTIER, 2012[1949], p. 109-110).

Para a existência do protagonista Ti Noel, esse momento era trágico, pois novamente havia se tornado escravo, num processo cíclico. Por meio desse exemplo, percebemos a circularidade na configuração dessa personagem e da própria narrativa. A Revolução Haitiana (1791-1804) havia terminado, e os negros, finalmente, puderam assumir o poder sobre suas vidas e sobre o Estado-nação; todavia, a exploração, a escravidão e, como consequência, a dominação do homem, agora outro, por aqueles que estavam no poder permaneciam na história haitiana. Esse fato de base historiográfica é reescrito de forma paródica, irônica, sarcástica e cômica em *El reino de este mundo* (2012[1949]).

A história oficial relata a exuberância da monarquia de Henri Christophe, o seu absolutismo e a exploração da população da parte norte da ilha na construção do palácio e da Ciudadela; porém, não considera os relatos daqueles que foram oprimidos e explorados. Dessa forma, a inserção da personagem ficcional Ti Noel junto ao contexto histórico descrito na obra permite a revelação de outra perspectiva: aquela da parcela escravizada, oprimida, explorada pelo representante de sua própria origem, que, uma vez no poder, procura assemelhar-se ao modelo opressor anterior e viver segundo os preceitos daqueles que antes exerciam o mesmo

Ao pé de pilastras maciças, que sustentavam um grande sol de madeira negra, montavam guarda dois leões de bronze. Pela esplanada de honra iam e vinham, em tráfego intenso, militares vestidos de branco, jovens capitães de corne, todos constelados por reflexos, fazendo o sabre soar sobre as coxas. Uma janela aberta denunciava o trabalho de uma orquestra de baile em pleno ensaio. Nas janelas do palácio, surgiam damas coroadas de plumas, com os abundantes seios alçados pelo talhe demasiado alto dos vestidos da moda” (CARPENTIER, 2009, p.88-89).

¹³³ Tradução de Marcelo Tápia: “[...] recebeu uma tremenda paulada no lombo. Antes que pudesse protestar, um guarda o estava conduzindo, a pontapés no traseiro, até um dos quartéis. Ao ver-se encerrado em uma cela, Ti Noel começou a gritar que conhecia pessoalmente Henri Christophe [...]. Mas ninguém fez conta disso. À tarde, levaram-no com outros detentos, até o pé do Gorro do Obispo, onde havia montões de materiais de construção. Entregaram-lhe um tijolo. — Leve-o para cima... E volte para buscar outro! — Estou muito velho. Ti Noel recebeu uma bordoadada no crânio” (CARPENTIER, 2009, p. 89-90).

domínio sobre seu povo e sobre ele mesmo.

Desse modo, Alejo Carpentier (2012[1949]) utiliza-se da paródia para criar um texto literário a partir da visão daqueles que foram silenciados, esquecidos ou relativizados pela história oficial, outra característica dessa modalidade crítica de romance histórico.

A personagem Ti Noel é a representação desses homens explorados, é uma figura que preenche as lacunas deixadas pela história tradicional. Além disso, o escritor cubano faz uma crítica social da exploração do homem pelo homem. Antes da Revolução Escravocrata de Saint-Domingue (1791-1804), o homem branco, o qual se encontrava no topo do poder, explorava e tratava os homens negros como seres inferiores, dispensando a eles o mesmo tratamento que dispensavam aos animais. Após muita exploração, os negros rebelaram-se contra o sistema, e, ao assumir o poder, tornam-se tão ou mais déspotas que os brancos opressores. Assim, o sistema de exploração do homem pelo homem continuou ocorrendo. Tudo isso demonstra a circularidade temporal, vista como uma das características dessa modalidade romanesca.

Desse modo, toda a historiografia oficial é criticada e ironizada em *El reino de este mundo* (2012[1949]). A história oficial é reescrita de forma totalmente paródica, como observamos nas descrições narrativas sobre a construção da Cidadelle La Ferrière e nestes fragmentos:

En la cima del Gorro del Obispo, hincada de andamios, se alzaba aquella segunda montaña – montaña sobre montaña – que era la Ciudadela La Ferrière. [...]. Las escaleras del infierno comunicaban tres baterías principales con la santabárbara, la capilla de los artilleros, las cocinas, los aljibes, las fraguas, la fundición, las mazmorras. En medio del patio de armas, varios toros eran degollados, cada día, para amasar con su sangre una mezcla que haría la fortaleza invulnerable. [...] Centenares de hombres trabajaban en las entrañas de aquella inmensa construcción, siempre espiados por el látigo y el fusil, rematando obras que sólo habían sido vistas, hasta entonces, en las arquitecturas imaginarias del Piranese. [...]. Ahí estaban el Escipión, el Aníbal, el Amílcar, bien lisos, de un bronce casi dorado, junto a los que habían nacido después del 89, con la divisa aun insegura de Libertad, Igualdad¹³⁴ (CARPENTIER, 2012[1949], p.111-113).

¹³⁴ Tradução de Marcelo Tápia: “No cume do Gorro del Obispo, rodeada de andaimes, elevava-se aquela segunda montanha – montanha sobre montanha – que era a Cidadela La Ferrière. [...] As escadas do inferno comunicavam três bateriais principais com o paiol, a capela dos artilheiros, as cozinhas, as cisternas, as forjas, a fundição, as masmorras. No meio do pátio de armas, vários touros eram degolados, todo dia, para se amassar com seu sangue uma argamassa que faria a fortaleza invulnerável. [...] Centenas de homens trabalhavam nas entranhas daquela imensa construção, sempre vigiados pelo açoite e pelo fuzil, rematando obras que só tinham sido vistas, até então, nas arquiteturas imaginárias do Piranese. [...] Aí estavam o Cipião, o Aníbal, o Amílcar, bem lisos, de um

Ao confrontarmos esse fragmento narrativo com os relatos historiográficos citados no primeiro capítulo desta dissertação, verificamos que a Ciudadela La Ferrière existe e está localizada em uma região montanhosa, e que foi construída pela população do norte da ilha na gestão de Henri Cristophe, com o propósito de evitar invasões estrangeiras.

Entretanto, a historiografia oficial não relata que os negros que construíram essa fortaleza a descreveram como as ‘escadas do inferno’, mesmo porque a história tradicional hegemônica foi constituída a partir do discurso do dominador, do colonizador, e não a partir dos relatos dos escravos desse período colonial.

É justamente por isso que a narrativa de Carpentier (2012[1949]) é tão crítica, pois não se limita a julgar a história que foi constituída a partir da subjetividade do homem branco letrado, mas também emite opinião sobre a exclusão das vozes dessa população explorada por Henri Christophe, que, desde o período colonial do Haiti, manteve-se na posição de escrava e subordinada, ainda longe de conquistar a própria liberdade.

Esse exemplo narrativo também expõe as proporções dessa fortaleza, que somente tinham sido vistas nas arquiteturas imaginárias de Piranese¹³⁵, isto é, a construção da Ciudadela La Ferrière era tão absurda que existia somente no imaginário de Henri Christophe.

Na sequência, a narrativa descreve que, nessa fortaleza, estavam expostos monumentos com as imagens de Escipión, Aníbal e Amílcar, os quais, segundo a história, foram grandes generais da Europa antiga. Junto a essas imagens ‘quase douradas’ estavam aquelas das pessoas que nasceram após 89, com o emblema ainda inseguro de ‘liberdade’ e ‘igualdade’.

Segundo a historiografia oficial, o início da Revolução Francesa (1789-1799) deu-se no ano de 1789, e o seu lema era “Liberté, égalité, fraternité”¹³⁶. Sabe-se, também, que essa revolução serviu como inspiração para o surgimento da Revolução Haitiana (1791-1804). A palavra ‘inseguro’ denota a ideia de que a liberdade e a igualdade entre todos os cidadãos ainda não tinham sido instituídas no

bronze quase dourado, junto aos que tinham nascido depois de 89, com a divisa ainda insegura de ‘Liberdade, Igualdade’” (CARPENTIER, 2009, p. 91-92).

¹³⁵ Segundo a historiografia oficial, Piranese foi um famoso arquiteto italiano que viveu entre os anos de 1720 e 1778.

¹³⁶ Nossa tradução livre: “liberdade, igualdade e fraternidade”.

imaginário e na prática daqueles que assumiram o poder após o término da Revolução Haitiana (1791-1804). Em vista disso, observamos que Carpentier (2012[1949]) utilizou-se da história para construir uma narrativa híbrida, altamente simbólica e paródica, na qual a história conhecida serve – exclusivamente – como alicerce para o desenvolvimento de sua criticidade. Assim, “[...] *la relectura histórica propuesta en el discurso ficcional impugna la legitimación instaurada por las versiones oficiales de la historia*”¹³⁷ (AÍNSA, 1991, p. 83). Nela se aventa uma multiplicidade de perspectivas acerca do fato histórico por “[...] *revestirse de las modalidades expresivas del historicismo a partir de una “pura invención” mimética de crónicas y relaciones*”¹³⁸ (AÍNSA, 1991, p. 84), conforme costuma ocorrer no novo romance histórico latino-americano.

Segundo a história, foi o sonho de liberdade que induziu esses escravos a se rebelarem contra o sistema escravocrata instalado na colônia francesa; mas, uma vez que o poder foi conquistado, após anos de conflito, mantém-se nos moldes das monarquias europeias. Essa releitura irônica e paródica da contraversão de poderes é amplamente explorada na obra cubana.

Nesse ambiente de exploração imposto pela monarquia de Henri Christophe, o único desejo latente de Ti Noel era viver novamente nas terras de seu antigo amo, Lenormand de Mezy, conforme podemos depreender deste fragmento da narrativa:

*Los troncos que ahora rodaban, cuesta arriba, a fuerza de palancas, servirían para carpintear los pisos de los departamentos. Pero nada de esto interesaba ya a Ti Noel, que sólo ansiaba instalarse sobre las antiguas tierras de Lenormand de Mezy, a las que regresaba ahora como regresa la anguila al limo que la vio nacer*¹³⁹ (CARPENTIER, 2012[1949], p. 117).

Nesse fragmento, percebemos, novamente, um dos aspectos inerentes ao novo romance histórico latino-americano, conceituado por Menton (1993): o caráter cíclico da história e, paradoxalmente, o caráter imprevisível desta. Os sucessos mais inesperados e mais assombrosos podem acontecer na narrativa.

¹³⁷ Nossa tradução livre: “[...] a releitura histórica proposta no discurso ficcional desafia a legitimação instaurada pelas versões oficiais da história” (AÍNSA, 1991, p. 83).

¹³⁸ Nossa tradução livre: “[...] reveste-se das modalidades expressivas do historicismo a partir de uma ‘pura invenção’ mimética de crônicas e relações” (AÍNSA, 1991, p. 84).

¹³⁹ Tradução de Marcelo Tápia: “Os troncos que agora rolavam, costa cima, à força de alavancas, serviriam de assoalho para os aposentos. Mas nada disso interessava mais a Ti Noel, que só ansiava por instalar-se sobre as antigas terras de Lenormand de Mezy, às quais regressava agora como regressa a enguia ao limo que a viu nascer” (CARPENTIER, 2009, p. 95).

Ti Noel vivia como escravo na fazenda de Mezy, e ali era explorado e subjugado; porém, ao presenciar um sistema mais exploratório que outrora vivenciou, almejou voltar para a antiga fazenda. Essa retomada do passado é considerada um tempo cíclico na narrativa, porque continua no imaginário da personagem, afligindo o seu presente e criando uma expectativa futura.

Essa retomada contínua da exploração que assola a personagem e, ao mesmo tempo, da idealização de uma liberdade inalcançável, representa o maior conflito de Ti Noel. Por mais que esse local não tivesse mais a estrutura do passado remoto, era o único espaço que havia participado da construção de sua identidade, por isso a importância da passagem em que o narrador cita que a enguia voltaria ao limo que a viu nascer.

Consideramos esse ato contraditório e imprevisível, mas significativo, porque critica a incoerência do objetivo proposto e seguido pelos insurgentes durante a Revolução Haitiana (1791-1804), que era a busca pela liberdade. Assim, Ti Noel, na narrativa, ao conseguir fugir, volta à fazenda de Mezy, e ali permanece alguns anos, mas sempre se escondendo dos homens de Henri Christophe que andavam buscando pessoas para construir algum novo palácio.

Após alguns anos vivendo nas ruínas da antiga fazenda, Ti Noel, cansado da miséria, dirige-se à Ciudad del Cabo, a qual conhecia desde a época em que era escravo de Lenormand de Mezy. Quando chega à cidade, questiona se realmente estava na Cidade do Cabo, porque ali todos estavam com medo do déspota Henri Christophe; na sequência da narrativa, a personagem deixou a cidade.

Muitos negros, cansados da exploração de Christophe, uniram-se contra o monarca e organizaram um motim em frente ao palácio Sans-Souci. Devido à rebelião e à fuga de quase toda a realeza, o rei negro, sentado em seu trono, suicidou-se. O suicídio de Henri Christophe, a traição de seus homens e o motim em frente ao palácio são construções literárias intertextuais da história conhecida, como podemos observar nas informações apresentadas no primeiro capítulo desta dissertação.

O narrador relata que o palácio Sans-Souci foi saqueado, sendo Ti Noel um dos saqueadores. Diversos objetos e várias roupas furtadas foram levados às ruínas da antiga fazenda, onde, novamente, Ti Noel fixou moradia.

O protagonista voltou várias vezes ao palácio para trazer mais roupas e objetos; seu maior patrimônio era um casaco de seda verde de Henri Christophe. Ti

Noel, em meio às ruínas, vestido com seu casaco e com seus móveis saqueados, sente-se feliz e soberano em seu reino: *“Instalado en su butaca, entreabierto la casaca, bien calado el sombrero de paja y rascándose la barriga desnuda con gesto lento, Ti Noel dictaba órdenes al viento*¹⁴⁰” (CARPENTIER, 2012[1949], p. 156).

Esse reinado solitário da personagem Ti Noel é um exemplo carnavalesco presente na obra cubana. Por meio desse protagonista, o escritor cubano usa a construção textual paródica para expor que o desejo de poder é intrínseco ao homem. Além disso, o autor estabelece, por meio da construção literária, uma inversão de papéis: de escravo explorado pelos brancos e pela monarquia negra, Ti Noel se torna livre nesse inóspito local e cria para si uma espécie de reinado e poder solitário. Esse episódio é altamente significativo na obra cubana.

Também observamos a carnavalização no fato de a personagem Ti Noel, já quase decrépito, ter buscado esse poder ilusório em um mundo às avessas, porque esse local onde ele constrói seu pequeno reinado imaginário é a antiga fazenda de Lenormand de Mezy, na qual vivera como escravo. Nesse mundo fictício e invertido, Ti Noel considerava-se o seu rei absoluto:

*El anciano llenaba de cosas hermosas los vacíos dejados entre los restos de paredes, haciendo de cualquier transeúnte ministro, de cualquier cortador de yerbas general, otorgando baronías, regalando guirnaldas, bendiciendo a las niñas, imponiendo flores por servicios prestados*¹⁴¹ (CARPENTIER, 2012[1949], p. 157).

A narrativa mostra, porém, que a felicidade e o reinado solitário do protagonista duraram pouco. Em uma manhã qualquer, apareceram senhores de Port-au-Prince para medir as terras da região onde vivia Ti Noel. Apesar da fala alta e firme de Ti Noel, os homens não deram importância ao velho negro e, em pouco tempo, iniciaram as plantações nessas terras. O protagonista logo percebeu que a tarefa agrícola havia se tornado obrigatória e que o chicote estava, agora, nas mãos dos mestiços, os novos senhores da Planície do Norte.

Ti Noel entrou em desespero ao saber que perderia a autonomia de seu

¹⁴⁰ Tradução de Marcelo Tápia: “Instalado em sua poltrona, a casaca entreaberta, o chapéu de palha bem-posto e coçando a barriga desnuda com gesto lento, Ti Noel ditava ordens ao vento” (CARPENTIER, 2009, p. 123).

¹⁴¹ Tradução de Marcelo Tápia: “O velho enchia de coisas formosas os vazios deixados entre os restos de paredes, fazendo de qualquer transeunte ministro, de qualquer cortador de grama general, outorgando baronias, presenteando grinaldas, abençoando as meninas, impondo flores por serviços prestados” (CARPENTIER, 2009, p. 123).

pequeno reinado devido à chegada dos mulatos na Planície do Norte. Nessa situação, sem ter para onde ir e com medo de ser explorado novamente pelo sistema, lembrou-se de seu amigo Mackandal.

O protagonista pensou na facilidade de transformar-se em um animal quando se tem poderes para isso. Subiu em uma árvore para ver se podia virar pássaro, e em pássaro transformou-se, mas bateu o bico. No dia seguinte, transformou-se em um garanhão, mas teve de fugir de um mestiço que queria castrá-lo. Transformou-se em abelha, mas não gostou da geometria das edificações de cera. Depois, em uma formiga, mas teve de transportar cargas enormes sob a supervisão de um teimoso que lembrava os homens de Lenormand de Mezy. Em cada animal transformado, Ti Noel deparava-se com as mais diversas mazelas, e não encontrava esse lugar utópico onde pudesse ser livre e feliz.

Ao final da obra, acentua-se o realismo mágico com a descrição de que caíam gansos do céu, e Ti Noel resolveu ser um ganso, fracassando mais uma vez. A personagem voltou à condição humana, sentindo os antepassados distantes da África, os incontáveis séculos de idade e um cansaço cósmico. Um dia, o grande vento verde emergiu do oceano e caiu na planície norte. A partir daquele momento, Ti Noel desapareceu.

Como se vê, a narrativa começa e termina com a personagem principal na mesma situação: oprimido pelo sistema, pelo poder. Provavelmente por isso essa personagem tenha tido um final tão subjetivo à interpretação do leitor, a partir de uma construção textual que se apoia no realismo mágico.

Consideramos que essas transformações metamórficas da personagem Ti Noel, bem como o seu desaparecimento, são os elementos mais simbólicos e significativos de toda a obra literária. Todas as possibilidades de uma busca real de liberdade, idealizada pelo protagonista, são, inevitavelmente, interrompidas por forças maiores à sua condição de vida: primeiramente, o poder do homem branco escravocrata; depois, a exploração de Henri Christophe; e, na sequência, a chegada e o controle dos mulatos na parte norte da ilha.

Assim como Ti Noel, Mackandal também desapareceu. A narrativa não dá pistas para que o leitor consiga concluir o que se passou com exatidão. As personagens, ao desaparecerem, deixam dúvidas sobre o seu destino ou paradeiro, ficando apenas a impressão de que ambas seguem no “Reino deste mundo”, ao menos na memória coletiva haitiana, o que dá sentido ao título do romance.

Romances desconstrucionistas como a obra *El reino de este mundo* (2012[1949]), segundo a teoria de Fleck (2017), requerem um leitor capaz de

[...] reestabelecer e ordenar as sobreposições temporais das anacronias exacerbadas; compreender as metáforas e outras figuras de linguagem utilizadas pelos romancistas ao empregar uma escrita barroca, quando não o experimentalismo linguístico e estrutural; correlacionar as diferentes perspectivas pelas quais a temática do romance é trabalhada; amalgamar os fios da construção discursiva para obtenção da carga ideológica que subjaz à escrita; e, apenas como exemplo mais prático, reconhecer as tantas e imprescindíveis intertextualidades com as quais dialoga a escrita romanesca contemporânea (FLECK, 2017, p. 100-101).

Ou seja, não são obras acessíveis a qualquer leitor. Elas requerem uma leitura mais rebuscada, exigindo, entre outras coisas, o conhecimento da história com relação às personagens históricas, das ações e dos espaços reescritos pela literatura; a compreensão linguística de uma produção textual mais elaborada do que os romances históricos clássico e tradicional; a interpretação de elementos fantásticos que simbolizam ou expressam reflexões profundas sobre movimentos cíclicos e intrínsecos à existência humana, independentemente do tempo, da cultura e do espaço geográfico.

No próximo capítulo, observamos as características do romance histórico contemporâneo de mediação, segundo a teoria de Fleck (2008, 2011, 2014, 2017), em *La isla bajo el mar* (2009) e elucidamos como essa modalidade mais atual do romance histórico procede à releitura crítica do passado pela junção de características das modalidades acríticas com aquelas das escritas críticas e desconstrucionistas do novo romance histórico latino-americano, cujo exemplo primeiro está em *El reino de este mundo* (2012[1949]), que acabamos de analisar.

3.2 LA ISLA BAJO EL MAR (2009): UMA MEDIAÇÃO ENTRE O TRADICIONALISMO E O NOVO ROMANCE HISTÓRICO LATINO-AMERICANO

Isabel Allende (2009), assim como Alejo Carpentier (2012[1949]), retrata, por meio da literatura, o período escravocrata ocorrido na antiga colônia francesa de Saint-Domingue. Na obra *La isla bajo el mar* (2009) é a primeira vez que a escritora chilena se dedica à temática da escravidão, mas se mantém fiel à perspectiva feminina e à criação de uma protagonista que está à margem, como é comum e característico em toda sua produção literária.

Do mesmo modo que ocorre na obra cubana, *La isla bajo el mar* (2009) reconta a história da Revolução Haitiana (1791-1804) e, junto à narrativa, incorpora elementos ficcionais. Contudo, o romance de Allende (2009) reconta a história do período que antecede a sublevação de origem escrava até o término do conflito haitiano, e, ainda, descreve os refugiados de Saint-Domingue em Cuba e Nova Orleans, enquanto a de Carpentier (2012[1949]) reconstrói a história desse levante até as primeiras gestões haitianas: a de Henri Christophe e a de Jean-Pierre Boyer, conforme já explicitado.

A obra *La isla bajo el mar* (2009) está dividida em duas partes: a primeira, intitulada *Saint-Domingue, 1770-1793*, refere-se a um determinado tempo da vida da protagonista-escrava Zarité, desde o ano de seu nascimento até sua partida de Saint-Domingue, devido à rebelião dos escravos. É nessa parte da obra que ocorre a releitura da maior parte do conflito haitiano.

O enredo da segunda parte do romance, *Luisiana, 1793-1810*, desenrola-se em Havana (Cuba) e, em grande parte, no estado da Luisiana¹⁴² (EUA), destinos dos refugiados da ilha. Embora as personagens principais da narrativa não estejam mais na antiga colônia francesa, é nessa parte da obra que é descrito o término do conflito.

Um dos motivos que levaram à definição de *La isla bajo el mar* (2009) como um romance contemporâneo de mediação refere-se ao fato de sua narrativa acompanhar o tempo linear dos relatos historiográficos. Trata-se de um traço presente nos romances históricos clássico e tradicional, que é recuperado pela modalidade atual como uma característica estruturante, conforme revelam os estudos de Fleck (2017). Como resultado, tem-se uma narrativa sem a ocorrência de anacronias exageradas ou de sobreposições temporais na tessitura da obra, como é comum na modalidade do novo romance histórico latino-americano.

Tal organização narrativa cronológica auxilia o leitor não especialista em teoria literária, ou mesmo em leituras híbridas mais complexas, a prosseguir na compreensão lógica das ações narradas de forma bastante tranquila e sem percalços de leitura. Desse modo, as ações narradas no romance seguem a sequência pré-estabelecida pelo fluir histórico que, muitas vezes, já é do conhecimento do leitor.

¹⁴² Em língua inglesa se escreve 'Louisiana'.

Ao analisarmos o caráter híbrido dessa modalidade romanesca, percebemos que *La isla bajo el mar* (2009), ao mesmo tempo em que cria personagens e enredos fictícios, funde-os com os relatos historiográficos, com o discurso oficial da história que registrou os fatos conhecidos na atualidade sobre a Revolução Haitiana (1791-1804). Assim, as personagens puramente ficcionais que protagonizam a diegese romanesca, mesmo não tendo documentação histórica, são, geralmente, representações de grupos humanos, sintetizados nessas configurações literárias.

Em vista disso, a mulata Zarité, também chamada de Tété, simboliza todas as escravas haitianas da segunda metade do século XVIII e início do século XIX, e o antagonista Valmorain, por sua vez, é a encarnação de todos os *grand blancs* escravocratas que dominaram o poder na ilha caribenha durante a sua fase de colonização. Pelo emprego da metonímia, a autora condensa, nessas duas personagens, classes sociais que, conforme a história revela, estiveram em oposição no conflito haitiano, sem, no entanto, valer-se de uma personagem específica de extração histórica para recriar esse passado. Tal decisão outorga à romancista uma maior liberdade de ação na configuração das personagens protagonista e antagonista e de suas ações, já que seu caráter puramente ficcional lhe permite o amálgama da essência de várias personagens registradas pela historiografia.

Já a personagem secundária, Violette Boisier, é a representação das mulheres emancipadas. É uma característica escassa, segundo a história oficial, nas colônias europeias desse período; mas esse perfil de personagem é algo recorrente nos romances de Isabel Allende, independentemente do espaço cultural e histórico de suas obras, como, por exemplo: Aurora del Valle, em *Retrato en sepia* (2007a); Eliza Sommers, em *Hija de la fortuna* (2007b); e Inés Suárez, em *Inés del alma mía* (2011).

Outra personagem também representativa é Gambo, que é a mimese dos escravos fugitivos, que se abrigavam nos quilombos de Saint-Domingue e, também, dos insurgentes que iniciaram a Revolução Haitiana (1791-1804). Em oposição aos rebeldes, temos a personagem Etienne Relais, que pode ser caracterizada como a representação militar da soberania francesa sobre a colônia e como resistência à guerra.

Em *La isla bajo el mar* (2009), segundo Eich (2016), todas as personagens estão em destaque na narrativa e recebem maior ou menor espaço conforme sua

importância na trama literária. Assim, as personagens estão colocadas em uma posição de igualdade perante a narração, “[...] que, onisciente, apresenta suas ações e as motivações para elas” (EICH, 2016, p. 100).

Isso posto, desenvolvemos, primeiramente, um resumo da obra *La isla bajo el mar* (2009), junto às descrições das personagens principais da diegese romanesca e as respectivas análises literárias, feitas com o propósito de compararmos a ficção e a história oficial, bem como expor como as características do romance histórico contemporâneo de mediação se manifestam nessa narrativa híbrida.

Zarité nasceu escrava na antiga colônia francesa de Saint-Domingue. Sua mãe foi trazida da África e, durante a travessia no oceano, foi estuprada pelos marinheiros brancos do navio negreiro. Chegou grávida de Tété na ilha e faleceu logo após o parto, e a menina foi levada pelo marido da Madame Delphine¹⁴³ para ser escrava doméstica. Assim, a criação dessa protagonista-escrava representa uma das características presentes no romance histórico contemporâneo de mediação, segundo Fleck (2017, p. 110), que se refere aos “[...] propósitos da nova história de evidenciar perspectivas ‘vistas de baixo’ (SHARPE, 1992), pois privilegia visões a partir das margens, sem centrar-se nas grandes personagens da história. *La isla bajo el mar* (2009) apresenta esse traço literário, uma vez que sua protagonista é uma mulher negra e escrava que se encontra na base social da antiga colônia francesa de Saint-Domingue. Essa protagonista escrava é uma personagem periférica da história, marginalizada e excluída, tanto pela sociedade quanto pelos registros hegemônicos sobre o passado da ilha caribenha.

Tété foi criada por outro escravo da família, o velho Honoré, que a cuidou como uma filha e lhe deu este raro nome, Zarité. Foi esse escravo que a ensinou, desde bebê, a dançar e a tocar quaisquer objetos ou instrumentos que produzissem sons. Antes de dar os primeiros passos, sentada, Honoré dizia-lhe: “*Baila, baila, Zarité, porque esclavo que baila es libre... mientras baila, me decía. Yo he bailado siempre*”¹⁴⁴ (ALLENDE, 2009, p. 9). Toda vez que dançava, Tété entrava em um estado de transe. Sob a influência do espírito de Erzuli¹⁴⁵, esquecia-se do mundo a sua volta, como se pode constatar no fragmento a seguir:

¹⁴³ Segundo o relato do romance, ela foi a primeira dona de Zarité. Era viúva e professora de música.

¹⁴⁴ Tradução de Ernani Ssó: “Dance, dance, Zarité, porque escravo que dança é livre... enquanto dança. Eu sempre dancei” (ALLENDE, 2010, p. 8).

¹⁴⁵ Essa deidade, no vodou, representa a deusa do amor.

Con los tambores desaparece la Zarité de todos los días y vuelvo a ser la niña que danzaba cuando apenas sabía caminar. Golpeo el suelo con las plantas de los pies y la vida me sube por las piernas, me recorre el esqueleto, se apodera de mí, me quita la desazón y me endulza la memoria. El mundo se estremece. El ritmo nace en la isla bajo el mar, sacude la tierra, me atraviesa como un relámpago y se va al cielo llevándose mis pesares para que Papa Bondye los mastique, se los trague y me deje limpia y contenta¹⁴⁶ (ALLENDE, 2009, p. 9).

Para Zarité, a dança simbolizava uma fuga temporária da sua condição de escrava. É o momento em que se liberta da opressão e da dominação do sistema colonial escravocrata de Saint-Domingue, com suas estruturas sociais e comportamentais de base europeia, para estabelecer um contato com a cultura e a etnia africana, herdadas de sua mãe.

A personagem iria completar nove anos quando sua dona, Madame Delphine, a vendeu à cortesã Violette Boisier¹⁴⁷, que tinha como propósito educá-la para ser a escrava pessoal de Eugenia García del Solar¹⁴⁸, esposa do francês Toulouse Valmorain.

Quando Tété foi comprada por Violette Boisier, “[...] *la chiquilla era flaca, puras líneas verticales y ángulos, con una mata de cabello apelmazado e impenetrable, pero se movía con gracia, tenía un rostro noble y hermosos ojos color miel líquida*”¹⁴⁹ (ALLENDE, 2009, p. 32). Ao término de sua educação, a personagem foi levada à plantação de açúcar de Toulouse Valmorain, a fazenda Saint-Lazare.

Nessa fazenda, Zarité, com o passar dos anos, assume um papel ímpar na vida da família, incorporando todos os cuidados com a debilitada Eugênia, que chega em um estágio intenso de demência psicológica. “*A los veintisiete años Eugenia había perdido la belleza que enamoró a Toulouse Valmorain [...]. Estaba*

¹⁴⁶ Tradução de Ernani Ssó: “Com os tambores desaparece a Zarité de todos os dias e volto a ser a menina que dançava quando mal começava a andar. Bato no chão com as solas dos pés, e a vida sobe pelas minhas pernas, percorre meus ossos, apodera-se de mim, acaba com a minha tristeza e adoça a minha memória. O mundo estremece. O ritmo nasce de uma ilha sob o mar, sacode a terra, atravessa-me como um relâmpago e segue em direção ao céu, levando as minhas aflições para que Papa Bondye as mastigue, engula e me deixe leve e feliz” (ALLENDE, 2010, p. 7).

¹⁴⁷ No discurso do romance, é descrita como uma belíssima cortesã mestiça e uma das mais populares de Saint-Domingue. Essa personagem coadjuvante é uma das envolvidas com toda a trajetória da narrativa, porque um de seus clientes era o *grand blanc* Valmorain; além de ter sido tutora de Zarité, após o nascimento de seu primeiro filho com Valmorain, Violette, então casada com o oficial francês Étienne Relais, tornou-se a mãe adotiva desse bebê, que veio a se chamar Jean-Martin.

¹⁴⁸ Segundo o relato do romance, essa personagem é a primeira esposa de Valmorain.

¹⁴⁹ Tradução de Ernani Ssó: “[...] a menina era toda um desenho de linhas verticais e ângulos, com uma cabedoria emaranhada e impenetrável, mas se movia com graça, tinha um rosto nobre e bonitos olhos da cor de mel” (ALLENDE, 2010, p. 43).

*consumida por obsesiones y debilitada por el clima y los abortos espontáneos*¹⁵⁰ (ALLENDE, 2009, p. 83). Devido à loucura de Eugênia, Zarité também cuidou e criou, como se fosse seu, o filho da senhora branca, Maurice Valmorain. Ademais, coordenava os escravos domésticos da casa-grande, e ainda era molestada sexualmente por seu amo, Valmorain, desde sua infância, algo que a personagem jamais esqueceu, mesmo após estar liberta: *“No había olvidado la primera violación del amo, cuando era una niña, el odio, el dolor, la vergüenza, ni los abusos posteriores que soportó por años*¹⁵¹ (ALLENDE, 2009, p. 408).

Para Benavente (2015, p. 75), a escrava Zarité sofre com a opressão e a discriminação e faz parte das mercadorias e propriedades materiais de seu violador Toulouse Valmorain. Isabel Allende (2009), ao criar uma personagem vítima, uma escrava, faz com que o leitor compreenda o contexto de terror, espanto e castigo em que sobreviveram os escravos desse período histórico.

Benavente (2015) observa que *“La historia oficial de la conquista y la colonización omitió hablar sobre la resistencia activa de los marginados y sus derechos a la palabra, retribución económica, respeto, dignidad e independencia*¹⁵² (BENAVENTE, 2015, p. 76).

Para a autora, ao resolver a opressão imposta aos marginalizados no decorrer da história, a narrativa de ficção histórica, como *La isla bajo el mar* (2009), *“[...] cumple funciones mnemónica, deconstructiva, mítica-creadora y cognoscitiva-crítica; busca las fuentes vitales de las culturas amerindias y africanas se inspira en el pasado real con múltiples perspectivas [...]*¹⁵³ (BENAVENTE, 2015, p. 76). Assim, segundo Benavente (2015), ao criar histórias justiceiras e lições de descolonização, a ficção contribui para a erradicação da impunidade, do desprezo, do racismo e do ódio.

¹⁵⁰ Tradução de Ernani Ssó: “Aos vinte e sete anos, Eugenia havia perdido a beleza que apaixonara Toulouse Valmorain [...]. Estava consumida por obsessões e enfraquecida pelo clima e pelos abortos espontâneos” (ALLENDE, 2010, p. 77).

¹⁵¹ Tradução de Ernani Ssó: “Não havia esquecido a primeira violação do patrão, quando ainda era uma menina, o ódio, a dor, a vergonha, nem os abusos posteriores que suportara anos a fio” (ALLENDE, 2010, p. 380).

¹⁵² Nossa tradução livre: “A história oficial da conquista e colonização omitiu-se de falar sobre a resistência ativa dos marginalizados e seus direitos à palavra, recompensas econômicas, respeito, dignidade e independência” (BENAVENTE, 2015, p. 76).

¹⁵³ Nossa tradução livre: “[...] cumple funciones mnemónicas, deconstructivas, míticas-criativas e críticas cognitivas; procura as fontes vitais das culturas ameríndias e africanas inspirada no passado real com múltiplas perspectivas [...]

A intensa opressão imposta à protagonista-escrava só começa a se extinguir quando Tété, pela primeira vez em sua vida, impõe a Valmorain que escreva sua carta de alforria e de sua filha Rosette. Essa exigência com seu amo foi a condição que a protagonista impôs para salvá-los – a Valmorain e a seu filho, Maurice – do eminente ataque dos rebeldes à fazenda Saint-Lazare. Nesse momento de desespero, com a certeza da morte, Valmorain escreveu e assinou os documentos de libertação de Tété e de Rosette.

Segundo o historiador Popkin (2012), por mais que as relações entre homens brancos e mulheres de ascendência africana fossem profundamente desiguais, os homens brancos muitas vezes concediam liberdade a suas concubinas e a seus filhos; porém, as cartas de alforria cedidas a Tété e a Rosette não foram consensuais, mas impostas pela cruel realidade do conflito.

A informação de que a plantação seria atacada naquela noite somente foi revelada porque o antigo amante de Tété, o escravo fugitivo Gambo¹⁵⁴, ao saber pelos insurgentes desse ataque, procurou Zarité e sua filha com o intuito de salvá-las. Como Rosette¹⁵⁵ nasceu no mesmo dia em que Gambo fugiu da fazenda, essa personagem acreditava que a menina fosse sua filha, mas, ao saber da verdade, pediu para que Zarité deixasse as crianças e fossem viver juntos no acampamento dos rebeldes.

Nesse momento da narrativa, Gambo tinha plena ciência que os insurgentes, ao atacarem a fazenda Saint-Lazare, matariam todos os brancos, inclusive mulheres e crianças, assim como seus escravos domésticos. Somente os escravos da senzala eram libertos para se unirem ao grupo revolucionário. Como Tété amava sua filha e o menino Maurice, não quis deixá-los para trás para morrerem nas mãos dos rebeldes. Além disso, sabia que, na situação de mulher negra e escrava, teria

¹⁵⁴ Gambo, segundo o narrador, significa guerreiro. A personagem puramente fictícia é o grande amor da protagonista Zarité. Ainda jovem, trazido da África, tornou-se escravo da plantação de açúcar de Valmorain. Segundo narra-se no romance, alguns meses após chegar à fazenda, fugiu para as montanhas de Saint-Domingue. Com o levante ocorrido na Planície do Norte, uniu-se aos rebeldes. Essa personagem, por mais que não tenha documentação histórica, é a representação dos escravos rebeldes. Na Diégese romanesca, ele lutou ao lado de personagens de extração histórica, como Zamba Boukman, Jeannot Bullet e Toussaint Louverture.

¹⁵⁵ Rosette, conforme a narrativa, é filha de Zarité com Toulouse Valmorain. Como dona Eugenia se encontrava em plena demência, Rosette não foi separada de sua mãe logo ao nascer, como ocorreu com Jean-Martin. A menina foi criada junto ao seu meio-irmão, Maurice Valmorain. Era uma menina bela, que, de acordo com a narrativa, passava-se por branca. Desde pequena, Rosette e Maurice demonstraram grande amor um pelo outro. Quando cresceram, mesmo contra as ordens de Valmorain, Maurice e Rosette se casaram. Logo a personagem ficou grávida; contudo, devido ao tempo que passou na prisão, ficou fraca e debilitada, morrendo no parto. Foi detida porque deu um tapa no rosto da segunda esposa de Valmorain, Hortense Guizot, logo após ter sido insultada.

problemas para criar as crianças, principalmente porque não era só Maurice que tinha a pele branca, mas Rosette também, e porque teria de encontrar um local para viver. Desse modo, declarou a Gambo, referindo-se a Valmorain: “– *Si él muere, también mueren los niños. Tenemos que sacar a los tres de Saint-Lazare antes del amanecer*”¹⁵⁶ (ALLENDE, 2009, p. 203).

Esses relatos que antecedem o ataque dos rebeldes à fazenda de Valmorain, demonstram duas características presentes no romance histórico de mediação: a polifonia e a dialogia. A polifonia é evidenciada pelas diversas vozes de suas personagens, em especial a da protagonista Zarithé, ao relacionar-se com outros integrantes do mundo ficcional:

-Tienes que venir conmigo, Zarithé. Y debe ser esta misma noche, porque mañana será tarde. Esos chicos son hijos del blanco. Olvídalos. Piensa en nosotros y los hijos que tendremos, piensa en la libertad.
-¿Por qué dices que mañana será tarde? -le preguntó ella, secándose las lágrimas con el dorso de la mano.
-Porque atacarán la plantación. Es la última que queda, todas las demás fueron destruidas.
*Entonces ella entendió la magnitud de lo que Gambo le pedía, era mucho más que separarse de los niños, era abandonarlos a una suerte horrenda*¹⁵⁷
 (ALLENDE, 2009, p. 203).

Com base na teoria de Bakhtin (2011), no diálogo polifônico, cada personagem tem um mundo próprio, no qual expressa um discurso direto próprio. Assim, no fragmento acima, temos um diálogo entre a personagem Zarithé e seu amante Gambo. Para o ex-escravo, para que Zarithé fosse salva, era imprescindível que ela deixasse as crianças e fugisse o mais rápido possível, antes que os negros rebeldes chegassem à plantação. Assim, percebe-se que esse era o mundo da personagem Gambo, que se revela por trás de um curto diálogo com sua amada. O mesmo observamos na fala da protagonista. Sua emoção não está atrelada ao fato de ter de abandonar a fazenda e a escravidão; chora pela possibilidade aventada por Gambo de deixar sua filha, Rosette, e o menino branco, Maurice, para trás, pois

¹⁵⁶ Tradução de Ernani Ssó: “Se ele morrer, as crianças também morrerão. Temos que tirar os três de Saint-Lazare antes do amanhecer” (ALLENDE, 2010, p. 189).

¹⁵⁷ Tradução de Ernani Ssó: “Você tem que vir comigo, Zarithé. E deve ser nesta noite mesmo, porque amanhã será tarde. Essas crianças são filhos do branco. Esqueça elas. Pense em nós e nos filhos que teremos, pense na liberdade. – Por que diz que amanhã será tarde? – perguntou ela, secando as lágrimas com o dorso da mão. – Porque amanhã atacarão a plantação. É a última que resta, todas as outras já foram destruídas. Então, ela entendeu a magnitude do que Gambo lhe pedia. Era muito mais do que se separar das crianças, era abandoná-las a uma sorte horrenda” (ALLENDE, 2010, p. 188-189).

seriam mortos pelos rebeldes. Desse modo, para analisar os diversos diálogos polifônicos na narrativa, é necessário compreender o mundo de cada personagem inserido na trama literária, que oferece um rico espaço de configurações que aludem aos envolvidos nos conflitos da Revolução Haitiana (1791-1804).

O diálogo entre os amantes, além de confirmar uma das diversas comunicações presentes na obra, também demonstra mais uma das características presentes no romance histórico contemporâneo de mediação: a intertextualidade, a qual se apresenta nessa referida passagem como um hipertexto da história oficial. O historiador Popkin (2012) diz que, enquanto os brancos discutiam entre si a questão do decreto que concedia direitos aos *affranchis*, a insurreição continuava a se espalhar. “*A second wave of attacks on plantations in October 1791 gave the blacks control of the eastern part of the province, along the border with Santo Domingo*”¹⁵⁸ (POPKIN, 2012, p. 40).

Ao término da conversa entre essas personagens, ocorre uma das narrações autobiográficas da protagonista Zarité, que descreve a negociação de sua liberdade e a de Rosette com o seu amo, Valmorain, mediante o ataque dos insurgentes:

—*Ándate con ese maldito. No necesitas que yo te dé la libertad.*
 —*¿Y Maurice? Usted no puede protegerlo. No quiero vivir siempre huyendo, quiero ser libre.*
 —*Está bien, tendrás lo que pides. Vamos, apúrate, vístete y prepara a los niños. ¿Dónde está ese esclavo? — me preguntó. —Ya no es esclavo.*
 —*Ya no es esclavo. Lo llamaré, pero antes escríbame un papel con mi libertad y la de Rosette*¹⁵⁹ (ALLENDE, 2009, p. 205).

Os diálogos entre Zarité e Gambo e, após, entre Zarité e Valmorain são exemplos da multiplicidade de vozes presentes na obra em análise, características presentes nas construções mediativas dessa modalidade romanesca, segundo Fleck (2011, 2017).

Essas personagens representam classes sociais, políticas e discursivas divergentes. Valmorain, um dos *grands blancs* da colônia francesa, fala com autoridade perante sua escrava, mesmo num momento em que sua vida e de seu

¹⁵⁸ Nossa tradução livre: “Uma segunda onda de ataques às plantações, em outubro de 1791, deu aos negros o controle da parte oriental da província, ao longo da fronteira com Santo Domingo” (POPKIN, 2012, p. 40).

¹⁵⁹ Tradução de Ernani Ssó: “Vá embora com esse desgraçado. Não precisa que eu lhe dê a liberdade. — E Maurice? O senhor não pode protegê-lo. Não quero viver sempre fugindo, quero ser livre. — Está bem, vai ter o que pede. Vamos, se apresse. Vista-se e prepare as crianças. Onde está esse escravo? — perguntou-me. — Já não é um escravo. Vou chamá-lo, mas antes quero a minha liberdade e a de Rosette por escrito” (ALLENDE, 2010, p. 191).

filho estão em perigo devido à invasão dos escravos rebeldes. A escrava Tété demonstra, pela primeira vez, um discurso menos subserviente com seu amo, já que esse momento havia se tornado ímpar para definir o seu futuro. Gambo, por sua vez, sempre se expressou como um homem livre, um guerreiro trazido da África. Assim, cada personagem representa seu mundo e manifesta sua voz. Essas vozes dissonantes encontram no espaço do romance o *locus* enunciativo de sua expressão plena.

Com a ajuda de Gambo, Tété, carregando sua filha no colo, e Toulouse, com Maurice ainda dormindo, adentraram a mata fechada rumo à segurança da cidade de Le Cap¹⁶⁰. Um pouco antes de chegar à cidade, Gambo abandona o grupo e volta a se unir aos rebeldes. Como Valmorain tinha reservas bancárias, instalou-se muito bem na cidade, pensando que a revolução acabaria em breve. Mas o conflito, com o decorrer dos meses, acabou chegando à cidade, e as personagens foram obrigadas a se refugiar em Cuba e, após, em Nova Orleans (EUA).

A protagonista, mesmo com as cartas de liberdade assinadas, levou sete anos para se libertar de seu opressor, com a ajuda de seu amigo, o padre Antoine, que, em Luisiana (EUA), enfrentou Valmorain ao questioná-lo: “[...] – *Esta buena mujer, Tété, debió haber sido emancipada hace siete años, según este documento. ¿No es así, monsieur Valmorain?*”¹⁶¹ (ALLENDE, 2009, p. 292). Mesmo contra sua vontade, Toulouse oficializou a libertação de Tété e de Rosette. Assim, no dia 30 de novembro de 1800, o juiz local oficializou os documentos de libertação de mãe e filha. Após, foram viver com as personagens Violette e Loula¹⁶². Com o tempo, a protagonista adquiriu autonomia financeira e relacionou-se com seu antigo amigo de Saint-Domingue, Zacharie, o qual, mais tarde, tornou-se seu marido e pai de seus outros dois filhos.

Em relação à personagem puramente fictícia Toulouse Valmorain, segundo relata o narrador, chegou ainda jovem em Saint-Domingue, no ano de 1770. Veio da França a pedido de seu pai, que tinha uma plantação de açúcar na ilha. Como o pai de Valmorain estava doente, à beira da morte, precisava passar os negócios da família ao único filho homem. A mãe e as irmãs continuaram na França. Após a

¹⁶⁰ ‘Le Cap’ era o nome usado para a cidade que hoje se chama Cap-Haïtien ou Cabo Haitiano, localizada ao norte do país.

¹⁶¹ Tradução de Ernani Ssó: “– Esta boa mulher, Tété, devia ter sido emancipada há sete anos, conforme este documento. Não é assim, monsieur Valmorain?” (ALLENDE, 2010, p. 344).

¹⁶² Mulher negra e criada da cortesã Violette Boisier. Também foi sua amiga e sua guarda-costa.

morte do pai, herdou a fazenda Saint-Lazare e a transformou em uma das mais prósperas plantações de cana-de-açúcar da ilha.

Essa personagem representativa dos *grands blancs* de Saint-Domingue se casou duas vezes. Primeiro, com a cubana Eugenia García del Solar, de cuja união nasceu Maurice Valmorain¹⁶³. Eugenia era uma jovem espanhola de vinte anos que morava em Cuba quando conheceu Valmorain, em um baile promovido pelo consulado da França em Havana. Era uma moça corpulenta, de pele clara e de cabelos castanhos. Após sete anos de matrimônio com Valmorain, Eugênia deu à luz ao primeiro filho do casal, Maurice Valmorain; porém, devido à demência, mostrou-se indiferente à criança. Devido à loucura, morreu aos 31 anos de idade. De acordo com Eich (2016), tornou-se louca devido ao fato de ter sido sucessivamente interditada de suas vontades e identidades, porque, assim como outras mulheres desse período histórico, estava submetida à sociedade predominantemente masculina. “É na base do silenciamento forçado pelas autoridades do marido e do médico, respectivamente representantes do poder patriarcal e científico, Eugenia vai, aos poucos, fechando-se em seu próprio mundo, repleto de assombros” (EICH, 2016, p. 108). Assim, Eugênia representa as mulheres brancas desse período histórico que vinham da metrópole francesa ou de países mais desenvolvidos que, ao chegarem em Saint-Domingue, demonstravam comportamentos insanos, muitas vezes tornando-se loucas como consequência da subordinação ao sistema patriarcal machista reinante na época.

Toulouse Valmorain, viúvo, após um período em Nova Orleans, casou-se novamente. A segunda esposa era uma americana chamada Hortense Guizot. A narrativa descreve Hortense como uma mulher má, inteligente e gananciosa, que oprimia e maltratava Zarité. Seu maior propósito era excluir Maurice da família e ter um filho homem com Valmorain para que este herdasse o patrimônio familiar. Mas o destino lhe trouxe somente filhas mulheres, cinco meninas que não receberam nomes na trama literária.

¹⁶³ De acordo com a diégese, Maurice Valmorain foi o primeiro e único filho de Eugenia com Valmorain. Nasceu debilitado, pequeno e frágil, devido aos diversos remédios para os nervos que Eugenia havia tomado durante a gravidez. Tété foi encarregada de criá-lo como se fosse seu filho, cujo amor sempre foi retribuído, pois Maurice a considerava como sua única mãe. Na adolescência, foi enviado ao colégio interno e lá permaneceu por anos. Durante a narrativa, manifesta grande caráter ético e mostra-se delicado e sentimental. Casou-se com sua meia-irmã Rosette, e, por esse motivo, seu pai o deserdou.

Como antagonista do romance, Valmorain é o causador de todos os sofrimentos de Zarité, mesmo após sua libertação. São raras as demonstrações de benevolência dessa personagem em relação à protagonista. Valmorain via Tété como uma posse, um objeto que podia ser usado a qualquer momento. Ao mesmo tempo, desenvolveu um tipo de admiração pela escrava, como é possível observar neste fragmento: *“Le gustó lo que vio, ese cuerpo de líneas largas y firmes, la piel color bronce, las caderas generosas, los labios sensuales, y concluyó que era su más valiosa posesión”*¹⁶⁴ (ALLENDE, 2009, p. 138). Esse fragmento narrativo é uma parte da autorreflexão de Valmorain ao perceber que Zarité estava novamente grávida, esperando um filho seu.

Do mesmo modo que os demais *grand blancs* desse período, Valmorain era o dono absoluto de seus escravos, inclusive de Tété. Explorava-a sexual, física e psicologicamente. Entregou-lhe a criação de Maurice porque Eugenia não estava em condições de criá-la. Estuprou-a quando ainda era uma menina, aos onze anos; tirou-lhe o primeiro filho, logo ao nascer; somente concedeu as cartas de alforria quando estava ante a possibilidade de morte devido à invasão dos rebeldes; mesmo assim, levou anos para oficializar a liberdade de Tété e de Rosette. Além disso, Valmorain sempre demonstrou indiferença em relação aos filhos oriundos dessa relação, tratando-os como seres de raça e situação econômica inferiores, mesmo sendo pai dos dois primeiros filhos da protagonista. Quando estava enfermo e velho, e Tété livre, ainda tentou oprimir sua ex-escrava para que assumisse seus cuidados. No fragmento abaixo, podemos ver a posição de superioridade que o branco se colocava frente à ex-escrava:

*‘Vas a quedarte aquí a cuidarme’, le exigió. Era lo último que Tété esperaba oír y él tuvo que repetírselo. Asombrada, comprendió que su antiguo amo no tenía la menor sospecha de cuánto ella lo detestaba, nada sabía de la piedra negra que llevaba en el corazón desde que la violó a los once años, no conocía la culpa o el remordimiento, tal vez la mente de los blancos ni siquiera registraba el sufrimiento que causaban a otros*¹⁶⁵ (ALLENDE, 2009, p. 491).

¹⁶⁴ Tradução de Ernani Ssô: “Gostou do que viu, aquele corpo de linhas longas e firmes, a pele cor de bronze, os quadris generosos, os lábios sensuais, e concluiu que ela era a sua posse mais valiosa” (ALLENDE, 2010, p. 127).

¹⁶⁵ Tradução de Ernani Ssô: “-Vai ficar aqui para cuidar de mim’, explicou. Era a última coisa que Tété esperava ouvir, e ele teve que repetir. Espantada, compreendeu que seu antigo patrão não tinha a menor suspeita do quanto ela o detestava, nada sabia da pedra negra que levava no coração desde que ele a violara aos onze anos, não conhecia a culpa ou o remorso; talvez a mente dos brancos nem mesmo registrasse o sofrimento que causavam aos outros” (ALLENDE, 2010, p. 458).

Nesse momento da diegese romanesca, Valmorain percebeu que Tété já não mais estava condicionada às suas ordens. Assim, mudou o tom de sua voz autoritária e disse que pagaria o que ela pedisse para que aceitasse a proposta de cuidá-lo. Mesmo assim, Zarité recusou-se a prestar-lhe auxílio, deixando ali, na cama daquele homem que tanto a fez sofrer, todo o ódio que guardava em seu coração, e partiu. *“No puedo, perdóneme, monsieur”, fue lo único que le dijo. Se puso de pie vacilante [...] y antes de salir dejó sobre la cama de Valmorain la carga inútil de su odio [...]*” (ALLENDE, 2009, p. 492)¹⁶⁶.

Ao término da narrativa, Valmorain procura novamente Zarité, nesse momento para conhecer seu neto, filho de Rosette com Maurice, e pedir desculpas pelos erros cometidos, como vemos neste fragmento:

Un día monsieur Valmorain vino a mi casa. Lo bajaron entre dos esclavos de su coche y lo trajeron en vilo hasta la puerta. Estaba muy envejecido. ‘Por favor, Tété, quiero ver al niño’, me pidió con la voz cascada. Y yo no tuve corazón para dejarlo afuera. –Lamento mucho lo de Rosette...Te prometo que no tuve nada que ver con eso. –Lo sé, monsieur. Se quedó mirando a nuestro nieto por mucho rato y después me preguntó su nombre. [...] –¡Ay! Espero que me alcance la vida para enmendar algunos de mis errores - dijo, y me pareció que iba a llorar. –Todos nos equivocamos, Monsieur¹⁶⁷ (ALLENDE, 2009, p. 508).

Ao final da obra, a trama mostra Valmorain tentando reparar todos os seus erros, e Zarité o perdoando. Assim, encerra-se uma história de opressão, resiliência e superação da protagonista. E o antagonista se tornou um velho repleto de arrependimentos, principalmente pelos erros cometidos aos filhos que teve com a escrava, Jean-Martin e Rosette.

Em *La isla bajo el mar* (2009), há diversas narrações autobiográficas da protagonista, as quais são intituladas *Zarité*, como podemos observar neste primeiro fragmento narrativo do romance:

Voy a vivir largamente y mi vejez será contenta porque mi estrella -mi

¹⁶⁶ Tradução de Ernani Ssô: “‘Não posso. Me perdoe, Monsieur’, foi a única coisa que disse. Levantou-se hesitante, [...] e, antes de sair, deixou sobre a cama de Valmorain a carga inútil do seu ódio [...]” (ALLENDE, 2010, p. 458).

¹⁶⁷ Tradução de Ernani Ssô: “Um dia, monsieur Valmorain veio à minha casa. Dois escravos o desceram de seu coche e o trouxeram suspenso até a porta. Estava envelhecido. ‘Por favor, Tété, quero ver o menino’, pediu-me com a voz debilitada. E eu não tive coração para deixa-lo lá fora. – ‘Lamento muito por Rosette... Juro que não tive nada a ver com isso’. – ‘Eu sei, monsieur’. Ficou olhando nosso neto por muito tempo e depois perguntou seu nome. [...] Ah! Espero não morrer antes de corrigir alguns dos meus erros’ – disse, e achei que ele ia chorar. – ‘Todos nos enganamos, monsieur’” (ALLENDE, 2010, p. 473).

*z'etoile- brilla también cuando la noche está nublada. Conozco el gusto de estar con el hombre escogido por mi corazón cuando sus manos grandes me despiertan la piel. He tenido cuatro hijos y un nieto, y los que están vivos son libres. Mi primer recuerdo de felicidad, cuando era una mocosa huesuda y desgredada, es moverme al son de los tambores y ésa es también mi más reciente felicidad, porque anoche estuve en la plaza del Congo bailando y bailando, sin pensamientos en la cabeza, y hoy mi cuerpo está caliente y cansado*¹⁶⁸ (ALLENDE, 2009, p. 9).

Essas inserções não são incluídas em espaços divididos nos capítulos, mas aparecem de forma isolada no romance e são grafadas em itálico. Além disso, dão visão e voz diferenciadas à protagonista em relação aos mesmos fatos descritos pelo narrador em terceira pessoa. Segundo Eich (2016), essas duas narrativas paralelas – a do narrador e a da personagem Zarité – diferenciam-se e muitas vezes são conflitantes. Para a pesquisadora, essa estruturação aparenta refletir “uma tentativa da autora de não privilegiar um ou outro ponto de vista, evitando o etnocentrismo típico de quem se aferra a uma perspectiva única, quando muitas estão implicadas nas circunstâncias que se deseje julgar” (EICH, 2016, p. 99).

É por meio dessas narrações autobiográficas que Zarité ganha voz e destaque ao expressar sua visão sobre os acontecimentos no decorrer do romance histórico, bem como representa aqueles que foram esquecidos ou silenciados ou relativizados pela história tradicional. O referido traço literário está presente, segundo Aínsa (1991) e Menton (1993), no novo romance histórico latino-americano e, conforme Fleck (2014), é dele resgatado também no romance histórico contemporâneo de mediação.

Ademais, o fato de Allende (2009) criar uma protagonista que está à margem social de um determinado tempo e espaço constitui uma releitura crítica da história. A perspectiva dominadora é marcada pela construção discursiva daqueles que dominavam o poder naquele período histórico e é confrontada no discurso romanesco de *La isla bajo al mar* (2009) pela visão da protagonista, que se identifica com todos os marginalizados e os representa por essa construção ancorada na dominação da sua própria expressividade. Tal ideologia perpassa o romance

¹⁶⁸ Tradução de Ernani Ssó: “Vou viver muito e a minha velhice será feliz porque a minha estrela – minha *z’etoile* – brilha também quando a noite está nublada. Conheço o prazer de estar com o homem escolhido pelo meu coração quando as suas mãos grandes despertam a minha pele. Tive quatro filhos e um neto, e os que estão vivos são livres. Minha primeira lembrança de felicidade, quando era uma pirralha magrela e desgredada, é a de me mexer ao som dos tambores, e essa é também a minha mais recente felicidade, porque na noite passada estive na praça do Congo dançando e dançando, sem pensamentos na cabeça, e hoje o meu corpo está quente e cansado” (ALLENDE, 2010, p. 7)

histórico de mediação como uma de suas particularidades, de acordo com as afirmações de Fleck (2017).

É possível perceber nessas inserções em primeira pessoa – denominadas *Zarité* – duas características presentes no romance histórico contemporâneo de mediação, segundo a teoria de Fleck (2017). A primeira diz respeito ao fato de o autor, para desenvolver uma releitura crítica do passado, diferenciando-se das narrativas tradicionais, buscar conferir um tom de “[...] autenticidade aos eventos históricos renarrativizados no romance, a partir de perspectivas periféricas, ancoradas em narradores-personagens antes vistos como secundários ou esquecidos pelo discurso historiográfico” (FLECK, 2017, p. 110).

A segunda característica perceptível nessas inserções em primeira pessoa da protagonista diz respeito ao foco narrativo, que privilegia visões a partir da margem, na qual “[...] a voz enunciativa do discurso é fixada pelo foco único, manifestando-se em nível intradieético e voz homo ou autodieética, subjetivamento o material histórico incluído na diegese” (FLECK, 2017, p. 110).

Além disso, essas incorporações – *Zarité* – também revelam outra característica inerente a essa modalidade romanesca: o emprego de analepses e prolepses. Segundo a teoria de Fleck (2017), a leitura ficcional do passado, constante no romance histórico contemporâneo de mediação,

[...] busca seguir a linearidade cronológica dos eventos na diegese, fixando-se neles para assegurar o avanço da narrativa. Contudo, não se deixa de manipular o tempo da narrativa, promovendo retrospectivas ou avanços nesta pelo emprego de analepses e prolepses (FLECK, 2017, p. 110).

A analepse refere-se à interrupção de uma sequência cronológica narrativa pela interpolação de eventos ocorridos no passado. É uma forma de anacronia, ou seja, uma mudança de plano temporal. Num sentido contrário, temos a prolepse, que, na narrativa, diz respeito à criação de um futuro, à antecipação de um fato que ainda não ocorreu. Então, nessas inserções, podemos observar as diversas analepses no decorrer da narrativa, como mostra o exemplo a seguir:

Rosette nació el mismo día en que desapareció Gambo. Así fue. Rosette me ayudó a soportar la angustia de que lo atraparan vivo y el vacío que él dejó en mi cuerpo. Estaba absorta en mi niña [...]. Nunca había sentido esa forma de amor, porque a mi primer hijo no alcancé a ponérmelo al pecho. El amo le advirtió a Tante Rose que yo no debía verlo, así sería más fácil la separación, pero ella me dejó sostenerlo por un momento, antes de que él

*se lo llevara. Después me dijo, mientras me limpiaba, que era un chico sano y fuerte. Con Rosette, comprendí mejor lo que había perdido*¹⁶⁹ (ALLENDE, 2009, p. 142).

Esse é o momento em que nasceu a segunda filha de Zarité com Valmorain, Rosette; ao mesmo tempo, a personagem descreveu suas lembranças acerca do nascimento de seu primeiro filho, o qual foi-lhe tirado logo ao nascer. Entretanto, na primeira inserção autobiográfica da protagonista, a analepse aparece a partir das descrições de um passado que é relatado a partir do tempo presente dessa personagem, quando ela já não é mais uma escrava; já nesse segundo fragmento, a história do primeiro filho é descrita a partir dos relatos passados que vão sendo expostos ao leitor por meio dessas incorporações narrativas em primeira pessoa.

Quando Zarité relembra o nascimento de seu primeiro filho, ela também está retomando um passado ao descrever o nascimento de Rosette. É a descrição de um passado dentro de outro relato passado, que também pode ser considerado uma analepse na cronologia da narrativa. Esses *flashbacks*¹⁷⁰ ocorrem em todas as outras incorporações narrativas em primeira pessoa e ficam evidentes ao observarmos o uso contínuo de expressões como ‘*Así lo recuerdo*’, ‘*Así fue*’, ‘*Aí clamaba yo*’, ‘*Así creo*’, ‘*Así lo hice*’ e ‘*Así era*’. Desse modo, essas rupturas temporais são bem marcadas, e o leitor consegue percebê-las facilmente, não sendo elas, pois, anacronismos ou sobreposições temporais típicas do novo romance histórico, mas aspectos inerentes às produções mais tradicionais do gênero, retomadas nessa modalidade mais atual.

Essas incorporações narrativas autobiográficas – *Zarité* – também evidenciam outra característica presente no romance histórico contemporâneo de mediação: a polifonia, que, segundo Bakhtin (2015), conforme já explicitado, significa a expressão de diversas vozes em um texto; vozes que se expressam segundo a peculiaridade da personagem. Dessa maneira, no texto, tudo se revela polifônico, e todos se fazem ouvir. A partir dessa observação, constatamos que essas narrativas em

¹⁶⁹ Tradução de Ernani Ssó: “Rosette nasceu no mesmo dia que Gambo desapareceu. Assim foi. Rosette me ajudou a suportar a angústia que senti de que fosse capturado vivo e o vazio que ele deixou em meu corpo. Eu estava concentrada na minha menina. [...] Eu nunca havia sentido essa forma de amor, porque não tinha conseguido levar meu primeiro filho ao peito. O patrão avisara Tante Rose que eu não devia vê-lo, porque assim a separação seria mais fácil, mas ela me deixou pegá-lo por um instante, antes de ele o levar. Depois, enquanto me limpava, disse que era um menino saudável e forte. Com o nascimento de Rosette, compreendi melhor o que havia perdido” (ALLENDE, 2010, p. 154)

¹⁷⁰ Tal recurso escritural refere-se a uma interrupção da sequência cronológica pela interpolação de eventos ocorridos no passado.

primeira pessoa, descritas a partir do ponto de vista da personagem Zarité, evidenciam uma construção textual polifônica sobre os fatos também tratados pelo narrador. Às vezes, essas visões e vozes são confluentes; outras vezes, divergentes, como podemos observar neste fragmento:

*[...] Gambo no alcanzó a enterarse de que di a luz, porque mientras yo pujaba en la cabaña de Tante Rose, él corría como **el viento**. Lo había planeado bien. Huyó al atardecer, antes de que los vigilantes salieran con los perros. [...] Gambo partió en la dirección contraria y al jefe de capataces le tomó algo de tiempo organizarse para incluirlo en la cacería. Se fue esa noche porque se lo indicaron los loas; coincidió con la ausencia de Cambray y con la luna llena; no se puede correr en una noche sin luna. Así creo¹⁷¹ (ALLENDE, 2009, p. 155).*

O fragmento acima relata a fuga de Gambo da fazenda Saint-Lazare onde Tété e ele eram escravos. A personagem fugiu sentido às montanhas de Saint-Domingue, mas essa fuga não era nada fácil, porque os capatazes de Valmorain, além de dominarem os espaços geográficos de fuga, ainda contavam com a ajuda de cachorros farejadores. No fragmento abaixo também observamos o relato dessa fuga, mas agora escrita a partir da perspectiva do narrador:

Al cabo de varios días de perseguir a Gambo, Prosper Cambray estaba rojo de ira. No había rastro del muchacho y tenía entre manos una jauría de perros dementes, medio ciegos y con los hocicos en llagas. [...] Al salir la luna, el muchacho echó a correr zigzagueando. Cada tanto dejaba un pedazo de la camisa del jefe de capataces en la vegetación para confundir a los mastines, que sólo identificaban su olor, porque nadie más se les acercaba, y desorientar a los otros perros. Dos horas más tarde llegó al río. [...] Avanzó por el agua sin acercarse a la orilla, aunque eso no despistaría a los perros, que husmeaban en círculos cada vez más amplios hasta dar con la huella, pero podía retrasarlos. [...] Viajó tres días con sus noches [...]. De los cañaverales pasó al bosque, la selva, los pantanos, bordeando la llanura n dirección a las montañas. No oía ladridos de perros y eso lo animaba (ALLENDE, 2009, p. 158-165)¹⁷².

¹⁷¹ Tradução de Ernani Ssó: “Gambo não ficou sabendo que dei à luz, porque, enquanto eu fazia força na cabana de Tante Rose, ele corria como o vento. Planejara tudo. Fugira ao entardecer, antes que os vigilantes saíssem com os cachorros. Gambo partira na direção contrária, e o chefe dos capatazes levava algum tempo para se organizar e incluí-lo na caçada. Fora naquela noite, porque os *loas* assim o indicaram: coincidia com a ausência de Cambray e com a lua cheia; não se pode correr numa noite sem lua. Assim eu acho” (ALLENDE, 2010, p. 143).

¹⁷² Tradução de Ernani Ssó: “Ao fim de três dias perseguindo Gambo, Prosper Cambray estava furioso. Não havia rasto do rapaz, e tinha em mãos uma matilha de cães enlouquecidos, quase cegos e com os focinhos em carne viva. [...] Ao sair a lua, o rapaz desatou a correr em ziguezague. E a cada tanto deixava cair um pedaço da camisa do chefe dos capatazes na vegetação para confundir os mastins, que só identificavam o cheiro do Cambray porque ninguém mais se aproximava deles,, e desorientar, assim, os outros cães. Duas horas mais tarde, chegou ao rio. [...] Avançou pela água sem se aproximar da margem, e embora isso não despistasse os cães, que farejavam em círculos cada vez mais amplos até encontrar pegadas, sabia que podia atrasá-los. [...] Viajou três dias e três

O primeiro fragmento narrativo sobre a fuga de Gambo é dado a partir das descrições de Tété, enquanto o segundo é dado pelo narrador. A passagem acima citada, além de revelar os sentimentos da protagonista acerca de Gambo, também expõe as estratégias de seu amante para organizar a própria fuga e dificultar a sua captura pelos capatazes da fazenda. Esse fragmento literário também demonstra a crença religiosa dos escravos ao descreverem o apoio de seus deuses. As descrições do narrador sobre a fuga de Gambo também revelam a estratégia assertiva da personagem ao fugir da fazenda e não se deixar ser capturado, porém, não relatam os sentimentos de Zarité sobre seu amante fugitivo e sobre os deuses africanos.

Em vista disso, temos a percepção de que Allende (2009) criou essas incorporações narrativas – *Zarité* – para destacar a protagonista; diferenciando-se dos demais capítulos para revelar as emoções de uma mulher escrava, suas crenças religiosas – assim como a dos demais escravos daquele período – e, acima de tudo, deixar claro ao leitor que existem diversos pontos de vista sobre um mesmo acontecimento, sendo ele ficcional ou de base historiográfica. Também revelam uma literatura que é focada nas margens sociais e em suas respectivas visões e vozes, com o intuito de desconstruir a história tradicional hegemônica que privilegia as expectativas a partir da visão do colonizador.

Todas essas características são inerentes ao novo romance histórico contemporâneo de mediação, não somente porque demonstram outras possibilidades para a construção literária, mas também porque evidenciam a incorporação de muitos traços inerentes ao novo romance histórico latino-americano e, ainda, mantêm a mesma ordem cronológica dos eventos históricos, assim como ocorre nos romances históricos clássico e tradicional. É uma fusão de duas modalidades de romance histórico que originam uma terceira, num processo dialético que surgiu em meio à própria literatura.

A partir dessa primeira incorporação narrativa em primeira pessoa, inicia-se a primeira parte de *La isla bajo el mar* (2009): *Saint-Domingue, 1770-1793*, com o

noites [...] Dos canaviais passou para a mata, para a selva e para os pântanos, bordejando a planície em direção às montanhas. Não ouvia os latidos dos cães, e isso o animava” (ALLENDE, 2010, p. 152)

primeiro capítulo, “El mal español”¹⁷³, que reconta a história de Saint-Domingue a partir dos primeiros habitantes da ilha, os povos Arahucos, que, após a chegada do homem branco – os espanhóis –, foram quase totalmente dizimados. Esses povos autóctones chamavam a ilha de *Haití*. Depois da colonização espanhola, ela recebeu o nome de *La española*.

*Cuando terminaron con los indígenas, importaron esclavos secuestrados en África y blancos de Europa, convictos, huérfanos, prostitutas y revoltosos. A fines de los mil seiscientos España cedió la parte occidental de la isla a Francia, que la llamó Saint-Domingue y que habría de convertirse en la colonia más rica del mundo. [...] un tercio de las exportaciones de Francia, a través del azúcar, café, tabaco, algodón, índigo y cacao, provenía de la isla. [...] El cultivo más exigente era la caña de azúcar, el oro dulce de la colonia; cortar la caña, triturlarla y reducirla a jarabe, no era labor de gente, sino de bestia, como sostenían los plantadores*¹⁷⁴ (ALLENDE, 2009, p. 15-16).

Uma das características presentes no romance histórico contemporâneo de mediação diz respeito ao fato de a narrativa ser constituída a partir da crítica da história oficial, como podemos observar nos fragmentos narrativos acima apresentados, que trazem uma releitura da história sobre os primeiros povos nativos da ilha, a divisão da ilha *La Española*, os escravos vindos da África, a produção agrícola da antiga colônia francesa de Saint-Domingue e o duro trabalho escravo nas plantações.

Essas informações estão também na história oficial, mas o que faz com que esses fragmentos narrativos tomem um viés crítico é a forma com que a escritora chilena descreve tais informações de base historiográfica. Ao narrar que não restou nenhum arahuaco vivo em menos de cinquenta anos, assim como descrever que o trabalho desenvolvido pelos escravos não era labor de gente, mais sim de besta – referência ao trabalho animal – faz com que seu texto narrativo apresente um julgamento de valor, uma posição subjetiva crítica, que fica ainda mais evidente na comparação dessa versão ficcional com a historiográfica descrita no primeiro capítulo desta dissertação.

¹⁷³ Tradução de Ernani Ssó: “O mal espanhol” (ALLENDE, 2010, p. 11).

¹⁷⁴ Tradução de Ernani Ssó: “Quando exterminaram os indígenas, eles importaram escravos sequestrados na África e brancos da Europa, assassinos, órfãos, prostitutas e rebeldes. Em fins de 1600, a Espanha cedeu a parte ocidental da ilha à França, que a chamou de Saint-Domingue e que haveria de se transformar na colônia mais rica do mundo. Na época em que Toulouse Valmorain chegou lá, um terço das exportações da França, por meio do açúcar, café, tabaco, algodão, anil e cacau, provinha da ilha. [...] O cultivo mais exigente era o da cana-de-açúcar, o ouro doce da colônia; cortar a cana, tritura-la e reduzi-la a melação não era trabalho de gente, mas de bicho, como diziam os plantadores” (ALLENDE, 2010, p. 12)

Ainda no capítulo “El mal español”, Allende (2009) relata que, em fins de 1600, a Espanha cedeu a parte ocidental da ilha à França. Esse território passou a ser chamado de Saint-Domingue, e se transformaria na colônia mais rica do mundo. Um terço das exportações da França provinha da ilha. Os produtos mais exportados eram o açúcar, o café, o tabaco, o algodão, o anil e o cacau. “*El cultivo más exigente era la caña de azúcar, el oro dulce de la colonia; cortar la caña, triturarla y reducirla a jarabe, no era labor de gente, sino de bestia, como sostenían los plantadores*”¹⁷⁵ (ALLENDE, 2009, p. 16). Esses fragmentos narrativos da obra *La isla bajo el mar* (2009) também são confirmados pelos historiadores citados no primeiro capítulo desta dissertação.

Essas recriações literárias de base historiográfica estão presentes no romance histórico contemporâneo de mediação, e também acompanham a cronologia da história oficial, pois “a leitura ficcional do passado empreendida pelo romance histórico contemporâneo de mediação busca seguir a linearidade cronológica dos eventos na diegese, fixando-se neles para assegurar o avanço da narrativa” (FLECK, 2017, p. 110).

Por mais que a narrativa tenha base historiográfica, ela apresenta uma construção textual própria ao recriar uma releitura crítica a respeito desses acontecimentos no passado, cujo foco principal é tratado a partir da base social dos excluídos ou relativizados pela história hegemônica. Nesse sentido, com relação à produção literária de Isabel Allende, observamos que

[...] en sus obras mujeres, pobres, huérfanos...reciben un tratamiento, una relevancia especial, que les convierte en protagonistas, sacándoles del anonimato en que los acontecimientos, la vida fuera de la ficción, les obliga a vivir¹⁷⁶ (LÓPEZ-FERRER, 1999, p. 67 *apud* ABBOUDY, 2012).

Além da protagonista negra e escrava, temos outro exemplo representativo de personagem da ‘margem social’, a cortesã Violette Boisier. Por meio da narrativa de Allende (2009), esses grupos sociais ganham relevância na trama literária, demonstrando mais uma vez que a obra *La isla bajo el mar* (2009) pode ser

¹⁷⁵ Tradução de Ernani Ssó: “O cultivo mais exigente era o da cana-de-açúcar, o ouro doce da colônia; cortar a cana, triturá-la e reduzi-la a melão não era trabalho de gente, mas de bicho, como diziam os plantadores” (ALLENDE, 2010, p. 12).

¹⁷⁶ Nossa tradução livre: “Em suas obras femininas, pobres, órfãos... recebem um tratamento, uma relevância especial, que os converte em protagonistas, tirando-os do anonimato dos acontecimentos, da vida fora da ficção, na qual são obrigados a viver” (LÓPEZ-FERRER, 1999, p. 67 *apud* ABBOUDY, 2012).

considerada um bom exemplo de romance histórico contemporâneo de mediação.

Ao analisarmos a construção narrativa híbrida de Isabel Allende (2009) sobre o ambiente que antecede o conflito escravocrata de Saint-Domingue, observamos que a escritora, além de recontar a história dos primeiros povos Arahucos da ilha, descreve o ambiente social, político e econômico que antecede a revolução; os conflitos raciais entre os *grands blancs*, os *petits blancs*, os *affranchis* e os escravos; a trajetória do lendário ex-escravo François Mackandal; a luta dos *affranchis*, liderados por Vincent Ogé e por seu irmão, Jean-Baptiste Chavannes; o governador Philibert-François Rouxel de Blanchelande; os grandes líderes negros rebeldes: Zamba Boukman, Toussaint L'Ouverture e Jean-Jacques Dessalines; e a história dos quilombos, localizados nas montanhas de Saint-Domingue.

Ao darmos sequência à abordagem a narrativa híbrida de Allende (2009), temos os conflitos sociais e econômicos que contribuíram com o surgimento da Revolução Haitiana (1791-1804). Allende (2009) descreve que a sociedade de Saint-Domingue, no ambiente que antecede o conflito, era altamente estratificada, com estrutura econômica, política e social definida pela cor da pele de seus habitantes. Os grupos sociais eram divididos em *petits blancs*, *affranchis*, *grands blancs* e negros escravos.

Isabel Allende (2009) descreve que o único capital dos *petits blancs* era a cor da pele, “[...] *unos pobres diablos emponzoñados por la envidia y la maledicência [...] Provenían de los cuatro puntos cardinales y no había manera de averiguar su pureza de sangre o su pasado*”¹⁷⁷ (ALLENDE, 2009, p. 19). Ela relata que, no melhor dos casos, eram mercenários, artesãos, freis de pouca virtude, marinheiros, militares e funcionários de baixo escalão, mas também “[...] *había maleantes, chulos, criminales y bucaneros que utilizaban cada recoveco del Caribe para sus canalladas*”¹⁷⁸ (ALLENDE, 2009, p. 19). Com relação aos *affranchis*, a escritora relata que eram mulatos livres e era a cor de sua pele que determinava seu nível social. Entre esses *affranchis*, “*existían más de sesenta clasificaciones según el porcentaje de sangre blanca [...]. Los affranchis carecían de poder político, pero*

¹⁷⁷ Tradução de Ernani Ssó: “[...] uns pobres-diabos envenenados pela inveja e pela maledicência [...] Vinham dos quatro pontos cardeais, e era absolutamente impossível investigar a pureza de seu sangue ou mesmo o seu passado” (ALLENDE, 2010, p. 15).

¹⁷⁸ Tradução de Ernani Ssó: “[...] havia malandros, cafetões, criminosos e piratas que utilizavam cada canto do Caribe para suas canalhices” (ALLENDE, 2010, p. 15).

*manejaban mucho dinero; por eso los blancos pobres los odiaban*¹⁷⁹ (ALLENDE, 2009, p. 19). Segundo as descrições da autora, acima das sutilezas da cor, os *affranchis* estavam unidos pela aspiração de terem o mesmo nível social dos brancos e, assim como os brancos, também odiavam os negros. Já os escravos, “[...] *cuyo número era diez veces mayor que el de los blancos y affranchis juntos, no contaban para nada, ni en el censo de la población ni en la conciencia de los colonos*”¹⁸⁰ (ALLENDE, 2009, p. 20).

Ao acarearmos esses fragmentos literários com os relatos historiográficos presentes no primeiro capítulo desta dissertação, constatamos que a narrativa ficcional tem base historiográfica e segue a cronologia da histórica oficial. Além disso, também percebemos que esses fragmentos literários revelam, segundo teoria de Fleck (2017), uma linguagem amena, fluída e coloquial, em oposição ao novo romance histórico latino-americano de estrutura textual muitas vezes barroca. Assim, essas constatações vão caracterizando *La isla bajo el mar* (2009) como um romance histórico contemporâneo de mediação.

Na obra, temos as descrições sobre os escravos fugitivos – os *maroons* – que almejavam chegar aos quilombos localizados nas montanhas de Saint-Domingue, local de difícil acesso aos negros e, muito mais, aos brancos. Como os escravos não conseguiam voltar à África, devido à distância e à impossibilidade de locomoção, o único local plausível para fugir da escravidão eram os quilombos. Essas fugas, conforme já foi citado no primeiro capítulo desta dissertação, eram chamadas de *marronnage*.

Para Allende (2009), nem a vigilância nem a repreensão mais brutal impediram que muitos escapassem. Diversos escravos fugitivos eram recuperados antes de chegarem às montanhas ou morriam em seu caminho; mesmo assim, com o decorrer dos anos, esses quilombos aumentaram em número de habitantes e foram os quilombolas que iniciaram a revolução que mudaria, para sempre, a história da colônia francesa.

Por meio dos personagens Teté e Gambo, Allende (2009) cria a representação das incessantes fugas aos quilombos, na busca por um local onde

¹⁷⁹ Tradução de Ernani Ssó: “Os *affranchis* não tinham poder político, mas lidavam com muito dinheiro; por isso, eram odiados pelos brancos pobres” (ALLENDE, 2010, p. 15).

¹⁸⁰ Tradução de Ernani Ssó: “[...] cujo número era dez vezes maior do que o dos brancos e *affranchis* juntos, não significavam nada, nem no censo populacional nem na consciência dos colonos” (ALLENDE, 2010, p. 15).

fosse possível viver em liberdade. Zarité, ainda menina, na tentativa de fugir de sua dona, tentou chegar às montanhas, mas não obteve sucesso devido às dificuldades do caminho. *“Me perdí en el barrio del puerto, pero las montañas se vislumbraban a lo lejos y todo era cuestión de caminar en esa dirección”*¹⁸¹ (ALLENDE, 2009, p. 54). Ao contrário de Téte, Gambo conseguiu chegar a seu destino, às montanhas. Mais tarde, o jovem negro voltou como um dos rebeldes insurgentes. Por meio do olhar de Gambo, Allende (2009) descreve a vida nos quilombos e o quanto era difícil o seu acesso: *“En los días, semanas y meses siguientes, Gambo iría descubriendo el mundo de los fugitivos, que existía en la misma isla y al mismo tiempo, pero en otra dimensión, un mundo como el de África [...]”*¹⁸² (ALLENDE, 2009, p. 168). Também relata o número de homens e mulheres fugitivos nestes locais: *“[...] Los campamentos estaban salpicados en lo más impenetrable de las montañas, verdaderos villorrios, miles y miles de hombres y mujeres escapados de la esclavitud y sus hijos, nacidos libres”*¹⁸³ (ALLENDE, 2009, p. 168).

Em *La isla bajo el mar* (2009), a construção paródica em torno das diversas fugas às montanhas de Saint-Domingue, os chamados “cimarrones”, e as descrições desses espaços de refúgios, os quilombos, demonstram que a obra da escritora chilena funde-se à historiografia oficial e, ao mesmo tempo, expõe características literárias típicas do novo romance histórico latino-americano – resgatadas na modalidade mais atual –, como podemos observar no seguinte fragmento narrativo: *“Los esclavos sabíamos que los cimarrones estaban en las montañas, pero no sabíamos que detrás de las primeras cumbres había muchos más, **tantas que no se podían contar**”*¹⁸⁴ (ALLENDE, 2009, p. 54-55, grifo nosso). Por meio desse fragmento, constatamos novamente a hipérbole presente na narrativa em análise. Segundo a historiografia oficial, havia muitos *maroons* abrigados nesses refúgios, mas qualquer número de pessoas é ‘contável’, e não algo exagerado como o ‘incontável’ citado no fragmento que narra a saga desses fugitivos.

¹⁸¹ Tradução de Ernani Ssó: “Eu me perdi no bairro do porto, mas podia ver as montanhas ao longe, e tudo era uma questão de andar naquela direção” (ALLENDE, 2010, p. 49).

¹⁸² Tradução de Ernani Ssó: “Nos dias, semanas e meses seguintes, Gambo iria descobrir o mundo dos fugitivos, que existia na mesma ilha e ao mesmo tempo, mas em outra dimensão, um mundo como o da África [...]” (ALLENDE, 2010, p. 155).

¹⁸³ Tradução de Ernani Ssó: “Os acampamentos estavam espalhados nos pontos mais impenetráveis das montanhas, verdadeiras aldeias, milhares e milhares de homens e mulheres fugidos da escravidão, e seus filhos, nascidos livres” (ALLENDE, 2010, p. 155).

¹⁸⁴ Tradução de Ernani Ssó: “Nós, escravos, sabíamos que os que fugiam se escondiam nas montanhas, mas não sabíamos que atrás dos primeiros topos havia muitos outros, tantos que não se podia nem contar” (ALLENDE, 2010, p. 49).

Além dos quilombos, houve outras resistências individuais e locais contra o sistema escravocrata colonial. Allende (2009), em sua releitura da história, descreve a trajetória do lendário François Mackandal. “*Entre 1751 y 1757, cuando Macandal sembró la muerte entre los blancos de la colonia, Toulouse Valmorain era un niño mimado que vivía en las afueras de París en un pequeño château [...]*”¹⁸⁵ (ALLENDE, 2009, p. 62). Nesse período da narrativa, Toulouse Valmorain ainda era um menino que vivia na França e não sabia nada dos acontecimentos de Saint-Domingue, onde seu pai era o proprietário da plantação de açúcar, Saint-Lazare, cuja fazenda herdaria mais tarde e a transformaria em uma das mais prósperas da região. A autora descreve os diversos envenenamentos acometidos por Mackandal em Saint-Domingue nesse período que antecede a chegada de Valmorain à plantação de seu pai.

De acordo com o historiador Popkin (2012), os envenenamentos ocorreram entre 1757 e 1758, como é perceptível na descrição historiográfica a seguir: “*In 1757– 8, the entire colony was swept by fear of an organized conspiracy, supposedly organized by a slave named Makandal, to poison all the whites and take over the island*”¹⁸⁶ (POPKIN, 2012, p. 19). A literatura descreve que os envenenamentos ocorreram num período de seis anos, de 1751 a 1757, enquanto a história oficial descreve um período de dois anos. Desse modo, observamos que temos um desencontro cronológico ao compararmos a literatura com a história tradicional, ou seja, ocorre uma anacronia literária.

Na narrativa, “[...] *Macandal era un bozal traído de África, musulmán, culto, leía y escribía en árabe, tenía conocimientos de medicina y plantas*”¹⁸⁷ (ALLENDE, 2009, p. 64). Na ficção, a personagem perdeu seu braço direito em um acidente. Como se tornou inutilizado para o trabalho nos canaviais, seu amo o designou para tomar conta dos gados da fazenda. Com o passar dos tempos, percebeu que

La vegetación de la isla era diferente a la de las regiones encantadas de su juventud, pero empezó a probar hojas, raíces, cortezas, hongos de muchas clases y descubrió que unos servían para curar, otros para provocar sueños

¹⁸⁵ Tradução de Ernani Ssó: “Entre 1751 e 1757, quando Macandal semeara a morte entre os brancos da colonia, Toulouse Vamorain era um menino mimado que vivia nos arredores de Paris num pequeno *château* [...]” (ALLENDE, 2010, p. 56).

¹⁸⁶ Nossa tradução livre: “Em 1757-8, toda a colônia foi varrida pelo medo de uma conspiração, supostamente organizada por um escravo chamado Makandal, para envenenar todos os brancos e assumir a ilha” (POPKIN, 2012, p. 19).

¹⁸⁷ Tradução de Ernani Ssó: “Macandal era um boçal trazido da África, muçulmano, culto, que lia e escrevia em árabe, e tinha conhecimentos de medicina e botânica” (ALLENDE, 2010, p. 58).

*y estados de trance, algunos para matar*¹⁸⁸ (ALLENDE, 2009, p. 64).

Geggus (2002) diz que alguns historiadores contemporâneos acreditam que Mackandal era islâmico e que fora trazido da África Central, e Dubois (2004) relata a perda do braço, mas não foram encontradas descrições históricas sobre sua capacidade de leitura e escrita.

Mackandal, segundo a obra de Allende (2009), sempre soube que um dia iria fugir, porque preferiria passar pelos piores suplícios a continuar sendo um escravo. Num momento oportuno, partiu rumo às montanhas de Saint-Domingue e se uniu aos outros escravos fugitivos. Após sua fuga, o gado das fazendas começou a morrer envenenado. De início, os colonos relacionaram o corrido à possibilidade de os animais estarem comendo uma planta mortífera que crescia nos campos. Depois, morreram os cavalos nos estábulos, os cachorros e, por fim, famílias inteiras. *“Los síntomas no calzaban con ninguna enfermedad de las que assolaban las Antillas, pero sólo se manifestaban en los blancos; entonces ya no cupo duda de que era veneno”*¹⁸⁹ (ALLENDE, 2009, p. 65).

Além do anacronismo literário perceptível nas descrições literárias em relação aos envenenamentos cometidos pelo ex-escravo, presenciemos também a intertextualidade e a paródia. Para Fleck (2017, p. 111), o romance histórico contemporâneo de mediação também incorpora “[...] recursos escriturais bakhtinianos como a dialogia, a polifonia, as intertextualidades, além, é claro, da paródia”. Em vista disso, observamos que Allende (2009) desenvolve uma construção paródica a respeito dessa personagem, Mackandal, e de seus envenenamentos, uma vez que os relatos historiográficos, descritos no primeiro capítulo desta dissertação, não deixam claro se essas mortes foram causadas por uma rede de envenenamentos liderada por Mackandal ou se essas mortes tinham acometido apenas os colonos brancos da ilha. Ademais, essa paródia é constituída a partir de uma intertextualidade existente, as escritas da história oficial.

Na narrativa, os brancos não tinham mais dúvidas de que os envenenamentos estavam sendo ocasionados pelos escravos. Assim,

¹⁸⁸ Tradução de Ernani Ssó: “A vegetação da ilha era diferente daquela das regiões encantadas da sua juventude, mas ele começara a experimentar folhas, raízes, cascas, cogumelos de diversos tipos e descobrira que alguns serviam para curar, outros para provocar sonhos e estados de transe, e outros mais para matar” (ALLENDE, 2010, p. 58).

¹⁸⁹ Tradução de Ernani Ssó: “Os sintomas não combinavam com nenhuma das doenças que assolavam as Antilhas, mas só se manifestavam nos brancos; então, já não havia mais dúvidas de que era veneno” (ALLENDE, 2010, p. 59).

*Torturaron a **centenares de esclavos** sin averiguar cómo entraba la muerte en las casas, hasta que una chiquilla de quince años, una de tantas que el mandinga visitaba por las noches en forma de murciélago, ante la amenaza de ser quemada viva dio la pista para encontrar a Macandal. **La quemaron de todos modos** y su confesión condujo a los milicianos a la guarida de Macandal, escalando a pie como cabras por picos y quebradas hasta las cimas cenicientas de los antiguos caciques arahuacos. Lo cogieron vivo. Para entonces habían muerto **seis mil personas**. “**Es el fin de Macandal**”, **decían los blancos**. “**Veremos**”, **susurraban los negros**”¹⁹⁰ (ALLENDE, 2009, p. 66, grifos nossos).*

Além da construção paródica em torno da história oficial sobre a morte de Mackandal na fogueira, também constatamos a hipérbole e a polifonia. A historiografia descreve a tortura dos negros para obter informações desejadas; entretanto, não há informações sobre o número de escravos torturados pelos oficiais franceses com o intuito de localizarem Mackandal. Do mesmo modo, não há descrições históricas exatas do número de mortes ocasionadas pelos envenenamentos. Já a polifonia é perceptível a partir das duas versões para a morte de Mackandal. Uma é apresentada sob a ótica dos brancos, e a outra, a partir da percepção dos negros presentes no evento de sua morte:

Los negros vieron que Macandal se soltó de las cadenas, saltó por encima de los troncos ardientes y cuando los soldados le cayeron encima se transformó en mosquito y salió volando a través de la humareda, dio una vuelta completa a la plaza, para que todos alcanzaran a despedirle, y luego se perdió en el cielo, justo antes del chapuzón que empapó la hoguera y apagó el fuego. Los blancos y affranchis vieron el cuerpo chamuscado de Macandal. Los negros sólo vieron el poste vacío¹⁹¹ (ALLENDE, 2009, p. 68).

Allende (2009) se utiliza da polifonia para descrever o mesmo evento ocorrido com Mackandal. As visões e vozes são divergentes entre os negros e os brancos. Para os escravos, Mackandal é um ser ungido pelos grandes Loas; dessa maneira,

¹⁹⁰ Tradução de Ernani Ssó: “Torturaram centenas de escravos sem investigar como a morte entrava nas casas, até que uma menina de quinze anos, uma de tantas que o mandinga visitava pelas noites em forma de morcego, diante da ameaça de ser queimada viva, dera a pista para encontrar Macandal. Queimaram-na assim mesmo, e sua confissão levava os milicianos ao esconderijo de Macandal. Tiveram de escalar, como cabritos, picos e quebradas até os cumes cinzentos dos antigos caciques arahuacos. Capitularam-no vivo. Até então haviam morrido seis mil pessoas. “É o fim de Macandal”, diziam os brancos. “É o que veremos”, sussurravam os negros” (ALLENDE, 2010, p. 60).

¹⁹¹ Tradução de Ernani Ssó: “Os negros viram Macandal se soltar das correntes, saltar por cima dos troncos ardentes e, quando os soldados caíram em cima dele, se transformar num mosquito e sair voando através da fumaça, dar uma volta completa em torno da praça para que todos pudessem se despedir e, depois, ganhar a imensidão do céu, exatamente antes que o temporal apagasse a fogueira. Os brancos e affranchis viram o corpo chamuscado de Macandal. Os negros viram apenas o tronco vazio” (ALLENDE, 2010, p. 62).

esperavam que escapasse na hora em que o fogo atingisse seu corpo, tanto é que a narrativa dada a partir desse ponto de vista dá conta de que a personagem se transformou em um mosquito e saiu voando. O mesmo acontecimento é visto de outra forma pelos brancos. Para estes, era mais um escravo queimado na fogueira. Quando as chamas cessaram, os negros viram um poste vazio, e os brancos viram o corpo chamuscado de Mackandal.

Ao darmos sequência à análise da narrativa *La isla bajo el mar* (2009), temos as descrições sobre os *affranchis*, os quais, movidos pela Revolução Francesa (1789-1799) e por sua ideologia de liberdade, igualdade e fraternidade, enviaram representantes a Paris para reclamarem seus direitos: “[...] *los affranchis habían enviado delegaciones a París a reclamar sus derechos ciudadanos ante la Asamblea Nacional, porque en Saint-Domingue ningún blanco, ni rico ni pobre, estaba dispuesto a dárselos*”¹⁹² (ALLENDE, 2009, p. 134-135). A autora ainda descreve que a Assembleia Nacional na França havia tirado de Saint-Domingue o pouco poder autônomo que a colônia gozava; além disso, nenhum *grand blanc* estava disposto a aceitar os decretos absurdos, impostos pela metrópole. “*El resultado era estropicio y caos, como lo que pasó con un tal Vincent Ogé, un mulato rico que fue a París a exigir igualdad de derechos para los affranchis y volvió con el rabo entre las piernas [...]*”¹⁹³ (ALLENDE, 2009, p. 159-160).

Na narrativa de Allende (2009), assim como aparece nos relatos historiográficos, os irmãos Vincent Ogé e Jean-Baptiste Chavannes, com a ajuda de outros *affranchis*, organizaram uma rebelião na parte norte da colônia contra a metrópole francesa para exigirem os mesmos direitos concedidos aos homens brancos da ilha; entretanto, o levante fracassou, e eles foram mortos pelos militares franceses.

Além das descrições históricas referentes ao período que antecede a revolução, Allende (2009) também insere na tessitura ficcional material histórico referente à cerimônia *Bois Caïman*; ao levante escravocrata ocorrido na parte norte de Saint-Domingue; à guerra civil; ao envolvimento de espanhóis, ingleses e franceses no conflito; a Leger-Félicité Sonthonax; ao decreto que igualava os

¹⁹² Tradução de Ernani Ssó: “[...] os *affranchis* tinham enviado delegações a Paris para reclamar seus direitos de cidadão perante a Assembleia Nacional, porque em Saint-Domingue nenhum branco, rico ou pobre, estava disposto a reconhecê-los” (ALLENDE, 2010, p. 123).

¹⁹³ Tradução de Ernani Ssó: “O resultado era o estrago e o caos, como o que acontecera com um tal Vincent Ogé, um mulato rico que fora a Paris exigir igualdade de direitos para os *affranchis* e voltara com o rabo entre as pernas [...]” (ALLENDE, 2010, p. 147).

affranchis a qualquer cidadão branco francês; à comissão francesa enviada por Napoleão Bonaparte; ao general Charles Victor Emmanuel Leclerc e sua esposa, Paulina Bonaparte; à febre amarela; à vitória dos negros; ao término do conflito; e aos refugiados em Cuba e nos Estados Unidos. Assim, os aspectos históricos perceptíveis na escrita do romance garantem a hibridez necessária a um romance histórico contemporâneo de mediação.

Em uma das incorporações narrativas – *Zarité* – há descrições da cerimônia *Bois Caïman*. Além disso, nesse relato de cunho autobiográfico, deparamo-nos com as analepses frequentes nessas inserções em primeira pessoa, como mostra este fragmento: “*Así me lo contaron. Así sucedió en Bois Cayman. Así está escrito en la leyenda del lugar que ahora llaman Haití, la primera república independiente de los negros*”¹⁹⁴ (ALLENDE, 2009, p.178).

Além da interrupção da sequência cronológica manifestada pelas analepses, evidenciamos outro aspecto relevante na escrita de Allende (2009): para construir sua narrativa, não somente se baseou na história oficial sobre o conflito, mas também incorporou nela informações de base cultural e religiosa, como poderemos observar nos fragmentos que tratam da cerimônia *Bois Caïman*:

[...] *Bois Cayman queda en el norte, cerca de las grandes llanuras, camino a Le Cap, a varias horas de distancia de habitation Saint-Lazare. Es un bosque inmenso, un lugar de encrucijadas y árboles sagrados [...]. En Bois Cayman viven los espíritus de la naturaleza y de los esclavos muertos que no han encontrado el camino a Guinea. [...]. Había un ejército de cientos de miles de espíritus luchando junto a los negros, por eso al final derrotaron a los blancos*¹⁹⁵ (ALLENDE, 2009, p. 178).

A história descreve esse encontro na floresta; porém, a fazenda Saint-Lazare é uma construção literária de Allende (2009), já que, nos registros históricos, não foram encontrados relatos sobre essa propriedade. As descrições desse lugar como um reduto sagrado, onde o mundo real coexiste com o espiritual, também são criações ficcionais da escritora chilena.

¹⁹⁴ Tradução de Ernani Ssó: “Assim me contaram. Assim aconteceu em Bois Cayman. Assim está escrito na lenda do lugar que agora chama Haiti, a primeira república independente dos negros” (ALLENDE, 2010, p. 166).

¹⁹⁵ Tradução de Ernani Ssó: “[...] *Bois Cayman* fica ao norte, perto das grandes planícies, a caminho de Le Cap, a várias horas de distância da *habitation* Saint-Lazare. É uma floresta imensa, um lugar de encruzilhadas e árvores sagradas [...] Em *Bois Cayman* vivem os espíritos da natureza e dos escravos mortos que não encontraram o caminho da Guiné. [...] Havia um exercito de centenas de milhares de espíritos lutando junto com os negros; por isso, no final, derrotaram os brancos” (ALLENDE, 2010, p. 166).

Ao darmos continuidade à análise, temos as descrições do mês em que ocorreu a *Bois Caïman*, bem como informações sobre a região da ilha de onde vieram os escravos para esse encontro e sobre as personagens fictícias e historiográficas que dele participaram:

*El encuentro de los esclavos en Bois Cayman ocurrió a mediados de agosto, en una noche caliente, mojada por el sudor de la tierra y los hombres. [...] Los esclavos acudieron de las plantaciones del norte [...]. Miles de cimarrones descendieron de las montañas. Gambo llegó con el grupo de Zamba Boukman, un gigante que inspiraba doble respeto por ser jefe de guerra y hungan. [...] Boukman tomó la palabra para invocar al dios supremo, Papa Bondye, y pedirle que los condujera a la victoria [...]*¹⁹⁶ (ALLENDE, 2009, p. 178-179).

Desse modo, podemos notar que muitos dos relatos narrativos sobre a *Bois Caïman* são semelhantes à lenda descrita pelo haitiano Dantès Bellegarde (*apud* GEGGUS, 2002) – constante no primeiro capítulo desta dissertação –, tanto na exaltação das forças da natureza quanto no aspecto sobrenatural. Já a personagem fictícia Gambo aparece junto à personagem de extração histórica Zamba Boukman. Para representar a força do guerreiro e sua posição religiosa, a narrativa cita Boukman como um ‘gigante’. Para o historiador Geggus (2002), nas obras históricas modernas, Boukman geralmente aparece como um sacerdote vodou, mas essa informação aparece nas fontes históricas iniciais, tanto as francesas quanto as haitianas, que o descrevem como um dos primeiros líderes rebeldes, mas não confirmam seu papel de líder religioso:

*Even in Céligny Ardouin's Essais, the only primary account of the Bois Caïman ceremony that refers to him, written at least fifty years after the event, he does not direct the ceremony but merely takes an oath from the priestess who presided.*¹⁹⁷ (GEGGUS, 2002, p. 77).

No prosseguimento da narrativa que trata da cerimônia *Bois Caïman*, temos

¹⁹⁶ Tradução de Ernani Ssó: “O encontro dos escravos em *Bois Cayman* aconteceu em meados de agosto, numa noite quente, molhada pelo suor da terra e dos homens. [...] Os escravos acudiram das plantações do norte [...] Milhares de rebeldes desceram das montanhas. Gambo chegou com o grupo de Zamba Boukman, um gigante que inspirava respeito duplamente por ser chefe de guerra e hungan. [...] Boukman tomou a palavra para invocar o deus supremo, Papa Bondye, e pedir a ele que os levasse à vitória” (ALLENDE, 2010, p. 166-168).

¹⁹⁷ Nossa tradução livre: “Mesmo no *Essais de Céligny Ardouin*, o único relato primário da cerimônia de *Bois Caïman* que se refere a ele, escrito pelo menos cinquenta anos após o evento, ele não dirige a cerimônia, mas sim presta juramento da sacerdotisa que presidiu” (GEGGUS, 2002, p. 77).

as descrições sobre a personagem fictícia Tante Rose¹⁹⁸, que, ao incorporar o espírito de Ogun-Feraille, sacrificou o porco negro:

Tante Rose se irguió derecha, el doble de su tamaño [...]. En seguida le quitó un gran cuchillo al hombre más cercano, dejó el asson por tierra, se dirigió al cerdo negro del sacrificio atado a un árbol y de un solo tajo lo degolló con su brazo de guerrero, separando la gruesa cabeza del tronco y empapándose de su sangre. [...] Ogun-Feraille levantó el asson hacia el cielo y la voz del loa, más poderoso estalló en boca de Tante Rose para exigir el fin de la esclavitud, llamar a la rebelión total y nombrar a los jefes: Boukman, Jean-François, Jeannot, Boisseau, Célestin y varios más. No nombró a Toussaint, porque en ese momento el hombre que se convertiría en el alma de los rebeldes estaba en la plantación en Bréda, donde servía de cochero¹⁹⁹ (ALLENDE, 2009, p. 181-182).

Nas obras pesquisadas para o desenvolvimento desta dissertação, encontramos descrições sobre uma sacerdotisa vodou que presidiu a *Bois Caïman*. Entretanto, os registros históricos não confirmam seu nome e sua procedência; o que encontramos foi somente um relato de que existe um livro de Étienne Charlier que trata do assunto; porém, não descobrimos seu título e data de publicação da obra. Nele, supostamente, consta o relato oral familiar de que uma mulher chamada ‘Fatiman’ presidiu a lendária cerimônia, como mostra o fragmento a seguir:

It is a family oral tradition recounted in a book by Étienne Charlier. It was passed on to him by the grandson of Cécile Fatiman, long-lived wife of midnineteenth-century president Louis Pierrot. Their grandson informed Charlier that Fatiman, a woman of mixed racial descent, was a vodou priestess who had participated in the Bois Caïman ceremony, but he apparently provided no further details.²⁰⁰ (GEGGUS, 2002, p. 82).

Desse modo, não podemos caracterizar a personagem Tante Rose como uma ‘personagem de extração historiográfica’, mas devemos citá-la como uma

¹⁹⁸ Escrava e curandeira de Saint-Lazare.

¹⁹⁹ Tradução de Ernani Ssó: “Tante Rose se ergueu apumada, com o dobro do seu tamanho [...] Em seguida, tirou uma grande faca do homem mais próximo, deixou o asson no chão, dirigiu-se ao porco negro do sacrifício atado a uma árvore e, com um só golpe, o degolou com seu braço de guerreiro, separando a cabeça gorda do tronco e se empapando de sangue. [...] *Ogum-Feraille* apontou o asson para o céu, e a voz do *loa* mais poderoso explodiu na boca de Tante Rose para exigir o fim da escravidão, clamar por uma rebelião total e indicar os chefes: Boukman, Jean-François, Jeannot, Boisseau, Célestin e vários outros. Não indicou Toussaint, porque, naquele momento, o homem que se transformaria na alma dos rebeldes estava na plantação em Bréda, onde servia como cocheiro” (ALLENDE, 2010, p. 166-170).

²⁰⁰ Nossa tradução livre: “É uma tradição oral familiar relatada em um livro de Étienne Charlier. Foi transferida para ele pelo neto de Cécile Fatiman, esposa, de longa vida, do presidente que governou na metade do século XIX, Louis Pierrot. Seu neto informou a Charlier que Fatiman, uma mulher de descendência racial mista, era uma sacerdotisa vodou que havia participado da cerimônia *Bois Caïman*, mas, aparentemente, não lhe forneceu mais detalhes” (GEGGUS, 2002, p. 82).

representação literária dessa sacerdotisa vodou. Além disso, consideramos que os fragmentos narrativos sobre a cerimônia *Bois Caïman* e a sua análise evidenciam que a criação literária de Allende (2009) foi constituída com base na historiografia oficial, na lenda, no mito, na memória coletiva e na oralidade haitiana. Além disso, a autora teria inserido em sua construção literária práticas da doutrina vodou, como a crença nos deuses Ogun e Ogun-Feraille, incorporações espirituais e a crença de que os espíritos dos mortos vivem concomitante ao mundo dos vivos e com estes interagem.

A narrativa sobre a cerimônia *Bois Caïman* também revela outra característica presente no novo romance histórico contemporâneo de mediação: a anacronia. Essa alteração da ordem temporal dos acontecimentos referentes à cerimônia *Bois Caïman* acontece quando Allende (2009) cria um único encontro entre os escravos que deu origem ao levante escravocrata, iniciado ao norte da ilha. O historiador Geggus (2002) registra que poucos dias antes da sublevação escravocrata, em um domingo, no dia 14 de agosto 1791, ocorreu um encontro entre os escravos na paróquia de Plaine du Nord. Nesse local, os escravos tomaram a decisão de se rebelarem; porém, antes de executá-lo, os insurgentes realizaram uma comemoração na propriedade Choiseul, chamada 'Le Caïman'. A data exata desse segundo encontro, conhecido como *Bois Caïman*, não é confirmada pelos historiadores Geggus (2002) e Popkin (2012), assim como não tem confirmação historiográfica a celebração de um ato religioso. Para Popkin (2012), talvez o segundo encontro tenha ocorrido na noite do dia 21 de agosto, um dia antes dos primeiros assaltos às plantações.

Com exceção das criações ficcionais com base na crença vodou e na história tradicional, esses primeiros líderes rebeldes – Boukman, Jean-François, Jeannot, Boisseau e Célestin – são descritos pela historiografia oficial como os primeiros líderes da sublevação escravocrata ocorrida em Saint-Domingue, mas eles não ganham tanto destaque quanto o famoso general negro Toussaint L'Ouverture, que conduziu os insurgentes durante a maior parte do conflito haitiano, até ser capturado pelos militares franceses e levado à França.

Para compreendermos como a oralidade se perpetua entre a população haitiana, temos os estudos de Bellegarde-Smith e Michel (2011) que relatam que a história haitiana apresenta subtextos de raça, cor e classe. Para o autor, a história é uma construção social:

[...] nesse mundo herdado, são oferecidas versões de eventos interpretados por aqueles letrados o suficiente para escrever e por aqueles ricos o suficiente para publicar. Versões concorrentes podem ser facilmente menosprezadas ou simplesmente ignoradas, relegadas ao esquecimento pela história registrada. Isso é o que se pode esperar das classes dominantes na busca por manter sua hegemonia. Um impulso totalitarista emana da necessidade. A “lembança” se torna mitologia e folclore. Tempo e espaço entram em colapso, particularmente quando a memória recua (BELLEGARDE-SMITH; MICHEL, 2011, p. 60-61).

Bellegarde-Smith e Michel (2011) acredita que as memórias são recuperáveis, e afirma que os historiadores haitianos têm utilizado os relatos orais, já que a maior parte da literatura haitiana se baseia na oralidade, pois 80% da população haitiana é analfabeta.

Portanto, a criação literária de Isabel Allende (2009) a respeito da cerimônia *Bois Caiman*, assim como sobre François Mackandal, está diretamente relacionada à cultura popular haitiana. A opinião dos historiadores descrita nesta dissertação mostra que eles são unânimes ao citarem a existência do mito em torno desses acontecimentos. Entretanto, somente afirmam aquilo que se pauta nas fontes documentais, já que as fontes humanas não existem mais, porque a Revolução Haitiana (1791-1804) ocorreu há mais de duzentos anos. O historiador Popkin (2012), por exemplo, cita uma pintura em tela do artista Ulrick Jean-Pierre, a qual pertence à coleção do Sr. e Sra. Farere Dyer, de Nova Orleans, estado da Luisiana, para expor a existência da lenda em torno da cerimônia *Bois Caïman*, como podemos observar na Figura 7 anexa neste trabalho. Abaixo da pintura, o historiador descreve:

*In this modern recreation of the ceremony supposedly held at Bois Caïman to launch the August 1791 slave uprising, the insurrectionary leader Boukman Dutty holds a machete and a vodou ason or rattle, while a vodou priestess sacrifices a pig. To modern Haitians, dramatic images like this one evoke the courage of their ancestors and the connection between their struggle for freedom and the beliefs blacks brought with them from Africa*²⁰¹ (POPKIN, 2012, p. 36).

²⁰¹ Nossa tradução livre: “Nessa recriação moderna da cerimônia supostamente realizada em *Bois Caïman* para lançar o levantamento de escravos em agosto de 1791, o líder insurrecional, Boukman Dutty, detém um machete e um *vodou ason* ou chocalho, enquanto uma sacerdotisa vodou sacrifica um porco. Para os haitianos modernos, imagens dramáticas como essa evocam a coragem de seus antepassados e a conexão entre sua luta pela liberdade e as crenças que os negros trouxeram com eles da África” (POPKIN, 2012, p. 36).

No romance, após a descrição da cerimônia, inicia-se a sublevação escravocrata em Saint-Domingue. Na construção textual literária de Allende (2009) sobre o levante, observa-se a hipérbole, pois ocorre um exagero na construção textual sobre os primeiros movimentos da rebelião. Em consequência do uso dessa hipérbole constituiu-se a paródia, porque, ao se basear na história oficial, a nova narrativa modifica-a com os excessos, como podemos observar no fragmento a seguir: “*A finales de septiembre la rebelión se había generalizado en el norte, los esclavos huían en masa y antes de irse le **prendían fuego a todo***” (ALLENDE, 2009, p. 184, grifo nosso)²⁰². As mesmas peculiaridades são observadas no fragmento narrativo abaixo, que também faz referência à insurreição de origem escrava, contudo, tendo como foco as ações militares francesas que visavam a conter os rebeldes:

*El gobernador Blanchelande [...] debió utilizar el ejército para sofocar la revuelta de los esclavos, que adquiría proporciones de **catástrofe**, y para intervenir en el bárbaro conflicto entre blancos y mulatos [...] Los petits blancs iniciaron una matanza contra los affranchis y éstos respondieron cometiendo **peores salvajadas** que los negros y los blancos combinados. **Nadie estaba salvo***²⁰³ (ALLENDE, 2009, p. 190, grifo nosso).

A hipérbole e a verossimilhança em relação à história demonstram a criatividade ficcional da romancista ao criar estratégias escriturais próprias da ficção para dialogar com a visão hegemônica da história, revelando uma produção textual que dá ênfase aos primeiros assaltos às plantações de Saint-Domingue construída com peculiaridades da escrita ficcional.

Segundo o historiador Geggus (2002), espalhando-se rapidamente pela planície e para as montanhas circundantes, a revolta expandiu-se. No final de setembro, mais de mil plantações foram queimadas, e centenas de brancos morreram. Não obstante, a história também descreve que alguns brancos conseguiram fugir desses ataques, assim como outros foram poupados da morte. Popkin (2007), com base em um dos relatos desses sobreviventes, afirma que Boukman, ao invadir a antiga propriedade onde era escravo, ordenou aos demais

²⁰² Tradução de Ernani Ssó: “Em fins de setembro, a rebelião havia se generalizado no norte, os escravos fugiam em massa e colocavam fogo em tudo” (ALLENDE, 2010, p. 172).

²⁰³ Tradução de Ernani Ssó: “O governador Blanchelande [...] precisou usar o exército para sufocar a revolta dos escravos, que adquiria proporções catastróficas, e para intervir no bárbaro conflito entre brancos e mulatos [...]. Os *petits blancs* iniciaram uma matança de *affranchis*, os quais responderam cometendo selvagerias piores do que os negros e os brancos juntos. Ninguém estava a salvo” (ALLENDE, 2010, p. 177).

rebeldes que poupassem a vida do seu antigo amo. Segundo os relatos dessa testemunha sobrevivente, Boukman se dirigiu aos seus homens e disse firmemente:

"Don't kill him, he's a good white and knows more than the others around here." The reason he said this is that, when I had surveyed the plantation, I had chosen him as an assistant because he was the most intelligent of them (he had been astonished to see that I could determine the distance from one point to another without pacing it off, leading him to think that I was smarter than other whites). I was quite surprised to hear such words because I would not have thought him susceptible, in these circumstances, of so much humanity²⁰⁴ (POPKIN, 2007, p. 51).

O testemunho desse homem branco descreve também que Boukman colocou essa pessoa sob a guarda de um dos negros, o qual o levou longe de sua casa. No decorrer do trajeto, foi insultado pelos milhares de rebeldes que estavam prontos para matá-lo, se Boukman assim o desejasse. *"I had to endure the most atrocious insults that mouths can utter; a hundred times they were ready to kill me in spite of the efforts of my guards"*²⁰⁵ (POPKIN, 2007, p. 51-52).

Por mais que a construção textual da romancista chilena tome como base relatos historiográficos, as hipérboles grafadas nos fragmentos apresentados ressaltam a escrita literária sobre o ocorrido na antiga colônia francesa e denotam a ideia de que os escravos rebeldes não perdoaram ninguém, vingaram-se de todos os brancos.

Em *La isla bajo el mar* (2009), após a morte de Boukman, Toussaint L'Ouverture se tornou o líder mais importante da Revolução Haitiana (1791-1804). O ex-escravo levou várias semanas para se reunir à revolta dos escravos, porque, primeiramente, ajudou a salvar toda a família de seu antigo dono, como mostra o fragmento narrativo a seguir:

Había nacido y vivido esclavo en una plantación en Bréda, se educó solo, abrazó con fervor la religión cristiana y se ganó la estima de su amo, quien incluso le confió a su familia cuando llegó el momento de huir. Esa relación provocaba sospechas, muchos creían que Toussaint se sometía a los

²⁰⁴ Nossa tradução livre: "Não o mate, ele é um bom branco e sabe mais do que os outros por aqui". O motivo pelo qual ele disse isso é que, quando eu tinha pesquisado a plantação, eu o escolhi como assistente porque ele era o mais inteligente de todos (ele ficou atônito ao ver que eu poderia determinar a distância de um ponto para outro sem andar, levando-o a pensar que eu era mais esperto do que outros brancos). Fiquei bastante surpreso ao ouvir tais palavras porque não teria pensado nele suscetível, nessas circunstâncias, de tanta humanidade" (POPKIN, 2007, p. 51).

²⁰⁵ Nossa tradução livre: "Eu tive que suportar os insultos mais atrozes que as bocas podem pronunciar; cem vezes eles estavam prontos para me matar apesar dos esforços dos meus guardas" (POPKIN, 2007, p. 51-52).

*blancos como un criado, pero Gambo le oyó decir muchas veces que el propósito de su vida era terminar con la esclavitud en Saint-Domingue y nada ni nadie lo haría desistir*²⁰⁶ (ALLENDE, 2009, p. 195).

No texto literário, Toussaint sabia ler e escrever; assim, conseguia se informar sobre o que estava acontecendo na ilha de Saint-Domingue e na França. Antes de se tornar um grande líder da revolução dos escravos, cumpriu a função de conselheiro de guerra e doutor porque sabia de plantas curativas e exercia notável influência sobre os líderes rebeldes. Além disso, ninguém conhecia melhor a mentalidade dos brancos.

Com exceção da personagem puramente ficcional Gambo junto à personagem de extração histórica, Toussaint L'Ouverture, e o ato de ajudar a família branca a fugir, as demais descrições de Allende (2009) são de base historiográfica, como poderemos observar na sequência desta análise.

Toussaint L'Ouverture, segundo o historiador Depestre (2006), nasceu no dia 20 de maio de 1743, na propriedade de Bréda, do senhor Bayon Libertat. Seu nome, antes de se tornar o principal líder da Revolução Hatiana, era Toussaint Bréda, devido ao fato de pertencer àquela propriedade. Ele era um escravo de segunda geração, filho de escravo trazido da África. Quando criança, cuidava dos animais e, ao trabalhar nos estábulos, aprendeu os rudimentos da ciência veterinária e desenvolveu o conhecimento sobre plantas medicinais. Seu padrinho, o francês Pierre Baptiste, ensinou-o a ler e a escrever em língua francesa, algo raro entre os escravos da época.

De acordo com os historiadores Jackson e Bacon (2010), Toussaint L'Ouverture se casou na igreja católica com uma viúva chamada Susan, e, durante o matrimônio, viveram pacificamente. Antes da revolução, conforme Popkin (2012), Toussaint L'Ouverture era um homem livre; trabalhava como cocheiro para seu antigo dono, Bayon de Libertat, que o libertou quando ele tinha seus trinta anos. Depois de uma breve e aparentemente infrutífera tentativa de estabelecer a pequena e própria plantação, voltou a trabalhar para Libertat, provavelmente porque queria estar perto de sua esposa e dos filhos, que ainda eram escravos. *"In contrast to the*

²⁰⁶ Tradução de Ernani Ssó: "Havia nascido escravo e vivido numa plantação em Bréda, educara-se sozinho, abraçara com fervor a religião cristã e ganhara a estima do patrão, que inclusive lhe confiara a família chegado o momento de fugir. Essa relação provocara suspeita, muitos acreditaram que Toussaint se submetia aos brancos como criado, mas Gambo o ouvira dizer muitas vezes que o propósito de sua vida era terminar com a escravidão de Saint-Domingue, e nada nem ninguém o faria desistir" (ALLENDE, 2010, p. 182).

*other leaders of the movement, Toussaint was no longer a slave in 1791; he had gained his own freedom many years earlier*²⁰⁷ (POPKIN, 2012, p. 43). Com relação à ajuda de Toussaint à família de Bayon de Libertat, não foram encontrados relatos historiográficos nos livros citados neste trabalho.

Segundo Popkin (2012), Toussaint L'Ouverture foi o principal líder do movimento haitiano e provou que um ex-escravo poderia comandar exércitos e governar tão eficazmente quanto qualquer homem branco.

Essas inserções de materiais históricos em *La isla bajo el mar* (2009), além de evidenciarem a verossimilhança em relação à história – traço inerente a essa modalidade romanesca –, também demonstram o laborioso trabalho de pesquisa realizado por Allende (2009) para compor sua diegese romanesca. Constatamos, no decorrer dessa pesquisa, uma complexidade de informações sobre a história da Revolução Haitiana (1791-1804), bem como a compreensão da cultura popular desse período historiográfico. Desse modo, percebemos a dimensão desse esforço ao compor essa narrativa híbrida.

A par do relato histórico sobre a migração de milhares de refugiados brancos da ilha de Saint-Domingue em direção à Cuba e aos Estados Unidos, a obra literária descreve o exílio de Valmorain e de Zarité nesses países. Segundo Popkin (2012), muitos produtores brancos de Saint-Domingue, para escapar da Revolução Haitiana (1791-1804), refugiaram-se em toda a América, em maior número no estado de Nova Orleans e em Cuba. Para o historiador, apesar do exemplo haitiano, as sociedades escravocratas do “Novo Mundo” expandiram-se mais rapidamente nas décadas que se seguiram a 1804: *“With the help of exiled Saint – Domingue plantation – owners, who found themselves dispersed throughout the Americas, new sugar – producing centers arose in Brazil, Cuba, and Louisiana”*²⁰⁸ (POPKIN, 2012, p. 160).

A historiadora francesa Nathalie Dessens, em *From Saint-Domingue to New Orleans* (2007), descreve que os refugiados brancos e negros de Saint-Domingue foram para o sul da região do Mississippi, especialmente Nova Orleans, para escapar da revolução dos escravos. Entre 1791 e 1815, aproximadamente 20 mil

²⁰⁷ Nossa tradução livre: “Em contraste com os outros líderes do movimento, Toussaint não era mais um escravo em 1791; ele ganhou sua própria liberdade muitos anos antes.” (POPKIN, 2012, p. 43).

²⁰⁸ Nossa tradução livre: “Com a ajuda dos proprietários exilados dos plantios de Saint-Domingue, que se encontraram dispersos em toda a América, surgiram novos centros produtores de açúcar no Brasil, em Cuba e na Luisiana” (POPKIN, 2012, p. 160).

refugiados de Saint-Domingue se estabeleceram na região do baixo Mississippi, 8 a noventa por cento em Nova Orleans e nos arredores. Considerando a população de Nova Orleans na época, os censos dão os números de 5.028, em 1785, 8.056, em 1799, e 17.242, em 1810. O afluxo multirracial era enorme e mais do que dobrou o tamanho da população de Nova Orleans livre de cor. Essa migração não poderia deixar de ter um profundo impacto no contexto social, econômico, político e cultural da Luisiana.

Em *La isla bajo el mar* (2009), refugiados em Cuba, Valmorain ordenou que sua escrava fizesse compras para a viagem que fariam com destino a Nova Orleans (EUA). Ao sair da última loja em que fez compras, Zarité ouviu os sons dos tambores vindos de uma praça pública e, sob a influência do espírito Erzuli, começou a dançar, esquecendo-se de quem era e do mundo a sua volta. Tété e sua filha perderam-se na dança e no tempo, e a criança branca, Maurice, filho de Toulouse Valmorain, ficou esquecida em meio à multidão.

Devido à confusão da dança e do local, o menino ficou assustado e perdeu-se na cidade. Foi encontrado aos prantos por estranhos, que, ao observarem suas vestimentas e tomando por base as frágeis descrições geográficas de uma criança, procuraram seu pai nos hotéis da cidade. Ao saber do ocorrido, Toulouse ficou furioso e pediu para dois homens procurarem Zarité. Quando a encontraram, foi levada à prisão. No dia seguinte, foi conduzida ao tronco, lugar onde castigavam os escravos. Ao perceber que iria receber chibatadas, protestou: “*¡Soy libre! ¡Soy libre!*”, gritó Tété [...] *mostrándole al verdugo la bolsa que llevaba al cuello, la zarpa del hombre se la arrebató junto con la blusa y el corpiño, que se rajaron al primer tirón*”²⁰⁹ (ALLENDE, 2009, p. 247).

Conforme relata o narrador, quando ainda estavam no Haiti, devido à ameaça de invasão dos rebeldes, a personagem Valmorain havia assinado as cartas de alforria de Zarité e de sua filha Rosette; entretanto, ele não oficializou as respectivas liberdades quando chegaram em Cuba. Desse modo, para esse *grand blanc*, a mulher continuava sendo sua escrava. Pelo ocorrido com seu filho, ela deveria pagar a falha com um inesquecível susto. Como em breve partiriam de Cuba, Toulouse pediu ao carrasco que não a açoitasse, porque não queria levá-la ferida durante a

²⁰⁹ Tradução de Ernani Ssô: “Sou livre! Sou livre!”, gritou Tété [...] mostrando ao carrasco o saquinho que levava no pescoço, mas a garra do homem o segurou junto com a blusa e o corpete, que se resgaram ao primeiro puxão” (ALLENDE, 2010, p. 247).

viagem. Mesmo assim, seus punhos foram amarrados ao poste, e sua roupa foi rasgada. As chibatadas eram direcionadas às pedras do assoalho, e, ao ouvi-las estalando no chão da prisão, a alma de Zarité doía. Em sua concepção, ela já era uma mulher livre e, por isso, não era merecedora dessa humilhação. Nesse recorte narrativo, percebemos, uma vez mais, o processo dialógico em relação a um mesmo ato, apresentado sob o olhar da escrava e sob a ótica do homem branco. A situação é única, mas as percepções são diferenciadas, e o romance é o espaço no qual ambas as versões encontram acolhimento.

Em Nova Orleans, mesmo refugiados, as personagens da narrativa obtinham informações sobre os acontecimentos de Saint-Domingue: “[...] *Pierre-François Toussaint, llamado Louverture por su habilidad para negociar, mantenía un precario control bajo su dictadura militar, pero los siete años de violencia habían devastado la colonia y empobrecido a Francia*”²¹⁰ (ALLENDE, 2009, p. 390). A escritora chilena ainda acrescenta que Napoleão Bonaparte não iria permitir que “[...] *ese patizambo, como lo llamaba, le impusiera condiciones. Toussaint se había proclamado gobernador vitalicio inspirado en el título napoleónico de primer cónsul vitalicio, y trataba a éste de igual a igual*”²¹¹ (ALLENDE, 2009, p. 390). É perceptível, nesses fragmentos, uma das características do romance histórico contemporâneo de mediação: a intertextualidade, que se caracteriza pelo hipertexto da história tradicional, como é possível observar nos relatos historiográficos expostos no início desta dissertação.

No capítulo “Los americanos”²¹², constatamos novamente a verossimilhança da narrativa em relação à história oficial, pois é descrito que, após a derrota das tropas napoleônicas no Haiti, chegou uma segunda grande massa de refugiados em Nova Orleans. De Saint-Domingue “[...] *llegaba un barco tras otro cargado de civiles y soldados enfermos de fiebre, que representaban un peligro político por sus ideas revolucionarias, y de salud pública por la posibilidad de una epidemia*”²¹³ (ALLENDE,

²¹⁰ Tradução de Ernani Ssó: “[...] Pierre-François Toussaint, chamado de Louverture por causa de sua habilidade para negociar, mantinha um controle precário sob sua ditadura militar, mas os sete anos de violência haviam devastado a colônia e empobrecido a França” (ALLENDE, 2010, p. 364).

²¹¹ Tradução de Ernani Ssó: “[...] aquele aleijado, como o chamava, lhe impusesse condições. Toussaint havia se proclamado governador vitalício, inspirado no título napoleônico de primeiro cônsul vitalício, e tratava este de igual para igual” (ALLENDE, 2010, p. 364).

²¹² Tradução de Ernani Ssó: “Os americanos” (ALLENDE, 2010, p. 371).

²¹³ Tradução de Ernani Ssó: “[...] chegava um barco atrás do outro carregado de civis e soldados doentes de febre, que representavam um perigo político por suas ideias revolucionárias, e um risco de saúde pública pela possibilidade de uma epidemia” (ALLENDE, 2010, p. 375).

2009, p. 403). Ademais, essa segunda leva de refugiados era muito diferente das primeiras porque era constituída por bonapartistas radicais e ateus, bem diferentes dos monarquistas católicos que haviam chegado antes. Essas diferenças geraram um choque cultural no território, que agora era americano e não mais francês, porque Bonaparte havia vendido Luisiana aos americanos em 1803, no mesmo período em que foi proclamada a independência do Haiti. Três anos antes, esse estado pertencia aos espanhóis, os quais cederam essa região aos franceses, mediante o tratado secreto de São Ildefonso.

Para o historiador Popkin (2012), a fuga dos colonos brancos de Saint-Domingue devido à Revolução Haitiana (1791-1804) produziu a primeira crise de refugiados na história dos Estados Unidos, e o apoio concedido ao líder negro Toussaint L'Ouverture no final da década de 1790 foi o primeiro exemplo da intervenção dos Estados Unidos além de suas próprias fronteiras.

Além disso, a derrota de Napoleão, em 1803, levou a França a vender suas reivindicações territoriais na América do Norte para a nova república americana. *"This 'Louisiana Purchase' opened the way for the westward expansion of the United States and its growth into a continental power"*²¹⁴ (POPKIN, 2012, p. 3). Dessa forma, os ex-moradores de Saint-Domingue constituíram grande parte da população inicial de Nova Orleans e influenciaram profundamente a cultura distinta dessa região.

No capítulo "La política del día"²¹⁵, as personagens Zarité e Valmorain já não vivem mais em Saint-Domingue. Elas estão vivendo nos Estados Unidos, mas obtêm informações sobre a revolução a partir de outros refugiados recém-chegados da colônia francesa.

A narrativa descreve que os sete anos de violência haviam devastado Saint-Domingue e empobrecido a França. Napoleão não iria permitir que Toussaint L'Ouverture, que havia se proclamado governador vitalício, dominasse a ilha de Saint-Domingue; por isso, pensava em afastá-lo, pôr os negros para trabalhar nas plantações e recuperar o domínio branco da colônia. Como resultado, Napoleão enviou uma numerosa expedição sob o comando do general Victor Emmanuel Leclerc, casado com a irmã de Napoleão, Pauline Bonaparte. Assim, no fim do ano de 1801 e no início de 1802, Le Cap foi tomada pelo exército de Napoleão, e o

²¹⁴ Nossa tradução livre: "Esta 'Compra da Luisiana' abriu o caminho para a expansão para o oeste dos Estados Unidos e seu crescimento em um poder continental" (POPKIN, 2012, p. 3).

²¹⁵ Tradução de Ernani Ssó: "A política do dia" (ALLENDE, 2010, p. 364).

general Toussaint caiu em uma emboscada feita pelos franceses e foi deportado à França com sua família. “*Napoleón había vencido al ‘general negro más grande de la historia’*”²¹⁶ (ALLENDE, 2009, p. 391), registra-se no romance.

Ainda nesse capítulo do romance, as personagens fictícias Zarité e o doutor Parmentier conversam sobre os acontecimentos da Revolução Haitiana (1791-1804). Parmentier diz à Tété que a Revolução Haitiana (1791-1804) não terminou com a morte do grande líder negro, Toussaint, e que agora quem estava liderando os negros rebeldes era Jean-Jacques Dessalines. “– *Hace siete meses que murió Toussaint Louverture. Otro crimen de Napoleón. Lo mataron de hambre, frío y soledad en la prisión [...] – La muerte de Toussaint no significa el fin de la revolución. Ahora el general Dessalines está al mando*”²¹⁷ (ALLENDE, 2009, p. 394), comenta o personagem à protagonista.

Com exceção das personagens fictícias, as demais descrições de Allende (2009) são ratificadas pela historiografia oficial constante no primeiro capítulo desta dissertação, assim como os relatos de que, após a traição dos franceses, os mulatos resolveram se unir aos negros, sob a liderança de Dessalines.

Em *La isla bajo el mar* (2009), relata-se que, em abril de 1802, a febre amarela dizimou as tropas francesas, pouco acostumadas com o clima de Saint-Domingue e sem defesas contra a epidemia. De acordo com o narrador, “*de los diecisiete mil hombres que llevaba Leclerc al comenzar la expedición, le quedaron siete mil en lamentables condiciones; del resto había cinco mil agonizantes y otros cinco mil bajo tierra*”²¹⁸ (ALLENDE, 2009, p. 391).

Pons (1991) comenta que “[...] *los negros y mulatos de Saint-Domingue contaron con la ayuda de un poderoso aliado: la fiebre amarilla*”²¹⁹ (PONS, 1991, p. 129), e dos 58.000 soldados franceses enviados à ilha, entre 1802 e 1803, 50.250 perderam suas vidas. Foi devido às inúmeras mortes ocasionadas pela febre

²¹⁶ Tradução de Ernani Ssó: “Napoleão vencera ‘o maior general negro da história’” (ALLENDE, 2010, p. 365).

²¹⁷ Tradução de Ernani Ssó: “– Faz sete meses que morreu Toussaint Louverture. Outro crime de Napoleão. Mataram-no de fome, frio e solidão na prisão [...] – A morte de Toussaint não significa o fim da revolução. Agora o general Dessalines está no comando” (ALLENDE, 2010, p. 368).

²¹⁸ Tradução de Ernani Ssó: “Dos dezessete mil homens que tinha Leclerc no começo da expedição, sobraram sete mil em condições lamentáveis; do resto havia cinco mil agonizantes e outros cinco mil embaixo da terra” (ALLENDE, 2010, p. 365).

²¹⁹ Nossa tradução livre: “[...] Os negros e mulatos de Saint-Domingue contaram com a ajuda de um poderoso aliado: a febre amarela” (PONS, 1991, p. 129).

amarela que os revolucionários – negros e mulatos –, liderados por Dessalines e Christophe, conseguiram, finalmente, tomar o poder de Saint-Domingue.

Ao compararmos os números da expedição francesa, Allende (2009) descreve que, entre os dezessete mil, somente ficaram sete mil, uma baixa de dez mil homens, enquanto o historiador Pons (1991) descreve um número muito acima: dos cinquenta e oito mil homens franceses enviados para a expedição em Saint-Domingue, restaram aproximadamente oito mil.

A partir desses dados, percebemos que essa é uma das poucas descrições literárias de base historiográfica que são divergentes da história. Do mesmo modo, a escritora relata que a proclamação da independência de Saint-Domingue ocorreu em dezembro de 1803 e, segundo os historiadores Jackson e Bacon (2010), foi em janeiro de 1804 que os ex-escravos da ilha, somados aos mulatos, proclamaram a independência do Haiti e que Dessalines se tornou o governador vitalício da ilha.

Independente do mês exato de sua proclamação, sabe-se que o Haiti assumiu a condição de primeiro estado independente da América Latina e a primeira monarquia negra do mundo.

Em *La isla bajo el mar* (2009), as descrições dos acontecimentos de Saint-Domingue vão até o término da Revolução Haitiana (1791-1804), e não há relatos sobre as primeiras lideranças negras do Haiti. Provavelmente, foi por esse motivo que a escritora não fez referência a Henri Christophe, que, de líder rebelde, tornou-se o primeiro monarca negro da parte norte do Haiti. O reinado de Henri Christophe é amplamente reescrito por Alejo Carpentier na obra *El reino de este mundo* (2012[1949]).

O término do conflito haitiano não encerra a narrativa híbrida de Isabel Allende (2009). A escritora ainda relata a sequência da vida das principais personagens fictícias mescladas aos relatos historiográficos do início do século XIX, ocorridos na região sul dos Estados Unidos. Desse modo, como podemos observar, *La isla bajo el mar* (2009), mesmo após o fim da Revolução Haitiana, continua acompanhando a trajetória dos acontecimentos historiográficos.

Do mesmo modo que a história relata a imigração de diversos plantadores oriundos de Saint-Domingue que se estabeleceram principalmente no estado da Luisiana, a personagem Valmorain adquire uma plantação de açúcar próxima à cidade de Nova Orleans e mantém o mesmo sistema de exploração de mão de obra escrava ocorrido na antiga colônia francesa. Além disso, continua sendo o dono de

Zarité e de sua filha Rosette. Entretanto, essa opressão imposta à protagonista somente termina quando a personagem conquista sua liberdade e, conseqüentemente, a de Rosette, com a oficialização de suas cartas de alforria.

Mesmo assim, o romance histórico contemporâneo de mediação *La isla bajo el mar* (2009) somente termina quando Zarité se torna uma mulher livre e emancipada, tornando-se capaz de recontar a sua própria história.

Tanto no término da narrativa quanto em seu início, o espaço temporal é o mesmo, pois a protagonista está com quarenta anos de vida. Na primeira inserção autobiográfica “Zarité” temos: “*En mis cuarenta años, yo, Zarité Sedella, he tenido mejor suerte que otras esclavas*”²²⁰ (ALLENDE, 2009, p. 9). Assim também se dá na última narrativa em primeira pessoa, onde encontramos, novamente, a descrição de sua idade: “[...] *mi marido tiene cincuenta y seis y yo cuarenta* [...]”²²¹ (ALLENDE, 2009, p. 510). Desse modo, é por meio de seus relatos autobiográficos, já analisados nesta dissertação, que a personagem reconta seu passado, desde o seu nascimento, como escrava em Saint-Domingue, até o seu momento presente em Nova Orleans, já livre e casada com alguém que a ame e a respeite.

Ao darmos sequência ao estudo das duas obras literárias que compõem o *corpus* desta pesquisa, no próximo capítulo, apresentamos a análise comparativa das modalidades romanescas dos dois romances, considerando as semelhanças e as divergências no que tange à releitura histórica da Revolução Haitiana em cada uma das obras aqui analisadas.

²²⁰ Tradução de Ernani Ssó: “Eu, Zarité Sedella, do alto dos meus quarenta anos, posso dizer que tive mais sorte do que as outras escravas” (ALLENDE, 2010, p. 7).

²²¹ Tradução de Ernani Ssó: “[...] meu marido tem cinquenta e seis anos, e eu, quarenta [...]” (ALLENDE, 2010, p. 475).

4 A REVOLUÇÃO HAITIANA: ENTRE *EL REINO DE ESTE MUNDO* (2012[1949]) E *LA ISLA BAJO EL MAR* (2009)

Durante séculos, o discurso eurocêntrico foi a base e a constituição teórica e artística de toda a América, que elevava a imagem e a cultura do homem branco europeu em detrimento daquelas representativas das minorias sociais – compostas por nativos, negros, mulheres e demais pessoas relativizadas ou esquecidas pelos registros históricos. Desse modo, nos últimos duzentos anos, por mais que tenhamos nos libertado dos impérios coloniais europeus, como Espanha, Portugal, Inglaterra e França, e da escravidão implantada pelo homem branco, ainda o discurso eurocêntrico manteve-se operante na construção discursiva de toda a América.

Com base nesse fato, muitos intelectuais de nosso continente, principalmente a partir do século XIX, buscaram romper com todo esse processo discursivo por meio de um novo olhar, que mostrasse o outro lado da história. Assim, essas expressões voltadas ao ‘ex-cêntrico’²²² começaram a mudar a trajetória intelectual de toda a América.

Entre os avanços mais importantes nesse sentido, podemos mencionar o surgimento, na América Hispânica, em 1949, da segunda fase da trajetória do romance histórico: a fase que Fleck (2017) classifica como crítica e desconstrucionista, em oposição à primeira, de origem europeia, que o pesquisador denomina como acrítica frente ao discurso hegemônico da história tradicional.

Em vista disso, a crítica e a desconstrução desse etnocentrismo reinante no discurso teórico-crítico latino-americano é a base teórica que fundamenta em especial o novo romance histórico latino-americano e em partes o romance histórico contemporâneo de mediação, no caso dessa dissertação, exemplificados, respectivamente, pelas obras *El reino de este mundo* (2012[1949]) e *La isla bajo el mar* (2009).

Segundo Coutinho (2003), a Literatura Comparada Latino-americana consiste na “[...] construção de uma unidade plural e móvel, que busque dar conta da tensão entre a produção literária geral do continente e suas diferenças específicas” (COUTINHO, 2003, p. 25). Deparamos-nos, assim, nesta dissertação, com duas

²²² Expressão usada por Hutcheon (1991) para se referir as expressões teórico-críticas que não são de base eurocêntrica, as quais rompem com o discurso dos colonizadores da América.

obras literárias latino-americanas que são similares em alguns aspectos e divergentes em outros.

Primeiramente, as referidas narrativas híbridas apresentam classificações diferentes quanto à modalidade romanesca: a obra de Carpentier (2012[1949]) é considerada por vários estudiosos como o primeiro novo romance histórico latino-americano, e a obra de Allende (2009), conforme análise que apresentamos, pode ser considerada um modelo de romance histórico contemporâneo de mediação.

Nesse sentido, estamos diante de duas releituras ficcionais diferentes do mesmo fato histórico: a Revolução Haitiana (1791-1804), que levou à libertação dos escravos na ilha caribenha e à instituição da primeira monarquia negra nas Américas.

Contudo, distanciadas no tempo de produção, elas são exemplares de diferentes fases que a escrita híbrida de história e ficção traçou desde a sua instituição como gênero romanesco em 1814, com as produções do escocês Walter Scott. Assim, de acordo com os estudos de Fleck (2017), temos que *El reino de este mundo* (2012[1949]) institui a segunda fase dessa trajetória, rompendo com a tradição da criação de um discurso exaltador do passado pela literatura, que, ao ratificar as versões oficializadas, irmanava-se com a historiografia para exaltar personagens e fatos do passado.

Nesse sentido, a obra de Carpentier (2012[1949]) rompe com o tradicionalismo europeu instaurado pelas modalidades clássicas de Scott e a tradicional que dela derivou, ao efetuar uma releitura crítica do passado que se constituiu em modelo para novas produções, gerando uma tendência que tem inúmeros registros até nossos dias. Grande parte das produções que seguiram o modelo de Carpentier foram produzidas no período do *boom* da literatura latino-americana e se caracterizam pelo experimentalismo linguístico e formal, segundo atesta Fleck (2017).

Já a escrita de *La isla bajo el mar* (2009) ocorre no período em que os escritores do próprio *boom* e vários outros começam a reagir às inovações e às rupturas do *boom*, num período que se conhece com o *pós-boom*. Entre as reações dos romancistas está a crítica às superestruturas das produções do *boom*, que acabavam sendo matéria para leitores especializados, altamente preparados para a complexidade dessas produções, frente a um público leitor latino-americano de massa que, em sua grande maioria, não está, ainda, apto às leituras tão fortemente

experimentalistas como são as produções do *boom*.

Assim, o pós-*boom* reivindicou estruturas narrativas mais simplificadas e uma linguagem mais acessível. Nesse contexto surge também, segundo registra Fleck (20217), a terceira fase da trajetória do romance histórico: a fase mediadora.

Essa escrita híbrida em grande escala busca resgatar algumas características das modalidades acrílicas que antecederam a produção de *El reino de este mundo* (2012[1949]), mas agrega, também, várias outras peculiaridades de teor e ideologia crítica, instauradas pela obra de Carpentier (2012[1949]) e expandidas por grandes nomes da literatura latino-americana. Dessa mediação surge uma nova modalidade de romance histórico, de acordo com as pesquisas e comprovações feitas por Fleck (2017). A essa tendência mediativa o teórico chamou de romance histórico contemporâneo de mediação. A produção mista de história e ficção de Isabel Allende, nas obras *Inés del alma mía* (2011) e *La isla bajo el mar* (2009), exemplifica essa atual configuração do romance histórico.

Essas classificações distinguem as obras. Entretanto, com base na teoria presente no subcapítulo 2.2, percebemos que *La isla bajo el mar* (2009) mantém, em sua estrutura, muitas das características presentes no novo romance histórico latino-americano. Uma delas é a releitura crítica da história. Nesse caso, assim como ocorre em *El reino de este mundo* (2012[1949]), a base historiográfica do romance é consituída por registros sobre a Revolução Haitiana (1791-1804). Além disso, esses dois romances híbridos apresentam esse período colonial latino-americano de maneira desconstrucionista, em oposição ao discurso implantado pela história de base eurocêntrica. Isso ocorre porque ambas as obras romanescas apresentam versões a partir de personagens e fatos negligenciados pelo registro oficial, o que instaura novas possibilidades de conceber esse passado e rompe com a ideia de uma única verdade sobre os fatos que levaram à independência do Haiti, em 1804.

Outro aspecto que aproxima os dois romances do *corpus* literário em análise é o fato de as narrativas estarem constituídas a partir da crítica da história oficial. Mas essa crítica se mostra mais simbólica, acentuada e complexa em *El reino de este mundo* (2012[1949]) ao compararmos essa obra com *La isla bajo el mar* (2009), porque toda a história tradicional é questionada e criticada. Além disso, não há como compreendê-la, em sua totalidade, se o leitor não tiver um conhecimento prévio da história oficial da Revolução Haitiana (1791-1804). Na obra de Allende (2009), a narrativa se mostra mais acessível e não há a necessidade imprescindível do prévio

conhecimento historiográfico, pois o próprio romance, em sua construção amena e fluída, busca expor linearmente fatos desse passado. Além disso, a escritora chilena, muitas vezes, retoma essa contextualização histórica com pormenores, propiciando ao leitor uma sequência literária sem sobressaltos interpretativos.

Constatamos também que *La isla bajo el mar* (2009) evidencia uma crítica da história sem recorrer às estratégias mais desconstrucionistas se a compararmos com a narrativa de Alejo Carpentier (2012[1949]). Na obra cubana, toda a historiográfica oficial é criticada, ironizada, satirizada, carnavalizada. Além disso, o escritor cubano utilizou-se dos registros da história para construir uma narrativa híbrida altamente simbólica e paródica, na qual a história conhecida serve – exclusivamente – como alicerce para o desenvolvimento de sua criticidade. Desse modo, a obra *El reino de este mundo* (2012[1949]) possibilita uma multiplicidade de perspectivas acerca do fato histórico. O mesmo não ocorre com a obra de Allende (2009), porque a história é descrita com minúcias, como uma ferramenta de acréscimo em relação às criações ficcionais. E, para reler personagens de extração histórica ou fatos do passado oficialmente registrados, a criticidade é entreposta a essa história oficial existente, mais pela configuração e subjetivismo das personagens puramente ficcionais e suas trajetórias do que pelo emprego de estratégias escriturais altamente desconstrucionistas, como a ironia, a carnavalização, a sátira e o grotesco. Isso também evidencia a “mediação” presente na obra de Allende (2009) e o desconstrucionismo característico do novo romance histórico na obra de Carpentier (2012[1949]).

Contudo, tanto na obra do escritor cubano quanto na da escritora chilena, temos a impressão de que a ficção e a história fazem parte de um único elemento e que foram constituídos, exclusivamente, a partir da criatividade dos escritores, mas, somente por meio da compreensão da história é que percebemos as sutilezas dessa distinção na tessitura das ressignificações do passado pela literatura.

Desse modo, essas narrativas em análise apresentam desconstruções discursivas de situações opressoras implantadas há séculos pelos colonizadores e constroem, por meio da ironia, da paródia, da carnavalização e de outros recursos escriturais próprios das respectivas modalidades de romance histórico, textos críticos que objetivam romper com a hegemonia implantada pelos escritos históricos oficiais. Contudo, em *El reino de este mundo* (2012[1949]), esses elementos textuais são mais radicais e acentuados do que em *La isla bajo el mar* (2009), por isso a

segunda obra é definida como uma ‘mediação’ entre o tradicionalismo europeu e o novo romance histórico latino-americano.

Também verificamos que os dois romances foram publicados em períodos históricos e sociais diferentes, mas que marcaram suas narrativas nesse movimento crítico e desconstrucionista – iniciado na América a partir do século XIX –, característica que as une como produções literárias híbridas críticas. Para compreendermos esse fato, fazemos uma breve análise da vida dos autores e em que momento histórico-social foram publicadas suas obras.

Alejo Carpentier, segundo Vieira (2014), nasceu em Cuba, em 1904, mas morou também na Espanha, no México, em Nova York, na Venezuela e no Haiti. Segundo Patrick (2009), após o desaparecimento do pai de Carpentier em Cuba, ocorrido em 1922, “Carpentier deixou a universidade para se dedicar ao jornalismo, publicando periódicos de vanguarda, fazendo campanha contra o ditador Machado e apoiando o recém-nascido movimento afro-cubano” (PATRICK, 2009, p. 376), fato que o levaria à prisão e, posteriormente, ao exílio de onze anos em Paris (1928-1939).

Durante seu exílio, trabalhou como jornalista, frequentou cursos na Sorbonne²²³ e, ainda, conheceu diversos intelectuais europeus e latino-americanos, que contribuiriam, mais tarde, com sua produção e crítica literária. Foi em Paris que Carpentier “[...] se deu conta de que seu esforço por incorporar a cultura negra na arte cubana encontrava eco no movimento indigenista de países como México e Peru.” (VIEIRA, 2014, p. 109).

Em 1939, ao voltar a Cuba, Carpentier começou a visitar a América em busca de novos conhecimentos, como ocorreu em sua visita ao Haiti, no ano de 1943, que lhe rendeu material para publicação da obra literária analisada neste trabalho.

Assim como Carpentier, Isabel Allende nasceu na América Latina, na cidade de Lima, no Peru. Aos quatro anos de idade, foi morar em Santiago, no Chile, após o desaparecimento de seu pai, que trabalhava como secretário da embaixada chilena no Peru. Ainda em sua infância, morou na Bolívia e no Líbano, mas foi no Chile que passou grande parte de sua vida e se naturalizou. Passados dois anos do golpe militar ocorrido no Chile, Isabel Allende, devido à profissão de jornalista, foi obrigada a se exilar na Venezuela após sofrer ameaças contra sua vida. E foi durante seu

²²³ Universidade francesa que está localizada em Paris. É uma das instituições de ensino superior mais antigas da Europa.

exílio que Allende escreveu sua primeira obra literária que a levaria ao sucesso internacional: *La casa de los espíritus* (1982).

Já em 1988, ela se mudou para os Estados Unidos, devido à união com o americano Willie Gordon. Atualmente, mesmo após o divórcio de seu segundo marido, Isabel Allende permanece vivendo no estado americano da Califórnia.

Desse modo, notamos que não é somente a temática da escravidão e a base historiográfica da Revolução Haitiana, presentes nas duas obras, que aproximam as narrativas de Alejo Carpentier e de Isabel Allende. Também contribui para isso a trajetória de vida dos escritores: o desaparecimento dos pais; a vivência em diversos países, antes mesmo de se tornarem escritores, fato que pode ter contribuído com suas visões universais a respeito de cultura e civilização, expressas em suas obras literárias; e também a profissão de jornalistas, devido à qual foram exilados, porque criticaram os poderes ditatoriais de Cuba e do Chile.

El reino deste mundo (2012[1949]) é uma obra marcada pela crítica e pela desconstrução ao criar uma identidade latino-americana que rompe com o passado literário e histórico, de base eurocêntrica. Segundo Patrick (2009), *El reino de este mundo* (2012[1949]) é uma narrativa “caleidoscópica sobre a revolução do Haiti (1791-1804) e suas consequências, que relatava e reconstituía a teia de acontecimentos políticos e crenças religiosas, o que Carpentier chamava de ‘real maravilhoso’” (PATRICK, 2009, p. 376). O elemento “real maravilhoso” que foi criado por Carpentier e que está presente nessa narrativa híbrida não é analisado nesta dissertação, mas representa uma das novas características literárias que simbolizam essa ruptura com o passado europeu.

Patrick (2009) ainda aponta outras características presentes nas obras desse escritor que objetivam criar uma visão de identidade cubana: “[...] o cosmopolitismo atemporal, a política utópica e o profundo conhecimento da herança indígena, negra e colonial da América Latina [...]” (PATRICK, 2009, p. 376).

Com excessão da “herança indígena”, todas essas características destacadas por Patrick (2009) estão presentes em *El reino de este mundo* (2012[1949]). Desse modo, ao presenciarmos a crítica social e política atemporal – fato cíclico e contínuo, que perpassa o tempo e o espaço –, deparamos-nos com um grande intelectual latino-americano, que conseguiu expressar, por meio da literatura, um novo olhar sobre a América Latina.

De acordo com González Echavarría (1985, p. 15-16), *El reino deste mundo*

(1949), *Los pasos perdidos* (1953), e *Guerra del tiempo* (1958) fizeram de Alejo Carpentier um escritor reconhecido internacionalmente, ainda nos anos cinquenta, antes mesmo do *boom* literário latino-americano – ocorrido entre os anos de 1960-1970 –, que consagraria muitos escritores latino-americanos.

Já Isabel Allende se estabeleceu como escritora a partir dos anos oitenta, com sua obra *La casa de los espíritus* (1982). Desde então, foram publicadas vinte e duas obras literárias que apresentam uma mistura de “[...] memória, sonho e fantasia, uma característica do realismo mágico [...]” (PATRICK, 2009, p. 582). Além disso, suas narrativas, “[...] transcorrem quase sempre na América Latina, em românticos e turbulentos lugares de conto de fadas povoados de espíritos, superstições, pobreza, famílias e comunidades cerradas [...]” (PATRICK, 2009, p. 582).

A maioria dessas narrativas apresenta protagonistas femininas que expressam resistência e esperança em meio ao caos da trama literária. Todas essas características, junto à escrita fluída e amena, fizeram com que Isabel Allende (2009) ganhasse destaque na América Latina, nos Estados Unidos, no Canadá, na Europa e, inclusive, em países de origem mulçumana. Como exemplo, *La isla bajo el mar* (2009), segundo *website* de Isabel Allende, teve, ao todo, trinta traduções para as mais diversas línguas.

Segundo Fleck (2017), os romances que surgiram no *pós-boom* literário latino-americano, ocorrido na década de 80, entre eles, o romance histórico contemporâneo de mediação, apresentam uma linguagem menos erudita e uma estrutura mais modesta. Desse modo, romances históricos ‘mediativos’, como *La isla bajo el mar* (2009), são identificados pela redução da complexidade em sua linguagem e em sua estrutura; por isso, atingem um público leitor bastante amplo. Em oposição, temos o novo romance histórico latino-americano *El reino de este mundo* (2012[1949]), que apresenta um experimentalismo linguístico e formal em sua construção narrativa, que o torna mais complexo que a obra da escritora chilena, tanto na composição quanto na recepção pelo leitor.

Também observamos que em *El reino de este mundo* (2012[1949]) há uma elipse temporal de vinte anos, uma das características da estrutura temporal das obras presente no novo romance histórico latino-americano. Essa ordenação de tempos históricos diferentes é evidenciada pela análise do período historiográfico da narrativa ao expor uma releitura histórica que inicia a partir da metade do século

XVIII – ambiente que antecede a Revolução Haitiana –, e, devido à elipse temporal, a narrativa é retomada por volta de 1791, ano que inicia o conflito haitiano ao descrever a cerimônia *Bois Caïman*, o ataque dos rebeldes à fazenda de Lenormand de Mezy e a sequência da narrativa dos fatos históricos desencadeados por essa ação dos revolucionários.

Isso não ocorre em *La isla bajo el mar* (2009), que segue a linearidade cronológica da história oficial ao reescrever o passado dos primeiros habitantes da ilha: a colonização europeia; a divisão da ilha *La Española*, os inúmeros negros trazidos forçados da África para serem escravos na colônia; os conflitos raciais e econômicos de Saint-Domingue; a influência da ideologia oriunda da Revolução Francesa (1789-1799) no conflito; os primeiros assaltos às plantações; os líderes rebeldes; a guerra civil; os inúmeros refugiados em Cuba e Nova Orleans; a aliança entre Toussaint L’Ouverture e a França; a traição dos franceses; a extradição do grande líder negro; a tentativa de Napoleão Bonaparte de recuperar o poder sobre a ilha caribenha; a febre amarela que dizimou uma grande parte do exército francês; e o término do conflito. O que observamos na obra de Allende (2009) é a ocorrência de retrospectivas e avanços na narrativa por meio do uso de analepses e prolepses.

Todo esse relato linear de Allende (2009) constitui um romance muito mais volumoso que o de Carpentier (2012[1949]) que, ao apelar à elipse, deixa por conta do leitor uma série de informações históricas que, supostamente, espera-se que o interlocutor já tenha adquirido ou, então, que vá à busca delas. Desse modo, o romance de Allende (2009) é “cuidadoso” com um leitor mais leigo no que tange conhecimento histórico envolvido no romance, pois todos os fatos relevantes ao longo de um extenso tempo são trazidos à tessitura do romance. Isso facilita, sem dúvida, a compreensão não só do enredo ficcional, como também da sequência lógica dos fatos que desencadearam a independência do Haiti.

A partir da teoria de Fleck (2017), evidenciamos que, em *La isla bajo el mar* (2009), a linguagem narrativa se mostra amena, fluída e coloquial, e é constituída a partir de uma linguagem simples ao invés do barroquismo e do experimentalismo linguístico, que, geralmente, estão presentes no novo romance histórico latino-americano.

Também constatamos outra divergência entre as duas obras literárias: o caráter cíclico da história – característica citada por Menton (1993) a respeito do novo romance histórico latino-americano –, que está presente em *El reino de este*

mundo (2012[1949])). Em *La isla bajo el mar* (2009) não há tempo cíclico, mas um tempo linear, no qual as personagens passam de uma situação a outra em um fluir constante do tempo, que vai “ajustando” suas experiências e “acomodando” suas situações. Já em Carpentier (2012[1949]), a narrativa é guiada pela ideia da circularidade temporal, tanto que a protagonista Ti Noel passa, repetidamente, pelas mesmas situações de opressão e de solidão, dando a impressão de que o tempo “gira”.

Em ambas as narrativas, há similaridades no que se refere ao emprego de estratégias escriturais próprias, já descritas por Aínsa (1991), Menton (1993) e Fleck (2017), que é o uso dos conceitos bakhtinianas de intertextualidade, dialogismo, polifonia, carnavalização, paródia e heteroglossia. Do mesmo modo, evidenciamos que as obras apresentam distorções conscientes da história mediante omissões, exagerações e anacronismos. Também são parecidas por criarem protagonistas puramente ficcionais que se encontram na base social desse período escravocrata e representam aqueles que foram silenciados, esquecidos ou relativizados pela história de base eurocêntrica, diferenciando-se, assim, dos romances históricos clássico e tradicional.

Além das diferenças e semelhanças entre as modalidades romanescas caracterizadas no *corpus* em análise, constatamos, também, confluências histórico-literárias nesses dois romances, como, por exemplo: a personagem de extração histórica François Mackandal; a cerimônia *Bois Caïman*; os primeiros líderes rebeldes; a influência da Revolução Francesa (1789-1799) no conflito; a sublevação escravocrata iniciada na parte norte da ilha; as invasões às fazendas; os refugiados em Cuba; as plantações de açúcar onde vivem as personagens que estão localizadas ao norte de Saint-Domingue – local onde se iniciou o levante. Entretanto, na obra de Allende (2009), a fazenda Saint-Lazare, por mais que represente as plantações desse período historiográfico, é uma criação fictícia, enquanto na obra cubana, a plantação de Lenormand de Mezy, assim como a própria personagem, são de extração historiográfica.

Além disso, as obras apresentam confluências no que tange à criação de protagonistas escravos e a busca por suas liberdades. Em *La isla bajo el mar* (2009), Zarité, depois de muito esforço, obtém a carta de alforria e, após, sua oficialização em Nova Orleans; já na narrativa em *El reino de este mundo* (2012[1949]), o protagonista Ti Noel não conquista essa liberdade, e a história termina com a sua

busca incessante por um local onde realmente pudesse ser livre, o qual não é encontrado.

Tété conquistou a liberdade oficializada por um juiz em Nova Orleans, e Ti Noel, quando não aparece na condição de escravo, aparece como um fugitivo de seus amos, do exército de Henri Christophe ou, ao final da obra, dos mulatos que também queriam explorar a população da província do norte para estabelecer suas plantações.

Observamos, também, que, nas duas obras, essas protagonistas não são de base historiográfica, mas são metonímias daqueles que se encontravam à margem social nesse período histórico, diferenciando-se, assim, dos romances históricos clássico e tradicional, que trazem protagonistas heróis que representam a classe social dominante. Isso demonstra que as duas obras desconstróem o passado acrítico das literaturas de base eurocêntrica tão longamente estabelecidas no nosso universo literário.

Em *El reino de este mundo* (2012[1949]), a personagem de extração histórica Mackandal trabalhava na mesma plantação de açúcar da personagem ficcional Ti Noel e era seu amigo. Era dotado de grande saber. Após perder o braço direito, foi trabalhar no pastorio do gado, onde aprendeu a ciência das plantas, tanto para usá-las na cura de animais e pessoas quanto para o envenenamento. Após sua fuga, disseminou uma rede de envenenamentos que assolou a ilha de Saint-Domingue. Tornou-se um símbolo de resistência e perseverança entre os moradores da ilha. Aparecia para os escravos por meio de transformações metamórficas, como pássaro, peixe e inseto. Quando capturado e condenado à morte na fogueira, no momento em que o seu corpo começa a queimar, a narrativa traz duas versões para a sua morte, uma na visão dos brancos e a outra na visão dos negros.

Em *La isla bajo el mar* (2009), Mackandal também está construído como símbolo de resistência à escravidão e à opressão do homem branco. Também nessa obra são descritas a perda de seu braço direito, suas transformações metamórficas, os envenenamentos e as duas versões de sua morte. O que diferencia as duas narrativas sobre a personagem de extração histórica é que, na obra cubana, a personagem é descrita no tempo presente da narrativa. A personagem Mackandal está correlacionada a outras personagens e ações do tempo presente da trama literária, enquanto na obra de Allende (2009) a história de Mackandal ocorreu muitos anos antes do tempo presente da narrativa, e é descrita pela personagem de

Valmorain ao relatar a história do mandinga a sua primeira esposa. Tanto uma quanto a outra personagem não tiveram nenhuma relação com Mackandal, como podemos observar no fragmento narrativo a seguir: “*Entre 1751 y 1757, cuando Macandal sembró la muerte entre los blancos de la colonia, Toulouse Valmorain era un niño mimado que vivía en las afueras de París en un pequeño château [...]*”²²⁴ (ALLENDE, 2009, p. 62-63).

Como podemos observar, tanto Alejo Carpentier (2012[1949]) quanto Isabel Allende (2009) desenvolveram um hipertexto a partir da história oficial, do mito, da lenda, da memória coletiva e da oralidade haitiana para construírem sua narrativa acerca da personagem Mackandal. O mesmo ocorre com a construção literária sobre a cerimônia *Bois Caïman*; só que, na obra de Allende (2009), em comparação à cubana, acentuam-se descrições sobre incorporações espirituais e espíritos que vivem junto aos vivos.

Também encontramos confluências em ambas as obras no que se refere ao anacronismo literário em relação à cerimônia *Bois Caïman* ao confrontarmos essas releituras com a história oficial. Tanto na obra cubana quanto na obra da escritora chilena, a *Bois Caïman* ocorre na província do norte, resultando na sublevação escravocrata. Nas duas narrativas, foi em um único encontro que os escravos deliberaram a questão do levante, definiram seus líderes e, junto a isso, ainda, promoveram um ato religioso.

Contudo, a história oficial descreve dois encontros anteriores à insurreição, mas eles não confirmam a existência de um ato religioso. Por isso, esses desajustes cronológicos justificam a presença desse anacronismo narrativo. Além disso, as duas narrativas também descrevem que, durante a *Bois Caïman*, foram definidos os primeiros líderes rebeldes: Boukman, Jean Francois, Biassou, Jeannot e Célestin.

A influência da Revolução Francesa (1789-1799) sobre a Revolução Haitiana (1791-1804) aparece nas duas obras híbridas, mas, como *El reino de este mundo* (2012[1949]) é uma obra caracterizada como novo romance histórico latino-americano, a sua base historiográfica é expressa na narrativa por meio de uma construção textual altamente paródica e simbólica, em oposição às minúcias históricas – a verossimilhança – encontradas no romance histórico contemporâneo

²²⁴ Tradução de Ernani Ssó: “Entre 1751 e 1757, quando Macandal semeara a morte entre os brancos da colônia, Toulouse Valmorain era um menino mimado que vivia nos arredores de Paris, num pequeno château [...]” (ALLENDE, 2010, p. 56)

de mediação, como ocorre em *La isla bajo el mar* (2009).

Na obra cubana, observa-se que não há referência explícita à Revolução Francesa (1789-1799). A narrativa simplesmente denota a ideia de que algo havia ocorrido na França e de que tal fato incomodou os ricos proprietários da colônia francesa, levando os negros a organizarem a cerimônia *Bois Caïman*. Já em *La isla bajo el mar* (2009) temos a manifestação clara de que a ideologia da Revolução Francesa (1789-1799) chegou à antiga colônia de Saint-Domingue, assustando os *grands blancs*, preocupados com a abolição da escravidão, e agradando os *petits blancs*, que estavam somente preocupados com a igualdade entre os brancos, e não com a liberdade e igualdade entre os negros.

Após a cerimônia *Bois Caïman*, as duas obras apresentam os primeiros assaltos às plantações. Tanto na obra de Carpentier (2012[1949]) quanto na obra de Allende (2009) as plantações de açúcar onde vivem os escravos protagonistas são atacadas. Na obra cubana, a personagem Ti Noel junta-se aos rebeldes durante o ataque e, ainda, junto aos seus filhos mais velhos, violentaram a Madame Floridor; e, em *La isla bajo el mar* (2009), com a eminência do ataque dos rebeldes, a protagonista Zarité foge da fazenda junto com seu amante, Gambo, seu amo, Valmorain, e as crianças, Maurice e Rosette, e o grupo se estabelece na cidade de Le Cap.

Também ocorre em ambas as narrativas de as personagens principais se refugiarem em Cuba, devido à sublevação escravocrata. Em *El reino de este mundo* (2012[1949]), o proprietário da fazenda, a personagem de extração histórica Lenormand de Mezy, ao sobreviver ao ataque dos rebeldes, resgata Ti Noel e outros escravos, de sua propriedade, da fuzilaria dos oficiais do governador Blanchelande e dirige-se a Cuba. Em *La isla bajo el mar* (2009), o refúgio somente ocorre quando a guerra civil se instaurou em toda a ilha de Saint-Domingue. Em Cuba, Mezy, sem renda, após perder seus escravos, morre na absoluta miséria. Já na obra da escritora chilena, o proprietário da plantação de açúcar Valmorain possuía um grande valor monetário no banco cubano, o que lhe possibilitou manter o mesmo padrão social de outrora e ainda se estabelecer em Nova Orleans, no estado americano de Luisiana.

Além de algumas confluências observadas e analisadas nas duas obras, temos diversas divergências entre elas no que se refere à base historiográfica. Em *El reino de este mundo* (2012[1949]), não há algumas releituras historiográficas que

consta em *La isla bajo el mar* (2009), quais sejam: as descrições dos primeiros povos autoctônes da ilha – os Arawaks –; a colonização europeia e a delimitação territorial da ilha, que foi batizada de *La Española*; a cedência de um terço da colônia espanhola para os franceses, que a nomearam de Saint-Domingue; os escravos trazidos da África; os relatos da produção agrícola da ilha, em especial, a cana-de-açúcar; as questões sociais, econômicas e políticas que desencadearam o conflito; as descrições das divisões de classes entre os *grands blancs*, os *petits blancs* e os *affranchis*; as descrições da maior parte da trajetória da revolução – a guerra civil, a guerra internacional e a emancipação territorial e escravocrata da ilha –; os irmãos Vincent Ogé e Jean-Baptiste Chavannes; os quilombos; o grande líder rebelde, Toussaint Louverture; Leger-Félicité Sonthonax e os refugiados em Nova Orleans (EUA). Contudo, a obra de Allende (2009) não traz a referência à monarquia de Henri Christophe como o faz *El reino de este mundo* (2012[1949]), bem como não relata a ascensão dos mulatos após a morte do monarca negro.

Outra constatação refere-se ao fato de, nas duas obras, a personagem de extração historiográfica Toussaint Louverture, o maior líder da Revolução Haitiana (1791-1804), não ter sido tratado como herói-modelo, como ocorre nos romances históricos clássico e tradicional, que têm como intuito sacralizar grandes personagens de extração historiográfica.

Na obra cubana, a personagem ‘Toussaint’ aparece em uma breve passagem, na qual é descrita como um marceneiro que esculpiu alguns reis magos em madeira – criação literária paródica que se opõe aos fatos de base historiográfica sobre esse líder rebelde, já que Toussaint era um cocheiro na plantação de Bréda – e, em *La isla bajo el mar* (2009), ‘Toussaint Louverture’ é retratado conforme a história oficial. Entretanto, na obra de Allende (2009), Toussaint não é uma das principais personagens da narrativa.

Em vista disso, percebemos que nenhuma dessas obras híbridas incorporam ‘grandes heróis’ da história oficial como personagens principais, fato analisado por Menton (1993) em relação ao novo romance histórico latino-americano e por Fleck (2017) acerca do romance histórico contemporâneo de mediação.

Como o propósito principal da obra de Alejo Carpentier (2012[1949]) é criticar as relações de poder intrínsecas ao homem, provavelmente é por esse motivo que sua obra não contempla, de forma ampla, as releituras historiográficas sobre as maiores ações do conflito haitiano. Já a obra *La isla bajo el mar* (2009) objetiva

evidenciar uma protagonista mulher resiliente às mais diversas mazelas; ao término da narrativa, essa protagonista sobressai nas situações enfrentadas e conquista um espaço social, no qual se sente segura e realizada. Isso ocorre com todas as protagonistas femininas das obras ficcionais de Isabel Allende, com exceção das autobiografias. Assim, Zarité, ao final da narrativa, após passar por diversos sofrimentos inerentes aos que nascem escravos, conquista sua liberdade, torna-se financeiramente autônoma, casa-se com o homem que seu coração escolheu e ainda tem mais dois filhos.

Os títulos dessas duas obras híbridas analisadas também são similares no que se refere à interpretação e simbolismo. Na obra cubana, a palavra ‘reino’ de ‘El reino de este mundo’, refere-se à crítica principal da obra, que é a exploração do homem pelo homem, primeiramente estabelecida pela monarquia francesa – o ‘reino’ francês – e depois pela monarquia negra de Henri Christophe – o ‘reino’ haitiano. Além disso, suas personagens principais, Ti Noel e Mackandal, desaparecem sem deixar claro ao leitor o que realmente teria acontecido com eles; não se sabe ao certo se eles morreram ou se permaneceram no ‘reino de este mundo’. Primeiramente Mackandal desapareceu no período em que a ilha era dominada pela monarquia francesa, e Ti Noel desaparece no período em que a ilha recém havia sido dominada pelos mestiços, após o suicídio de Henri Christophe. Ambos deixam um ‘reino’, que não se limitava somente às duas monarquias exploratórias, mas também um ‘reino’ que sobrepassa as fronteiras e o tempo, já que a exploração do homem pelo homem continua assolando a humanidade, e isso se refere a qualquer ‘reino’, por isso essas personagens desaparecem em “El reino de este mundo”.

O simbolismo no título ‘*La isla bajo el mar*’ diz respeito ao fato de aquela ilha, aquela antiga colônia francesa, Saint-Domingue, dominada pelos europeus, ter submergido nas águas do oceano, no ‘mar’ da Revolução Haitiana (1791-1804); faz referência ao poder agora conquistado e estabelecido pelos ex-escravos; por isso a ‘ilha sob o mar’. O Haiti é uma nova história, uma nova trajetória, enquanto a antiga ilha, Saint-Domingue, encontra-se ‘sob o mar’, tanto na história haitiana quanto na narrativa ficcional, como podemos observar no relato autobiográfico de Zarité ao término da obra: “*De vez en cuando viene Erzuli, loa madre, loa del amor, y monta a Zarité. Entonces nos vamos juntas galopando a visitar a mis muertos en la isla bajo*

*el mar. Así es*²²⁵ (ALLENDE, 2009, p. 511).

De forma resumida, poidemos dizer que os dois romances que compõem o *corpus* analisado nesta dissertação assemelham-se, principalmente no que tange à releitura historiográfica da Revolução Haitiana. Porém, também apresentam muitas divergências, em especial no que tange às características preponderantes das modalidades de romance histórico a que pertencem, e aos objetivos principais de suas construções narrativas.

A obra cubana, como já foi mencionado, objetiva desconstruir os relatos oficiais, de base eurocêntrica, por meio de recursos discursivos altamente críticos, enquanto a obra chilena expõe a opressão, a resiliência e a superação feminina pelo emprego de estratégias escriturais mais amenas, contudo, fazendo também uma revisão crítica desse passado.

²²⁵ Tradução de Ernani Ssó: “De vez em quando, vem Erzuli, loa mãe, loa do amor, e monta Zarité. Então vamos juntas, a galope, visitar meus mortos na ilha sob o mar. Assim é” (ALLENDE, 2010, p. 476).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propormos uma análise comparativa do processo discursivo elaborado a respeito da Revolução Haitiana (1791-1804) nas obras *El reino de este mundo* (2012[1949]) e *La isla bajo el mar* (2009), primeiramente foi necessário compreender aspectos relacionados à história haitiana, desde a chegada dos primeiros europeus na ilha caribenha – ocorrida em 1492, com a comitiva de Cristóvão Colombo – até a queda do primeiro governo monárquico negro do Haiti, exercido por Henri Christophe, bem como a ascensão e unificação política da ilha, protagonizadas pelos mulatos, liderados por Jean-Pierre Boyer. Isso acarretou em um extenso trabalho de revisão bibliográfica nas fontes históricas disponíveis não apenas no Brasil como também em outros países da América e fora dela.

Essa pesquisa mais ampla nos direcionou, desse modo, às escritas de historiadores norte-americanos e ingleses, uma vez que foram encontradas poucas fontes teóricas sobre essa temática no Brasil. Além disso, esses livros estrangeiros revelaram-se atuais, com destaque às obras *A concise history of the Haitian Revolution* (POPKIN, 2007, 2012), *Avengers of the new world: the story of the Haitian Revolution* (DUBOIS, 2004) e *Haitian Revolutionary studies* (GEGGUS, 2002), que, além de possibilitarem o acesso aos registros historiográficos recentes, apresentam informações sobre a lenda e o mito em torno de algumas ações ocorridas nesse período histórico, mas que, em partes, até o momento, não foram comprovadas devido à ausência de provas documentais.

Mesmo assim, essas fontes históricas nos proporcionaram uma série de interpretações que, mais tarde, ao confrontá-las com os dois romances híbridos analisados nesta dissertação, permitiram-nos concluir que tanto Carpentier (2012[1949]) quanto Allende (2009) não se embasaram apenas na história oficial para criar suas narrativas híbridas; também se apoiaram no mito, na lenda, na memória coletiva e na oralidade, perpetuados há mais de dois séculos entre a população haitiana.

Do mesmo modo, foi necessário compreendermos como ocorreu a história dos principais destinos dos refugiados de Saint-Domingue para Cuba e região sul dos Estados Unidos, porque os dois romances híbridos contemplam essa temática. Contudo, na obra de Allende (2009), as personagens – devido à Revolução Haitiana

–, além de se direcionarem a Cuba, como ocorre na obra de Carpentier (2012[1949]), também estabelecem-se, após um breve período exilados nesse país, no estado norte-americano de Luisiana, na cidade de Nova Orleans. Tal ponto requereu outras tantas investigações nos registros históricos da época da Revolução e em estudos históricos contemporâneos sobre a temática.

A compreensão histórica do ambiente em que antecedeu o conflito haitiano se mostrou ímpar porque, por mais que as duas narrativas analisadas abranjam o período que antecede o conflito haitiano, Isabel Allende (2009) constrói seu romance a partir de relatos sobre os primeiros habitantes da ilha, chamados pelos nativos de Haiti, e da exterminação desses povos autóctones devido à escravidão, às doenças europeias e aos inúmeros suicídios que se sucederam após a chegada do homem branco, ocorrida ao final do século XV e início do século XVI. Enquanto isso, a narrativa de Carpentier (2012[1949]) é constituída a partir do período da existência da personagem de extração historiográfica François Mackandal, por volta da segunda metade do século XVIII.

Foi-nos possível, assim, comprovar que a Revolução Haitiana (1791-1804) se mostrou a base historiográfica das obras *El reino deste mundo* (2012[1949]), do cubano Alejo Carpentier, e *La isla bajo el mar* (2009), de Isabel Allende. Mas não foi somente a partir da história oficial que esses escritores constituíram suas narrativas híbridas; verificamos, também, que eles se apoiaram, como já foi dito, no mito, na lenda, na memória coletiva e na oralidade haitiana.

Entendendo que a história tradicional hegemônica foi constituída por aqueles que detinham o poder, os colonizadores, Carpentier (2012[1949]) desenvolveu uma narrativa híbrida altamente crítica e desconstrucionista. Em oposição à história oficial, o escritor cubano desenvolveu sua obra a partir da base social haitiana, os escravos, e mostra, desde essa visão periférica, um mundo negado, silenciado ou relativizado pela documentação historiográfica. Tal uso do material histórico inserido na tessitura do romance provocou uma ruptura profunda com a tradição canônica europeia no que concerne às escritas híbridas de história e ficção que, até o momento da escrita de *El reino de este mundo*, em 1949, seguia a tradição das modalidades clássica e tradicional de origem romântica europeia. Assim, a América Latina marca, com a obra de Carpentier (2012[1949]), uma presença específica frente às imposições colonizadoras na literatura.

É preciso considerar que, na contextualização historiográfica atual, os historiadores cujos estudos foram, em parte, incorporados no primeiro capítulo desta pesquisa apresentam dados históricos baseados em documentos antigos, escritos pelos homens brancos letrados daquela época, os quais apresentam uma visão tendenciosa. Mesmo tendo empreendido esforços para apresentar reflexões sobre a cultura popular haitiana – que se estabeleceu ao longo dos anos por meio da oralidade, já que praticamente oitenta por cento da população haitiana é analfabeta – essa consideração é parcial, pois, como os estudiosos afirmam, não existem fontes documentais ou humanas para ratificar essas informações. Esse é o caso, por exemplo, dos relatos historiográficos sobre François Mackandal e sobre a cerimônia *Bois Caïman*.

Além disso, apesar de a história ter registrado as ações das primeiras lideranças negras após o término da Revolução Haitiana (1791-1804), ela ainda se mostra questionável, uma vez que foi também composta pela visão daqueles que pertenciam ao universo estrangeiro eurocêntrico, que viam essa ilha, dominada pelos antigos escravos, com um olhar de colonizadores.

Em acréscimo à visão do colonizador, as primeiras lideranças negras haitianas, primordialmente a de Henri Chrétien, por mais que tenham se isolado do mundo para preservar seu domínio de estado, adotaram como modelo social e de governo as gestões europeias. Tal fato nos faz pensar os documentos historiográficos oriundos desse período histórico também trazem uma visão eurocêntrica.

Uma vez estando de posse de boa parte do conhecimento sobre as circunstâncias nas quais essa Revolução ocorreu, demos início ao processo comparativo desses dados historiográficos com as ressignificações propostas nas releituras da história pela ficção, materializadas no *corpus* escolhido para análise.

Em relação à reescrita da história do período em que ocorre a Revolução Haitiana (1791-1804), a obra de Carpentier (2012[1949]) expõe os primeiros assaltos às plantações, ação expressa na narrativa pela invasão da fazenda da personagem Lenormand de Mezy e o término do conflito haitiano a partir das informações obtidas pelo protagonista-escravo Ti Noel, exilado em Cuba.

Já na obra de Isabel Allende (2009), a base historiográfica desses treze anos de conflito haitiano é amplamente revelada na trama literária. É descrita a rápida e expansiva sublevação escravocrata iniciada na parte norte da ilha, que, em pouco

tempo, dominou todo o território. Tal acontecimento, segundo o romance, resultou numa guerra civil e internacional. Nesse sentido, o romance allendiano descreve as diversas tentativas do governo francês de conter os avanços dos insurgentes; as personagens de extração historiográfica envolvidas com a Revolução Haitiana (1791-1804); o exílio dos refugiados em Cuba e nos Estados Unidos; e o término do conflito.

Acreditamos que Alejo Carpentier (2012[1949]), ao perceber a subjetividade que existe acerca da historiografia, buscou, por meio da literatura, construir uma narrativa que mostrasse uma visão totalmente divergente daquela estabelecida pela visão europeia, e criou uma narrativa em que fosse possível revelar o outro lado dessa história, uma visão a partir da margem social, dos escravos, e, ao mesmo tempo, criticar esse olhar tendencioso estabelecido no decorrer dessas décadas de colonização europeia. Mas, para mostrar esse outro lado da história, o escritor cubano investigou a cultura popular haitiana, conheceu o Haiti e as construções de Henri Christophe, como está relatado no prólogo de sua obra.

A crítica à história hegemônica também ocorre em *La isla bajo el mar* (2009). Entretanto, ela se mostra mais tênue na obra de Allende se a compararmos com a desconstrução do discurso oficial presente na obra cubana. A criação literária de *La isla bajo el mar* (2009), conforme observamos, por mais que mostre uma visão a partir da margem social, ainda assim carrega em sua estrutura dinâmicas discursivas que retomam diversas descrições que são ratificadas pela documentação historiográfica, sem o intuito desconstrutivo intencional causado pelo emprego da paródia, da carnavalização, da ironia, do grotesco. Tais elementos, contudo, ganham vida na obra de Carpentier (2012[1949]), que se utiliza desses recursos escriturais desconstrucionistas de forma deliberada e consciente. Nesse caso, a inclusão dos relatos oficiais se dá unicamente com o intuito de modificá-los, desconstruí-los por meio de uma criação narrativa altamente paródica, irônica e multifacetada.

Dessa maneira, como podemos observar no quarto capítulo desta dissertação, as confluências da história e da ficção são mais predominantes e evidentes em *La isla bajo el mar* (2009) do que em *El reino de este mundo* (2012[1949]), sendo reveladas desde o início da narrativa allendiana. Como consequência, a obra de Allende (2009), além de trazer explícita a crítica ao discurso historiográfico, busca, também, informar o leitor menos erudito, de forma verossímil, ancorando-se nos registros oficiais sobre muitos dos eventos históricos que levaram

à independência do Haiti e à necessária luta para alcançá-la. Tal intento aproxima-se daquilo que o romance histórico clássico e o tradicional buscavam fazer: ensinar história ao leitor, sem, contudo, incorporar o teor de criticidade presente na obra atual de Allende (2009).

Já Carpentier (2012[1949]), em sua escrita desconstrucionista, cria sua obra com a intenção preliminar de romper a univocidade do discurso historiográfico. Para tal, emprega recursos escriturais que, para uma compreensão profunda do resultado, requer um leitor muito melhor preparado.

A compreensão histórica do ambiente posterior ao término da Revolução Haitiana (1791-1804) também se mostrou importante para a compreensão da organização das narrativas *El reino de este mundo* (2012[1949]) e *La isla bajo el mar* (2009), porque elas deram sequência aos fatos historiográficos gerados pelo conflito.

Na obra cubana, Ti Noel, ao retornar ao Haiti, é explorado pela monarquia de Henri Christophe; posteriormente, ele é acometido pela invasão dos mulatos, ocorrida na parte norte da ilha. Na obra da escritora chilena, as personagens principais, assim como diversos exilados de Saint-Domingue, estabelecem-se nos Estados Unidos, já que não podem retornar à ilha caribenha porque os antigos escravos não admitem mais nenhum branco no território haitiano.

Em vista disso, os aspectos da história haitiana compilados neste estudo mostraram-se fundamentais para a compreensão das duas obras analisadas, em especial *El reino de este mundo* (2012[1949]), que evidencia um texto de difícil compreensão para aqueles que não dominam os registros historiográficos. O mesmo não ocorre com a obra *La isla bajo el mar* (2009), que revela uma escrita mais acessível, pois há, nela, uma clara preocupação em fornecer subsídios ao leitor.

Após a conclusão de nossos estudos historiográficos, foi necessário revisar também a teoria literária para aí encontrarmos as informações sobre o gênero romance histórico. Nessa busca, deparamo-nos com outros dados relevantes, como a determinação das fases da trajetória e as classificações das modalidades romanescas do gênero, estabelecidas por Fleck (2017). Essas informações sistematizadas sobre as modalidades contribuíram, posteriormente, para a análise literária das obras *El reino de este mundo* (2012[1949]) e *La isla bajo el mar* (2009), sendo elas: a modalidade clássica, a tradicional, o novo romance histórico latino-americano, a metaficção historiográfica e o romance histórico contemporâneo de mediação.

A leitura prévia dos romances do *corpus* e seu estudo sistematizado nos revelaram que neles não havia nenhuma preponderância da modalidade da metaficção historiográfica. Tal conhecimento nos guiou por um caminho que não adentrasse nas especificidades dessa modalidade, pois tal inserção não seria útil para as análises subsequentes.

Como resultado, essa pesquisa nos proporcionou a possibilidade de classificar a modalidade de romance histórico em que está inserida a obra *La isla bajo el mar* (2009) – a qual foi definida como um romance histórico contemporâneo de mediação – e, ainda analisar como essas características ocorrem nessa narrativa. Quanto à obra *El reino de este mundo* (2012[1949]), ela já havia sido classificada por Menton (1993) como o primeiro novo romance histórico latino-americano; porém, ao constataremos esse fato, desenvolvemos um estudo sistemático para averiguar como são expressas as particularidades que fazem da obra um romance híbrido.

Assim, foi-nos perfeitamente possível distinguir as modalidades a que pertencem as obras: *El reino desse mundo* (1949), cuja produção se insere nos princípios do *boom* da literatura latino-americana, inaugura uma fase de criticidade do novo romance histórico latino-americano, que se estende aos nossos dias; *La isla bajo el mar* (2009), já no contexto do pós-*boom*, segue a trajetória do romance histórico contemporâneo de mediação, que, segundo as pesquisas de Fleck (2007, 2017), instauram uma “mediação” entre o tradicionalismo precedente e a desconstrução instaurada pela criticidade do novo romance histórico latino-americano e da metaficção historiográfica. Essa tendência mais atual começa a vigorar com força em produções massivas a partir da década de 80 do século XX, segundo informa Fleck (2017), e se constitui na forma mais recorrente de crítica à história pela literatura na atualidade.

Além do mais, observamos como cada escritor criou sua obra literária a partir das ferramentas existentes e, acima de tudo, o fazer literário de cada romancista, transformando as suas produções em narrativas referencias à temática abordada. Tais obras, além de enriquecerem o mundo de seus leitores, tornaram-se objeto de estudos acadêmicos que, em parte, subsidiaram esta nossa pesquisa.

No que se refere, todavia, às modalidades romanescas e às semelhanças e às divergências entre as duas obras, constatamos que a obra *El reino de este mundo* (2012[1949]), por ser considerada o primeiro novo romance histórico latino-

americano, não apresenta, ainda, em sua narrativa todas as características descritas por Aínsa (1991) e Menton (1993). Também *La isla bajo el mar* (2009) não manifesta todas as características descritas por Fleck (2017) a respeito do romance histórico contemporâneo de mediação. Essencialmente, nenhuma delas incorpora, de forma explícita, os recursos da metanarração, possíveis em ambas as modalidades, segundo os autores consultados. Mesmo assim, é podemos classificá-las, respectivamente, como um novo romance histórico latino-americano e um romance histórico contemporâneo de mediação. Tal classificação é dada porque as obras de Carpentier (2012[1949]) e Allende (2009) analisadas nesta dissertação apresentam em suas estruturas grande parte das peculiaridades estabelecidas pelos teóricos para amalgamar uma grande quantidade de produções nas categorias a que pertencem.

Identificamos, também, que *El reino de este mundo* (2012[1949]) utiliza a história oficial com o intuito maior de criticá-la abertamente. Por isso emprega estratégias discursivas mais radicais, e isso faz com que a sua compreensão se torne mais complexa. Enquanto isso, em *La isla bajo el mar* (2009), ocorre uma crítica mais ancorada nas experiências relatadas na vida da protagonista, Zarité, e em tudo o que ela, como mulher escrava, enfrentou para alcançar a liberdade do que em estratégias escriturais desconstrucionistas. Essa obra preocupa-se com o leitor menos erudito ao expor os fatos de forma sequencial, cronológica e detalhada, apresentando as versões hegemônicas relidas pela ficção. Isso a torna uma narrativa mais acessível ao público leitor comum.

As constatações das confluências da história e da ficção nas duas obras em análise somente tonaram-se possíveis porque desenvolvemos um estudo sobre a história oficial, sobre as características das modalidades do gênero híbrido e suas formas de incorporação do material histórico na tessitura narrativa, em especial o novo romance histórico latino-americano e o romance contemporâneo de mediação. Tais ações nos permitiram estabelecer uma análise histórico-literária comparativa, que nos proporcionou uma visão de como essa história oficial foi utilizada nas duas narrativas híbridas.

As produções literárias sobre a temática da Revolução Haitiana (1791-1804) por nós analisadas são semelhantes no que tange à contextualização historiográfica a respeito do evento e à multiplicidade de perspectivas sobre o ambiente em que antecede e ocorre essa Revolução. Ambas, também, expõem a cultura popular

haitiana, bem como personagens de extração historiográfica ou criações metonímicas de sujeitos desse período histórico, como os protagonistas escravos e fictícios Ti Noel e Zarité; os *grands blancs*, com suas plantações de açúcar, representados pela personagem de extração historiográfica Lenormand de Mezy e a personagem fictícia Toulouse Valmorain; os devaneios mentais das personagens fictícias Madame Floridor e Eugenia García del Solar; as personagens genuinamente historiográficas François Mackandal, Boukman e os primeiros líderes rebeldes; o governador-comandante de Saint-Domingue, Blanchelande; Toussaint L'Ouverture; Dessalines; as ações de base historiográfica, como a influência da Revolução Francesa (1789-1799), a cerimônia *Bois Caïman*, o início da sublevação ocorrida ao norte de Saint-Domingue, a ajuda dos espanhóis do outro lado da ilha caribenha, a presença de Paulina Bonaparte e seu esposo, o general Leclerc; e, por fim, o término da Revolução Haitiana (1791-1804).

Tanto em *El reino de este mundo* (2012[1949]) quanto em *La isla bajo el mar* (2009), o término do conflito haitiano é descrito a partir das informações recebidas da ilha pelas personagens principais que se encontram refugiadas. Na obra cubana, Ti Noel se encontrava em Cuba, e, a partir dessa informação, retornou ao Haiti com o intuito de alcançar sua liberdade, já que todos os negros nesse território eram considerados livres, segundo a narrativa.

Já na obra da escritora chilena, as personagens principais, inclusive a protagonista Zarité, que viviam em Nova Orleans, estado americano de Luisiana, recebem a notícia de que os ex-escravos haviam tomado o poder da antiga colônia francesa. Mas, ao contrário do que ocorre com Ti Noel, Zarité permaneceu exilada.

Dessa maneira, concluímos que as duas obras não se restringem à contextualização historiográfica do ambiente que antecede e ocorre a Revolução Haitiana (1791-1804), mas também fazem referência à questão dos refugiados que se exilaram, principalmente em Cuba e na região sul dos Estados Unidos. Todavia, a narrativa de Allende (2009) se estendeu até as descrições dos refugiados de Saint-Domingue em Cuba e Estados Unidos, enquanto a obra cubana vai até as primeiras lideranças haitianas.

Essa diferença em relação ao espaço historiográfico considerado ocorre, segundo as análises realizadas nesta dissertação, porque as obras apresentam propósitos divergentes: a primeira desenvolve uma crítica mordaz a respeito da exploração do homem pelo homem, e é por isso que as descrições a respeito do

reinado de Henri Christophe são amplamente descritas em *El reino de este mundo* (2012[1949]); a segunda, a exemplo do que ocorre em outras produções ficcionais de Allende, tem o intuito de evidenciar a opressão, a resiliência e a superação feminina.

Concluimos, assim, que tanto *El reino de este mundo* (2012[1949]) quanto *La isla bajo el mar* (2009) são obras literárias que contribuem com um novo olhar para o passado da América Latina, com uma perspectiva cultural híbrida e mestiça – fato consolidado em toda a América Latina, mas negado por muitos. Por isso, não há como não se surpreender com esses romances, que, além de demonstrarem visões periféricas de nossa história, também recontam a trajetória da única revolução de origem escrava que obteve êxito na história da humanidade. Em vista disso, essas narrativas proporcionam uma reorganização de nossas visões sobre a identidade cultural latino-americana que temos construído ao longo dos anos a partir de uma trajetória de lutas e de resistências.

Identificar os hibridismos culturais manifestados pela língua *creole* e pela crença vodou, expressos nessas duas obras literárias, fazem-nos perceber que estamos em uma América Latina diversificada, múltipla e plural, onde toma espaço, sem dúvidas, a cultura europeia. Mas temos também, de forma marcante, a presença das culturas indígena e africana, que dão origem a uma identidade cultural multifacetada. Se negarmos esse fato, estaremos negando, acima de tudo, a nossa própria existência.

Ao finalizarmos essa pesquisa, damos-nos conta de que ainda há inúmeras possibilidades de estudos com base nas obras do *corpus* abordado. Frente a essa realidade, segue o desafio de prosseguir estudando o *corpus* na tentativas de compreender a produção literária latino-americana em suas variadas manifestações, especialmente no tocante ao universo das produções híbridas de história e ficção.

Em vista disso, também acreditamos que é possível encontrarmos outras obras literárias que evidenciam a temática proposta nesta dissertação, a releitura histórica da Revolução Haitiana. Porém, para encontrarmos esses possíveis romances híbridos, teríamos de desenvolver uma extensa pesquisa.

Para isso, inicialmente, há de se fazer um levantamento das obras literárias publicadas no Caribe, a partir do século XIX, nas línguas espanhola, francesa e inglesa, como também nos demais países da América e da Europa. Possivelmente tais obras literárias poderão ser encontradas, já que a Revolução Haitiana, além de

ter se tornado um conflito internacional, que envolveu a Espanha, a França e a Inglaterra, marcou a história mundial por ser o único levante de origem escrava a conquistar o poder de uma nação na América.

Desse modo, evidenciamos que, embora nossa pesquisa tenha apresentado aspectos de grande relevância para essa temática na atualidade, ela não se esgota aqui. Há caminhos futuros a serem trilhados nessa seara.

REFERÊNCIAS

ABBOUDY, Rasha Mohamed. La mulata y su contexto híbrido en La isla bajo el mar de Isabel Allende. *Candil* (Universidad de El Cairo/Egito), n. 12, 2012. p. 287-307. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4589229.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

ÁINSA, Fernando. La nueva novela histórica latinoamericana. *Plural*, México, v. 240, n. 1, p. 82-85, 1991.

ALLENDE, Isabel. *A ilha sob o mar*. Trad. Ernani Ssó. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. *Inés del alma mía*. 7. ed. Buenos Aires: Debolsillo, 2011.

_____. *La isla bajo el mar*. Barcelona: Randon House Mondadori, 2009.

_____. *Retrato en sepia*. 4. ed. Buenos Aires: Debolsillo, 2007a.

_____. *Hija de la fortuna*. 4. ed. Buenos Aires: Debolsillo, 2007b.

ALLENDE, Isabel. *Website Isabel Allende*. Disponível em: <<https://www.isabelallende.com>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

ALVES, Alcione. Teseu, o labirinto e seu nome: conhecimento é resistência. *Periódico de Letras*, v. 18, n. 1, 2013. p. 163-183. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/3788>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

ANÔNIMO. Xicotécatl. Prólogo, organização, estudo preliminar e notas de Antonio Castro Leal. In: CASTRO LEAL, Antonio (Org.). *La novela del México colonial*. México: Aguilar, 1964. p. 73-177.

ARMAS, Frederick A. de. Metamorphosis as Revolt: Cervantes' Persiles y Sigismunda and Carpentier's El reino de este mundo. University of Pennsylvania Press (EUA). *Hispanic Review*, v. 49, n. 3, summer/1981. p. 297-316. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/473024?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 30 fev. 2017.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

_____. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BELLEGARDE-SMITH, Patrick; MICHEL, Claudine. Espelhos quebrados: mitologia, memória e história nacional. In: _____; MICHEL, Claudine (Org.). *Vodou haitiano: espírito, mito e realidade*. Trad. Amanda Orlando. Rio de Janeiro: Pallas, 2011. p. 59-75.

BENAVENTE, Lady Rojas. Mujeres textimoniales americanas de la conquista europea en Semillas de los dioses Perú legendario (2000) de Lucía Fox y La isla bajo el mar (2009) de Isabel Allende. *Revista Consensus*, Peru, v. 20, p. 73-81, ene./jun. 2015. Disponível em: <http://www.unife.edu.pe/publicaciones/revistas/consensus/volumen20/Consensus%2020_1/Cap.%208.pdf>. Acesso em: 16 de dez. 2016.

CAMPUZANO, Luisa. Revolución haitiana y emigración a Cuba (1791-1804), en textos de escritoras de las Américas (ss. XIX, XX y XXI). In: _____; BAJINI, Irina; PERASSI, Emilia (Ed.). *Mujeres y emancipación de La América Latina y el Caribe en los siglos XIX y XX*. Università degli Studi di Milano, Milano (Itália), 2013. p. 27-40.

CARPENTIER, Alejo. *El reino de este mundo*. 2. ed. Madrid: Alianza Editorial, 2012[1949].

_____. *O reino deste mundo*. Trad. Marcelo Tápia. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

COUTINHO, Afrânio. O movimento romântico. In: _____. *A Literatura no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. p. 4-36.

COUTINHO, Eduardo F. *Literatura comparada na América Latina: ensaios*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

DEPESTRE, René. What can Toussaint Louverture do for the Haitians of 2004?. In: MUNRO, Martin; WALCOTT-HACKSHAW, Elizabeth (Ed.). *Reinterpreting the Haitian Revolution and its cultural aftershocks*. Kingston (Jamaica): University of West Indies Press, 2006. p. 168-172.

DESSENS, Nathalie. *From Saint-Domingue to New Orleans: migration and influences*. Gainesville (EUA): University Press of Florida, 2007.

DUBOIS, Laurent. *Avengers of the new world: the story of the haitian revolution*. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 2004.

ECO, Umberto. *História da feiura*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

EICH, Milena Campos. *Deuses que dançam e conclamam à revolução: feminismo, afeto e resistência no Haiti colonial de Isabel Allende*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

_____. *Deuses que dançam e conclamam a revolução: a construção da identidade de resistência em 'A ilha sob o mar', de Isabel Allende*. 2015, 112f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2015.

FELIPPE, Eduardo Ferraz. Anseio impronunciável: Alejo Carpentier, ficção histórica e os escritos sapienciais. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 17, p. 33-58, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://revistas.flch.usp.br/anphlac/article/view/2171>>. Acesso em: 02 abr. 2017.

FLECK, Gilmei Francisco. *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – leituras da história pela ficção*. Curitiba: CRV, 2017.

_____. O romance histórico: uma breve trajetória. In: GIACON, Eliane Maria de Oliveira; ABRAO, Daniel (Org.). *Pesquisa em literatura: deslocamentos, conexões e diferenças: reflexões de crítica, teoria e historiografia literárias do Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul*. Curitiba: Appris, 2014. p. 69-93.

_____. Gêneros híbridos da contemporaneidade: o romance histórico contemporâneo de mediação – leituras no âmbito da poética do descobrimento. In: RAPUCCI, Cleide Antonia; CARLOS, Ana Maria (Org.). *Cultura e representação: ensaios*. Assis: Triunfal, 2011. p. 81-95.

_____. Ficção, história e memória: a América em busca de sua identidade outrora subjugada. In: _____; ALVES, Lourdes Kaminski (Org.). *Ficção, história e memória na América Latina: leituras e práticas*. Cascavel: Edunioeste, 2010. p. 37-51. (Coleção: Confluências da literatura e outras áreas, vol. 1).

_____. *O romance, leituras da história: a saga de Cristóvão Colombo em terras americanas*. 2008. 333 f. Tese (Doutorado em Letras – Literatura Comparada) – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Assis. 2008.

GARRIGUS, John D. *Race and citizenship in French Saint-Domingue*. New York (NY): Palgrave Macmillan, 2006.

GEGGUS, David Patrick. *Haitian Revolutionary studies*. Bloomington (EUA): Indiana University Press, 2002.

GONZÁLEZ, Leila Shaí del Pozo. FLECK, Gilmei Francisco. A configuração ficcional de Malinche em obras de 1826, 1954 e 2005. *Revista de Literatura, História e Memória*, Cascavel, v. 12, n. 19, p. 293-309, 2016. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/15719/11395>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

_____. La Malinche em Xicoténcatl (1826) e na História: o imaginário coletivo mexicano em configurações confrontadas. *Revista Crioula*, São Paulo, n. 19, p. 115-132, 1º sem./2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/125505/129998>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

GONZÁLEZ ECHAVARRÍA, Roberto. Introducción. In: CARPENTIER, Alejo. *Los pasos perdidos*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1985.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JACKSON, Maurice; BACON, Jacqueline. Fever and fret: the Haitian Revolution and

African American responses. In: _____; _____ (Ed.). *African Americans and the Haitian Revolution*. New York: Routledge, 2010. p. 9-20.

KWASS, Michael. *Big Hair: A Wig History of Consumption in Eighteenth-Century France*. *The American Historical Review*. Oxford (Reino Unido), v. 111, n. 3, p. 631-659, jun. 2006. Disponível em: <<https://academic.oup.com/ahr/article/111/3/631/13648/Big-Hair-A-Wig-History-of-Consumption-in?searchresult=1>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

KAYSER, Wolfgang. *O Grotesco*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

LUKÁCS, Georg. *La novela histórica*. Trad. Jasmin Reuter. 3. ed. México: Era, 1977.

MÁRQUEZ, Gabriel García. *Cien años de soledad*. 38. ed. Buenos Aires: Editorial Sudamericana Sociedad Anónima, 1974.

MATA INDURÁIN, Carlos. Retrospectiva sobre la evolución de la novela histórica. In: _____; SPANG, Kurt; ARELLANO, Ignacio (Ed.). *La Novela Histórica: teoría y comentarios*. Navarra: Eunsa, 1995. p. 13-63. (Série: Apuntes de Investigación sobre Géneros Literarios, n. 2).

MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

MEZILAS, Glodel. La revolución haitiana de 1804 y sus impactos políticos sobre América Latina. *Revista anual de la Unidad de Historiografía e Historia de las Ideas* (INCIHUSA – CONICET/MENDOZA), v. 11, n. 2, p. 31-42, dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-94902009000200004>. Acesso em: 26 fev. 2017.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MONEGAL, Emir Rodríguez. Lo real y lo maravilloso en El reino de este mundo. *Revista Iberoamericana*, v. XXXVIII, n. 76-77, p. 619-649, jul./dic. 1971. Disponível em: <<https://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/2875/3058>>. Acesso em: 11 fev. 2017.

OYAMA, Maria Helena Valentin Duca. *O Haiti como locus ficcional da identidade caribenha: olhares transnacionais em Carpentier, Césaire e Glissant*. 2009, 165f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009a.

_____. A Revolução Haitiana: representação e paradigma. *Alea*, v. 11, n. 1, p. 193-196, jan./jun. 2009b. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2009000100016>. Acesso em: 12 dez. 2016.

PATRICK, Julian (Ed.). *501 grandes escritores*. Trad. Livia Almeida e Pedro Jorgensen Junior. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

PEREIRA, Tatiana Antonia Silva. *Transculturação, identidade e diferença cultural: análise em o recurso do método e o Reino deste mundo, de Alejo Carpentier*. 2006. 127 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

PONS, Franck Moya. La independencia de Haití y Santo Domingo. In: BETHELL, Leslie (Ed.). *La independência*. Trad. Àngels Solà. (Cambridge University Press, Reino Unido, 1985). Barcelona: Editorial Crítica, 1991. p. 124-153. (Coleção: Historia de América Latina, v. 5).

POPKIN, Jeremy D. *A concise history of the Haitian Revolution*. Oxford (Reino Unido): Wiley-Blackwell, 2012.

_____. *Facing racial revolution: eyewitness accounts of the Haitian Insurrection*. Chicago: The University of Chicago Press, 2007.

SAMOYAU, Tiphaine. *A intertextualidade*. Trad. Sandra Nitri. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SANCHO, Javier Rodríguez. Alejo Carpentier: nueva novela histórica e identidades en El reino de este mundo. *Revista InterSedes*, Costa Rica, v. 5, n. 9, p. 01-11, 2006. Disponível em: <<https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/intersedes/article/view/803/864>>. Acesso em 09 fev. 2017.

_____. La nueva novela histórica y los estudios de la subalternidade en América Latina y el Caribe a partir de El reino de este mundo. *Kanina*, Costa Rica, v. 28, p. 43-53. 2004. Disponível em: <<https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/kanina/issue/view/595>>. Acesso em: 09 fev. 2017.

SILVA, Guadalupe. Alejo Carpentier, del negrismo a lo real maravilloso. *Anclajes*, Buenos Aires, v. 19, p. 53-70, jul. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.org.ar/pdf/anclajes/v19n1/v19n1a05.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

SILVA, Liliam Ramos da. *Recordar para (re)contar: representaciones de la protagonista negra en tres novelas históricas hispanoamericanas*. 2015, 258f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

VANEGAS, William Leonardo Perdomo. El discurso literario y el discurso histórico en la novela histórica. *Literatura y lingüística*, Colombia, n. 30, p.15-30, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.cl/pdf/lyl/n30/art02.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

VIEIRA, Felipe de Paula Góis. Alejo Carpentier: um escritor em busca da América. *ANPHLAC*, n. 17, p. 107-138, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://revistas.fflch.usp.br/anphlac/article/view/2162>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

ANEXO I

Figura 1 – Mapa da antiga ilha francesa de Saint-Domingue



Fonte: DESSENS, Nathalie. *From Saint-Domingue to New Orleans: migration and influences*. University press of Florida (EUA). Gainesville, 2007.

Nota: O lado direito da ilha pertencia à Espanha (Santo Domingo) e o lado esquerdo pertencia à França (Saint-Domingue).

Figura 2 – Moeda de ouro com a imagem de François Mackandal



Fonte: <<https://en.numista.com/catalogue/pieces60289.html>>
Nota: Haiti, ano: 1970.

Figura 3 – Verso da moeda de ouro com o Lema da Revolução Francesa



Fonte: <https://en.numista.com/catalogue/pieces60289.html>
Nota: Haiti, 1970

Figura 4 - Estátua de François Mackandal



Fonte: <<https://tifanmkreyol.tumblr.com/image/32042886761>>

Nota: Palácio do Governo, Porto Prince, Haiti.

Figura 5 - Palácio Sans-Souci



Fonte: *website* Wikiwand (2017)

Nota: Residência real do Rei Henri Christophe, de sua esposa, a Rainha Marie-Louise e suas duas filhas. A construção iniciou em 1810 e foi concluída em 1813 e está localizada na cidade de Milot, região norte do Haiti.

Figura 6 - Citadelle Laferrière



Fonte: *website* Wikiwand (2017)

Nota: Fortaleza localizada no topo da montanha Bonnet a L'Eveque, na região norte do Haiti. Foi construída por 20 mil homens sob o comando de Henri Christophe entre os anos de 1805 e 1820 com o propósito de evitar possíveis invasões estrangeiras.

Figura 7 - Cerimônia *Bois Caïman*



Fonte: POPKIN, Jeremy D. *A concise history of the Haitian Revolution*. Oxford (UK): Wiley-Blackwell, 2012.

Nota: Pintura em tela do artista Ulrick Jean-Pierre sobre a lenda da cerimônia *Bois Caïman*.